

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FERNANDA ALVES BALDIM

O vício em pornografia: considerações sobre a internet e a adicção na atualidade

Maringá
2017

FERNANDA ALVES BALDIM

O vício em pornografia: considerações sobre a internet e a adicção na atualidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo José da Costa

Maringá
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

B177v Baldim, Fernanda Alves
O vício em pornografia : considerações sobre a internet e a adicção na atualidade / Fernanda Alves Baldim. -- Maringá, 2017.
198 f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo José da Costa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2017.

1. Pornografia - Vício. 2. Internet - Pornografia. 3. Adicção - Pornografia. 4. Psicanálise. 5. Dependência (Psicologia). I. Costa, Paulo José da, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 23.ed. 150.195

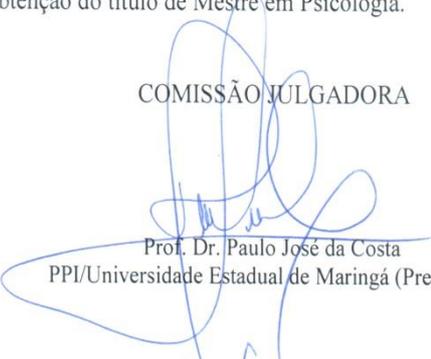
GVS-003735

FERNANDA ALVES BALDIM

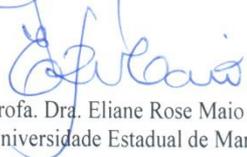
O vício em pornografia: relações com a adicção na atualidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Paulo José da Costa
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Profa. Dra. Eliane Rose Maio
PPE/Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dr. Jorge Luis Ferreira Abraão
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp/Assis

Aprovado em: 13 março de 2017.
Local da defesa: Bloco 118– sala de vídeo, Campus da UEM.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento, gostaria de agradecer a algumas pessoas, em especial, pela contribuição direta e indireta no desenvolvimento dessa pesquisa.

À minha mãe, Izilda da Silva Alves, pela paciência, dedicação e amor ao longo de minha jornada escolar e universitária, sempre acolhendo minhas demandas e me fortalecendo diante às adversidades.

Ao meu pai, Carlos Roberto Baldim, e irmão, Gabriel Alves Baldim, por me apoiarem nas decisões tomadas e incentivarem na realização dessa pesquisa.

Ao meu namorado, Giovani Lauretti Bernado, pelo amor, estímulo e parceria durante o processo do Programa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, por disponibilizarem a possibilidade de alcance ao conhecimento.

Ao Professor Dr. Paulo José da Costa, pela paciência, cuidado e sabedoria, com os quais conduzia suas orientações e por sua gentileza nos direcionamentos e esclarecimentos referentes aos assuntos acadêmicos.

À professora Dra. Eliane Rose Maio e ao professor Dr. Jorge Luís Ferreira Abrão pelas indicações realizadas na banca de qualificação, que contribuíram para o amadurecimento do saber e viabilizaram maiores reflexões sobre a temática escolhida.

Aos amigos e amigas Guilherme, Tathyane, Letícia, Gustavo, Suzana, Amanda, Danilo, Camila, Lívia e Maria Renata que se mostraram presentes e dispostos a acolher as angústias suscitadas no decorrer da pesquisa.

Aos colegas de trabalho, que apoiaram a busca pelo conhecimento.

À Pollyana, meu presente da natureza de quatro patas, por permanecer ao meu lado e a sua lealdade.

Aos criadores do Fórum utilizado nessa pesquisa e também a coragem dos depoentes por externalizarem seus sentimentos e receios, pois somente por intermédio das postagens essa investigação seria possível.

Por fim, à Capes pelo apoio financeiro.

O único modo de prolongar e multiplicar os nossos desejos é impondo-lhes limites.

(MARQUÊS DE SADE)

O vício em pornografia: considerações sobre a internet e a adicção na atualidade

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar o vício em pornografia e sua relação com a adicção na atualidade. Para isso, foram analisados trinta e quatro depoimentos postados na internet em um fórum destinado a auxiliar pessoas a romperem com o vício em pornografia. Os sujeitos depoentes se apresentavam como sendo todos do sexo masculino, cuja faixa etária varia dos 17 aos 40 anos. Buscou-se realizar uma pesquisa que explicitasse, problematizasse e compreendesse o vício em pornografia. O fenômeno estudado foi o uso frequente e quase que exclusivo da pornografia por sujeitos que demonstram estarem em sofrimento devido a esse comportamento. Nessa situação, observa-se que os sujeitos procuraram por ajuda no ambiente virtual, local de ampla visualização, devido a um comportamento cujas consequências são, justamente, o isolamento e a ruptura nas relações sociais. Para o desenvolvimento deste trabalho, os pesquisadores se utilizaram do método proposto por Roque Moraes de análise de conteúdo. Por meio de múltiplas leituras e releituras das postagens, os trinta e quatro depoimentos foram divididos e descritos em seis categorias temáticas: Gatilhos silenciosos: das revistas à internet; Vergonha, culpa e masturbação; Fetiche e fantasia; A adicção e seus sintomas: a espiral da degradação; A (in)capacidade de amar; e O pedido de socorro. A teoria psicanalítica fundamentou a análise e interpretação do material. A partir dos depoimentos, levou-se a hipótese de que a economia psíquica envolvida na adicção com a pornografia apresentou como finalidade minimizar as sensações de desprazer e evitar situações que promovessem tensão. Ponderou-se que a busca desenfreada pela satisfação advinha por intermédio de processos psíquicos primitivos, que resultavam em movimentos autodestrutivos. Logo, o vício em pornografia foi entendido como uma manifestação de um modo de funcionamento psíquico não neurótico e reconheceu-se que o sofrimento gerado por essa modalidade de vício é de ordem narcísica, uma vez que ameaça a integridade egóica dos adictos e caminha contra o propósito de Eros: a união entre os pares.

Palavras-chave: Pornografia. Internet. Adicção. Psicanálise. Dependência.

Pornography addiction: considerations about internet and addiction in actuality

ABSTRACT

The objective of the research consisted on a study of pornography and the relation with its actual addiction. Thereunto, it was analyzed thirty-four internet written testimonies posted by people in a specialized forum destined to help people break-off with the addiction. The subjects of the testimonies had presented themselves as male, with the age between seventeen and forty years old. It sought to do a research that explain, problematize and understand the pornography addiction. Subjects those suffer because of the addiction relate the studied phenomenon with the frequent and exclusive use of pornography. These studied situations where the subjects turn themselves to the virtual world, place of worldwide exposition, to find some sort help for the matters which consequences generally drives them to isolation and brake ties with social relations. For the development of the research, the researcher used Roque Moraes' method of contentment analyses. Through the reading and rereading of the thirty-four posted testimonies, it was possible to divide them in six categories: Silent Triggers – from magazines to internet; Shame – guilty and masturbation; Fetish and Phantasy; The Addiction and its Symptoms – the degradation spiral; The (In)capability of Love; The Asking for Help. Psychoanalytic Theory based the fundamentals of the analyses and interpretations. From the testimonies, the hypothesis psych economy related with the pornography addiction presented itself as a mean of reduction of unpleasant feelings and tense promoting situations. It considered that the uncontrollable search for pleasure by primitive chemical reactions resulted in self-destructive movements. Ergo, the pornography addiction understanding as a non-neurotic psych mean of manifestation and the recognition of the suffering generated by this addiction is from narcissist order, it menaces the egoic integrity of the addicts and goes against the purpose of Eros: the union of pares.

Keywords: Pornography. Internet. Addiction. Psychoanalyses. Dependency.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Caracterização do usuário.	16
---	----

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
1.1	A ideia para a pesquisa	11
2	ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	14
3	CONSIDERAÇÕES SOBRE A ADICÇÃO EM PORNOGRAFIA.....	23
3.1	Uso ou abuso de drogas?	25
3.2	Explicando os termos: adicção, dependência e compulsão	27
3.3	O contexto contemporâneo e as (neo)adicções.....	32
3.4	Por que a pornografia?.....	36
4	A PORNOGRAFIA: ALGUNS DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS E ATUAIS .	40
4.1	A pornografia em construção.....	40
4.2	A pornografia e a psicanálise.....	49
4.2.1	Danos da Pornografia	58
4.2.2	A internet	60
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS CATEGORIAS POR TEMÁTICAS	64
5.1	Gatilhos silenciosos: das revistas à internet.....	65
5.2	Vergonha, culpa e masturbação	71
5.3	Fetichismo e fantasia	79
5.4	A adicção e seus sintomas: a espiral da degradação	88
5.5	A (in)capacidade de amar	98
5.6	O pedido de socorro.....	106
6	A PROCURA DE SIGNIFICADOS	115
6.1	A nossa cultura na atualidade e as raízes da adicção.....	115
6.2	O funcionamento psíquico não neurótico	118
6.3	Adicção e sentimentos primitivos.....	127
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137
	ANEXOS	145

1. INTRODUÇÃO

1.1. A ideia para a pesquisa

Quando assistimos ao documentário “Louis Theroux e a Indústria Pornô”, transmitido por um canal televisivo fechado no ano de 2012, algo nos inquietou frente à temática da pornografia. Naquele momento, ainda não sabíamos exatamente o que poderíamos estudar; entretanto, já havíamos percebido que o campo ofereceria vários conteúdos que poderiam ser objeto de investigação científica. Coincidentemente, em nossa rede social, composta por conhecidos, colegas e amigos, estes nos procuravam para relatar seu sofrimento originário do consumo desenfreado de material pornográfico. Queixavam-se, principalmente, da facilidade em encontrar sexo virtual e do gozo solitário suscitado por meio de aplicativos de celular e de *sites* de relacionamento.

À medida que entrávamos em contato com materiais ligados à temática, o que nos intrigava era o sofrimento ocasionado por seu uso excessivo. Ao evidenciarmos a dor, não desconsideramos o viés de entretenimento, mas este não nos mobilizava. Dessa forma, progressivamente, o nosso interesse incidia sobre o vício em pornografia, devido à grande quantidade de depoimentos que encontramos na internet quando fizemos a nossa busca sobre pornografia.

O termo *adição*, resumidamente, foi definido como um estado de dependência psíquica ou biológica de algo, que será exposto no decorrer da pesquisa. Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi investigar o vício em pornografia e sua relação com a *adição* existente em nossa cultura na atualidade. Para isso, recolhemos trinta e quatro depoimentos de sujeitos que se descreveram como viciados em pornografia, buscando a compreensão de tal fenômeno a partir dos fundamentos da teoria psicanalítica. Em outras palavras, procuramos realizar uma pesquisa que tentasse responder e/ou problematizar depoimentos de pessoas que se denominam *viciadas em pornografia*, respeitando suas particularidades como sujeitos, por intermédio da ótica da Psicanálise, e partindo das seguintes indagações: o que é o vício em pornografia no discurso desses sujeitos? O que tais discursos expressam, para além do manifesto? Como a Psicanálise pode contribuir para a compreensão desse fenômeno?

Os depoimentos para análise foram colhidos ao longo de, aproximadamente, seis meses, do dia oito de abril de dois mil e quinze ao dia quatorze de outubro de dois mil e quinze, na plataforma de pesquisa da *Google*, com o intuito de desempenhar uma das etapas da abordagem metodológica escolhida e obter diferentes amostras. As informações referentes

à escolha dos depoimentos e de como ocorreu a pesquisa serão apresentadas mais à frente, na parcela do trabalho destinada à estratégia metodológica.

Retornando à observação inicial de que o cenário pornográfico é rico em elementos para análise e apresenta inúmeras possibilidades investigativas, queremos ressaltar que um estudo que abrangesse toda a gama de elementos relacionados a tal campo seria inviável. Assim, optamos por elencar o vício em pornografia como ponto central desta dissertação, embora a compreensão de alguns outros conceitos, que se fizeram necessários, também tenha sido fundamental para a discussão pretendida. Por esse motivo, no decorrer da terceira parte deste trabalho, serão apresentadas algumas concepções sobre o que é erotismo e pornografia, bem como serão explorados alguns recursos que facilitam sua imersão, como o acesso à internet. Além disso, gostaríamos de salientar que a internet é uma ferramenta facilitadora frequentemente utilizada para acesso ao conteúdo pornográfico e que, por vezes, empregaremos a expressão “pornografia on-line”, para designar o conteúdo sexual acessado por meio desse instrumento.

Embora o universo da pornografia se mostre amplo e multifacetado, o enfoque desta pesquisa restringe-se à adicção em pornografia. Como elucidaremos a seguir, nos últimos anos, houve notório crescimento pela procura e consumo de pornografia on-line. A título de ilustração, segundo a notícia “Pornografia cresce na web e consumo afeta felicidade” (2010), o consumo contínuo e intensificado de pornografia na Web afeta a felicidade e a produtividade. Em tal texto consta a afirmação de que o uso frequente das produções pornográficas on-line resulta em patologia que poderia ser incluída no DSM-5 (*Diagnostic and Statistical Manual*) como doença de dependência sexual e pornográfica, visto que tal manual é responsável por listar distintas categorias de transtornos mentais e fornecer orientações para diagnosticá-los. Todavia, no DSM-5, essa adicção não foi incorporada, embora exista nesse manual uma nova seção para vícios comportamentais. Um dos motivos para a não classificação é a falta de pesquisas sobre o assunto.

Apesar de termos encontrado na internet pedidos de ajuda – para qualquer sujeito que pudesse conferir amparo/auxílio – de pessoas que evidenciam um estado de dor em consequência do uso excessivo de material pornográfico, e também de esses aspectos negativos da pornografia serem um assunto corrente no cotidiano das pessoas, verificamos que pouco foi produzido nos meios acadêmicos e científicos sobre o vício em pornografia. Diante disso, acreditamos que a presente pesquisa possa contribuir tanto do ponto de vista social quanto científico, pois em nosso levantamento bibliográfico nas bases de dados – como CAPES, INDEX PSI, BVS PSI e SCIELO – deparamo-nos com um número pequeno de

produções científicas na língua portuguesa que tratassem da temática, principalmente textos que a abordassem pelo viés psicanalítico, sendo que as fontes científicas encontradas, majoritariamente, correlacionavam-se com a Antropologia e com as Ciências Sociais.

Dividimos a presente dissertação em seis partes norteadoras: na primeira, *Estratégia metodológica*, apresentaremos o método utilizado para elaboração e desenvolvimento da pesquisa. Na sequência, no segmento denominado *Considerações sobre a adicção em pornografia*, debateremos o uso da terminologia adicção e exporemos porque entendemos os conteúdos dos depoimentos sob o viés da adicção. Já na terceira parte, intitulada *A pornografia: alguns desdobramentos históricos e atuais*, buscaremos contextualizar e demonstrar como a pornografia se constituiu ao longo da história, além de apresentar algumas pontuações psicanalíticas sobre o objeto de pesquisa. Vale ressaltar que, nessa seção, serão apresentados sub-tópicos, que servirão para possibilitar a organização do pensamento acerca do assunto e a transmissão de conteúdo de modo didático, para que, em seguida, na *Descrição e análise das categorias por temáticas*, consigamos descrever e apresentar as principais temáticas elencadas. Por fim, na quinta seção deste trabalho, *A procura de significados*, finalizaremos a investigação de nosso objeto, elaborando interpretações e estabelecendo relações entre os temas abordados.

2. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A presente pesquisa originou-se a partir de depoimentos encontrados na internet, de pessoas que se denominam viciadas em pornografia. Tais pessoas narram as suas respectivas histórias de vida ao redor do vício e como ele influencia o funcionamento de seu cotidiano. Diante do material escolhido, por meio da perspectiva psicanalítica, objetivamos compreender melhor o vício em pornografia.

A fim de alcançar esse objetivo, consideramos necessário expor o trajeto realizado para a escolha do método que viabilizasse a execução da pesquisa. Em virtude do objeto de pesquisa e da finalidade desta, optamos por uma pesquisa de abordagem qualitativa, sendo que o procedimento adotado para embasar as proposições será o de análise de conteúdo, proposto por Moraes (1999).

De acordo com Silveira e Córdova (2009), a pesquisa qualitativa busca um entendimento sobre determinado fenômeno social. Os investigadores dessa modalidade procuram esclarecer os motivos dos fatos sem reduzi-los a números, pois não é possível transformar os dados de análise em escalas. Michel (2009) acrescenta que essa modalidade de pesquisa compreende a existência de uma conexão específica entre o pesquisador e o objeto de estudo, a qual é circunstancial e temporária. Assim, a pesquisa qualitativa necessita de explicações considerando tais especificidades a partir de um conhecimento teórico já criado. “Esse tipo de pesquisa se fundamenta na discussão da ligação e correlação de dados interpessoais, na coparticipação das situações dos informantes, analisados a partir da significação que estes dão aos seus atos” (p. 35).

Na presente dissertação, as hipóteses levantadas em face aos depoimentos foram centradas na compreensão e na tentativa de significar o funcionamento das relações sociais. Nas palavras de Michel (2009) na “... *pesquisa qualitativa, o pesquisador participa, compreende e interpreta*” (p. 35, negritos e itálicos da autora).

Acreditamos que a pesquisa qualitativa seja a que melhor represente os anseios da presente pesquisa, pois a pornografia é um produto cultural que permeia as relações pessoais e o cotidiano de diversas pessoas. Apesar do vício em pornografia ser outro fenômeno, ele também é construído por elementos culturais, por conseguinte, requer um entendimento aprofundado, devido à procura dos sujeitos por auxílio. Logo, se solicitam ajuda, as evidências são de que se encontram em estado de sofrimento por estarem nessa condição.

Optamos pela busca de depoimentos na internet porque os sujeitos viciados em pornografia recorrem a esse espaço à procura de pessoas que também se encontram nessa

condição. O vício em pornografia é camuflado socialmente, por isso os usuários se escondem no cenário virtual, sendo esse meio encarado como a única ferramenta de auxílio. Ironicamente, a internet tem duas facetas: ela propicia o acesso ilimitado à pornografia, mas é um recurso utilizado para se procurar por ajuda no que diz respeito à dependência.

A abordagem metodológica qualitativa empregada nesta investigação é a análise de conteúdo, pois essa perspectiva, segundo Moraes (1999), vem contribuindo “... cada vez mais na exploração qualitativa de mensagens e informações” (p. 8). Ela se apresenta como uma metodologia de pesquisa capaz de “... descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos” (p. 9), devido ao fato de auxiliar na compreensão dos mais variados discursos, fugindo de uma leitura habitual e corriqueira.

Moraes (1999) afirma que essa metodologia denota um sentido particular às pesquisas de cunho social, pois ela atinge as mais diversas áreas do conhecimento (psicologia, literatura, ciências sociais, dentre outras), visto que facilita ao investigador o acesso às mensagens complementares e subjacentes. A análise de conteúdo é constituída por qualquer conteúdo de ordem verbal ou não verbal, como entrevistas, diários pessoais, jornais, dentre outros. No nosso caso, o conteúdo foi transmitido por intermédio de depoimentos.

Um dos aspectos cruciais para a escolha dessa estratégia metodológica foi que o material encontrado pelo pesquisador não está trabalhado, isto é, não possui inferências de outros pesquisadores ou outras áreas do conhecimento (Moraes, 1999). Portanto, a análise de conteúdo propicia ao pesquisador a realização de um trabalho de “... compreensão, interpretação e inferência” (p. 10), que nesta pesquisa apresenta o respaldo da teoria psicanalítica.

Em nossa concepção, a análise de conteúdo atrelada ao conhecimento psicanalítico ofereceu um vasto repertório para interpretação e inferência, propiciando resultados positivos ao longo da pesquisa. Isso porque a Psicanálise faz com que o pesquisador que dela se utilize seja confrontado diariamente com o exercício de ir além do que está manifesto. Em outras palavras, a Psicanálise busca respostas complexas e profundas diante dos elementos facilmente detectados à primeira vista, mas que contêm subjacentes outros possíveis significados. Em concordância ao apontado, Moraes (1999) salienta que a “mensagem da comunicação é simbólica... É preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem” (Moraes, 1999, p. 11-12).

Como método desta pesquisa, seguimos as orientações de Moraes (1999), o qual propõe que o processo de estudo seja constituído por cinco etapas: “1- Preparação das

informações; 2- Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; 3- Categorização ou classificação das unidades em categorias; 4- Descrição; 5- Interpretação” (Moraes, 1999, p. 15).

No primeiro passo, Moraes (1999) considera que devemos pontuar quais dados serão analisados. Para delimitar as amostragens, de início, devemos ler todos os materiais recrutados e escolhermos quais dentre eles estariam em conformidade com a finalidade da pesquisa. Em seguida, necessitamos reunir os dados e codificá-los, para que o material seja identificado de maneira rápida. “Este código poderá ser constituído de números ou letras que a partir deste momento orientarão o pesquisador para retomar a um documento específico quando assim o desejar” (p. 15-16).

Os depoimentos para análise foram recolhidos entre os dias oito de abril de dois mil e quinze e quatorze de outubro de dois mil e quinze, ou seja, durante seis meses, no portal de busca *Google*. Ao colocar o termo de busca (“vício em pornografia”), a plataforma selecionou, aproximadamente, quinhentos e cinquenta e oito mil (558.000) resultados. A partir de outra busca com outras palavras (“história de viciados em pornografia”), foram selecionados cento e vinte e um mil (121.000) resultados. Outra forma de pesquisa utilizada foi usar a expressão “relatos de viciados em pornografia”, o que resultou em cerca de cinquenta e sete mil e trezentas (57.300) respostas como fonte de pesquisa.

Uma pesquisa por todos os *links* encontrados seria inviável diante do tempo destinado para a execução do Programa de Mestrado que é, aproximadamente, de dois anos. Logo, optamos por investigar os vinte e cinco primeiros resultados de cada um dos descritores acima citados, resultando em setenta e cinco páginas a serem investigadas. Contudo, para afunilar ainda mais, decidimos por estabelecer três critérios de seleção para os depoimentos: a) descrever a história de vida do usuário ao redor do vício; b) contemplar o aspecto sintomatológico do uso excessivo de pornografia on-line; c) narrar o sofrimento psíquico em decorrência do uso. Quando um depoimento estava de acordo com pelo menos um dos critérios, ele era selecionado.

Os depoimentos foram retirados de um fórum, nomeado por “Vício em pornografia, como parar?”. Trata-se de um site que se utiliza de uma técnica denominada *Reboot*, a qual se propõe a realizar uma desintoxicação cerebral para combater o vício em pornografia. Esse fórum é influenciado pelos estudos de um neurocientista chamado Gary Wilson e, principalmente, em seu livro *Your Brain on Porn: Internet Pornography and the Emerging*

*Science of Addiction*¹. O fórum contava com novecentos e noventa e cinco (995) membros cadastrados e continha dezesseis mil e seiscentos e sessenta e nove (16669) mensagens até a data de quatorze de outubro de dois mil e quinze. É importante ressaltar que os usuários do fórum se identificam a partir do uso de pseudônimos e que o site pode ser acessado por pessoas sem cadastro. Nesse fórum, pessoas narram a história de seu vício, como este afetou sua vida e sua sintomatologia atribuída ao uso excessivo de pornografia e, em específico, de pornografia on-line.

Dentre as diversas postagens, seguindo os critérios de seleção que indicamos, selecionamos trinta e quatro postagens de pessoas que se denominam do sexo masculino. Dessa totalidade, dois depoimentos são do usuário Magrão, dois do Projeto, três do marcolopes e vinte e sete de outros sujeitos. Como selecionamos o material dentro de um fórum virtual, os usuários poderiam responder aos depoimentos postados por outras pessoas; assim, três respostas participaram da análise. Essas respostas foram incluídas no material a ser investigado porque evidenciam claramente a sintomatologia do uso de pornografia, ou seja, demarcam o estado de sofrimento em que esses sujeitos estão submersos.

Com a finalidade de apresentar os depoentes selecionados para esta pesquisa, elaboramos um quadro sucinto com seus dados pessoais. Todavia, destacamos que a veracidade dessas informações não foi confirmada, visto que tais denominações foram encaradas como verídicas, pois entendemos que se o sujeito utiliza um pseudônimo na virtualidade, não deseja apresentar alguns dados sobre si. Além disso, podemos considerar também que, muitas vezes, as informações oferecidas no ambiente virtual são mais autênticas, no que diz respeito à forma como o sujeito se identifica, do que as informações reconhecidas socialmente por meio de documentos pessoais.

A partir da Figura 1, dispusemos alguns dados fornecidos pelos depoentes.

Depoente	Identidade de Gênero	Idade	Orientação Sexual	Religião	Relacionamento	Tempo de uso
D ₁	Homem	34	Heterossexual	Cristã	Solteiro	N.R.
D ₂	Homem	N.R.*	Heterossexual	N.R.	Solteiro	N.R.
D _{3a} /D _{12a}	Homem	N.R.	Heterossexual	N.R.	Solteiro	N.R.
D ₄	Homem	22	Heterossexual	N.R.	Solteiro	9
D _{5b} /D _{15.1b}	Homem	N.R.	Heterossexual	Monot.**	Solteiro	N.R.
D ₆	Homem	28	Heterossexual	Monot.	“Noivo”	12
D ₇	Homem	32	Heterossexual	N.R.	Casado	12
D ₈	Homem	N.R.	Heterossexual	N.R.	N.R.	N.R.
D _{9c} /D _{19c} /D _{20c}	Homem	18	Heterossexual	N.R.	Solteiro	6

¹ O cérebro e a pornografia: pornografia on-line e a emergência da ciência da adicção (tradução nossa).

D ₁₀	Homem	N.R.	Heterossexual	N.R.	Casado	N.R.
D _{10.1}	Homem	N.R.	Heterossexual	N.R.	N.R.	N.R.
D ₁₁	Homem	N.R.	N.R.	N.R.	N.R.	N.R.
D ₁₃	Homem	N.R.	Heterossexual	N.R.	Solteiro	15
D ₁₄	Homem	29	Heterossexual	Monot.	Solteiro	16
D _{14.1}	Homem	N.R.	Heterossexual	N.R.	N.R.	N.R.
D ₁₅	Homem	N.R.	N.R.	N.R.	N.R.	N.R.
D ₁₆	Homem	N.R.	Heterossexual	N.R.	Solteiro	N.R.
D ₁₇	Homem	18	Heterossexual	N.R.	Solteiro	5
D ₁₈	Homem	17	Heterossexual	N.R.	Solteiro	6
D ₂₁	Homem	22	Heterossexual	Cristã	Solteiro	5
D ₂₂	Homem	27	Heterossexual	N.R.	“Namorando”	N.R.
D ₂₃	Homem	N.R.	Heterossexual	Cristã	Solteiro	15
D ₂₄	Homem	23	Heterossexual	Cristã	Solteiro	11
D ₂₅	Homem	N.R.	Heterossexual	Cristã	Solteiro	N.R.
D ₂₆	Homem	24	Heterossexual	N.R.	“Namorando”	11
D ₂₇	Homem	40	Heterossexual	N.R.	Solteiro	12
D ₂₈	Homem	36	Heterossexual	N.R.	Casado	24
D ₂₉	Homem	35	Heterossexual	Cristã	“Namorando”	23
D ₃₀	Homem	37	Heterossexual	N.R.	Casado	25
D _{30.1}	Homem	N.R.	N.R.	N.R.	N.R.	N.R.
Total:	30					

Figura 1. Caracterização do usuário.

Notas:

* N.R.: Nenhuma resposta ou possibilidade de inferência.

** Monot.: Monoteísta.

Fonte: os dados foram compilados a partir do referido site: <http://comoparar.forumeiros.com/>

Assim, por intermédio das postagens, identificamos que essa pesquisa foi composta por homens, cuja faixa etária varia de 17 – 40 anos, sendo que se destaca a incidência de publicações de sujeitos de (20 – 29 anos). Tais usuários se denominam heterossexuais e, majoritariamente, estão solteiros, ou seja, não estão em um relacionamento afetivo com outra pessoa. Também destacamos a duração mais frequente do uso de pornografia: entre 11 e 15 anos.

Embora a maior parte dos usuários não tenha especificado a sua religião, inferimos que eles sejam monoteístas, isto é, que possuam a crença em uma única divindade, pois a palavra “Deus” aparece com frequência nas postagens. Além disso, afirmamos que em relação à orientação sexual, apesar de alguns sujeitos como Bereta (D₁), marcolopes (D_{20c}), vencedoremcristo (D₂₃), dentre outros, demonstrarem dúvidas sobre isso, devido ao uso de pornografia homossexual e transgênero, compreendemos que o questionamento origina-se de um estranhamento por se considerarem, a princípio, heterossexuais. Além disso, ainda existe

o fato de que nenhum sujeito afirmou orientação sexual homossexual ou bissexual nas postagens.

A fim de cumprir as etapas estabelecidas por Moraes (1999), iniciando pela preparação de material, codificamos os depoimentos com a letra D, originária da própria palavra depoimento. Assim, os depoimentos foram codificados em: D₁, D₂, D₃, D₄... até D₃₀, pois, como expusemos, há três depoimentos que são respostas. Quando alguém respondia ao depoimento na mesma página de acesso (*link*) e essa mensagem era de interesse para a pesquisa, a resposta era sinalizada como D_{10.1}, D_{15.1} e D_{30.1}. Já quando uma mesma pessoa escrevia outra mensagem no fórum, a classificação utilizada era a, b e c. Por fim, a letra A foi utilizada para Magrão, B para Projeto e C para marcolopes.

Feito isso, passamos ao processo seguinte, o de unitarização. De acordo com Moraes (1999), nessa etapa é necessário que o pesquisador leia novamente com atenção os dados encontrados, para que possa determinar “uma unidade de análise” (p. 5). A partir de sua definição, detectamos o aspecto que será submetido à categorização. As unidades de análise podem ser constituídas por palavras, por frases, por pequenos trechos, ou até mesmo pelo texto completo. Após essa classificação, devemos inserir códigos adicionais ao que já foi elaborado na primeira etapa.

Utilizamos nesta pesquisa depoimentos na íntegra, com o intuito de preservar seu conteúdo. Escolhemos por manter os depoimentos do modo como o encontramos na internet: com erros ortográficos e de pontuação. Apresentamos pseudônimos e informações sociais, como a idade dos usuários, as quais poderiam não ser verdadeiras. Isso porque, como nos pautamos pela abordagem psicanalítica para a análise, acreditamos na verdade inconsciente, isto é, entendemos que uma mentira se torna verdade na medida em que ela faz sentido para o sujeito. Logo, toda a mentira exposta revelaria algum desejo de cunho inconsciente ou a própria fantasia do sujeito.

Na terceira etapa, a de categorização, segundo Moraes (1999), precisamos agrupar conteúdos que possuam elementos de análise semelhantes. “Classifica-se por semelhança ou analogia” (p. 19). De forma geral, essa fase é caracterizada como um momento de diminuição de dados, ela se organiza de maneira “... cíclica e circular, e não de forma sequencial e linear. Os dados não falam por si. É necessário extrair deles o significado” (p. 19). Cíclico e circular, pois os pesquisadores devem voltar incansavelmente aos textos, relendo-os, e, somente a partir desse ato, os investigadores chegarão a níveis maiores de compreensão.

Moraes (1999) considera que uma categorização deve ser válida, exaustiva e homogênea. Válida, pois necessita estar de acordo em relação à finalidade do trabalho;

Exaustiva na medida em que agrega todas as possibilidades de análise; tendo que abranger o máximo de conteúdo significativo, não deixando nenhum elemento importante excluído de análise; e homogênea porque necessita obedecer a um critério de categorização, ou seja, toda a classificação precisa seguir uma única vertente de análise.

Tendo isso em vista, elencamos para a investigação seis categorias por temáticas:

1) Gatilhos silenciosos – das revistas à internet: esta primeira categoria se refere ao dado de que os sujeitos que expuseram sua vida por meio de depoimentos terem, majoritariamente, atribuído às revistas pornográficas, ou sensuais, o papel de disparadores para o acesso ao universo da pornografia. Eles alegaram que naquela época, quando visualizavam as revistas, o acesso era dificultado, pois ir até uma banca de revistas para comprá-las era motivo de constrangimento social. Outros sujeitos narraram que o primeiro contato com a pornografia foi por intermédio de revistas pertencentes aos seus próprios pais. Por meio de tais afirmações, percebemos que a internet se mostrou para eles um facilitador de acesso, pois não precisavam mais encarar o olhar do outro para encontrar sua satisfação sexual.

2) Vergonha, culpa e masturbação: na segunda categoria, consideramos o que os sujeitos expressam sentir ao terminarem o ato masturbatório após terem consumido conteúdo pornográfico. Procuramos entender como esses sentimentos e mecanismos psicológicos atuam no dinamismo psíquico em face ao uso de pornografia e às suas consequências.

3) Fetiche e fantasia: a terceira categoria aborda o fato de o sujeito somente sentir prazer com o uso da pornografia. Diante disso, visamos analisar se é possível compreendê-la como um objeto de fetiche, uma vez que muitos sujeitos revelam não sentir mais satisfação em relações sexuais com outras pessoas, sendo que somente durante o acesso à pornografia o prazer era encontrado, às vezes resumindo-se a uma modalidade específica de pornografia. Também procuramos entender como esses aspectos fantasiosos afetam o sujeito.

4) A adicção e seus sintomas – a espiral da degradação: na quarta categoria, fizemos um paralelo com a drogadição, pois muitos usuários de pornografia on-line afirmam que o vício pode se assemelhar ao uso de drogas: começa-se com uma droga considerada “leve” (álcool e cigarro) e parte-se depois para outras “pesadas” (cocaína, crack...). Em se tratando de pornografia, existe a abdicação de uma pornografia convencional e aceitável em favor de outras mais intensas e até mesmo ilegais, como a pedofilia (adulto que apresenta preferência sexual por crianças) e a zoofilia (sujeito que se sente atraído sexualmente por outras espécies). À vista disso, procuramos discutir como a necessidade do consumo de elementos cada vez mais tóxicos leva de fato à degradação do sujeito.

5) A (in)capacidade de amar: a quinta categoria foi definida em função da declaração feita pelos sujeitos envolvidos no vício pela pornografia de que não sentiam vontade de estar com outra pessoa. A pornografia foi apresentada, pelos usuários do fórum, como um vício solitário, que degradou suas relações sociais e anulou a possibilidade de ingresso em um relacionamento afetivo. Frente a essa situação, a (in)capacidade de amar foi discutida e explicada por nós segundo os pressupostos psicanalíticos.

6) O pedido de socorro: a sexta e última categoria foi estabelecida porque os sujeitos afirmaram estar profundamente angustiados e em sofrimento por se encontrarem nessa situação compulsiva. Assim, o fato de buscarem por ajuda em um ambiente virtual demonstrou para nós um pedido de socorro e de visibilidade para o seu problema. A partir dessa categoria, portanto, debateremos como esse vício é enxergado a partir de julgamentos morais no atual contexto social e teceremos algumas considerações sobre o papel da psicologia perante essa situação de sofrimento.

Conforme Moraes (1999) aponta, a fase seguinte é nomeada por descrição, na qual é comunicado o resultado de todo o processo anterior, identificação das classificações e escolha do material. “Para cada uma das categorias será produzido um texto síntese em que se expresse o conjunto de significados presentes nas diversas unidades de análise incluídas em cada uma delas” (p. 9). Nesse processo, são expostos os significados dos depoimentos analisados.

Por último, temos a etapa da interpretação. Moraes (1999) considera que nessa etapa do processo se vai além do conteúdo descrito, visando “... uma compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens através da inferência e interpretação” (Moraes, 1999, p. 24). Para a realização interpretativa, o pesquisador pode seguir dois caminhos: embasar-se em uma determinada abordagem teórica para lançar uma interpretação ou criar, a partir dos resultados descritos, uma nova teorização.

Como já demarcada nesta dissertação, a realização interpretativa procedeu dos dados, construindo-se a partir da abordagem teórica psicanalítica. Laplanche (1992), em uma reflexão sobre o ensino da psicanálise em universidades, afirma que em pesquisas dessa modalidade, o texto torna-se o objeto de investigação, isto é, a pesquisa não se fundamenta propriamente do conteúdo clínico, mas pode se relacionar com ele.

Portanto, por se tratar de uma pesquisa de análise documental em Psicanálise, elucidamos que a teoria psicanalítica, embora tenha nascido na clínica, oferece recursos e maleabilidade para o pesquisador analisar elementos sociais e culturais. A essa forma de exercer Psicanálise, dá-se o nome de Psicanálise Extramuros ou Psicanálise Aplicada. De

acordo com Rosa (2004), tal maneira de abordar a Psicanálise é respaldada pelos princípios éticos e concepções da própria linha de raciocínio. Como característica, encontramos o sujeito envolvido com os aspectos políticos e sociais e não somente ligado ao tratamento clínico. Nesse sentido, Lowenkron (2004) defende que “se a experiência estiver alicerçada nos conceitos fundamentais da psicanálise... qualquer linha de investigação tem o direito de chamar-se psicanalítica” (p. 30).

Nessa perspectiva apresentada por Rosa (2004) sobre a Psicanálise Extramuros ou Psicanálise Aplicada, Herrmann (2004) nos instiga à reflexão ao elucidar que a Psicanálise, independente de se fazer sob diferentes contextos (universidade, clínica, literatura ou cultura), propõe-se a movimentar conceitos e, com isso, a própria teoria, pois não há sentido em utilizá-la de modo estático e paradigmático. Ante a essa afirmação, o autor agrega todas essas ocasiões de pesquisa sob o título de clínica extensa, pois, de acordo com o Herrmann (2004, p. 48), “a aplicação do método interpretativo sempre tem uma dimensão de cura, mesmo quando não diz respeito a doença alguma”.

Assim, concebemos que nosso papel ao optarmos por essa linha teórica foi o de movimentar conceitos e de tentar elaborar sentido a fenômenos culturais “como interpretantes de uma psicanálise, mesmo que de uma psicanálise ficcional, hipotética ou quase conjectural” (Herrmann, 2004, p. 48). Justificando ainda a escolha da psicanálise para auxiliar na compreensão dos dados, González Rey (2012) pondera que esse viés teórico “... atua sobre trechos complexos de informação, usando material indireto e implícito na produção do conhecimento ...” (p. 20). Logo, a psicanálise busca possibilidades de investigação mediante elementos que não podem ser observados de imediato, fator que enriquece e aprofunda possíveis análises.

Principalmente, pautados nessa teoria e por outros autores atuais, a seguir, apresentaremos uma justificativa teórica sobre alguns dos termos que estarão presentes na presente pesquisa, tais como adicção, dependência, vício, dentre outros.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ADICÇÃO EM PORNOGRAFIA

Antes de iniciarmos nossas considerações, é preciso justificar teoricamente o motivo pelo qual estamos tratando o objeto da pornografia pelo viés da adicção. Se a pornografia apresenta elementos sociais, culturais e afetivos de nossa história, logo, ela seria uma produção humana que possibilita o encontro do sujeito com seu passado e pertencimentos. Contudo, alguns elementos psicopatológicos estão contidos no consumo do material na cultura contemporânea. Assim, consideramos necessário expor nosso arcabouço teórico que nos leva a encarar tal fenômeno por essa faceta da compulsão. Os autores escolhidos para realizarmos essa discussão, foram Freud (1921/1996a; 1930/1996b; 1920/1996c; 1900/1996d; 1915/2004a), Gurfinkel (1995) e McDougall (1995/1997a; 1995/1997b).

Ao nos propormos apresentar a pornografia pelo aspecto adictivo, algumas inquietações foram surgindo para que redigíssemos essa seção. Da mesma forma que um dependente químico possui uma espécie de vinculação com a droga, consideramos que há também um vínculo muito forte entre o usuário de pornografia e o objeto de seu vício. Como ocorreria essa conexão? Há alguma especificidade nesse tipo de relação? De que modo esse objeto-droga (Gurfinkel, 1995) intervém no psiquismo pela Psicanálise? A fim de responder a esses questionamentos precisamos definir nosso pensamento sobre o que seria a adicção.

Primeiramente, gostaríamos de enfatizar que não estamos abordando a temática de modo isolado, como um diagnóstico de doença psicológica, mas por uma ótica contextualizada em uma totalidade. Em outras palavras, buscamos nesta seção condições para elaborarmos um debate psicanalítico sobre a relação do sujeito com a droga e o papel que ela ocupa no cenário contemporâneo.

Já em 1920, Freud (1920/1996c) afirmava que a compulsão à repetição é uma forma de organização psíquica que está pautada além do princípio do prazer, isto é, a repetição de eventos traumáticos é algo muito anterior à realização da satisfação, trata-se de algo mais primitivo e repleto de angústia. Um elemento que retorna constantemente e não encontra sua conexão, sequer uma elaboração. Por essa via, Gurfinkel (1995) passou aos estudos sobre o aspecto compulsivo das adicções e o modo de funcionamento psíquico.

Gurfinkel (1995), em seus estudos, empenhou-se em discorrer a respeito da toxicomania e o uso de outras drogas. Ao citarmos o autor, propomos um paralelo de suas ideias com as nossas, visto que, pelo viés deste trabalho, a pornografia seria uma espécie de objeto-droga. O autor teoriza sobre a existência de um “*espaço intermediário*” (p. 21 itálicos

do autor) no modo de funcionamento psíquico e no sintoma presente na organização adictiva, que se restringiria à vivência particular.

De acordo com Gurfinkel (1995), ao nos referimos ao tema da toxicomania, de início devemos abordar as diversas maneiras em que a droga é consumida, para que, posteriormente, a intensidade do uso abusivo seja discutida. Em relação à adicção, devemos pontuar os acontecimentos que seriam denominados como tal. O autor considera que poderia se compreender a toxicomania no intercurso entre os dois debates apresentados. Na presente pesquisa também acreditamos que seria na interseção entre o modo de uso da droga e por meio da definição do que seria adicção que poderíamos compreender o vício pela pornografia.

Gurfinkel (1995) parte do entendimento que o termo droga é utilizado para se referir a uma substância que atua no psiquismo e considera que seu uso não ocorre exclusivamente nos tempos atuais, mas vem ocorrendo ao longo da história da humanidade. Ele afirma que as drogas, antigamente, eram atreladas a rituais religiosos, como na Grécia, China, Egito e em comunidades indígenas, os quais objetivavam o encontro do sujeito com uma entidade divina superior. Com o passar do tempo, algumas substâncias se distanciaram do discurso espiritual e adentraram ao campo da farmacologia. Citamos como exemplo a cocaína, que antes era utilizada na cultura inca, pois fornecia ao sujeito uma proteção divina e, posteriormente, foi utilizada como anestésico e como elemento terapêutico pela medicina. Inclusive, alguns estudos para mudança de paradigma a respeito da cocaína foram introduzidos por Freud. Contudo, nos tempos atuais, essa mediação envolvendo a espiritualidade e os efeitos terapêuticos se desvaneceram e o consumo imoderado se encontra relacionado com os interesses sócio-econômicos, isto é, o que se cultua é o consumo de adictivos em larga escala. (Gurfinkel, 1995).

Gurfinkel (1995) pondera que o estudo da adicção em drogas, como fonte de pesquisa, é algo historicamente novo, que esbarra, coincidentemente, no desenvolvimento do saber psicanalítico. Apesar de Freud ter tido um contato íntimo com a cocaína, ele pouco escreveu a respeito, principalmente, sobre as toxicomanias. Se o estudo sobre a adicção em drogas é apontado como contemporâneo, uma discussão sobre a compulsão pelo uso de pornografia seria comparada ao nascimento de um novo universo de investigação.

Em consequência do aumento do uso de substâncias para fins terapêuticos, elas passaram a ser utilizadas pela psiquiatria para lidar com o sofrimento psíquico (Gurfinkel, 1995). Entretanto, essa utilização tomou fins não medicinais e incorreu no uso ocasional e no abusivo, tanto de medicamentos antidepressivos, ansiolíticos, dentre outros, quanto de outras modalidades de drogas popularmente conhecidas (maconha, cocaína etc.).

Gurfinkel (1995) cita que as drogas afetam o sistema nervoso central e se dividem em três modalidades: “depressores, estimulantes e perturbadores de seu funcionamento” (p. 31). Nesta pesquisa não contemplaremos os efeitos da pornografia no sistema nervoso, mas há pesquisas que correlacionam o uso da pornografia com a dessensibilização cerebral, como é citado por Henriques (2014), o qual expressa, em uma notícia intitulada *Pornografia tem efeito cerebral semelhante à droga*, que em estudos realizados no Departamento de Psiquiatria da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, constataram que a atividade cerebral apresentada ao assistir à pornografia on-line se assemelha à atividade cerebral desempenhada ao consumir a droga. E em outra pesquisa, financiada pela *Wellcome Trust*, Crystal Bennes (2011) afirma que os sujeitos expostos à pornografia apresentam dificuldades para controlar a própria conduta sexual, afetando significativamente as relações interpessoais, pois do mesmo modo que as regiões cerebrais são estimuladas (corpo estriado ventral, córtex cingulado anterior e amígdala) por substâncias químicas em adictos por drogas, essas regiões também seriam afetadas pela exposição ao conteúdo sexual explícito.

3.1. Uso ou abuso de drogas?

Quando pensamos no uso de drogas, percebemos várias relações distintas entre os sujeitos e tais substâncias, sendo que dentre eles existem aqueles que fazem uso eventual de drogas, isto é, usam-na socialmente e os que as consomem em demasia. Gurfinkel (1995) afirma que o uso eventual de drogas se encontra atrelado a atividades específicas, a modelos de vida, ocasiões de lazer e entretenimento. Há também outra modalidade de uso, que ocorre em momentos de perigo, de dificuldades e de decisões, por exemplo, no período da adolescência, quando comumente se inicia a experimentação de substâncias químicas e, como veremos à frente nas descrições de categorias, da pornografia.

Conforme Gurfinkel (1995), há também o consumo de drogas incorporado ao dia a dia do sujeito e que, ao que tudo indica, não afeta sua dinâmica de vida no que concerne às suas atribuições. Mas, em outras situações, o uso influencia diretamente no andamento da realização das atividades corriqueiras do sujeito, além de afetar os aspectos sociais e afetivos de sua vida. No entanto, essa circunstância não se equipara ao estado de vício intenso, “... onde o usuário não mais trabalha, não consegue se relacionar com os outros, abandona todas as suas atividades e interesses em um verdadeiro rompimento com a ordem social. Aqui, toda a vida passa a girar em torno da droga” (p. 32).

De acordo com uma página on-line disponibilizada pelo Governo do Estado de São Paulo, o IMESC, Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo, (1999-2014), baseado em uma publicação da UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura –, considera que existem quatro modalidades de usuários de drogas: a) experimentador: é o sujeito que, de início, faz uso da droga por diversas razões (curiosidade, pressão no grupo de amigos...), mas seu relacionamento com a droga não se delonga, isto é, não passa das primeiras experiências; b) ocasional: é o usuário esporádico de droga, esse quadro não se caracteriza pela dependência, pois o cotidiano e as relações interpessoais não são afetados; c) habitual: essa categoria engloba usuários frequentes de droga, nesse caso há indícios de problemas nas relações interpessoais e profissionais – nesse nível é indicada a procura por ajuda profissional –; e d) dependente: nesse nível o sujeito vive em função do objeto-droga, os vínculos afetivos e profissionais estão deteriorados e, como consequência, o sujeito sofre isolamento e marginalização.

Ao procurarmos no CID-10 (1993) o que seria a dependência, encontramos-la caracterizada como uma síndrome, em que aspectos comportamentais, cognitivos e fisiológicos se desenvolvem depois do uso exaustivo de drogas, ligados ao anseio de repetir o uso da substância devido à complicação em comedi-lo. Nesse estágio, o usuário tem entendimento dos impactos negativos da droga em sua vida, mas, apesar disso, continua com o uso, pois a droga é entendida como ponto central de sua vida. Geralmente, nesse estágio, o usuário desenvolve certa tolerância pela droga habitualmente usada.

Embora o que foi apresentado esteja ligado a substâncias psicoativas, quando analisamos os depoimentos que serão posteriormente apresentados, constatamos que o consumo de material pornográfico se equipara, em termos de danos sociais/psicológicos/biológicos, à utilização de substâncias químicas. Mesmo que alguns manuais categorizem os níveis de dependência, essa breve noção nos auxilia a entender a intensidade do sofrimento envolvido na dependência e na compulsão existente tanto em relação ao uso de drogas quanto de pornografia.

A partir do exposto, compreendemos que existem diversas modalidades de uso de drogas, sendo que é a forma da relação entre o sujeito e a substância que demarcará: o excesso, a moderação ou a ausência. Em outras palavras, da mesma maneira que o uso de drogas pode resultar em drogadição ou não, a pornografia também se apresenta dessa maneira. Gostaríamos de salientar que é a intensidade do uso feito pelo sujeito e o modo com que ele se relaciona com a droga que determinará o impacto dela nas relações sociais e no psiquismo do sujeito.

Nesta pesquisa, o usuário em estado de dependência foi escolhido justamente por já haver comprometimento psicológico, afetivo e profissional devido ao uso massivo da pornografia. O que nos preocupa é que os sujeitos envolvidos no uso de substâncias psicoativas manifestam sintomas físicos, por vezes, visíveis, que chamam a atenção das pessoas ao seu redor. Além de tudo, pelo fato do uso de drogas ter espaço em nossa cultura, uma vez que nem sempre é repudiado, o amparo aos dependentes químicos é maior do que aquele prestado aos dependentes vinculados com a pornografia, pois, muitas vezes, estes são taxados de pervertidos sexuais ou tarados, o que gera asco e indiferença por parte da comunidade; poucos olham para o indivíduo submerso na pornografia como alguém em estado de sofrimento. Tal julgamento moral afasta quem está nessa situação de risco de procurar ajuda profissional ou expor suas dificuldades para amigos e familiares.

Verificamos que há uma grande variedade de drogas e de modos de uso, contudo constatamos que necessitamos ter cautela em não sucumbir a rótulos e estigmas sociais, como o de tratar o sujeito como alguém exclusivamente doente e detentor de uma patologia (Gurfinkel, 1995). De semelhante maneira devemos atuar com os sujeitos que usam a pornografia, pois o modo excessivo com que alguns se relacionam com a droga os coloca em um estado de intenso sofrimento psíquico, logo, carecemos de olhar para esses que consomem desenfreadamente a pornografia como alguém que está desorganizado psiquicamente e que necessita de amparo para se constituir.

Ademais, precisamos evitar categorizações prontas para compreender a relação do sujeito com a droga.

Considero que uma abordagem da questão das drogas – uso ou abuso? – só pode se dar a partir de uma atitude de aproximação da experiência do sujeito com a droga; aliás, esta é uma condição para o estudo de qualquer problemática clínica. No caso do usuário de drogas, vemos como em geral ele é estudado, observado, categorizado exteriormente, tratado como um “corpo estranho” social. O desafio para o psicanalista é o de efetivamente se aproximar da experiência do toxicômano, utilizando os seus instrumentos de observação e de reflexão, mas sem deixar que estes últimos impeçam a “ligação direta” implicada na aproximação (Gurfinkel, 1995, p. 39).

Assim, será da forma como expusemos nesta seção que entenderemos nosso objeto de análise, a adicção em pornografia.

3.2. Explicando os termos: adicção, dependência e compulsão

Neste subitem nos perguntamos: o que de fato ocorre com o sujeito que faz uso desenfreado da pornografia ou de outro objeto-droga? Verificamos uma inversão de papéis, o objeto que outrora foi utilizado para obtenção de prazer passa da voz passiva à ativa, isto é, o sujeito que usava o objeto, no momento da adicção, mostra-se aprisionado por ele, em uma espécie de escravidão. De fato, a pornografia – o objeto – não possui a capacidade de influenciar alguém, pois se assim o fosse, ela submeteria todos aos seus encantos, e isso não é verdadeiro. Existem pessoas que fazem uso de pornografia, mas não poderiam ser consideradas dependentes, da mesma forma que um sujeito que faz uso de droga pode ou não se tornar um dependente químico.

Primeiramente, recorreremos aos dicionários, tanto da língua portuguesa (Ferreira, 1999) quanto o de psicanálise (Laplanche & Pontalis, 2001) para demarcar as definições dos termos que estaremos empregando. Posteriormente, fizemos um resgate dos conceitos a partir de algumas construções psicanalíticas. Ao consultarmos o dicionário *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, o termo adicção não foi encontrado, pois se trata de um neologismo, ou seja, uma palavra nova com novas acepções. Em contrapartida, encontramos em Ferreira (1999) o termo adicto, que denota alguém que não consegue renunciar a algum comportamento destrutivo, como o uso de álcool e de outras drogas, por razões biológicas ou psicológicas. Diante disso, o termo adicção será utilizado para se referir a alguém em estado de dependência fisiológica e/ou psicológica.

Apesar da ausência do termo adicção no dicionário, segundo McDougall (1995/1997a), a adicção seria um termo destinado para designar "um estado de escravidão" (p. 198). Embora lançada essa ideia de subordinação, o sujeito que está vinculado à droga, não a sente como algo somente negativo. Muitas vezes essa relação com o objeto-droga é tão intensa que se configura como o único elemento capaz de dar sentido à vida do sujeito. A economia psíquica envolvida na relação aditiva objetiva suavizar sensações dolorosas ao sujeito – como raiva, ódio, ansiedade, dentre outras – e minimizar qualquer aumento de tensão diante de sentimentos prazerosos; em outras palavras, qualquer desequilíbrio é sentido como uma ameaça ao sujeito. Assim, a partir do momento em que o sujeito mantém uma relação aditiva com seu objeto-droga, necessita que este esteja sempre próximo a ele para amenizar circunstâncias desprazerosas ou prazerosas.

Se o sujeito necessita da droga para aliviar suas sensações intensas, verificamos a presença de um estado de dependência do sujeito para com o objeto, portanto, outro modo de denominar a adicção seria por meio do conceito de dependência. Esse termo é utilizado para

designar alguém em estado de sujeição e subordinação. Ferreira (1999) define dependência como:

... estados mórbidos em que a impressão de bem-estar causada por medicamento, ou droga, leva o indivíduo a toma-lo, ou toma-la, em caráter contínuo ou periódico, inclusive para evitar a sensação de mal-estar que lhe causaria a privação daquele medicamento ou daquela droga (p. 624).

Portanto, o dependente seria alguém que se utiliza de algum objeto de forma compulsiva para fugir do desprazer ocasionado pela ausência de determinado objeto. Já a compulsão é relacionada por Ferreira (1999) com a tendência à repetição. Laplanche e Pontalis (2001) conceituam compulsivo como um sujeito que possui determinado tipo de comportamento devido a uma espécie de ordem/exigência interna que, quando não executada, culmina em uma enorme angústia.

A fim de elucidar na fonte tal conceito, Freud (1920/1996c), em seu texto *Mais-além do princípio de prazer*, ao se deparar com a cena de uma criança brincando com um carretel de linhas e ao analisar os relatos de sujeitos envolvidos em neuroses de guerra, percebeu a existência de recursos psicológico que impelem o sujeito a recordar e a vivenciar novamente eventos dolorosos de seu passado, geralmente, atrelados a algum trauma. O autor concluiu que se a compulsão à repetição era mantida pelo movimento do reprimido em se manifestar, logo, ela não estava baseada somente aos mandos do princípio do prazer, mas obedecia a uma tendência além desse princípio, isto é, baseava-se em "... tendências mais primitivas do que ele e dele independentes" (Freud, 1920/1996c, p. 28). Essa compulsão pode ser compreendida como uma força pulsional que provoca a repetição do estado de sofrimento independente da origem de seu material ser prazeroso ou não. Ela leva o sujeito, por meio de um estado regressivo, a retornar a estados cada vez mais primitivos, até que eles se assemelhem à morte.

Freud (1920/1996c), no mesmo texto em que apresenta a noção de tendência à repetição, também introduz um novo conceito, relacionado a essa força em "... *restaurar um estado anterior de coisas*" (p. 68, itálicos do autor), nomeado de pulsão de morte. Ele correlaciona essa pulsão com movimentos autodestrutivos, os quais ao se lançarem para o mundo afora se revelariam por meio da agressividade ou da destruição.

Em síntese, o que queremos destacar com as questões elencadas é o caráter destrutivo e regressivo que envolve a repetição. É como se toda a ação repetida denunciasse algum evento doloroso experimentado pelo sujeito no decorrer da vida, principalmente, algum intercurso ao longo do seu desenvolvimento infantil. Quando voltamos às ações repetidas no

acesso à pornografia, perguntamo-nos: o que isso quer evidenciar? A escolha por um determinado objeto nunca é em si um acaso, o objeto escolhido aliado à experiência subjetiva demarca alguma espécie de sofrimento.

A fim de compreender o estado de sofrimento no qual o sujeito está submerso, devemos contextualizar o ambiente em que ele vive, para conjecturar hipóteses que atuem em favor do estado de desprazer. Já dizia Freud, em 1930, que a vida é demasiadamente penosa para os sujeitos, pois nos lança a diversas situações de sofrimento, de frustração e a atividades de difícil execução. Com o objetivo de tolerar o sofrimento, o ser humano se vê impelido a fazer uso de “medidas paliativas” (Freud, 1930/1996b, p. 83). Dentre essas medidas, destacam-se: “derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela” (p. 83), sendo o uso de qualquer uma dessas medidas inevitável. Freud (1930/1996b) destaca que as satisfações substitutivas, a arte, por exemplo, produzem ilusões que divergem da realidade – embora não sejam menos eficientes que as demais, devido à função que a fantasia desempenha no psiquismo –, ao passo que o uso de substâncias químicas modifica a fisiologia corpórea.

Ao citarmos o texto *Mal-estar na civilização*, inevitavelmente, incorremos a pensar no questionamento de Freud (1930/1996b) sobre o que, afinal, buscam os homens e as mulheres. Ao longo de nossa caminhada, dispendemos energia para atingir ideais de felicidade. O ser humano busca ser feliz e assim continuar. Essa expectativa é vista sob dois ângulos: um positivo e um negativo. O primeiro objetiva o desaparecimento do desprazer; o segundo aspira por um sentimento acentuado de prazer. Para o autor, a felicidade somente estaria atrelada ao último aspecto e se manifestaria de modo episódico, ela se originaria da satisfação de demandas que estariam impedidas por forças de elevada intensidade. Nesse viés, a felicidade só seria atingida/sentida devido ao contraste com dias de infortúnio e desprazer, visto que, se vivêssemos todos os dias satisfeitos, não saberíamos identificar a satisfação.

Freud (1930/1996b) propõe que a infelicidade é um sentimento mais fácil de se identificar e sentir. Ela nos intimida em três sentidos:

... de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. (p. 84-85).

O autor destaca que, dentre essas três formas, a mais dolorosa é a advinda de nossos relacionamentos. Assim, como forma de se precaver do sofrimento originário das relações humanas, Freud (1930/1996b) aponta que alguns homens e mulheres se utilizam de mecanismos defensivos de isolamento, para permanecer distante de outros sujeitos. Contudo, aflitos pelas exigências do mundo externo, os sujeitos se distanciam dele, mas a saída de enfrentamento para lidar com essa situação, apontada por Freud (1996b), é justamente pela via da ciência, tecendo conhecimentos para a compreensão do que nos rodeia.

No que se refere aos quadros de intoxicação, Freud (1930/1996b) afirma que nenhum sujeito ainda conhece ou compreende totalmente o seu mecanismo de atuação. O que se sabe, é que algumas substâncias geram sensações prazerosas em nosso organismo, alteram nosso estado de sensibilidade e que, por determinada quantidade de tempo, afasta-nos de sensações penosas ou da dor. Embora algumas dessas sensações só possam ser evocadas por meio do uso de substâncias químicas, Freud considera que em alguns casos as percepções podem ser alteradas sem o uso delas, o próprio organismo se encarregando dessa alteração. É o caso da mania, cujo quadro se assemelha a de algum sujeito em estado de intoxicação. Além disso, o organismo também se altera na liberação de prazer e desprazer no decorrer da vida. O autor alega existir um “... lado tóxico dos processos mentais...” (p. 86) pouco estudado pela comunidade científica.

Segundo Freud (1930/1996b), o uso dos materiais intoxicantes teria como função o encontro com a felicidade e o distanciamento do desprazer. Esse atalho à felicidade seria com frequência trilhado por ocupar um local dentro da economia psíquica. Ora, se o sujeito consegue diminuir o dispêndio de energia e alcançar tal estado, por que se desgastaria para obtê-lo de outro modo? Freud (1930/1996b) acrescenta à discussão:

Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos. São responsáveis, em certas circunstâncias, pelo desperdício de uma grande quota de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano (p. 86).

Outra medida adotada pelo ser humano para se esquivar do sofrimento e encontrar a satisfação, sem necessariamente necessitar do outro, é por meio da fantasia (Freud, 1930/1996b), em que há o afastamento da relação entre o sujeito e o ambiente externo, sendo que a satisfação envolve o mundo interno de cada sujeito por intermédio desse recurso. Esse

mecanismo não envolve explicitamente conflitos internos, devido ao fato do mundo externo pouco afetar/controlar sua manifestação. Como exemplo desse tipo de satisfação, Freud (1996b) cita as artes, que permitem ao sujeito contemplador transpor limites do real pela imaginação, porém, esse estágio é breve e não permite o esquecimento das angústias reais. Aparentemente, a pornografia, dentro de uma perspectiva freudiana, poderia ser entendida como uma medida adotada pelas pessoas para se afastar do sofrimento e funcionaria sob a influência da fantasia como um amortecedor de preocupações.

Em suma, alguns sujeitos acreditam, erroneamente, ter encontrado a felicidade, por justamente terem se livrado do desprazer oriundo de alguma situação cotidiana. Contudo, ao acreditarmos nisso estamos envolvidos no modo de mecanismo primário de fuga diante de uma situação aflitiva. Visando abster-se do sofrimento, o sujeito envolvido no vício pela pornografia localiza a sua satisfação em processos mentais internos e se utiliza do caráter de deslocamento da libido para fixar-se em objetos pertencentes à realidade, vinculando-se com eles. Como resultado, ele estabelece uma relação emocional com o objeto, a fim de obter uma sensação de felicidade.

3.3.O contexto contemporâneo e as (neo)adicações

De início, gostaríamos de explicar o motivo pelo qual o prefixo neo encontra-se entre parênteses. Essa escolha possui embasamento em duas referências, que nos auxiliaram na empreitada de pensar o vício em pornografia. A primeira referência é pautada nos entendimentos de McDougall (1995/1997a) sobre as neo-sexualidades, pois ela utiliza esse prefixo a fim de destacar as novas manifestações da sexualidade. Nas palavras da autora,

Para enfatizar o caráter inovador e a intensidade dos investimentos envolvidos, refiro-me às heterossexualidades desviantes e às homossexualidades desviantes como “neo-sexualidades”. Esta nomenclatura utiliza o conceito de *neo-realidades*, que são criadas por frágeis pacientes fronteiros numa tentativa ilusória – ou mesmo delirante – de encontrar solução para conflitos esmagadores. Nos desvios, tanto heterossexuais quanto homossexuais, a necessidade de reinventar o ato sexual habitualmente pode ser rastreada até acontecimentos infantis perturbadores ou comunicações desencaminhadoras a propósito da identidade sexual, dos papéis sexuais e dos conceitos de feminilidade e masculinidade (McDougall, 1995/1997a, p. 188, *itálicos da autora*).

A segunda referência foi baseada em Castelo Filho (2012), uma vez que ele pensa o contexto atual permeado por antigas dificuldades vivenciadas pelo sujeito, mas que se apresentam por meio de novas roupagens. Assim, partimos do pressuposto de que o vício por

determinados objetos, drogas, jogos, sexo, dentre outros, sempre existiu. O fato é que com o passar dos anos, alguns sintomas ganharam outras roupagens, isto é, passaram a se manifestar a partir de formas distintas. Embora o vício pela pornografia seja atual, é sabido que o ser humano sempre se relacionou de forma patogênica com alguns objetos. O que nos intriga nesse momento da pesquisa é compreender de que modo opera o psiquismo para se vincular com determinado objeto. Nenhuma relação ocorre por acaso. O objeto buscado nunca é em si apenas um objeto, pois ele representa associação de ideias, mecanismos psíquicos de condensação e de deslocamento e conteúdos reprimidos. A tentativa de compreender o fenômeno do uso abusivo de pornografia é nova, mas o campo das adições não é. Esse universo desperta o interesse da cultura e, em específico, da comunidade científica há muito tempo.

Vivemos em um momento histórico marcado por ideais de consumismo, individualismo (fluidez nas relações) e competitividade (Bauman, 2001). Como resultado dos modos de relação propostos por nossa cultura, temos a construção de sujeitos narcísicos (Freud, 1930/1996b). Explicando melhor, o atual contexto histórico exige do sujeito que ele seja autossuficiente e que procure saciar suas necessidades e encontrar satisfações em si mesmo, de forma solitária por meio de seus próprios processos mentais internos. Para esses sujeitos, geralmente, a procura pela felicidade será dificultada, pois se faz necessário que os componentes libidinais se transformem e disponham das mais variadas formas, objetivando alcançar realizações.

Como o cumprimento de determinadas tarefas é dificultada para o sujeito narcísico, ele recorre a satisfações substitutivas (Freud, 1930/1996b) por meio das neuroses, sendo que a recorrência desse recurso pode resultar em quadros de intoxicação ou psicose. Nas palavras do autor, o “... homem que, em anos posteriores, vê sua busca da felicidade resultar em nada ainda pode encontrar consolo no prazer oriundo da intoxicação crônica, ou então se empenhar na desesperada tentativa de rebelião que se observa na psicose” (Freud, 1930/1996b, p. 92).

De acordo com McDougall (1995/1997b), os sintomas psicológicos são iniciativas do sujeito para se autocurar e afastar o sofrimento de si mesmo. As sexualidades sintomáticas obedecem a esse mesmo princípio, o de distanciar-se do sofrimento e tecer tentativas de se autotrotar. Baseada em Freud (1915/2004a), McDougall (1995/1997b) concorda que, embora existam essas tentativas de lidar com o desprazer, as resoluções dadas pelo sujeito que envolvem a sintomatologia são respostas de cunho infantil ao conflito, à desorganização e ao desprazer psíquico. Ela acrescenta que, durante a vida, buscamos resolver conflitos inconscientes geracionais (de nossos pais) e que somos obrigados a lidar com as exigências e

problemas do cotidiano. Como consequência, procuramos criar estratégias de enfrentamento aos obstáculos e criamos modos de permanecermos vivos e manifestarmos nossa sexualidade. No geral, depois de encontrados modos de lidar com os conflitos, os sujeitos tendem a se utilizar das mesmas respostas por toda sua existência.

Quando pensamos no sujeito envolvido com o acesso ininterrupto à pornografia, principalmente, a pornografia on-line, constatamos, por meio dos depoimentos, um nível de sofrimento intenso gerado devido a tal comportamento. São práticas que despertam conflito interno, pois acontecem com frequência e, por fim, acabam sendo práticas exclusivas para a obtenção de satisfação. Será essa a resposta que o sujeito deseja dar constantemente ao longo de sua vida? Frente à angústia de estar vivo e com as constantes exigências externas, a solução encontrada é a visualização de pornografia. Esse caminho nos parece um atalho para se fugir do sofrimento, que embora prazeroso, é infantil, pois não envolve elaboração e pensamento (Freud, 1900/1996d; Freud, 1930/1996b).

Algo que nos chamou a atenção em um dos depoimentos de um usuário de pornografia foi o fato dele relatar que seu uso de pornografia on-line ocorre de modo semelhante a uma “espiral da degradação”. Para tal sujeito, o início do uso do pornô não gera danos severos, pois é “leve” e normalmente ocorre por intermédio da visualização da pornografia tradicional, mas com o passar do tempo os gostos vão se alterando e caminham para o interesse em práticas mais bizarras e exclusivas, por exemplo, fetiches, práticas de alargamento anal e vaginal, zoofilia, dentre outras.

Segundo McDougall (1995/1997b), há uma parcela dos sujeitos que lidam com suas práticas e preferências sexuais de modo egossintônicos – conforme os anseios do ego² – independentemente da concepção das pessoas ao seu redor. As mais distintas maneiras de preferências sexuais somente se tornam um obstáculo quando os sujeitos enxergam na sua forma de obtenção de prazer uma prática ou condição que gera sofrimento, logo, são sentidas como egodistônicas, ou seja, conflitantes com os desejos do ego. Em alguns casos, a autora exemplifica citando o caso de alguns homossexuais masculinos: os sujeitos, devido a um emaranhado de normas sociais heterossexuais, sentem-se culpados ou com vergonha de suas práticas sexuais, mesmo sendo somente aquele determinado objeto que lhes forneça satisfação.

² O conceito de ego na teoria freudiana esteve sempre presente desde o início de seu pensamento. Para sintetizar uma breve explanação do conceito, recorreremos a Laplanche e Pontalis (2001), que apresentam o conceito de ego dentro de uma perspectiva tópica, dinâmica e econômica. O ego estaria vinculado às demandas do id, aos mandos do superego e as imposições da realidade, respectivamente. Ele participa intensamente do conflito neurótico, em que expressa suas defesas perante uma situação ou sentimento de angústia e pode assumir “um aspecto compulsivo, repetitivo, desreal” (p. 124).

Usualmente, no caso da pornografia, o sujeito que sente sua prática como egossintônica, não apresenta sentimentos de culpa ou vergonha excessivos após o uso. Nessa situação, a pornografia atuaria como entretenimento e maximizaria e atualizaria elementos que compõem a fantasia. Inferimos que o fato do sujeito não sentir sofrimento em assisti-la, pode ser entendido por ele não enxergar nesse objeto uma única fonte de satisfação. Já no caso do sujeito que sente sua prática como egodistônica (como no caso dos usuários cujos depoimentos foram selecionados para esta pesquisa), compreendemos que ele manifesta esses sentimentos após o uso de pornografia e enxerga nesse objeto uma fonte exclusiva de prazer e satisfação. A própria fantasia, nesses casos, torna-se restrita e o viés do entretenimento se transforma em compulsão.

McDougall (1995/1997b) atendeu alguns casos em que os desvios sexuais eram complicados e qualquer tentativa de intervenção na ritualização da sua execução era vista com elevada intensidade de aflição/angústia. Nessas ocorrências, as quais nos fizeram refletir sobre a situação da adicção em pornografia, os sujeitos se viam impossibilitados de fantasiar de forma livre sobre as possibilidades sexuais, as fantasias são sempre ritualizadas e repetidas. A função da fantasia é a de concretizar no campo anímico o que se tem vontade de se fazer no cotidiano, mas que é impedido por restrições morais. Dito isso, compreendemos que a limitação em explorar o campo da fantasia, encontrada em sexualidades desviantes, revelam problemáticas psíquicas na introjeção de figuras de amor.

Por esse viés, McDougall (1995/1997b) se baseará em Winnicott (1975) para supor que esses sujeitos possuem alguma problemática envolvida em questões que tratam dos objetos/fenômenos transicionais, pois essa adversidade possui como consequência a "... falência na capacidade de criar livremente uma ilusão no espaço que separa um ser de outro e na de usar uma variedade de ilusões para suportar ausência, frustração e demora" (p. 191).

Nesse ponto, ao resgatarmos o conceito de neossexualidade exposto no início do presente tópico, questionamo-nos se o uso de pornografia seria de fato uma adicção ou uma nova forma de manifestação neossexual. Nesse sentido, McDougall (1995/1997b) considera que a economia psíquica domina a sua sexualidade. "Essa economia é frequentemente marcada por um sentido de premência e compulsividade, dando a impressão de que suas vidas sexuais cumprem o papel de uma adicção" (p. 189).

Nosso entendimento psicanalítico nos faz compreender que não estamos buscando nessa pesquisa classificar quais atitudes ou preferências sexuais são ou não desviantes ou perversas, mas analisar o contexto e a relação com o objeto que resulta em estado de sofrimento, isto é, quando o sujeito está lançado a um quadro sintomático. Logo, destacamos

a existência de atitudes sexuais que são variações da sexualidade; contudo, existem outras de caráter patológico.

Em relação às escolhas objetais, McDougall (1995/1997a) afirma que nenhum sujeito, de fato, realiza sua escolha objetal conforme sua vontade, principalmente, quando se trata de relacionamentos exclusivos e incontestáveis estabelecidos pelas neossexualidades adictivas por meio do isolamento devido a um modo de vida enclausurado pelas inovações sexuais de cunho autoerótico.

3.4. Por que a pornografia?

Em relação à modalidade de vício, já citada em momentos anteriores, mas não argumentada de forma eficaz, McDougall (1995/1997a) discorre que a escolha por um determinado objeto-droga não ocorre aleatoriamente, pois cada objeto elencado se liga com as etapas do desenvolvimento psicosssexual em que ocorreu alguma perturbação na formação dos objetos internos que oferecem amparo. A partir do objeto-droga escolhido, buscamos compreender o motivo dos sujeitos em terem elencado determinado objeto para fixar-se em relação aos demais.

Sob a perspectiva de Costa (2013), alguns aspectos que se relacionam com a adicção tornam-se importantes de se destacar e investigar, o primeiro seria a dinâmica envolvida na adicção, que pode ser analisada por dois pontos: a vinculação do sujeito com o objeto e a economia do narcisismo. O segundo aspecto gira em torno da investigação sobre os objetos internos tóxicos/persecutórios que pertencem ao psiquismo de cada sujeito, pois por essa perspectiva, a adicção seria uma maneira de tradução das relações objetais. Por último, Costa (2013) pontua que “a dependência de drogas representaria a tentativa imaginária de encontrar na realidade um objeto manipulável, equivalente, do ponto de vista fantasmático, ao objeto interno “intoxicador”, que assedia incontrolavelmente o sujeito” (p. 85).

O que afinal procuraria o adicto por pornografia? Euforia, potência, amortecimento, apaziguamento...? Os motivos são diversos e obedecem a cada individualidade. O que se sabe é que há sujeitos que se nutrem de outros indivíduos, isto é, alguns sujeitos na circunstância aditiva não optam por substâncias, mas por seus semelhantes, a fim de nutrir seu próprio narcisismo quando expostos a situações de ansiedade (McDougall, 1995/1997a).

McDougall (1995/1997a) considera que o uso da sexualidade de modo equivalente ao de uma droga demonstra a busca por conter sentimentos agressivos e minimizar os impactos da castração, uma ameaça “... de perda dos limites do ego ou sentimentos de morte interior.

Dessa maneira, os parceiros e os roteiros sexuais se tornam continentes para as partes perigosas e prejudicadas do indivíduo adicto” (p. 204-205). Portanto, a pornografia poderia funcionar como substituta dos objetos parentais introjetados que estão ausentes e são usados para reconstituir as imagens parentais fragilizadas. Assim, o sujeito, por meio da adicção, exerceria tentativas de reconstituição egóica e alimentaria a fantasia de que toda e qualquer situação está sob seu controle onipotente. Também na fantasia é representado o episódio fusional do sujeito com o seu objeto interno tóxico, por intermédio do objeto-droga (Costa, 2013).

McDougall (1995/1997a) assegura que ao longo do trabalho psicanalítico com pacientes adictos, estes demonstram estados emocionais primitivos atravessados por aspectos sádicos e acentuado erotismo em condutas sexuais orais e anais. Nessa via, compreendemos que o exposto por McDougall (1997) e Freud (1930/1996b) se direciona no sentido de compreender que o uso de qualquer objeto-droga tem como intuito amortecer as sensações desprazerosas da vida e se relacionam, principalmente, com falhas e ausências da figura materna. Nesse sentido, Gurfinkel (1995) também se volta a essa questão do cuidado na tentativa de tecer alguma explicação para a adicção.

McDougall (1995/1997a) investiga a economia psíquica envolvida nas sexualidades criadas para suprir o papel de um objeto adictivo. Quando, brevemente, resgatamos os escritos de 1905, encontramos que Freud (1905/1996e) propunha que a princípio o bebê necessita se distanciar do objeto de amor (cuidadores) para ingressar na satisfação autoerótica, isto é, sentir prazer por meio de seu próprio corpo e suas respectivas zonas erógenas (anal, oral...) a fim de que posteriormente alcance a etapa objetal, quando passa a investir sua libido em outro objeto – outro sujeito.

O primeiro momento de vida, quando o bebê não se distingue da mãe, McDougall (1995/1997a) denominou como atividade anaclítica. Existem casos que o sujeito, apesar de ter uma idade avançada, tende a se utilizar de outro ser humano do mesmo modo quando era recém-nascido em consequência de ausências, excessos ou falhas de seus cuidadores.

McDougall (1995/1997a), baseada no conceito de neosexualidades, deriva a noção de neonecessidades. Nessas, "... o objeto, o objeto parcial ou as práticas sexuais são buscados incansavelmente, à maneira de uma droga" (p. 198). Logo, esses sujeitos recorrem às práticas sexuais com objetos fetichistas ou exclusivas com frequência, fator que configura um comportamento aditivo.

De acordo com McDougall (1995/1997a), todos os sujeitos são propensos a ingressar em uma relação adictiva, pois quando somos lançados a situações que ultrapassam nossa

capacidade de compreender e agir em momentos de demasiada aflição ou estresse, buscamos recursos externos, como cigarro, bebida, comida, entre outros, com a finalidade de nos esquivarmos da tensão.

Na concepção de Ceccarelli (2011a), a adicção é resultado de um modo de funcionamento psíquico ao qual o sujeito está submetido. Nas palavras do autor, “uma dinâmica marcada pelo excesso de patos, de paixão, que leva ao sofrimento” (p. 70). Com o intuito de minimizar o sofrimento e a angústia originados por esse excesso, o comportamento adictivo se manifesta e possui uma atribuição na dinâmica psíquica: o entorpecimento do sofrimento e a fuga do desprazer. Portanto, a conservação de um estado capaz de reduzir o sofrimento nos torna sensíveis a suportar situações adversas.

McDougall (1995/1997a) conclui, na mesma linha de pensamento que Ceccarelli (2011a), que o objetivo da situação adictiva é justamente esquivar-se do sentir. A autora não chegou a essa conclusão por acaso. A fim de compreender o comportamento adictivo, ela mesma, tabagista, ao longo de seu trabalho, optou por parar de fumar e nos revelou em seu texto que “De fato, compreendi que eu criava uma cortina de fumaça por cima da maioria de meus estados afetivos, neutralizado dessa maneira ou dispersando uma parte vital de meu mundo interior” (p. 200). Esse trecho, trouxe-nos a hipótese de que além do comportamento adictivo servir para mascarar um estado de grande tensão, a escolha pelo objeto-droga ou objeto-adictivo nunca é aleatória. A fumaça expelida pelo cigarro escondia os sentimentos da autora. E os viciados em pornografia, qual seria a relação do usuário com o objeto?

Winnicott (1956/2000;1975), ao longo de sua obra, debruça-se, principalmente, sobre a relação entre a mãe e o bebê/criança com o objetivo de criar hipóteses acerca da constituição e da dinâmica psíquica. Para o autor, a mãe suficientemente boa, a princípio, envolve-se em uma relação fusional com seu filho, sendo que essa simbiose tende a dissolver-se ao passar de algumas semanas. Contudo, há casos em que a mãe não consegue desfazer-se dessa vinculação, o que pode configurar uma situação patológica para o bebê. Nessa relação, a mãe possivelmente irá projetar em seu filho elementos ansiógenos que a constituem, e como o recém-nascido não possui capacidade de discernir e suportar essa situação, incorporará as demandas e sofrimentos maternos. Cabe a ressalva de que é importante para a criança ser investida com afetividade ser estimulada em suas zonas erógenas para que ela possa se desenvolver de forma devida.

De acordo com Winnicott (1975), à medida que a relação entre a mãe e o bebê se mantém fusional, o desenvolvimento dos fenômenos e dos objetos transicionais se limitam, uma vez que a mãe não permite ao seu filho que ele crie seus próprios recursos psicológicos

para lidar com a tensão. Em decorrência desse fato, o bebê não desenvolve mecanismos para compreender a situação de estar só. Dessa forma, diante de qualquer circunstância aflitiva, o recém-nascido procurará pela mãe, por não possuir recursos para enfrentar tal solicitação externa. Nesse sentido, McDougall (1995/1997a) infere que a mãe com ansiedades, aflições e desejos transmite ao seu filho seus próprios conteúdos e seu medo de estar só, o que resulta em uma relação de dependência.

Sendo assim, a autora pontua que, no desenvolvimento dessa criança, a capacidade de lidar com situações de desprazer ou excitação ficará limitada, visto que ela não obteve recursos para organizar e constituir a figura maternal. Diante dessa desorganização, a criança não consegue construir recursos para apaziguar suas próprias tensões. A ausência de objetos internos adequados a leva a empenhar-se na procura por elementos que substituam essa carência. Ao se deparar com os objetos-droga, encontra neles o escape para minimizar o desprazer psíquico e também sua própria autonomia. McDougall (1995/1997a) afirma que

Desse modo, as drogas, a comida, o álcool, o fumo, etc. são descobertos como objetos que podem ser empregados para atenuar dolorosos estados mentais – preenchendo uma função materna que o indivíduo é incapaz de proporcionar a si mesmo. Esses objetos adictivos tomam o lugar dos objetos transicionais da infância, os quais corporificavam o ambiente materno e, ao mesmo tempo, liberavam a criança da dependência total da presença da mãe (p. 201-202).

No entanto, os objetos transicionais são soluções encontradas que se desenrolam em um crescimento positivo, em termos de organização psíquica, enquanto que as soluções aditivas não corroboram para o amadurecimento psíquico, pois são uma medida paliativa. Embora o alívio seja temporário, há diminuição da tensão, e isso justifica a procura compulsiva pelo objeto.

Em suma, compreendemos que frente aos traumas vivenciados pelos sujeitos nos primeiros estágios da vida, a solução encontrada para a sobrevivência psíquica trilha alguns caminhos, dentre eles a adicção em pornografia. Nesse estado, compreendemos que atitudes sádicas são dirigidas ao próprio sujeito, principalmente, por meio do mecanismo psíquico da fantasia. Embora os sujeitos envolvidos estejam em uma situação de sofrimento, são capazes de simbolizar e buscar recursos externos para suprirem suas demandas internas, mesmo que de forma insuficiente.

Destinamos a seguinte seção dessa dissertação para realizar uma breve contextualização histórica a respeito da pornografia, bem como, evidenciar alguns desdobramentos atuais em decorrência de seu uso e apresentar algumas concepções teóricas sobre esse fenômeno.

4. A PORNOGRAFIA: ALGUNS DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS E ATUAIS

Antes de iniciarmos a apresentação das análises de categoria elencadas por temáticas, faz-se necessário, primeiramente, realizar uma revisão teórica do que foi produzido na área sobre a pornografia, principalmente dos trabalhos que envolvem um viés psicanalítico. As plataformas de pesquisa consultadas foram: CAPES, BVS PSI, INDEXPSI e PSYCINFO. Assim, para executarmos posteriormente as análises de categoria, apresentaremos nesta seção um panorama inicial sobre a história da pornografia e algumas concepções; em seguida, destacaremos a visão da psicanálise sobre a pornografia.

A presente exposição leva em consideração as dinâmicas pulsionais que constituem os direcionamentos traçados pela sexualidade na cultura em que se inscreve, aqui propriamente voltada ao Ocidente, especialmente, na perspectiva do inconsciente. Vale ressaltar que não compreendemos que a pornografia seja em si mesma algo negativo ou positivo. Assim, a proposta deste tópico é entender o papel social que ela ocupa a partir do julgamento de nossa própria cultura.

4.1. A pornografia em construção

Historicamente, Leite (2012) afirma que no século XIX, nas ruínas de Pompeia, arqueólogos italianos descobriram vários objetos e imagens sexuais. O museu de Nápoles optou por manter os registros, mas afastá-los do acesso de crianças, mulheres e de homens incultos, na época consideradas pessoas pouco instruídas. O setor que detinha tais registros foi nomeado por “gabinete de objetos obscenos” (p. 101-102). Em 1819 e, posteriormente, em 1823 o nome do setor foi alterado para “gabinete de objetos reservados” (p. 102). Em 1860, influenciado por Alexandre Dumas, o conjunto foi denominado por “coleção pornográfica”, o que originou a expressão pornografia, cujo significado remete aos escritos sobre prostitutas que narram os seus costumes e de seus clientes (Leite, 2012).

A pornografia não se originou como uma categoria científica, sendo difundida no senso comum e cultivada pelo comércio midiático. No século XIX, foram criadas produções literárias e visuais pornográficas que representavam a sexualidade humana. O que se produzia era comercializado para obtenção de lucro; contudo, somente determinada parcela da população tinha acesso ao material (Leite, 2012). Nessa configuração,

Sendo um discurso sobre sexo sob a lógica da espetacularização, a pornografia visa atingir, antes de tudo, não a constância da razão abstrata, mas a fugacidade das reações físicas, sendo um tipo específico de produto mal-afamado por ser considerado “sensacionalista”, ou seja, que visa estimular as sensações corporais. A pornografia nasce como uma forma de classificação socialmente reconhecida, mas cientificamente indefinida, sob o viés da cultura de massas e do entretenimento (Leite, 2012, p. 103).

Assim, consideramos que a pornografia foi, ao longo da história, marginalizada por instigar reações do corpo. Tais reações são mal-afamadas justamente porque se opõem à moral, composta principalmente por princípios judaico-cristãos.

Conforme Foucault (1976/2009), e também visto em Ariès (1985), até o século XVII perdurava-se certa abertura em relação à sexualidade. O exercício da sexualidade não necessitava de sigilo, “as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce... Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX” (p. 9). Foucault (1976/2009) considera que o período vitoriano (1837-1901) foi de intensa repressão à sexualidade, quando a própria família marital nega a disseminação de discursos sobre o tema e concebe as relações sexuais apenas como um mecanismo de procriação.

Dessa forma, a família proíbe que qualquer assunto relacionado à sexualidade seja debatido e impõe discrição e mistério. Assim, diferentemente da lei que interdita determinada atitude, a família usa de repressão, a qual, nas palavras de Foucault (1976/2009) “funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento” (p. 10), pois a respeito desse assunto “não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber” (p.10).

Todavia, tamanha repressão necessita de algum lugar para se manifestar. Assim, essa manifestação se daria nos lugares de produção que visam ao lucro, aponta Foucault (1976/2009), como a prostituição e a prática psicanalítica. Além desses lugares, pensamos e destacamos a pornografia, pois ela revela o que não é dito, visto ou sabido. Foucault (1976/2009) descreve que, desde o período clássico, a repressão esteve ligada diretamente ao poder, ao saber e à sexualidade e que ela somente poderia ter a possibilidade de se expressar por meio de pagamento com alto custo.

Para a apropriação entre esses elementos, faz-se necessário “uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder; pois a menor eclosão de verdade é condiciona politicamente” (Foucault, 1976/2009, p. 11). Ademais, Foucault (1976/2009) indica que o início de um período repressivo ocorreu no século XVII, coincidentemente, com a extensão da política capitalista. Falar sobre sexualidade requer que se dialogue sobre a

repressão, e essa discussão em si abarca uma modalidade de transgressão às normas, já que as mulheres e homens que falassem a respeito desse assunto estariam incitando a desordem e a libertação.

Assim, a moral vitoriana pregava o pudor – tudo que envolvesse o sexo deveria ser banido. A justiça inglesa do século XIX denominava como pornografia toda temática que objetivasse corromper a moral dos jovens e ofendesse a decência. Na arte, o que se mostrasse como chocante, ou corruptor, era censurado (Branco, 1994). Segundo Moraes e Lapeiz (1985), em contrapartida à moral rígida, a recém-descoberta da fotografia criou um terreno fértil para o florescimento da pornografia, ocorrendo, no século XIX, sua explicitação e disseminação.

Conforme Moraes e Lapeiz (1985), no século XIX são editadas clandestinamente as primeiras revistas e almanaques pornográficos de forma ilustrada. A partir desses novos recursos audiovisuais, o crescimento da produção pornográfica foi intensificado. Em 1802 originou-se na Inglaterra a “Sociedade para a Supressão do Vício” (p. 126) na tentativa de barrar o comércio do material pornográfico. Como consequência, o tráfico de pornografia invadia os lugares e as instituições, pois o elemento que planeja ser encoberto gera no homem e na mulher a curiosidade e a necessidade de desvendar o mistério que ali se esconde.

Moraes e Lapeiz (1985) afirmam que a pornografia é um fenômeno enxergado, debatido e perpassado por discursos carregados de valores morais. Nesse sentido, segundo Leite (2012), a pornografia sempre foi desqualificada socialmente, visto que ameaça ferir tabus morais e sociais. Ela é taxada como algo vulgar e perigoso, pois o que não é tido como expressão legítima da sexualidade por meio da religião, da filosofia ou da estética vigente é algo degradante ao ser humano. Por esse motivo, de início, a pornografia era um negócio clandestino que somente foi legalizado, na maior parte dos países ocidentais, a partir do século XX, da década de 70. Todavia, verificamos que no cenário contemporâneo ela ainda é encarada pela sociedade com descrédito, ou seja, é culturalmente ilegítima.

No século XX, a pornografia se disseminou com mais intensidade, principalmente depois dos anos 50. Moraes e Lapeiz (1985) reconhecem que a indústria pornográfica propiciou a erotização da vida sexual, isto é, evidenciou novas modalidades sexuais e maneiras de performance sexual. Assim, devido ao desenvolvimento do cinema erótico e da fotografia, Lipovetsky (2005) considera que a partir desse fato houve uma grande explicitação da máquina sexual humana. Em decorrência disso, os relacionamentos de sedução e o mistério desaparecem de forma a evidenciar a relação sexual em uma espécie de deboche repetitivo. Contudo, segundo o autor, podemos olhar a pornografia sob outro olhar, pois ela pode ser

enxergada como uma imagem de sedução, que refuta a ordem arcaica da Lei e do Proibido. Na pornografia, tanto a censura quanto a repressão são abolidas em prol de tudo se ver, ouvir e sentir. Lipovetsky (2005) assegura que o fato da pornografia ser compreendida somente como indústria e por facetas negativas demonstra resquícios de moralismo.

Ainda de acordo com Lipovetsky (2005), no campo do sexo, algumas pessoas estão procurando novos dispositivos e novas formas de manifestação e utilização de seus corpos. Para o autor, a pornografia, assim como os movimentos sociais de liberação sexual (feminismo, por exemplo), visa à despadronização e à subjetivação do sexo pelo sexo. O atual cenário pornográfico promove a manifestação da diversidade libidinal, a qual o autor nomeia como *self-service* libidinal, pois,

...o corpo e o sexo se tornam instrumentos de subjetivação-responsabilização; é preciso então acumular experiências, explorar o próprio capital libidinal e inovar nas combinações.... Dessa maneira, produzimos um sujeito não mais pela disciplina, mas, sim pela personificação do corpo sob a égide do sexo.... (Lipovetsky, 2005, p. 13).

Em resposta à afirmação de Lipovetsky (2005), de que a pornografia pode ser entendida positivamente por meio da transgressão às normatizações, verificamos que isso pode gerar estranhamento ao leitor. A falta de pesquisas na área nos faz, por vezes, repudiar esse modo de expressão humana como um mecanismo defensivo diante do diferente. Guerra, Andrade e Dias (2004) acreditam que há no Brasil poucos estudos que tratam desse tema, o que torna complexo o entendimento sobre o significado da pornografia, visto que é um termo historicamente e culturalmente construído e repudiado. Nessa via, para compreendermos a pornografia, consideramos pertinente expor algumas diferenciações e equiparações entre os seguintes termos: erotismo, pornografia e obscenidade.

Para Branco (1994), o conceito de pornografia se modifica conforme se transforma o cenário no qual está inserido. Ao definirmos esse conceito, corremos o risco de não englobar variantes importantes. Assim, distinguir a esfera da pornografia da esfera do erotismo é algo problemático e perigoso, pois à medida que diferenciamos os termos estamos categorizando a sexualidade humana e a excitação. Geralmente a noção de erotismo está vinculada a algo culto e erudito, enquanto que a pornografia está relacionada a uma produção industrial desprovida de erudição. Todavia, há algo de específico em cada conceito, o que nos permite esboçar uma diferenciação.

De acordo com Branco (1994) e Moraes e Lapeiz, (1985), a palavra erotismo foi cunhada no século XIX e provém da mitologia grega, de Eros, o deus do amor, o qual objetiva

a aproximação, a união e a perpetuação dos seres vivos. Ao longo da história, o erotismo abarcou uma carga de enobrecimento e grandiosidade – sexo implícito – enquanto que a pornografia seria algo vulgar e grosseiro – sexo explícito. O primeiro não revelaria explicitamente os conteúdos sexuais, já a pornografia os exploraria incansavelmente. Essa diferenciação se mostra problemática na medida em que o erotismo se mostra sublime por esconder e camuflar a sexualidade e a pornografia seria indecorosa justamente por revelar o sexo e a nudez (Branco, 1994).

Branco (1994) considera que os conteúdos pornográficos transmitem princípios de mutilação do ser, o que provoca um entendimento do ser humano como um ser fragmentado, isto é, um ser humano exclusivamente corpóreo e desprovido de afetividade. Essas noções embasam condutas sexuais que resultam em prazer parcial e solitário por meio da masturbação. Nesse viés, o uso da pornografia não promoveria satisfação total e libertação das amarras sociais. Já o erotismo teria o compromisso de desprender o sujeito da moralidade e auxiliar na satisfação do desejo do sujeito.

Alguns autores como Guerra, Andrade e Dias (2004) consideram que a pornografia é uma representação erótica do comportamento humano que se manifesta por meio de livros, imagens, filmes, dentre outros, os quais possuem como objetivo gerar excitação sexual. Dessa forma, atribuem à pornografia o adjetivo erótico. Já para Parreiras (2012), não cabe definir o que é pornografia ou erotismo, uma vez que ambos são conceitos construídos historicamente e culturalmente, a partir de distintas posições de poder, o que caracteriza que ambos não possuem um significado intrínseco, estando sempre em modificação. Ainda, Moraes e Lapeiz (1985) afirmam que, independente da distinção entre pornografia e erotismo, ambos estão ligados diretamente à sexualidade e possuem como objetivo despertar em seu consumidor o desejo sexual.

Diante das várias exposições sobre o que seria a pornografia, selecionamos as mais frequentes, porém compartilhamos da mesma denominação que será apresentada por Leite (2012). De acordo com o autor, a classificação pornografia refere-se a um modo encontrado de organizar e selecionar as produções culturais que se relacionam à temática da sexualidade. Dessa maneira, a pornografia articula-se com o momento histórico e com as ideias que a designaram. O autor caracteriza como pornografia “... todo tipo de produção escrita, musical, plástica ou audiovisual que seja voltada para um mercado próprio e que tenha como principal objetivo a obtenção do lucro econômico através da excitação de seu público consumidor” (Leite, 2012, p. 101).

Ao recorrermos ao dicionário *Novo Aurélio: O dicionário da Língua Portuguesa* (1999) para compreendermos o que significa a pornografia, encontramos que esta designa um discurso sobre a prostituição que abrange desde figuras, fotografias, filmes, espetáculos, obra literária ou artes que discutem e tratam de assuntos obscenos ou licenciosos com intuito de movimentar a sexualidade do sujeito. Nesse caso, tem como sinônimos os termos libidinagem e devassidão, sendo a última intimamente relacionada com a libertinagem (Ferreira, 1999).

Segundo Moraes e Lapeiz (1985), a libertinagem é aludida ao imperativo do erótico, explícita e evidencia o sexual por meio do estímulo aos corpos. Produz-se uma sexualidade mediada pelo consumo, principalmente de materiais pornográficos (revistas, *sex shops*, vídeos etc.), que fixa novos parâmetros de transgressão baseados na produção e consumo.

Essa ordenação do obsceno vai implicar numa delimitação do que seja pornografia, e seja o que for deve sempre parecer proibida. É como interdito que ela deve ser consumida, pois ela dá forma discursiva e vazão catártica às fantasias reprimidas de seus consumidores, transformando seus fetiches em desenhos (Moraes e Lapeiz, 1985, p. 46-47).

Moraes e Lapeiz (1985) apontam como obscenidade os elementos que fogem à normalidade do dia a dia, situação em que se encontram ocultos; ou seja, no cenário obsceno, é explicitado o que estava encoberto. Por exemplo, o sexo não deve adentrar ao espaço público, mas permanecer na esfera do privado. A pornografia engloba o sexo, sendo assim, teria como intuito difundir elementos de cunho obsceno, isto é, exibir o que deveria ser camuflado – o sexo. Portanto,

A exibição do indesejável: o sexo fora de lugar. Espaço do proibido, do não dizível, do censurado: daquilo que não deve ser, mas é. A pornografia grita e cala, colocando lado a lado o escândalo e o silêncio. É nesse jogo de esconde-esconde que encontramos o seu sentido, mas é também por causa dele que se torna difícil defini-la (Moraes e Lapeiz, 1985, p. 9).

Assim, ao procurarmos o significado de obsceno em Aurélio (1999), conforme apresentado anteriormente, encontramos que essa palavra designa algo que fere o pudor, resultando em impureza e desonestidade. Produções obscenas seriam entendidas como aquelas que excitam, mas também incitam sentimentos de vergonha, culpa e asco, causando mal-estar psicossocial devido aos atos que se relacionam diretamente com o sexo.

Além disso, a obscenidade, segundo Havellock Ellis (s/d citado por Abreu, 1996), teria como significado “fora de cena” (p. 18); isto é, aquilo que foge e se esconde aos padrões diários do comportamento humano. Logo, a obscenidade consistiria em trazer para a cena algum elemento que deveria estar fora dela, atuando por meio da transgressão. Outra

concepção apresentada por Lopes (2013), que se baseou no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, é a de que o termo obsceno provém do latim *obcenu*, algo que atinge a moral por meio de insinuações sexuais.

Frente ao que foi apresentado, adotaremos a visão de que a pornografia é um modo encontrado de organizar e selecionar as produções culturais que se relacionam à temática da sexualidade. A pornografia é um fenômeno histórico que engloba o erotismo, uma vez que ambos compreendem uma gama de expressões humanas em movimento que se manifestam em forma de vídeo, filme, fotografia, obras de arte, literatura, áudio e apresentações teatrais, cujo intuito é instigar reações corporais sexuais por meio do desnudamento do corpo, das perversões sexuais ou da referência à subversão de valores social e culturalmente construídos, isto é, o estímulo sexual por intermédio do obsceno (elementos socialmente repudiados: o desnudamento do corpo, a exibição dos genitais etc., isto é, tudo que não deveria ser evidenciado na esfera pública).

Verificamos que o cenário midiático, composto por livros, revistas, jornais, anúncios, internet, dentre outros, está repleto de conteúdos pornográficos que se referem diretamente ao âmbito sexual. Moraes e Lapeiz (1985) consideram que, embora a pornografia não tenha uma designação sistemática de significado no que se liga à linguística, ela está nas localidades e invade os espaços, é mostrada e ao mesmo tempo escondida.

O cenário midiático que foi contemplado na presente pesquisa refere-se ao apogeu da internet, que se consolidou a partir da década de 90. De acordo com Gaspar e Carvalheira (2012), por meio do desenvolvimento da internet, novas formas de manifestação da sexualidade emergiram juntamente com a difusão de conteúdos pornográficos, pois para consumir pornografia não é necessária uma identificação prévia, mantendo, assim, o anonimato do usuário. Segundo as autoras, considerando os dados apresentados pelo site de estatísticas “*Internet Filter Review*” (p.164), 25% de todas as buscas on-line dizem respeito a sites de conteúdo pornográfico, enquanto que 35% de todos os *downloads* realizados são de origem pornográfica.

Para Parreiras (2012), pesquisas revelam que cerca de 40% das atividades realizadas pela internet envolvem materiais pornográficos. A partir do desenvolvimento das novas tecnologias, tornou-se mais simples e fácil a produção de material erótico e/ou pornográfico. Como consequência, potencialmente qualquer pessoa pode ser produtora de conteúdos na rede. Ante a essa possibilidade, averiguamos que houve notório crescimento do conteúdo pornográfico, principalmente de vídeos amadores, pornografia *mainstream* (tradicional), interações via *webcam*, pornografia *altporn* (categoria de pornô alternativo, em que as pessoas

envolvidas possuem modificações corporais como *piercing* e tatuagens ou pertencem a grupos sociais como *punks*, góticos, dentre outros), pornografia *kink* (fetichista) e pornografia feminista.

Young (1996) e Cooper, McLoughlin e Campbell (2004) afirmam de modo correspondente em seus textos que, a partir do desenvolvimento da internet, originou-se uma nova espécie de comportamento aditivo (*Internet Addiction*), consolidando um novo vício, o de praticar o sexo on-line. Griffiths (2000) discorre que a dependência da internet pode ser considerada como uma dependência tecnológica, cujos sintomas apresentam-se como:

Adicção cibersexual: uso compulsivo de sites adultos para cibersexo e ciberpornô. Adicção em relacionamentos do ciberespaço: envolvimento excessivo em relacionamentos virtuais. Compulsão pela internet: uso on-line obsessivo de jogos, compras ou investimentos no mercado. Sobrecarga de informação: compulsão por navegação pela *web* ou em pesquisas em banco de dados. Adicção em computador: obsessão por jogos de computador (p. 539, tradução nossa)

Cooper et al. (2004) consideram que a internet é um veículo atrativo para o comportamento sexual aditivo, devido a três fatores: acessibilidades, preço-custo e garantia de anonimato. Assim, compreendemos que a acessibilidade se refere aos sites serem disponíveis a qualquer momento do dia. Quanto ao preço-custo, ele diz respeito aos sites serem, em sua maior parte, gratuitos; e no que concerne ao anonimato, a identidade do usuário é reservada. Desse modo, tais fatores favorecem a adicção em pornografia on-line naqueles indivíduos que possuem tendência ao vício, pois satisfazem as necessidades de maneira imediata.

Lanzarin (2000) concebe que a rede possibilita aos usuários o anonimato, assim como um baile de máscaras. As máscaras, ao longo da história, eram utilizadas em eventos festivos para realização do entretenimento sem reconhecimento da identidade, preservava o sujeito do olhar social e possibilitava a imersão de novas formas de ser e de manifestar a sexualidade para realização de seus desejos e fantasias.

Assim, sem a máscara não se pode viver de forma plena essa multiplicidade sexual para realização do desejo. Tal condição parece estar subjacente aos sujeitos que buscam no ciberespaço uma forma de satisfazer suas vontades, longe da censura e das normas sociais. Assim como o uso de máscaras, os pseudônimos se tornam elementos comuns aos frequentadores dos ambientes virtuais, principalmente naqueles relacionados à pornografia.

Segundo Lanzarin (2000), a rede virtual atua sobre os sujeitos, pois modifica os modos de tratamento ao lidar com a fantasia. As fantasias são impulsionadas pelas frustrações sociais diárias e, da mesma maneira como ocorre no sonho, a fantasia manifesta a realização de um

desejo ao buscar a satisfação, sendo uma produção inconsciente que não depende de cronologia ou racionalidade.

A partir do espaço aberto nos meios midiáticos que visam tratar da questão da sexualidade, emergem inúmeras indagações a respeito da influência do material pornográfico na vida das pessoas, tanto em crianças e adolescentes como em adultos, principalmente por seu caráter prazeroso e de entretenimento. Nesse sentido, Moraes e Lapeiz (1985) afirmam que a “pornografia é diversão que se esgota rápido e que exige mais, sempre mais, deixando quase nada de lembrança, só a vontade de querer novamente. Delicioso vício e viciada delícia...” (p. 15). As autoras comparam a pornografia com os jogos eletrônicos: ambos conduzem os personagens envolvidos para outra localidade de espaço e tempo e afetam os sentidos humanos, devido ao impacto na visão, na audição e no tato (movimentos repetitivos).

Ainda de acordo com Moraes e Lapeiz (1985), assim como no uso do videogame, a pornografia promete ser uma diversão solitária de prazer efêmero. Em uma fase de um jogo de aventura no videogame, o usuário conhece, ou se esforça por descobrir, os caminhos que levam ao prazer de terminar uma etapa do jogo escolhido. E quando se cansa do jogo ou este se torna monótono, o usuário troca o jogo em busca de novas aventuras. No caso da pornografia há um funcionamento semelhante, que leva o usuário a procurar por novas aventuras, ou personagens, apesar da história ser igualmente conhecida.

Guerra, Andrade e Dias (2004) demonstraram que existem tanto aspectos positivos quanto negativos do uso da pornografia. Dentre os negativos, destacamos a constante procura por corresponder ao padrão estabelecido pela indústria pornô, que não equivale necessariamente à realidade do cotidiano. Pelo lado positivo estaria a alimentação de fantasias e a busca de melhor performance nas relações sexuais com seus parceiros, isso quando a meta é o prazer pelo contato com outra pessoa, não gerando isolamento e alienação.

Na visão de Moraes e Lapeiz (1985), a pornografia revela às pessoas o que lhe é culturalmente digno de vergonha e proibido, exibindo o obsceno em um rito solene ao prazer. Como a pornografia trata da exibição do obsceno, ela traz consigo um traço da perversão em específico – o *voyeurismo*. O consumidor não é personagem do roteiro, é uma pessoa que observa os acontecimentos, sem estar efetivamente envolvido com a produção das cenas, mas participando delas, pois exerce uma prática que também infringe algo que devia estar mantido fora da esfera pública, isto é, participa da violação de um segredo. O material pornográfico e o consumidor são cúmplices desse ato. É como se houvesse um contrato de cumplicidade entre o consumidor, o produtor e os personagens, que não é de cunho intelectual (Moraes & Lapeiz, 1985).

Tal condição nos leva a pensar em um acordo inconsciente com o objeto – no caso a pornografia, o material pornográfico –, em que o sujeito se identifica com o objeto pela repetição, podendo chegar a se tornar um vício, uma compulsão. As cenas geralmente se focalizam nas repetições, seja de enredos, de filmagem dos genitais, seja do movimento sexual de penetrar e retirar. Em consequência, o acúmulo de situações semelhantes provoca identificação parcial pelo sintoma. Durante o uso do material, o sujeito não se sente só, pois existem outros na cena, mesmo que de modo virtual e sem contato. Entretanto, após o gozo, a realidade de sua solidão é evidenciada e o sujeito percebe que está só (Cole, 2011; Freud 1920/1996a; Moraes & Lapeiz, 1985).

Ao considerarmos que o uso e o contato com a pornografia ocorrem majoritariamente de modo solitário, não é possível que ela seja consumida e/ou experimentada pelos sujeitos da mesma forma, ainda que o conteúdo possa ser semelhante. Moraes e Lapeiz (1985) supõem que cada vivência ocorre de forma particular na fantasia de cada sujeito e cada pessoa possui seus recursos para lidar com as proibições internalizadas e com o medo de transgredi-las.

A partir do que foi exposto, compreendemos que a cultura cria repertórios de ritos e costumes para execução das práticas proibidas, a fim de atender as demandas reprimidas do sujeito, tidas como animais. Nesse ponto, questionamos se a pornografia seria uma forma de ordenamento social que possibilita a transgressão, pois a procura pela pornografia revelaria uma maneira de realização do desejo pela imaginação, que transpõe os limites da realidade e os empecilhos diários.

Diante disso, lançamos a ideia de que o consumo de material pornográfico pode trilhar dois caminhos: um que impulsiona a imaginação e a vida, ao tecer novas perspectivas na esfera sexual, pois, ao colocarmos em cena o proibido e a transgressão, estaríamos impulsionando e nutrindo o desejo; e outro, de interesse para a presente investigação, que é o caminho do vício, da compulsão, da adicção, que inibe a criatividade e limita as formas de obtenção do prazer e de construção de vínculos.

4.2. A pornografia e a Psicanálise

Inicialmente, gostaríamos de destacar que diferentemente do que será majoritariamente exposto neste trabalho, em função do seu objetivo, não são todos os autores que possuem uma visão exclusivamente negativa da pornografia. Alguns, pelo contrário, acreditam que a pornografia surge como uma forma de libertação da sexualidade. Escoffier (2011), por exemplo, considera que o desejo não é um elemento construído subitamente, mas

que se constrói a partir da fantasia; somente por meio da fantasia é possível ao sujeito desejar. Para o autor, a pornografia nos habilita a conhecer e experimentar novas fantasias. Ela pode nos transportar para outras localidades fantasiosas onde o sujeito se encontrará liberto do moralismo e do controle social. A partir do mecanismo imaginativo somos capazes de vivenciar a excitação sexual, sem compartilhar de seus efeitos nocivos, como a ansiedade, a culpa ou o tédio. Nesse sentido, muitas pessoas se excitam eroticamente quando sua fantasia contém um elemento de risco.

Cole (2011) aborda a temática sob duas perspectivas: uma positiva e outra negativa. Sob o viés positivo, o autor afirma que o uso do material pornográfico por alguns sujeitos é experimentado como uma situação de crescimento e prazer, pois por meio do uso alcançam uma sensação de libertação e/ou desinibição, além de permitir que o sujeito explore seus desejos e fantasias sexuais, pois alguns sujeitos no seu cotidiano não conseguiriam sustentar suas escolhas objetais, preferências ou fetiches diante da sociedade. Outro fator apontado como positivo é o uso da pornografia para revitalizar a vida sexual de casais que se encontram insatisfeitos com a repetição ou com a diminuição de sua vida sexual.

Em contrapartida, o próprio autor afirma que a pornografia suscita vários sentimentos, que fascinam ou repelem. Ela pode gerar uma forte resposta no sujeito que tem pouco contato ou nenhum contato com ela, como também pode provocar uma resposta mínima em face de um contato excessivo. Para o autor, a pornografia é um produto de difícil definição; ainda sim, isso não tem sido um fator impeditivo para regular e limitar o seu alcance. A pornografia declara que suscita excitação, contudo, por vezes, produz seu oposto. É um fenômeno cultural que aparenta ser simples, mas seu efeito no psiquismo é repleto de paradoxos. Por esse motivo, o autor considera estranha a proposta de adentrar no mundo da pornografia.

Diferentemente do que é colocado por Escoffier (2011) e da primeira perspectiva apresentada por Cole (2011), Cebulko (2013) expõe que a pornografia não deve ser confundida com um momento de representação da intimidade entre os pares/casais, pois ela seria um material produzido com o objetivo de excitar eroticamente o sujeito a partir de corpos alheios, sendo no geral definida como algo escrito, representado graficamente. Em suma, o conteúdo pornográfico seria caracterizado por abordar temas eróticos destinados a gerar excitação corpórea no público.

Contudo, na visão de Escoffier (2011), de Cole (2011) e de Galatzer-Levy (2012), a pornografia resguarda o seu público das ameaças sociais em relação às atividades sexuais e ansiedades associadas ao desejo sexual. Assim, a pornografia, por vezes, desprende o sujeito das amarras morais, deixando-o experimentar novas possibilidades. Contudo, os autores

concordam que quando o uso perdura por muito tempo e o intervalo de satisfação torna-se pequeno, isso pode se tornar problemático, devido ao caráter limitado da imaginação ou das ansiedades geradas a partir de determinadas ideias eróticas.

Galatzer-Levy (2012) considera a pornografia como um “... tipo de mundo separado”³ (p. 485, tradução nossa), em que ela pode educar e proteger contra os perigos de se admitir uma fantasia erótica criada. Em outras palavras, o autor defende que a pornografia pode promover um efeito de socialização, pois ela pode ser uma ferramenta importante para as pessoas envolvidas, e exemplifica com o caso de um jovem homossexual que vive em uma comunidade onde as pessoas são conservadoras; para ele o acesso à pornografia gay pode demonstrar que há outras pessoas cuja orientação sexual se assemelha a dele, o que pode culminar em um autorreconhecimento sexual.

Entretanto, Galatzer-Levy (2012) salienta que a pornografia é um retrato limitado e estereotipado da sexualidade, o telespectador sabe que os atores envolvidos na trama geralmente são pagos para desempenhar determinada tarefa de cunho exibicionista. Em consequência, isso pode reduzir a socialização de seu público que em outro momento teria um grande alcance. Além disso, a pornografia pode caminhar em direção ao descompromisso afetivo humano, pois o ambiente da pornografia confere importância à genitália e ao orgasmo, não ao vínculo afetivo.

Entendendo a pornografia como algo negativo, Janin (2015), Galatzer-Levy (2012), Cole (2011) e Woods (2015) equiparam a produção pornográfica e o comportamento dos atores pornôis com máquinas sexuais, sendo que as produtoras focam no movimento repetitivo de penetrar e retirar sem que haja vinculação afetiva entre os pares. Para os autores, a pornografia não atende aos anseios de Eros, isto é, não se propõe a mostrar união e construção, apenas coito e ideais estéticos. Diante disso, cabe perguntar: o que seria uma experiência de entrega sexual? Se estamos expondo uma crítica ao que se propõe a ser o sexo, devemos ao menos definir o que é esperado de uma conduta sexual. Para tanto, recorremos a Winnicott (1975).

Conforme esse autor, a experiência de entrega sexual faz parte de uma dominação, em que alguém se dispõe à experiência arriscada de demonstrar seu verdadeiro eu e, em contrapartida, autoriza a si mesmo ser usado por um verdadeiro outro, que transmite ao sujeito um ambiente relacional particular. Para compreender esse fenômeno, Winnicott (1975) elabora uma diferenciação entre um objeto que seria um misto de projeções e o

³ “... *a kind separate world*” (Galatzer-Levy, 2012, p. 485).

desenvolvimento da capacidade do sujeito de investir em outro objeto pertencente ao ambiente.

Winnicott (1975) considera que o sexo com uma pessoa que é um verdadeiro outro (que não seria uma entidade projetiva) é possível quando o sujeito pode tolerar e aproveitar o paradoxo do uso do objeto. O sexo excitante, aquele mutuamente aproveitado na situação em que os parceiros consentem a se utilizarem uns dos outros, é um processo que depende da capacidade individual de confiar na habilidade do outro para sobreviver a tal uso, sem a ansiedade que pode perturbar e inibir o prazer sexual.

Segundo Cole (2011), também há possibilidade de haver um prazer mútuo quando se coloca na categoria de objeto as partes do corpo do parceiro ou seus corpos como um todo. O domínio do objeto parece ao autor como algo expansivo o suficiente para incluir a qualidade de transformar a tragédia em triunfo, o que é fundamental para a excitação. A excitação sexual depende de ambos os sujeitos acreditarem que o dano para os outros, assim como para si mesmo, não é fatal e é um fenômeno tanto prejudicial quanto restaurador. É diferente da sensação suscitada quando se usa uma pessoa forçando-a, prejudicando-a ou humilhando-a sem seu consentimento.

Dito isso, exploraremos a ideia que lançamos sobre a semelhança entre o conteúdo pornográfico e as máquinas. Cole (2011) e Guerra, Andrade e Dias (2004) concluem que a pornografia é um produto comercial, ou seja, os autores compartilham a ideia de que o sexo se transformou em mercadoria pela indústria. Em virtude disso, Cole (2011) relata que a pornografia se apresenta como um material privado e de uso pessoal. Contudo, esse mesmo produto é produzido não para atender individualidades, mas para alcançar maior número possível de pessoas. Para Woods (2015), a pornografia focaliza os genitais (com penetração ou não) e exige dos atores condutas mecânicas, não proporcionando qualquer espécie de comunicação ou vinculação entre os envolvidos.

Outra característica que assemelha a pornografia a uma indústria e às máquinas, é o aspecto da previsibilidade. Cole (2011) assegura que, ao assistir à pornografia, o sujeito tem certeza do que acontecerá no enredo, pois a pornografia é obrigada a corresponder às expectativas de seu público, ela é uma produção que seria menos eficaz se surpreendesse sua audiência. Nesse sentido, a pornografia produz personagens de ação para sua audiência, porque tem certeza sobre como sua audiência reagirá. Enquanto a plateia for composta por pessoas que são igualmente tratadas como personagens de ações, a possibilidade de surpresa se torna reduzida. Em outras palavras, os personagens de ação são humanos como seus próprios telespectadores.

Conforme Cole (2011), a pornografia não busca surpreender-nos. Ela é executada a fim de garantir que não seremos surpreendidos, ou seja, que somente encontraremos o que é esperado e previsível. Ela não objetiva nos deixar frustrados ou nos fazer esperar pelo clímax de alguma situação. Essa capacidade de fornecer o que é esperado e previsível, de modo a eliminar a frustração ou o atraso, remete-nos a uma realidade virtual e a uma espécie de mãe fantasmática da primeira infância. De qualquer forma, nós estamos nos movendo em direção à descrição de algo que não seja humano, algo que se assemelhe à fantasia ou a uma máquina.

Cole (2011) considera que, atualmente, a nossa identificação aparente com as máquinas é entendida como algo emocionante e poderoso. Em consequência dessa identificação parcial, as grandes indústrias conseguem vender seus produtos em grandes escalas. A partir dessa consideração, o autor traça um paralelo importante entre a pornografia e a publicidade. Ambas exploram o campo da fantasia, de modo que ele não tenha limites. Os corpos em trabalho nos vídeos pornô, aparentemente, não possuem limites, devem produzir sensações suficientes para atingir o seu público e levá-lo ao orgasmo.

Outro ponto importante é que o trabalho, geralmente, é algo que requer a manutenção e a organização da consciência de si mesmo. Assim, o trabalho do ator no pornô pode ser registrado como sexo explícito, mas a qualidade do sexo pode ser diferente em contraste com a experiência sexual entre pessoas no cotidiano apartado das câmeras. Devido à influência da pornografia nas práticas sexuais das pessoas (telespectadoras), alguns sujeitos em seu dia a dia consideram que o sexo agradável somente ocorre quando há o rompimento ou suspensão da prática sexual tradicional, isto é, quando há a transgressão de alguma restrição.

Portanto, nessa situação, o sujeito ao fazer uso da pornografia não deseja ser surpreendido pelos atores ou por enredos criativos pornográficos. Uma máquina é um objeto programado para emitir respostas e ações repetitivas que obedeçam a um padrão. O sujeito que procura satisfação sexual por meio dessa identificação não se abre a surpresas pelo receio de ser frustrado ou desiludido. Conforme Cole (2011), quando nos envolvemos com a manipulação pornográfica e concordamos com ela, ela nos convida (artista e público) a participar de uma encenação, pois ambos, tanto o público quanto os atores, comportam-se de modo previsível, como personagens de ações. Quando a pornografia funciona como se pretende, o *performer* se porta como se estivesse obtendo sensações intensas, que se assemelhariam às máquinas. Em contrapartida, os espectadores ideais de pornografia responderiam como se fossem máquinas de consumo.

Ao ler os comentários de um ator pornô, Cole (2011) afirma não ter tido a impressão que a surpresa é procurada ou desejada. No entanto, insatisfatória, ela pode estar presente no

momento em que se está trabalhando, quando a eficácia do seu desempenho em um vídeo pornô será medida pelo nível de sensação despertadas no espectador, e não por seus parceiros. Um espectador/voyeur deve assistir a um espetáculo assim como se os artistas estivessem, realmente, envolvidos em uma relação sexual. O ator não está envolvido em sexo; não, pelo menos, envolvido como se poderia imaginar, mas está envolvido com a apresentação de algo que se assemelha a atos sexuais. Essa condição alienada do *performer* situa o espectador em um tipo de trama.

Para Cole (2011), na produção pornográfica, os *performers* não são propriamente atores, mas atletas, cujo esforço físico e habilidade existem para serem salvos e admirados somente como feitos em si mesmos. Nesse sentido, Guerra, Andrade e Dias (2004) complementam que há uma exaltação indevida do sexo e do corpo em nossa cultura; essa valorização excessiva caminha ao aperfeiçoamento estético para obtenção de satisfação. Contudo, esta somente pode ser alcançada mediante a própria exposição de si, pois é necessário o olhar do outro para o reconhecimento. Nessa lógica, o corpo torna-se um objeto expositivo.

Na pornografia, como afirma Cole (2011), os atos podem ser contados, medidos, os corpos avaliados e comparados. A pornografia amadora ativa o completo desnudamento, pois se distancia de tudo que foi exigido dos produtores profissionais anteriormente para fazer um trabalho imaginativo, que criaria com artifícios e técnicas a intenção de transmitir uma história sensual. Isto é, a pornografia amadora é em si performativa. A partir disso se supõe que ela seria uma espécie de outra instância da pornografia em si (outra categoria), a qual funciona do seguinte modo aos espectadores: retira a exigência de um determinado tipo de atividade imaginativa, deixando nos fatos corporais o lugar da história, não havendo exigências de um contexto narrativo que seja de interesse.

Segundo Cole (2011), a questão pode ser necessária para gerenciar a experiência dos instintos, os quais não apareceriam em outras circunstâncias; por isso, o uso da pornografia costuma ser um ato isolado. A pornografia tal como a conhecemos hoje é um produto por excelência do capitalismo de consumo, pois é um produto no qual o sexo entre as pessoas é transformado em trabalho, um produto cujos trabalhadores que o produzem são alienados. Cole (2011) e Moraes e Lapeiz (1985) compartilham da compreensão de que o efeito gerado pelo uso da pornografia visa atomizar e isolar, pois ele é frequentemente consumido por sujeitos na solidão; assim, a distribuição e as vendas dos produtos são maximizadas.

Essa incapacidade de tolerarmos a frustração, atrelada a um ambiente cultural que está vasto de conteúdos hedônicos e imediatos, resulta na produção de sujeitos regressivos e

desorganizados psiquicamente. A base para a construção egóica ocorre via princípio da realidade e qualquer evento que se contraponha a essa força tende a gerar quadros patológicos e sintomáticos. Logo, defrontamo-nos com satisfações parciais e afastamento do propósito de Eros, que seria justamente a construção de um sujeito constituído em sua totalidade e integralidade, diferente do sujeito adicto pela pornografia (Bauman, 2001; Cole, 2011; Freud, 1920/1996c, Freud, 1915/2004a).

O que nos leva a considerar que nossa compreensão não está equivocada ou inconsistente é o fato de que, segundo Janin (2015), as demandas clínicas que se referem ao uso de pornografia estão se tornando maiores e exigentes, pois as representações pornográficas se apresentam mais obscenas e perigosas devido à lógica exibicionista nos tempos atuais.

Uma das consequências do estímulo fornecido pela pornografia é a masturbação. Freud (1938/1996f) já dizia que esse é o protótipo de todos os outros vícios. Nesse sentido, Woods (2015), Galatzer-Levy (2012), Cole (2011), Wood (2007; 2014) e Ceccarelli (2011b) discorrem sobre o ato masturbatório, articulando-o com a pornografia. No geral, os autores afirmam que a satisfação sentida é parcial, ocorrendo por meio de pulsões parciais e zonas erógenas distintas. Assim, a masturbação realizada por meio da pornografia promove um vício solitário e situações de isolamento social.

Conforme Cole (2011), a pornografia leva o seu público a permanecer distante de outras pessoas. Por isso que, para alguns, a questão da pornografia não é o sexo, mas a masturbação. A masturbação é uma experiência agradável de natureza distinta do sexo realizado com um parceiro, ela proporciona alívio da tensão sexual, mas não fornece uma experiência erótica. Cole (2011) se baseia em Freud (1938/1996f) para entender o erotismo e afirmar que, se *eros* é entendido como uma união, a masturbação como entretenimento pode ser benéfica, residindo em uma categoria diferente da experiência erótica do sexo entre duas pessoas.

De acordo com Wood (2007), o sexo virtual se apresenta de diversas formas, como a pornografia on-line, sexo por telefone, bate-papos on-line ou mensagens de textos com conteúdo sexual. Todas elas possuem um objetivo em comum: despertar a excitação sexual. As atividades citadas são consideradas virtuais, pois, embora suscitem a imaginação de cenários, onde poderia existir a fantasia de outros participantes, na realidade a pessoa que está fazendo uso do recurso está sozinha e o ato sexual realizado consiste na masturbação solitária.

Nesse momento histórico contemporâneo, as imagens sexuais podem ser vistas de forma privada, o que aumenta a possibilidade do ato masturbatório. Esse fator veio a

corroborar com o desenvolvimento de fantasias voyeuristas e exibicionistas, ambas associadas ao conteúdo da pornografia, e cultivou o desejo consciente de estar só para aqueles que aspiravam por visualizar a pornografia. A proposta de Galatzer-Levy (2012) é discutir o fenômeno da masturbação alavancado pelo uso da pornografia por intermédio da internet em homens adolescentes, pois ele verificou que a atitude masturbatória se dissocia da fantasia erótica pessoal, sendo a pornografia on-line responsável pelo alcance dessa dissociação.

Nesse sentido, Woods (2015) entende que estamos em uma geração em que muitos adolescentes e crianças mantêm a primeira forma de relação sexual não com pessoas reais e a partir de um convite para “sair”, mas por via midiática, por meio da transmissão de imagens sexuais bruscas que, em sua maioria, inferiorizam as mulheres e até mesmo estimulam o estupro ou o abuso sexual. Destacamos que esses materiais usualmente estão associados a momentos excitatórios e de masturbação; logo, ocorre uma vinculação intensa entre os elementos e é criado um quadro de uso abusivo. Esse quadro é compreendido como uma situação psicologicamente regressiva. Esse estado Woods (2015) nomeou por universo anal. Nele o sujeito regressa ao estado de cisão psíquica, onipotência infantil (em que tudo é aceito e tolerado) e se depara com um emaranhado de projeções.

Por estarmos incluídos em uma era em que a cultura exalta a fama, a glória e a beleza, Woods (2015) afirma que, em função disso, muitos adolescentes utilizam de modo excessivo a internet, fator que aumenta o estado de isolamento social. O jovem que se sente só e pode usufruir de recursos tecnológicos como a internet, ao se deparar com estímulos audiovisuais pornográficos, recorre a eles para obter a sensação de que está vivenciando uma relação sexual, mas essa sensação somente é experienciada quando acompanhada da masturbação, pois a satisfação encontrada pode substituir a prática de relações sexuais reais.

Nessa perspectiva, segundo Ceccarelli (2011b), a pornografia atende às demandas pulsionais, por vezes sem a representação pulsional e o afeto. A masturbação, geralmente, é um ato solitário realizado para buscar prazer por meio de alguma fantasia com alguém ou algo, sem que haja a necessidade de a pessoa estar presente. Contudo, quando o mundo interno é escasso de elementos, o ato de fantasiar pode ser limitado. Nesse sentido, o mundo fantasmático do sujeito é percebido como vedado ou feroz. Nesse caso, a pornografia se mostra como uma saída proveitosa para a descarga de tensão e promove a experimentação sexual sem o sentimento de culpa, uma vez que defende o sujeito e o outro presente na relação sexual das forças pulsionais, que na fantasia são reconhecidas como incestuosas e agressivas.

Muitas fantasias masturbatórias envolvem o resgate de conteúdos edípicos e da cena primária. Nessa perspectiva, alguns estudos (Peterson, 1991; Janin, 2015; Woods, 2015;

Enriquez, 1999) correlacionam a adicção à pornografia com a exposição de sujeitos à cena primária. Woods (2015), baseado em Freud (1918/1996h) e em Winnicott (1975), refere-se à cena primária para discorrer mais especificamente sobre os impactos da pornografia no desenvolvimento. A cena primária auxilia a criança a criar uma compreensão do que seria uma relação parental, à qual a criança se espelha para que futuramente tenha um exemplo do que seria uma relação sexual. Além de tudo, no percurso do desenvolvimento, a criança aprende a suportar o fato de estar fora desse modo de relação dos pais e aprende a suportar essa privação. Por meio da cena primária, também são passados valores e noções culturais, como a distinção entre os sexos e entre as gerações.

Acrescentamos o trabalho de Enriquez (1999) para melhor explicar questões a respeito da cena primitiva, pois ele considera que ela está relacionada a um desejo infantil em decifrar e participar da relação sexual dos pais. Essa cena, o sexo em si, é agressiva para a criança, pois demonstra um ato de elevada tensão que busca sua descarga, incluindo um elevado dispêndio de energia. No momento de descarga excitatória, a criança fantasia que a mulher, sua mãe, está sendo tratada de modo agressivo, espancada ou torturada. Esse quadro fantasioso, no momento em que é revivido pelo sujeito, demonstra a presença de conteúdos que eram pertencentes a uma fase de seu desenvolvimento infantil – a fase do sadismo, quando a criança fantasia sobre o espancamento – que seria carregada por sentimentos de ódio, os quais serviram como fonte sexual. Logo, nessa etapa inicial notamos que o ódio/agressividade se torna fundamental para demonstrar o amor (Freud, 1915/2004a).

Janin (2015) considera que a vergonha inconsciente presente na fantasia do masoquismo, de ser tratado como uma mulher, é um triunfo sobre o ódio em direção ao objeto que o sujeitou à passividade. A vergonha permite que ele encontre o objeto novamente. Há uma associação no masoquismo entre a vergonha e o ódio, sendo que o masoquista parece dizer uma e outra vez: “um pouco de vergonha para esquecer do meu ódio, um pouco de ódio para mascarar minha vergonha” (p. 96, tradução nossa).

Notamos que o masoquismo se manifesta de diversas formas, mas independentemente de suas expressões, o ódio e a vergonha estão associados, notavelmente em suas lacunas, em negativas formas (Janin, 2015). A partir do exposto observamos que a pornografia, por evidenciar/esconder esses sentimentos suscitados pelo desnudamento do corpo e pela agressividade, torna-se um campo extremamente interessante de reflexão e estudo para a Psicanálise, pois, se a pornografia transmite em suas cenas elementos eróticos – os quais, por sua vez, seriam embasados no ódio e na manifestação da agressividade – e se pensamos que a

vergonha se mostra ausente nas produções devido à exposição das próprias “vergonhas”, verificamos que o ódio e a vergonha ocupam, negativamente, toda a encenação sexual.

Peterson (1991) reflete a respeito da influência da exposição à cena primária. Para ele, tal exposição influencia na escolha do caminho erótico que será trilhado pelo sujeito. Dentre esses caminhos destaca-se o da adicção pela pornografia. O autor considera que os sujeitos, a fim de controlarem a estimulação suscitada a partir da cena primária, buscam por meio da repetição adictiva recriar as imagens paternas e construir sua própria identidade. O autor ainda sugere que os estímulos pornográficos foram utilizados pela via do menos traumático: o sujeito se colocou na posição de especular indiretamente sobre sua participação na cena primária.

A exposição à cena primária sobrecarrega o sujeito com excesso de estímulos. Em consequência, aumenta o desconforto com o sexo e com a agressão. A adicção pela pornografia demarca a presença de um passado que ainda permanece vivo para o sujeito. Logo, tamanha exposição à cena primária pode gerar consequências patológicas. A frequente exposição à sexualidade explícita o fracasso do caráter protetivo dos pais; contudo, o desenvolvimento da patologia dependerá da constituição posterior do sujeito, da fase do desenvolvimento psicosexual na qual se deparou com o fato, o funcionamento das fantasias inconscientes e a condição da relação parental (Peterson, 1991).

Em suma, conforme os autores apresentados, torna-se possível compreender que a indevida exposição às cenas de cunho sexual na infância poderia culminar em sintomatologia, pois a adicção em pornografia poderia ser compreendida como uma forma de tradução dessas mensagens excessivas que envolvem a sexualidade dos pais.

4.2.1. Danos da Pornografia

Alguns autores (Eisenman, 2001; Woods, 2015) sugerem que sujeitos que cometeram crimes sexuais fariam uso de pornografia. Eisenman (2001) se baseia em uma pesquisa que desenvolveu a partir de sua prática em programas de tratamento prisional. Ao passo que Woods (2015) chegou a tal constatação a partir de sua experiência com criminosos sexuais na clínica de *Portman* (localizada em Londres, a *Portman Clinic* é um local onde é oferecido tratamento psicológico para adolescentes e adultos cujos delitos e outras perturbações se relacionam com o imaginário sexual disponibilizado pela internet). Nessa clínica, os pacientes declararam ser motivados a praticar crimes sexuais devido ao uso compulsivo de pornografia, pois estas nutrem suas respectivas fantasias masturbatórias. Embora Woods (2015) seja

contrário à ideia de responsabilizar as mídias por atitudes criminosas, os relatos dos pacientes o fazem pensar sobre a influência da pornografia como um disparador nas ocorrências de delitos de cunho sexual, principalmente quando executados por adolescentes. A partir dessa ideia, o autor questiona o papel da sociedade nessas condutas. Apesar disso, Wood (2007) afirma que é irrisória a chance de um adicto por pornografia sair do nível da fantasia sexual e atuar na realidade concreta. Com isso, afirmamos que criminosos sexuais frequentemente se utilizam de pornografia, mas que não seria necessariamente o uso de pornografia que levaria o sujeito a delinquir.

Apesar de não haver correlação entre o acesso à pornografia e as práticas sexuais criminosas, Woods (2015) considera que o uso excessivo de pornografia é, atualmente, detectado devido ao intenso consumo de imagens sexuais cada vez mais exorbitantes. Elas podem gerar outras consequências, tais como: isolamento social, alienação da realidade e prejuízo psicológico. Dentre os casos mais difíceis atendidos pelo autor, é evidenciado que essa atitude voyeurista compulsiva pode ser entendida considerando o fato do sujeito ter dificuldades em ser ele próprio visto e, em decorrência disso, isola-se e transmite sua tensão para fantasias masturbatórias descontroladas.

Além disso, Woods (2015) e Cebulko (2013) discorrem sobre os danos ocasionados pela pornografia nas relações conjugais. Woods (2015) aponta que, geralmente, a demanda que está adentrando à clínica é o conflito gerado pela pornografia nas relações conjugais/sexuais dos sujeitos. De acordo com Cebulko (2013), estudos que focam a pornografia vista pela internet como adicção não fornecem uma compreensão detalhada sobre o comportamento individual, sobre motivações inconscientes ou sobre o papel que o uso compulsivo da pornografia on-line pode causar nas relações conjugais. Os estudos expandiram e reforçaram o papel que o cérebro desempenha na compreensão do uso do cibersexo. Todavia, ao se centrar no comportamento sexual compulsivo como a adicção, podem obscurecer importantes informações, tais como a patologia subjacente de cada indivíduo e algum trauma não tratado relacionado ao âmbito sexual, emocional e físico, e a abusos ligados às falhas de desenvolvimento e déficits parentais.

Cebulko (2013), em seus estudos, analisa as relações conjugais em que os maridos fazem uso massivo de pornografia, constatando que essas relações são permeadas por elementos complexos e delicados. Desde 2007, a autora dedicou-se a estudar as esposas de homens que usam pornografia e empregou uma perspectiva psicodinâmica para estudar e ampliar seu conhecimento em relação às experiências dessas mulheres. Concluiu que muitas dessas mulheres possuem experiências traumáticas com interferências em seu

desenvolvimento que parecem impedir a eficácia de gestão de suas vidas. Logo no início de suas relações, as mulheres não conseguiram reconhecer os primeiros indícios em relação aos interesses sexuais de seus parceiros e de suas outras atividades compulsivas. Os traumas não tratados e as características de personalidade individual influenciam tanto a escolha do cônjuge quanto a inabilidade de separar os problemas dinâmicos matrimoniais. Uma vez casada e confrontada com a realidade da pornografia, a mulher tende a focar sua preocupação especificamente no uso, por parte de seus maridos, da pornografia por meio da internet, mesmo quando esse uso está envolvido em outras atividades relacionadas com a sexualidade e com inúmeras outras compulsões.

4.2.2. A internet

Dentre as modalidades de acesso à pornografia, encontramos: livros, revistas, fotografias, vídeos etc., sendo que o veículo mais destacado nos dias de hoje é a internet. Essa forma de difusão de conteúdos sexuais facilita o acesso por parte de seu consumidor. Como dito anteriormente, antigamente os sujeitos se viam impelidos a irem às bancas ou a casas apropriadas para o consumo com o intuito de obterem o material, mas, nos dias de hoje, basta apenas um clique para acessá-lo.

Verificamos que em outras épocas existiam restrições sociais e morais para consumir a pornografia, uma vez que, no Brasil, por exemplo, revistas que contenham nudez em seu conteúdo somente podem ser vendidas para maiores de dezoito anos. Por outro lado, atualmente, a partir do advento da internet, o adolescente ou a criança que manifesta curiosidade ou deseja consumir o material pornográfico não possui o impedimento social em consumir, desde que tenha acesso à internet e um aparelho (computador, celular, dentre outros) que permita o acesso. O fato é que se o adolescente ou a criança utilizarem a pornografia de modo oculto, a sociedade não os julgará ou inibirá seu acesso.

Nessa perspectiva, o acesso ilimitado à pornografia on-line afeta o desenvolvimento de crianças e adolescentes. O motivo é que ambos carecem de aprender a lidar com a frustração e com os limites impostos pelas exigências sociais, caso contrário, a convivência do sujeito adulto em sociedade tende a ser turbulenta e repleta por ansiedades. Assim, espera-se que uma criança compreenda, com o passar do tempo, os limites que lhe são expostos, principalmente em relação à sexualidade, isto é, consiga lidar com o desprazer até alcançar e desfrutar de seu objeto de desejo. Woods (2015) observa que por meio do acesso facilitado pela internet, é oferecido e favorecido à criança fantasias que a colocam em uma posição de onipotência, pois

ela pode ver/ter tudo sem advertências ou interdições. Em consequência, a criança/adolescente perde a capacidade de lidar com a frustração ou de postergar a satisfação, isto é, suportar seu próprio desprazer.

No ponto de vista de Galatzer-Levy (2012), a internet propicia uma nova e surpreendente tecnologia que vem remodelando muitos aspectos da vida erótica. Essa tecnologia oferece diversas informações sob diferentes níveis de precisão, a respeito de distintos interesses e práticas eróticas, e basta estar próximo de um computador para se ter acesso a esse mundo ilimitado. Além disso, o autor afirma que, normalmente, os computadores são acessados no próprio quarto do adolescente, em suas próprias camas, ou seja, são acessados em um local de intimidade.

Wood (2007) observa que a pornografia foi sempre precursora na exploração de novas tecnologias. Nos últimos anos, alguns pacientes começaram a tratar de assuntos como as interações sexuais que faziam via *webcam*, o modo com que eles baixavam pornografia por intermédio de celulares e acessavam pornografia por meio de *wireless* sem ser descobertos. Ao longo dos anos, o autor prevê que esses fenômenos se tornarão comuns ou desaparecerão, devido às novas ferramentas tecnológicas.

De acordo com Wood (2007), a internet é um dos avanços tecnológicos de vasto alcance e poder. Os aspectos da internet que a tornam poderosa também promovem um potencial de excitação maníaco e onipotente. Ao navegar por ela, o sujeito tem total controle sobre o que quer acessar e quando quer parar, além de ter acesso às fantasias sexuais sem qualquer vinculação a outra pessoa. O autor ainda aponta em outro trabalho (2014) que a internet pode trabalhar de três modos distintos: 1) como um objeto com propriedades conhecidas; 2) como um local onde os dramas internos podem ser publicados; e 3) como um catalisador que modifica o modo de relação do sujeito com os conteúdos a serem acessados.

No primeiro modo, Wood (2007) aponta como principal atributo da internet o fato dela ser versátil, pois cria um local para os sujeitos se projetarem. Contudo, esse lugar não se equipara a um papel em branco pronto para ser escrito, pois a internet é um local poluído de conteúdo, mas que se mostra flexível e com várias facetas, isto é, ela se transforma conforme há demanda por parte do sujeito. Ela também pode apoiar que o sujeito viole algo, pois se mostra sedutora e nela o sujeito pode corromper-se. Assim, a virtualidade oferece forças para realização de vários desejos, desde um espaço para criar recursos pensando em um coletivo a recursos destrutivos.

No segundo modo, Wood (2014) destaca o papel que a internet exerce no nosso psiquismo, principalmente seu aspecto em funcionar como um local para a publicitação do

que nos ocorre internamente, isto é, de nossos dramas internos, como se demonstrasse a magnitude de sua natureza polimorfa. Além de projetarmos nossos conteúdos mais internos, também participamos do que lançamos nesse espaço, criando um cenário na virtualidade. Nele é possível externalizar sentimentos inadmissíveis e se nutrir afetivamente. A internet propicia uma espécie de vida dupla ao sujeito para que ele possa concretizar seus desejos e fantasias, independentemente da natureza deles.

Por último, há o terceiro modo, em que Wood (2007) compara a internet com um catalisador, pois ela pode exercer uma atividade extremamente danificadora e gerar prejuízos nas funções egóicas de alguns sujeitos. A internet, ao dar voz às defesas maníacas, leva o sujeito a uma espécie de ruptura no funcionamento da posição depressiva. Contudo, a fantasia onipotente que é despertada e as negações de nossas próprias limitações são consequências de nossa própria agressão.

Outra hipótese levantada por Wood (2014) corresponde à relação entre a internet e o estado *borderline*⁴. A associação é justificada na medida em que o envolvimento com a internet pode ser vivenciado estando no limite entre a realidade interna e externa, não sendo apenas uma expressão elaborativa da fantasia inconsciente. Geralmente, o que se acessa na internet é realizado de modo solitário e o sujeito pode sentir sua atitude, por não ter outras pessoas envolvidas, como uma expansão de sua própria psique. Essa posição fronteira entre ambas as realidades pode ser traduzida como um embate de forças entre o ego e o superego⁵. Para o autor, dentre os casos que ele já observou de sujeitos compulsivos por pornografia infantil, seria improvável que qualquer um deles passasse da realização do plano virtual ao real, isto é, de realizar a agressão sexual de violação, pois eles são inibidos na expressão da agressão. O conteúdo visualizado na rede seria uma expressão de um conflito psíquico, em que o campo virtual forneceria ao sujeito a possibilidade de projetar-se e se identificar.

Retornando aos aspectos egóicos e superegóicos, Wood (2014) considera que ambas as instâncias possuem um emaranhado de normas que regem o estado de fantasia. Tal condição baseará a emissão de pensamentos de atitudes perversas, agressivas ou bárbaras.

⁴ Segundo o CID - 10 (1993), o Transtorno de Personalidade Emocional Instável é subdividido em dois grupos: o tipo impulsivo e o *borderline* (F 60.31). O último é caracterizado como um quadro de instabilidade emocional, em que estão presentes elementos perturbadores ou pouco claros, como as adições, a referência à autoimagem, “objetivos e preferências internas (incluindo a sexual)... Há em geral sentimentos crônicos de vazio. Uma propensão a se envolver em relacionamentos intensos e instáveis pode causar repetidas crises emocionais e pode estar associada com esforços excessivos para evitar abandono e uma série de ameaças de suicídio ou atos de autolesão (embora esses possam ocorrer sem precipitantes óbvios)” (p. 200-201).

⁵ O superego, de acordo com Freud (1923/1996i), seria o herdeiro do complexo de Édipo, que resumidamente é responsável pela internalização das figuras parentais. E exerce, futuramente, um papel de criticidade a si mesmo e de moralidade.

Para alguns sujeitos, o uso de internet se apresenta no limiar entre o mundo interno e externo, como se estivesse em um jogo e existissem algumas normas implícitas na fantasia. Nesse sentido, alguns sujeitos que são capturados pela polícia por fazer uso de pornografia infantil, ficam chocados com a própria prisão, pois, de algum modo, acreditavam que sua atitude ocorria somente em sua psique.

De acordo com Woods (2015), no universo da pornografia on-line, a agressividade inerente ao ato de olhar desperta medo e vergonha em ser visto. O voyeur obtém a sensação que pode visualizar qualquer coisa a qualquer momento e lugar, independente da autorização social para aquilo. Contudo, o temor e a vergonha de ser visto acentua-se devido aos elementos projetivos hostis. No desenvolvimento, a construção dos sentimentos de medo e vergonha ocorre posteriormente ao processo de maturação e diferenciação do primeiro objeto de amor, e eles desempenham um importante papel diante dos pensamentos relacionados a proibições morais. Há casos em que o sujeito possui seu desenvolvimento interrompido, ou estagnado, devido a um trauma ocorrido nos primeiros anos de vida. Um dos propósitos da psicoterapia é retomar o ponto cujo desenvolvimento foi afetado. Para alguns pacientes, a psicoterapia necessita recriar um espaço protetivo, para que seja possível retomar o desenvolvimento interrompido do sujeito (Woods, 2015).

Por intermédio desta pesquisa, constatamos que, por vezes, a pornografia assume um papel substitutivo às consecutivas ausências às quais o sujeito é impelido a lidar no decorrer da vida. Entendemos que parte dessas faltas se entrelaçam à cultura vigente composta por comportamentos competitivos e que estimulam o individualismo, ou seja, nega a solidariedade, a vinculação e o amparo entre os pares. Outra parcela dessa ausência pode corresponder às omissões de cuidado parental, sejam eles de ordem física ou psicológica, no início da vida. O fato é que a compilação desses fatores gera sintomas, tais como o vício pela pornografia on-line, que perpassa ideais de gozo ilimitado por meio de objetos parciais e satisfações pelas mais diversas zonas erógenas. A função dessas medidas psicológicas deve-se à necessidade de defender o sujeito das angústias originárias ligadas ao sentimento de aniquilação, que se fortalece de acordo com os valores de nossa civilização.

Após apresentarmos algumas considerações a respeito da pornografia e de alguns termos (adicção, dependência, vício, dentre outros) que estão presentes nessa pesquisa. Na seção seguinte, conforme apontamos na parte destinada a Estratégia Metodológica, apresentaremos a descrição e análise das categorias elencadas por temáticas, a partir do procedimento metodológico adotado de Análise de Conteúdo (Moraes, 1999).

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS CATEGORIAS POR TEMÁTICAS

Na presente etapa serão descritos e analisados os seis eixos temáticos extraídos da seleção dos depoimentos. No total investigamos trinta e quatro depoimentos, dos quais: trinta são mensagens principais que iniciam o debate no fórum e quatro são respostas fornecidas às mensagens principais.

Apesar de já destacado anteriormente, frisamos que os depoimentos foram extraídos da internet em sua forma original e serão expostos tais como constam na íntegra de suas exposições, inclusive com seus erros gramaticais e outros detalhes próprios. Como nossa interpretação de dados será, no próximo capítulo, realizada por intermédio da teoria psicanalítica, partimos do pressuposto de que os dados expostos nos depoimentos sejam verdadeiros, tanto os referentes às idades, quanto ao sexo ou ao conteúdo em si, pois acreditamos que o que foi expresso passa a ter valor de realidade, quando o que importa são o sentido e o significado do que é veiculado na fala dos depoentes, tendo em vista que ganha valor de realidade no funcionamento psíquico, em que a fantasia confunde-se com a realidade material.

Dessa forma, descrevemos e analisamos depoimentos de sujeitos cuja faixa etária varia dos 17 anos aos 40 anos, que se apresentam como sendo todos do sexo masculino (Figura 1). Embora eles não se exponham diretamente como tal, inferimos o sexo em função dos pseudônimos pelos quais se identificam serem masculinos e porque se chamam entre si de “guerreiros, *brothers*”. Por exemplo: “Aos 12 anos fui apresentado à pornografia por um amigo antes mesmo de eu descobrir a masturbação” (Fabsjoia, D₂₉, destaque nosso). Ademais, todos os sujeitos se denominam heterossexuais, apesar de em algum momento manifestarem dúvidas em relação à tal orientação, em decorrência de fazerem uso de modalidades sexuais que lhes geram estranhamento, como é possível perceber no exemplo abaixo:

O meu problema não é eu ter deixado de gostar de mulheres, porque eu não deixei, o problema é eu passar a gostar de mulheres com pénis. É perturbador, para mim é, sei que há pessoas que não dão importância, mas eu dou. Eu sou heterossexual, na medida em que todos os desejos românticos eu idealizo com uma mulher normal. Porém este meu lado mais perverso me envergonha. E a minha ansiedade aumenta pensando assim "cara, vejo isso talvez a uns 3/4 anos, será que acabei mudando minha orientação? E se eu no fim disso tudo continuar vendo pornografia travesti?". (marcolopes, D_{20c}).

Em suma, os depoimentos foram escolhidos e subdivididos em categorias de análise, a partir de sucessivas leituras do material durante o tempo destinado à pesquisa. Assim, quando nos deparávamos com uma determinada constância dos assuntos na apresentação dos

depoimentos, escolhemo-los. Diante disso, a seguir descreveremos e analisaremos as seis categorias de análise por temáticas.

5.1. Gatilhos silenciosos: das revistas à internet

A partir de diversas leituras dos depoimentos selecionados, consideramos notória e evidente a presença dos avanços tecnológicos no vício pela pornografia. A maioria dos depoimentos foi escrita por sujeitos que se reportam ao advento da internet como uma mola propulsora do vício pela pornografia, isto é, o fator desencadeante. Verificamos que o acesso às modalidades pornográficas, a atrizes e a atores e aos mais diversos enredos são facilmente acessados por meio da internet, em qualquer momento e local.

Assim, compreendemos que a internet auxilia no acesso à pornografia e que ela seria uma ferramenta para a consolidação do vício, igualmente como eram outrora os livros, as fotografias, as revistas, os canais de televisão restritos, as fitas VHS, os CDs e os DVDs (*digital versatile disc*). Contudo, a internet apesar de ser um instrumento de facilitação ao acesso, possui suas peculiaridades, que consideramos importante destacar nesta pesquisa, por justamente estar evidenciada na maior parte dos depoimentos.

Atualmente, a internet está em todos os espaços, desde o público ao privado. Basta um sistema para configurá-la e um aparelho tecnológico apropriado (celular, computador, *tablet*...) e nos conectamos com qualquer pessoa ou conteúdo que estejam disponíveis na rede de dados. Inclusive, podemos participar da montagem desse arcabouço de dados, postando e disponibilizados outras informações. Diante disso surge a pergunta: afinal o que é de fato a internet?

De acordo com Marchelli e Silva (1998), a internet é composta por um grande número de computadores que estão ligados entre si, por meio de cabos, fibras ópticas, cujo intuito é o de transmissão de mensagens nas quais se possa veicular conteúdos informativos. O que possibilita essa troca é um elemento chamado interface de rede. Assim, a internet é compreendida como um sistema global de redes de computadores interligados. Além disso, ela redefine noções de espaço e tempo (Hall, 2005). Ao se redefinir noções básicas, estruturantes e de pertencimentos, a constituição subjetiva é afetada por novos norteadores, que compõem a novas tecnológicas audiovisuais.

Há décadas, como apontado nos depoimentos, o primeiro contato do jovem ou do adulto com materiais pornográficos ocorria por meio de revistas, fotos ou vídeos VHS dos próprios pais, amigos ou de bancas de revista. A missão de ir até uma banca de revista era

vista como perigosa, pois era sabido que o material se destinava para maiores de dezoito anos. A moralidade relacionada ao ser visto, ou flagrado, à procura do material, inibia o jovem; afinal, aquele produto não se destinava a ele. Quem conseguisse o material era visto como vitorioso e portador de um segredo, o da sexualidade e, psicanaliticamente falando, da sexualidade dos próprios pais.

Abaixo selecionamos alguns trechos que evidenciam a descoberta da pornografia por adolescentes e os impactos dos avanços tecnológicos ocasionados pela chegada da internet:

... lembro-me de ter me deparado com minha primeira foto porno aos 12 anos... foi num jornal adulto... cara aquilo foi uma descoberta de mina de ouro pra mim... porém eu sou da época da playboy... e meus pornôs foram fitas VHF época do Vídeo K7... peguei a época de banda larga de 10 anos pra cá.... mas ainda assim essa desgraça me arreventou... (Bereta, D₁).

Assim como a maioria das pessoas eu entrei para o vício logo na adolescência. Aos 11 anos lembro-me de ter ganhado de presente uma revista de mulher pelada, mas até aí nada de mais. O problema mesmo veio aos 12 com a internet. Primeiro a discada e depois a internet banda larga de alta-velocidade. Aos 12, mesmo sem saber disso na época, tenho para mim que já estava completamente viciado em pornografia. A internet era o meu refugio. (Projeto, D_{5b}).

Um fator inquietante nessa pesquisa foi que alguns depoimentos trouxeram dados de que o primeiro acesso não foi a partir dos doze anos de idade, mas antes disso. Portanto, o primeiro contato com a pornografia ocorreu quando os sujeitos eram de fato crianças. Assim, esse primeiro acesso ocorreu com pessoas incapazes de compreender a intensidade do estímulo sexual provocado pelas imagens. Eles declararam que o contato com essa modalidade midiática foi o início de seu próprio fim, isto é, a entrada do sujeito no vício. Este fato quando relacionado ao cotidiano da evidente presença da internet, nos impele a pensar a respeito da erotização cada vez mais precoce da infância (Felipe & Guizzo, 2003).

Felipe & Guizzo (2003) discorrem a respeito da erotização da criança, para elas as modificações tecnológicas são responsáveis diretamente pelas vivências infantis, pois crianças estão acessando conteúdos do universo adulto (como sexo e trabalho) sem obstáculos e estas promovem a erotização do corpo infantil. Uma das causas desse fenômeno é relacionada pelas autoras, com o processo da geração de capital. As autoras apresentam uma hipótese de que a criança é uma consumidora em potencial e, paralelamente, também pode ser como um objeto a ser consumido pelo universo adulto.

Tal ideia se justifica pelo fato de que: como as crianças são vistas como consumidoras em potencial, por outro lado, as tecnologias de comunicação evocam a ideia de que a infância e a adolescência são etapas de jovialidade que devem ser apreciadas e almeçadas, para isso,

nomeiam esse terreno do desejo pelo corpo jovem como "pedofilização" generalizada da sociedade (Felipe & Guizzo 2003, p. 124). O apelo à constituição desse ideal ocorre via imagens difundidas por meio de tecnologias audiovisuais, nessas a criança é convocada a permanecer em posições sensuais ou estarem em circunstâncias sexualizadas. Em consequência a essa constante sexualização, a criança responde ao que lhe é solicitado manifestando interesses por elementos que se remetam à sexualidade, como o namoro e as relações fugazes, onde podem satisfazer a lógica a qual estão inseridas - se manifestam como adultos em forma de um corpo jovem. A partir disso levantamos indagações sobre o impacto das tecnologias na formação subjetiva do sujeito e os direcionamentos que esta realidade trilhará na vida psíquica, que embora não seja o objetivo dessa pesquisa, fez-se necessário ser destacada.

... comecei a ver revistas e dvds pornográficos com meus amigos de rua, esse foi o começo da minha destruição... Mas com a chegada de um PC na minha casa e a descoberta dessa combinação perversa, posso dizer que foi o início do meu fim. (Paz, D₂₅).

... Meu vício começou na década de 90, quando por acaso eu encontrei algumas revistas pornográficas rasgadas jogadas na rua. E por incrível que pareça, vira e mexe eu sempre encontrava alguma imagem de sacanagem jogada na rua. Isso foi despertando a minha vontade de me masturbar e com certeza foi o início do meu vício em pornografia e masturbação. (Alexandre, D₃₀).

Tenho 24 anos e sou viciado em PMO [pornografia, masturbação e orgasmo] a 11 anos mais ou menos. Comecei quando achei vídeos pornô no computador que era compartilhado pela família, provavelmente percentiam ao meu irmão mais velho. Isso foi um choque pra mim e imediatamente eu gostei e despertou um interesse enorme por isso. A partir daí eu descobri o P.[pornografia] Com o passar do tempo fui entrando no assunto de M [masturbação] e O [orgasmo] e passei a praticar e fui viciando aos poucos. Na época já tinha internet banda larga e já tinha achado fontes do material. Hoje eu estou em uma situação que me envergonha muito. (surfista, D₂₆)

... comecei ver pornografia na era pré-internet, material "analógico" e escasso, famosas revistinhas com páginas grudadas, enfim... Devo ressaltar que na minha casa meio que tinha bastante material a disposição, nada muito pesado, mas meu pai colecionava aqueles posters/calendários de borracharia (famosas "folhinhas") e pra mim era até normal ver foto de mulher com seio a mostra (mas nunca a parte de baixo) desde criança, e comecei a me masturbar com uns 12 anos, vendo especies de cards/mini-calendários de propaganda que davam de brinde por ai, alguns eram fotos de gatinhos ou paisagens e outros de mulheres nuas (acho que não existe mais isso), essas sim mostravam a mulheres totalmente nuas, foi meu primeiro PMO, fiquei todo contente, pois os amiguinhos mais velhos diziam que aquilo era ótimo e "pra ser homem" você tinha que fazer. Bom, material era escasso, mas talvez uma benção, até catalogo de lingerie excitava, se tivesse acesso a uma simples playboy da época então, era material para PMO por semanas, e assim foi, depois as "revistinhas suecas" como diziam e assim foi toda uma adolescência... Nessa mesma época veio a internet discada, fiquei viciado em chats sobre sexo, eu chegava do trabalho as 18 e ficava conectado até as 22 direto,... (tiago_fernando, D₂₈).

Além disso, o advir da internet com rapidez na transmissão de dados digital ADSL (*Assymetrical Digital Subscriber Line*) superior à transmissão da internet à rádio é uma ferramenta utilizada para aqueles que querem acessar dados em alta velocidade. A agilidade no acesso a informações no ambiente virtual nos coloca em uma situação com implicações positivas e negativas. Se por um lado a internet nos proporciona recursos para celeridade na busca e transmissão de conhecimentos informativos e de entretenimento, no caso satisfazendo parcialmente nossas pulsões (epistemofílica⁶, voyeurista, exibicionista, sexuais, dentre outras), não podemos esquecer que essa satisfação é parcial, não total, e no caso do acesso à pornografia ela, à sua maneira, satisfaz a curiosidade sexual e as demandas sexuais mesmo que não integralmente.

Ao tratarmos do aspecto pulsional, acrescentamos a essa apresentação de categoria as constatações de Freud (1930/1996b) e de Ceccarelli (2011b). Eles explicam que, embora a civilização nos obrigue à privação da satisfação pulsional, esta se vê impelida a criar estratégias para que encontremos satisfação, mesmo que parcial, por meio de substitutos diante das pulsões e conteúdos reprimidos. Cabe ressaltar que os objetos substitutos não promovem a satisfação total das pulsões e produzem nos sujeitos um eterno estado de descontentamento e sofrimento. Nessa via, a pornografia torna a vida em sociedade aceitável, sendo que é uma criação da própria civilização que possibilita a transgressão. Ela é um objeto substituto que oferece alguma satisfação às pulsões recalçadas, pois permite um escoamento libidinal (Ceccarelli, 2011b).

Ainda de acordo com Ceccarelli (2011b), desde o nosso nascimento estamos submersos num sistema que nos ensina a domesticar as pulsões. Assim, desde pequenos nosso contexto de relações pessoais – primeiramente composto pelos cuidadores e em seguida por amigos – fornecerá a nós símbolos que possibilitem nossa comunicação com a sociedade que nos cerca e também estabeleçam comportamentos que podem ou não ser apresentar. Os cuidadores são quem insere no sujeito um sistema de informações sobre a ética e a moral e funda o alicerce necessário para o desenvolvimento em sociedade. Contudo, quando essas figuras são incapazes de disponibilizar modelos identificatórios suficientemente bons, o sujeito procura-os, por vezes, o ambiente midiático; isto é, a criança se baseia em figuras vislumbradas da televisão ou da internet para compor seu psiquismo.

⁶ Designamos por pulsão epistemofílica a pulsão nomeada por Freud (1905/1996e) como “pulsão de saber” (p. 184). O autor lança a hipótese de que concomitantemente ao florescer da vida sexual infantil também se origina o ato de investigar e desejar compreender os elementos culturais que rodeiam a criança. Tal pulsão, na visão de Freud (1905/1996e) é despertada pelas questões ao redor da sexualidade, cuja ação atende a uma maneira sublimada de dominação e por meio da atividade de olhar/ver (escopofilia).

Todavia, esses modelos não são suficientes, principalmente quando no futuro nos deparamos com os casos de adicção, mais especificadamente, no vício em pornografia. Nesses casos, como afirma McDougall (1995/1997a), há uma ausência das figuras de amparo. A tentativa de controle pulsional quando composta, majoritariamente, por ausências, ao invés de investidas afetivas/amorosas e explicações gera lacunas no psiquismo do sujeito, que de algum modo necessitam ser preenchidas. Os modelos midiáticos, por serem acessíveis em qualquer localidade (basta ter um computador, por exemplo), funcionam como modelo de vida e de conduta sexual. Assim, em quadros de ausência parental, quando a criança tem acesso a pessoas em situação pornográfica, esse modelo fornece explicações excessivas – sobrecarregadas de conteúdos sexuais – de como se deve ser um adulto. Expostos a essas explicações e juntamente ao fato da criança estar desamparada, a pornografia funciona na medida em que possibilita que esse sujeito vulnerável não se sinta só (Moraes & Lapeiz, 1985; McDougall, 1995/1997b).

... a partir de 2005, com a aquisição de um Modem ADSL, a coisa se complicou de vez. O que era rotineiro, tornou-se uma obsessão. A princípio, trancava-me no quarto e tirava inúmeras fotos com meu celular, para que pudesse me masturbar logo em seguida. Isso ocorria várias vezes por semana, o mesmo ritual, ano após ano. Nos anos posteriores, com a explosão dos sítios de vídeos pornográficos, passei a baixar cada vez mais material, a ponto de abarrotar uma pasta — oculta, claro — em meu notebook. Nessa última fase, nos últimos três, quatro anos, não mais baixava conteúdos, mas utilizava um tablet para satisfazer o terrível e voraz dragão que habitava em mim. E assim, passaram-se 10, 12 anos de minha vida, escoados pelo ralo. (M. Mystère, D₆).

Agora vamos ao que interessa. Tenho 29 anos e desde a infância eu tinha atração por mulheres fumantes e por pés femininos (esse fetiche por pés até que é bem comum no Brasil). Desde que comecei a me masturbar (aos 13) a maioria das vezes me masturbava com coisas relacionadas aos fetiches e isso piorou quando surgiu a internet banda larga, foi aí que realmente me vicei nesses fetiches. (Skid Row, D₁₄).

Lembro-me bem agora, quando iniciei meu processo de enclausuramento havia apenas uma coisa que me dava prazer: a pornografia na internet. Naquela época a internet ainda era discada, fazia aquele barulho irritante antes de se conectar de fato à internet, e era muito lenta, mas já existiam muitos sites ofertando pornografia gratuitamente. De início, apenas me interessava por pornografia leve, mas com o tempo isso já não bastava, e fui aos poucos mergulhando mais e mais fundo nesse mundo tão excitante e solitário ao mesmo tempo... E também vivenciava as minhas primeiras experiências afetivas, com namoradas e ficantes. No entanto, o que realmente me excitava eram as imagens e vídeos pronográficos que a internet me apresentava, gratuitamente, no momento em que eu quisesse, a apenas alguns cliques de distância. (Sputnik, D₂₇).

De revistas encontradas num armário velho no trabalho de meu pai não demorou até os primeiros DVDs pornô emprestados na escola. Minhas notas a partir de então desmoronaram e me tornei um completo crápula, o tipo mais besta, mais irritante que pode haver (para vocês

verem como a pornografia, inclusive, torna o adolescente imaturo ao extremo). Ia para a escola só para perturbar a todos (crente de que estava agindo como gente) e desejar coisas impossíveis, se é que me entendem.” (Justiceiro do Sertão, D₄).

Bom, se eu não me engano, a primeira vez que eu tive acesso a pornografia foi entre 2003 ou 2004...eu tinha 11 anos...e foi através de umas VHS velhas do meu pai...o engraçado dessa fase é que quando eu assistia essas VHS, nunca aconteceu a "PMO" pois eu não sabia o que era masturbação...eu ficava com tesão é claro mas assistia por pura curiosidade, vamos dizer que eu ainda era "inocente"... não sabia das coisas...depois de assistir várias vezes, o vídeo Cassete na hora de rebobinar as fitas enroscava e amassava elas por dentro e estragou todas as fitas (hoje 10 anos depois dou graças a Deus por isso ter acontecido ainda cedo) como não dava mais pra assistir, deixei isso pra lá. No começo de 2005 com 13 anos eu aprendi a me masturbar...nessa fase a M era apenas usando a imaginação e raramente quando aparecia alguma nudez ou cena de "softporn"[pornografia leve, normalmente, com enredos que não focalizam exclusivamente os genitais] aleatória na TV a Cabo como HBO, Max Prime e canais do tipo...até aí foi tudo bem, entrando na puberdade por volta de 2006, 2007 nas Lan Houses da vida eu descobri que existia revistas pornos de graça na internet (coisa que eu achava que não existia)...eu nunca tinha tentado procurar isso na Lan House pois tinha medo de ser pego rs' depois de algum tempo tomei coragem e comecei a pesquisar coisas leves como Playboy, Sexy só pra alimentar a imaginação pra M quando chegasse em casa...tempos depois também descobri que existia filmes pornos grátis na internet. Em 2008 com 15 anos eu ganhei meu primeiro PC...aqui começa a pornografia em internet banda larga na minha vida...nos primeiros dois anos até 2010 foi "de boa", assistia pornos de forma "normal", PMO uma vez por dia, raramente 2 vezes por dia...então me formei no ensino médio no mesmo ano em 2010...e aí começava o esse pesadelo na minha vida...do final de 2010 pra cá (últimos 5 anos) as coisas pioraram e MUITO. (Luxord, D₂₁).

... minha historia começa aos 8 anos de idade, quando por acaso, descobro na estante da minha casa, um arsenal de VHS porno pertencentes ao meu pai, um também viciado em pornografia, e quando digo arsenal não é nenhum exagero da minha parte, pois ali continha todo tipo de pornografia "normal" e Hard existente e aceitável para a época. nessa época ainda como eu era criança eu achava completamente inaceitável e repulsivo alguns tipos de pornografia, então fiquei no básico até mais ou menos meus 12 anos. A partir dos meu 12 anos a pornografia convencional já não me saciava mais, foi o período em que comecei a ejacular, então foi quando comecei a sair do porno "GOSTOSAS" para algo mais fantasioso como os de "HISTORIAS". Nessa vibe eu fui indo até achar um VHS realmente HARD para mim, e foi quando tive meu primeiro orgasmo realmente intenso, fiquei naquela fita durante dias, e nessa onda de porno de historias que envolviam incesto e sexo publico até meus 14. Com 14 anos tive minha primeira namoradilha, o porno já estava instaurado na minha cabeça, já tínhamos um aparelho DVD em e um ARSENAL pornográfico completamente novo na estante, e foi quando aconteceu que, eu perdi minha virgindade... (Lee, D₂₄).

A partir dos depoimentos acima, notamos que a internet possibilita o acesso a informações sexuais, que estimulam um modo de funcionamento psíquico cada vez mais perverso no sujeito. Em outras palavras, ela veicula elementos que prendem o sujeito em determinada especificidade sexual, até que ele se amorteça de seus estímulos e procure, progressivamente, a excitação em conteúdos mais exclusivos. Nesse sentido, segundo Ceccarelli (2011b), os meios midiáticos difundem milhares de informações que ocasionam efeitos perversos na formação de um psiquismo. O autor compreende como efeito perverso a

ocasião em que as mídias se aproveitam de seu poder de convencimento para produzir condutas comportamentais e transmitir normas e entendimentos sociais do que seria felicidade, principalmente no ato de transformar objetos corriqueiros em objetos indispensáveis para encontrá-la. As mídias apresentam modelos identificatórios que são considerados fundamentais para obter reconhecimento e êxito, porém essas figuras são fantasiosas, na medida em que o alcance a esses padrões é impossível.

Os modelos impostos pela mídia, verdadeiros ditames de conduta, substituem, ou mesmo eliminam, a singularidade do trajeto identificatório de cada sujeito (suas origens, a particularidade de sua cultura, suas crenças e sistemas de valores ético-morais, enfim, a sua história), o que pode levar a um empobrecimento radical da subjetividade. Modelos coletivos hegemônicos criam ilusões identitárias, ... cuja manutenção só é possível pela eliminação da circulação do desejo: o sujeito é transformado em objeto de consumo, e os valores sociais de felicidade em necessidades narcísicas de sobrevivência. (Ceccarelli, 2012, p. 61).

Ceccarelli (2012) considera que a noção de consumo engloba desde elementos físicos a elementos abstratos, como um objeto material (perfumes, roupas etc.) e algo do campo da virtualidade, como os programas de televisão. Estes podem transmitir para as pessoas o entendimento de felicidade, tristeza, ou até mesmo apresentar elementos tóxicos que, embora permitam o acesso ao prazer, podem lançar o sujeito a uma situação de desconexão com as demandas da realidade externa, pois a mídia auxilia no processo de se esquivar das exigências sociais. Apesar desse fato por um lado preservar o sujeito das solicitações sociais, por outro ao se esquecer delas, enclausura-se dentro de si mesmo e abstém-se de se relacionar com o outro.

Assim, por meio dos depoimentos, compreendemos que essa dificuldade em se aproximar afetivamente do outro na esfera social, deve-se ao fato de que, na pornografia, a energia sexual é apresentada sem nenhuma barreira para que se atinja sua meta, pois o coito na performance, geralmente, culminará em orgasmo. O sexo é explícito, sem enredo, ele não se propõe a executar atos preparatórios de afetividade anteriores à prática sexual (carinhos e preliminares) e, por fim, exige que ambos os personagens se comportem como máquinas sexuais. Em suma, verificamos que as mídias pornográficas perpetuam modelos identificatórios de performance e de atitude sexual desprovidos de vinculação afetiva entre si.

5.2. Vergonha, culpa e masturbação

O eixo temático que foi contemplado nesta descrição e análise visa amalgamar e expor elementos que se destacaram nas leituras e releituras dos depoimentos, que são: a culpa, a vergonha e a masturbação. Apontamos que, na presente pesquisa, a palavra culpa será vinculada à palavra arrependimento, por possuírem um resultado comum: o remorso.

De maneira simplificada, a culpa seria originada de algum comportamento emitido sem a intenção de prejudicar algo ou alguém, mas que resultou em algum tipo de dano. Ela também se encontra atrelada à certa deturpação realizada a determinado entendimento ético ou moral. Como já exposto, ela será vinculada à palavra arrependimento, pois a última, de acordo com Ferreira (1999), seria alguma “insatisfação causada por violação de lei ou de conduta moral, e que resulta na livre aceitação do castigo e na disposição de evitar futuras violações” (p. 200).

A culpa, para Peres (2001), foi demonstrada ao longo da história por meio de marcos, como o pecado original, o assassinato do pai e dos irmãos, que existem desde os primórdios da humanidade. Nas palavras da autora:

Se no início, foi um ato, esse ato gerou a culpa e a culpa presentifica-se em nossa memória. A culpa é sempre uma culpa recordada. Culpa que decorre de uma lei sob a qual somos regidos e que se inscrevem sua dimensão simbólica; culpas reais que nos acometem por nossas faltas e atos quotidianos (p. 7).

A esse respeito, Freud (1930/1996b) afirma que todo sujeito possui pulsões destrutivas em si, e para que elas não se voltem para o ambiente social, faz-se necessária à existência de algum elemento para inibi-la, pois se isso não for feito, o sujeito pode direcionar sua agressividade contra a sociedade e contra seus pares. Para isso, ao longo do desenvolvimento do sujeito, a civilização o conduz a internalizar sua própria agressividade, isto é, ao invés de lançar a violência contra a civilização, o sujeito a devolve para o próprio ego. Assim, quando tomada por parcela do próprio ego, ela “... se coloca contra o resto do ego, como superego, e que então... está pronta para pôr em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos” (p. 127). Daí, desse conflito entre as exigências de um implacável superego e o ego originar-se o sentimento de culpa, que se manifesta a partir do anseio do próprio sujeito em se penalizar.

Já a vergonha, segundo Ferreira (1999), seria um sentimento suscitado pela execução de atividades que são contrárias à moralidade. O autor também a considera como: “2. Sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem. 3. Sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo” (Ferreira, 1999, p. 2062).

Além disso, por meio da disposição das palavras encontradas no dicionário, observamos que logo abaixo da palavra “vergonha” é apresentada uma definição da palavra “vergonhas”, exposta como uma forma de se referir ao órgão sexual feminino, a vulva. Sendo assim, a nosso ver, fica evidenciado o moralismo encontrado em atividades que culminam no sentimento de prazer por meio do desnudamento do corpo e do aparecimento dos órgãos sexuais. Maio (2011), em sua obra *O nome da coisa*, atenta-nos que as palavras destinadas para o órgão sexual feminino ao longo da história foram se modificando devido à repressão social à mulher. Isso tanto é verdade que existem vários nomes ou sinônimos atribuídos a esse órgão, “provavelmente em decorrência de toda a proibição e de todos os interditos que a terminologia exerce sobre a repressão sexual feminina” (p. 104).

Segundo Freud (1905/1996e), a vergonha é uma força anímica instaurada no período de latência e que antecede a etapa do desenvolvimento que denominamos puberdade. Esta é caracterizada por ser um período de intensas modificações corporais, que indicam que o corpo infantil está se transformando para aproximar-se da realização do ato sexual; e, uma vez que uma relação sexual implica na existência de no mínimo duas pessoas, a possível presença de outro, objeto sexual, exige ao sujeito que se preocupe consigo mesmo diante do olhar do outro. Como já visto anteriormente, a civilização impõe limites para a satisfação e efetivação desse ato; nesse aspecto, a vergonha pode atuar como resistência ao escoamento libidinal.

Assim, compreendemos que a vergonha torna-se elemento essencial para a conservação e sustentação das normas sociais e exigências civilizatórias. Outro modo de compreender a vergonha, além de resistência, é o de encará-la como um sintoma, pois, de acordo com Freud (1905/1996e), ela pode se manifestar por meio do reprimido, sendo um substituto dele. A partir do momento em que o sujeito não encontra satisfação por um determinado direcionamento, “... a libido se comporta como uma corrente cujo leito principal foi bloqueado; ela inunda então as vias colaterais que até ali talvez tivessem permanecido vazias” (p. 161).

Portanto, quando não conseguimos alcançar a meta sexual, a tensão libidinal busca outra via de descarga, não consciente e involuntária: o sintoma. A vergonha seria uma possível opção encontrada pelo ego para interceder às exigências externas, pois diante dela, o sujeito tende a se conformar às exigências da vida. A vergonha como sintoma é uma maneira de promover a passagem da energia, que em outro momento foi reprimida e que suscita sofrimento psíquico. Principalmente, para aquele que se vê em um ciclo de repetição no consumo das vergonhas alheias, ou seja, da produção pornográfica.

Por fim, a masturbação seria uma ação suscitada pelo esfregar das mãos nos órgãos genitais ou pela utilização de ferramentas destinadas à obtenção do orgasmo (Ferreira, 1999). Esses sentimentos e tal atitude sexual foram frequentemente destacados nos depoimentos, pois os sujeitos correlacionam o vício pela pornografia com a masturbação; isto é, o ato masturbatório se faz presente após e/ou durante o ato de consumir a pornografia com o objetivo de sentir satisfação. Como consequência, evidencia-se o surgimento do sentimento de vergonha, de culpa e de arrependimento. Para tal elucidação, escolhemos o trecho abaixo, que se relaciona ao que foi exposto.

Só pode ser isto! Só poder ser a pornografia e a masturbação. Não tenho mais o que tentar! Já tentei de tudo!". Ou seja, eu não tinha certeza, mas por dedução (por já haver tentado de tudo) eu enfim me dei conta de que podia ser a pornografia que estava me afundando... Minha adolescência foi uma porcaria. Uma baixa autoestima contumaz e uma falta de impulso e confiança para lidar com as garotas, tudo isso me conduzia ao que me restava de "experiência sexual": a masturbação com pornografia ou mesmo a masturbação imaginando garotas que eu queria... Comentava com minha psicóloga: "parece que falta um motor dentro de mim". Hoje sei que esse motor é a libido, que me era roubada pela pornografia e masturbação... descobri o quanto o sexo era incrível e era um ato de carinho entre duas pessoas. Enfim descobria o que a pornografia e a masturbação me retiraram por décadas: uma potência vital enorme!... Minha vida sexual é ativa e saudável hoje. Além da descoberta de que sexo é carinho, aprendi que o sexo des-cansa, enquanto a masturbação cansa. O sexo preenche sua vida. A masturbação nos enche de vazío (Magrão, D_{3a}).

Observamos que o vício pela pornografia e a masturbação são apresentados pelos sujeitos dos depoimentos como um resultado, que envolve uma gama de fatores, tais como a baixa autoestima e a insegurança. Embora esses sentimentos se construam no decorrer de todo o desenvolvimento do sujeito, a pornografia e a masturbação encontram um campo fértil para que tais fatores ganhem proporções acentuadas no período da adolescência, pois, segundo Aberastury & Knobel (1981), essa é uma etapa em que os jovens sofrem por alternâncias emocionais, comportamentos instáveis que variam de uma introversão à extroversão e de desordenamentos emocionais. Notamos que o universo da pornografia aparece como alternativa ao prazer e ao autoconhecimento do adolescente. Entretanto, alguns não conseguem se organizar devido a tamanho estímulo ofertado pela indústria do sexo.

Outros depoimentos nos mostram que as relações dos sujeitos e os significados da vida se tornam em demasia esvaziados, devido ao uso frequente da pornografia e da contínua prática masturbatória, pois ao estabelecer uma relação tão intensa e íntima com a pornografia, as práticas de satisfação, refúgio e até mesmo de entretenimento do sujeito giram em torno dela. Eles se sentem como se não houvesse outra via para encontrar tranquilidade, prazer e satisfação.

Quando se é viciado, quer-se mais é que o mundo se dane. A zona de conforto é muito mais tragicamente gostosa. Meu comportamento era diuturnamente só me masturbar e mais nada, com ou sem pornografia, mas principalmente com. (Justiceiro do Sertão, D₄).

... várias vezes cheguei a furar meu programa de estudos ou deixar de estudar para provas a fim de ver conteúdo pornográfico e me masturbar. Contudo, ainda não percebia a gama de efeitos nocivos que sofreria em razão do vício... estou com distímia, um tipo de depressão leve, a qual certamente foi suscitada pela pornografia e masturbação... (M. Mystère, D₆).

É como se as fantasias (masturbação e pornografia) fossem a minha cocaína, a minha fuga da realidade (e suas eventuais frustrações) (Magrao, D_{12a}).

A PMO virou válvula de escape para qualquer frustração. Por fim, ela virou motivo de tormento na pior fase da minha vida, dado que minha ex usava a minha PMO como justificativa pra dizer que eu era o maior lixo humano da TERRA. (Fabsjoia, D₂₉).

Nos depoimentos acima é possível identificar dados que evidenciam falta de autocontrole em lidar com a masturbação e com a pornografia. Tais elementos são demonstrados de modo mais contundente nos depoimentos que apresentaremos logo abaixo, nos quais é possível perceber que a masturbação e a pornografia se aliam de modo tão específico no cotidiano do sujeito que, para eles, a consequente execução masturbatória aliada ao componente pornográfico é suficiente por um breve período de tempo. Todavia, o mal-estar suscitado por esse meio exclusivo de prazer leva a consequências físicas e emocionais.

Meu nome é Lucas, e estou aqui para tentar parar com a masturbação e a pornografia, Tenho 17 anos ,me masturbo desde aos 11.e percebi que estou com DE, pois eu percebo que uma garota é atraente, e mesmo assim, nada de conseguir excitação, na minha cabeça sempre pensei que era por causa da masturbação excessiva, mas nunca conseguia parar ... Já tive a oportunidade de namorar com muitas garotas, porém sempre rejeitei, pois pra mim o prazer que eu estava tendo com a pornografia e masturbação já bastava pra mim. Minha ansiedade era tão grande para me masturbar que tudo que eu pegava com a mão eu ficava tremendo... (Lucas, D₁₈).

Descobri a masturbação em 2005, esse diabólico vício na minha adolescência, através dos meus melhores amigos... E como todos aqui, que se interessam naturalmente por sacanagens com o sexo oposto, comecei a ver revistas e dvds pornográficos com meus amigos de rua, esse foi o começo da minha destruição. A pornografia é diretamente relacionada com a masturbação, como sabemos... Mas com a chegada de um PC na minha casa e a descoberta dessa combinação perversa, posso dizer que foi o início do meu fim... Tem dias que eu me masturbo até 3 vezes, sempre aquela masturbação curta e insatisfeita com unico objetivo de sentir a sensação do clímax o que me torna uma especie de "bola insaciável de luxúria" o dia inteiro. (Paz, D₂₅).

Salomao (D₇), apesar de não fazer uma ligação direta entre a masturbação e a pornografia, afirma que foi o ato masturbatório o responsável direto pelo consumo de material pornográfico: *“Meu vício começou com masturbação, depois fui para vídeos pornográficos na internet...”* (Salomao, D₇).

A partir dessa fala, nos reportamos ao exposto por Freud (1950/1996j) na carta 79, na qual afirma que *“... a masturbação é o grande hábito, ‘o vício primário’, e que é somente como sucedâneo e substituto dela que outros vícios – álcool, morfina, tabaco etc. – adquirem existência”* (p. 323). A ação de se masturbar é de cunho totalmente autoerótico, pois ocorre por meio do ato do sujeito excitar o seu próprio corpo. Acrescentamos aos dizeres de Freud outro substituto, que seria o vício em pornografia. Contudo, nessa modalidade o que há de mais primitivo é que o sujeito usuário de pornografia raramente se desvincula da masturbação. Tal hábito estaria presente e seria ampliado para que sua execução ocorresse atrelada à pornografia. Logo, a pornografia fornece outros elementos para a intensificação da masturbação.

Frente a alguns depoimentos citados acima e a outros que serão destacados abaixo, notamos que os sujeitos consideram a masturbação algo humilhante, uma prática negativa e penosa, a qual deve ser escamoteada ou não realizada.

Aos 16, foi quando comecei a ter vergonha de mim mesmo, senti que precisava de uma namorada e decidi parar com a pornografia e masturbação pela primeira vez. Foi uma época em que eu percebi que a masturbação era algo humilhante e estava determinado a parar... (Projeto, D_{5b}).

Dos 12 aos 18 anos eu tive uma vida afetiva e sexual frustrante. Não ficava com as meninas, não namorei. Perdi a virgindade com uma prostituta aos 15 anos e, talvez intimidado, tive dificuldade de ereção. Mas me masturbava MUITO, geralmente fantasiando no banheiro ou assistindo TV. Lembro que atrizes e Vjs da MTV me excitavam e eu me masturbava. Era todo dia! Aos sábados eu fazia plantão para assistir o Cine Privê. Me masturbava vendo os filmes, mas tentava segurar o orgasmo para o fim do filme. Até o fim eu me masturbava, sem orgasmo, vendo todas as atrizes. E, por ter uma criação e uma vida religiosa (católica), me sentia muito mal com a masturbação, vista como pecado. (Fabsjoia, D₂₉).

Um fator elencado em vários depoimentos, dentre eles o de Fabsjoia (D₂₉) e o de Luxord (D₂₁), refere-se à masturbação sendo vista como algo negativo por parte da religião, sendo que ambos os depoentes se apresentam como pertencentes a alguma instituição religiosa. Assim, a prática masturbatória e sexual é encarada como pecaminosa e impura quando realizada sem o consentimento da própria instituição, que geralmente possui seus próprios princípios e regras. O prazer gerado por tal atividade passa a ser compreendido pelos

membros dessas religiões como uma transgressão; e, como consequência, quem burla uma regra deve ser punido.

... eu não entendia muito bem o vício em pornô... e aquele culpa como se fosse um meteoro caía na minha cabeça... mesmo assim eu não desisti... ficava 1 semana sem PMO, aí caía de novo, depois mais uma semana sem PMO, caía de novo... minha Fé não existia mais, só ia pra igreja por ir mesmo, e por causa de uma amiga que eu conheci na igreja, já não conseguia orar mais pois tinha vergonha de Deus. (Luxord, D₂₁).

Percebemos que os sentimentos de arrependimento e de vergonha podem contribuir com muita intensidade para o aumento da culpa, principalmente nas repressões sociais diante da manifestação de conteúdos sexuais. Os sujeitos dos depoimentos se sentem como se tivessem executado alguma ação condenável devido às suas práticas e lamentam-se por terem-na feito e desejado. Compreendemos que o fato complexo para os depoentes não é em si o consumo esporádico ou ocasional do material, mas a constância e a frequência elevada de consumo. Em suma, é a obstinação e a exclusividade da necessidade de consumo que atordoa os sujeitos; é a excessiva importância destinada à pornografia e à masturbação que lhes gera sofrimento.

A masturbação e a pornografia são consideradas práticas e atitudes condenáveis em face aos princípios morais internalizados em nossa cultura, devido às influências religiosas, principalmente do cristianismo. Em decorrência dessa influência moral e religiosa, o sujeito consumidor de pornografia, como afirmado nos depoimentos, manifesta conflitos de interesse, em que o desejo se confronta com a moralidade, culminando em sensações de sujeira, de culpa, de arrependimento e de vergonha. O sujeito, ao consumir a pornografia, sente-se impuro e indigno do respeito e da afetividade de outrem. Na ótica dos princípios cristãos que permeiam nossa civilização, a masturbação corresponderia a um ato de luxúria, possibilitaria desejos de cometer adultério (em pensamento ou em atitude) e atenderia aos desejos da carne, ou seja, às demandas fisiológicas. Alguns depoimentos nos mostram que esse traçado com os princípios religiosos não é vão, mas que possui raízes na transgressão da moralidade estabelecida. Como: *“porém, a cada fim de bronha a sensação de culpa era 100x pior do que antes dessa fantasia, me sinto menos que nada, um depravado, um lixo”* (Over, D10).

Durante o namoro, houve alguns períodos em que eu diminuí fortemente a quantidade de pornografia, porque eu realmente gostava da minha namorada e tinha culpa por olhar fotos de outras mulheres (exemplo: tinha sessões de pornografia apenas uma vez por mês). (Projeto, D_{5b})

Hoje eu estou em uma situação que me envergonha muito. Me sinto sujo e completamente arrependido por todo esse tempo perdido que pratiquei PMO... Eu não consigo ficar um dia sem PMO. Às vezes eu penso comigo mesmo que isso não é necessário, mas algo no meu cérebro me fala pra eu ir praticar pq vai me aliviar e eu vou ficar mais tranquilo, mas não é isso que acontece, sempre que termina eu fico com sentimento de arrependimento e depressão (surfista, D₂₆).

Outro depoimento que nos gerou inquietação foi o de matheus750 (D₈). Em seu depoimento ele apresentou uma notícia de um homem que supostamente seria viciado em pornografia e, por isso, cometeu uma série de estupros e assassinatos, passando assim do nível virtual ao real à procura por satisfação, pois a pornografia não lhe bastava mais. Matheus750 sentiu-se preocupado por se identificar com o personagem da notícia, que estava se afundando na procura por prazer.

*Ele contou que era viciado em pornografia das mais pesadas e que um dia caiu na besteira de sair de casa para pegar uma mulher, quando ele cometeu o primeiro estupro, voltou para casa, dormiu e no dia seguinte se arrependeu. Passaram-se alguns dias, e "como aquele caminho já havia sido aberto na mente" ele teve vontade novamente, e cometeu o segundo estupro, e voltou para casa e no outro dia se arrependeu. E assim foi por várias vezes. Ele relatava também, que não parecia ser ele, parecia ser outra pessoa, que ele sabia o que estava fazendo, mas não tinha controle dele mesmo... **Logo ao terminar a reportagem, eu me senti completamente mal. Ao assistir e ouvir o relato daquele homem, não consegui ver muita diferença entre mim e ele. Aquele homem estava afundado na pornografia, estava indo a níveis mais baixos à procura de maior satisfação. Ele sentia-se arrependido após o que acontecia, mas não conseguia controlar quando vinha o vício para cima dele. Era como se fosse outra pessoa, sabia o que estava acontecendo, mas não conseguia parar e se controlar.** (matheus750, D₈, negritos do autor).*

O depoimento exposto nos mobilizou, pois matheus750 se sentia identificado com um sujeito capaz delinquir na busca de satisfação e apontou como uma das causas de sua atitude a falta de controle diante do ato compulsivo. Ele demonstra que a partir do momento em que uma nova fonte de satisfação é consumida e alcançada torna-se difícil abdicar do objeto, esse fato nos inquieta, visto que a falta de domínio próprio pode suscitar em crimes como a pedofilia, o estupro e a zoofilia.

Além disso, outros depoimentos demonstram uma vasta procura no ambiente virtual por conteúdos sexuais que não corresponderiam à orientação sexual descrita pelos próprios sujeitos. Nesse ponto, não nos cabe enfatizar o preconceito velado e envolvido em relação a algumas identidades sexuais, mas apontar para o sofrimento gerado pelo consumo de determinada categoria pornográfica. Focalizamos, assim, o sofrimento gerado pelo conflito no sujeito em se excitar assistindo à pornografia, pois, se flagrado em qualquer ambiente público, sua atitude não seria aceita, mas na esfera particular tal categoria é buscada, por suscitar

desejo e interesse. Por exemplo, “... *passei a assistir shemales* [pornografia com transexuais ou travestis], *ficava destruído e arrasado depois de cada vídeo que via*” (Balian de Ibelin, D10.1) , “*Eu sou heterossexual, na medida em que todos os desejos românticos eu idealizo com uma mulher normal. Porém este meu lado mais pervertido me envergonha*” (Marcolopes, D20c),

No meu caso, e uma vez que sou virgem, o mal que a pornografia me trouxe foi mesmo a escalada dos meus gostos, sobretudo por ver pornografia travesti (apesar de ser apenas periodicamente), que me deixava com um sentimento de culpa e vergonha interior, pois até aí eu sempre me senti atraído exclusivamente por mulheres... (Marcolopes, D_{19c}).

... comecei a ver pornografia das mais repugnantes que vocês possam imaginar, TODOS OS TIPOS, me masturbava o dia todo e chorava a noite toda... Bati de frente com o vício e não esperava o que estava por vir, não conseguia passar 2 dias sem me masturbar, ficava criando mentiras na minha cabeça do tipo "a só uma hoje e depois eu paro", "a eu bati ontem mesmo então não perdi nenhum dia, não custa bater uma hoje, aí amanhã eu paro" e isso durante um bom tempo (Lee, D24, maiúsculos do autor).

Pelo fato da masturbação ser um vício para os sujeitos que escreveram os depoimentos, por estarem envolvidos com o vício em pornografia, eles revelam que burlam normas e regras sociais, colocando até mesmo o seu trabalho em risco para desempenhar o ato viciante. Sentem-se como se não conseguissem ter autocontrole para esperar o momento oportuno de sentir satisfação.

... Descobri este Fórum hoje curiosamente umas duas horas após ter me masturbado no banheiro do meu escritório assistindo videos pornográficos... Tenho vergonha de tanta coisa degradante que já fiz para assistir pornografia e me masturbar. Até assisti videos e me masturbei perto da minha filha que dormia ali no sofá. É vergonhoso (Alexandre, D₃₀).

A vergonha nos parece pertencer a esse ciclo, pois os sujeitos tendem a esconder sua dificuldade em lidar com a compulsão à pornografia. A visualização de conteúdos se torna solitária e silenciosa, sendo que o olhar de outra pessoa é considerado algo abominável por parte do viciado, pois as próprias amarras sociais o levam a escamotear o vício. Isso é confirmado pelo fato de que os depoimentos foram escritos por meio de pseudônimos, para evitar qualquer possibilidade de serem descobertos e taxados como pervertidos ou tarados sexuais.

5.3.Fetich e fantasia

Neste terceiro eixo temático, explicitamos o fetiche e a fantasia, pois ambos os fenômenos, de acordo com os depoentes, estão vinculados com o uso excessivo de pornografia. Muitos sujeitos revelam somente sentir prazer por meio do consumo da pornografia, isto é, em suas relações sexuais reais dizem não conseguir atingir o prazer desejado, sendo este suscitado somente por meio da fantasia envolvida no uso do objeto pornográfico.

O fato da pornografia ser compreendida como um objeto de fetiche nos levou a indagar a respeito de duas facetas: a exclusividade para atingir a satisfação sexual e o modo de relação dos sujeitos dos depoimentos com seu objeto de prazer. Muitos relataram que a princípio sentiam satisfação com a pornografia tradicional; contudo, com o passar dos anos consumindo a pornografia, o estímulo oferecido pela pornografia tradicional não bastava mais, sendo necessários outros estímulos diferenciados para encontrar a descarga da tensão sexual.

Muitas vezes, encarar a pornografia como um objeto de fetiche fazia sentido, pois os sujeitos não sentiam necessidade ou motivação para construir o prazer com outros sujeitos, pois a fantasia envolvida no ato de encontrar a satisfação de modo autoerótico (masturbação) lhes bastava, como no exemplo a seguir: *“Já tive a oportunidade de namorar com muitas garotas, porém sempre rejeitei, pois pra mim o prazer que eu estava tendo com a pornografia e masturbação já bastava pra mim.”* (lucasfsdf, D₁₈).

Antes de descrevermos mais detalhadamente os depoimentos, gostaríamos de discorrer a respeito de nossa compreensão sobre o que seriam os fenômenos da fantasia e do fetiche.

Comumente, a fantasia é entendida como “aquilo que não corresponde à realidade, mas que é fruto da imaginação” (Ferreira, 1999, p. 878). Entretanto, isso se torna complexo à medida que algo fantasioso é sentido pelo sujeito como algo real, ou seja, algum elemento do campo da fantasia que se torna verdadeiro/concreto para o sujeito. Na Psicanálise, essa noção é entendida como realidade psíquica. O motivo é que, para o sujeito do inconsciente, o que ele vivencia no campo de suas fantasias é de fato concreto para o seu psiquismo. Nas palavras de Laplanche e Pontalis (2001), essa seria uma “expressão utilizada... para designar aquilo que no psiquismo do sujeito apresenta uma coerência e uma resistência comparáveis às da realidade material” (p. 426).

Além disso, o “... conceito de fantasia é um recurso que propicia um entendimento bastante sutil e complexo do comportamento e dos sentimentos...” (Segal, 2005, p. 6), pois a fantasia atende a duas exigências: as pulsionais, originárias do id, e a realidade concreta; portanto, sua atuação se dá no limiar entre elas. Outra compreensão trazida por Freud

(1915/2004a) é a de que a fantasia poderia ser entendida como o retorno de elementos que em outro momento estavam recalcados, a fantasia permite que revivamos algo do passado, que em determinada época não foi compreendido, devidos aos mais variados motivos.

A partir de uma leitura da obra freudiana, Lourenço e Padovani (2013) consideram que as fantasias demonstram uma compreensão subjetiva a propósito da realidade dos eventos passados, que se organizam por meio de mecanismos defensivos e desejos do sujeito. A fantasia possui sua origem tanto na filogênese – história da espécie – como na ontogênese – história do sujeito –, em outras palavras, na hereditariedade e na infância. Assim, para os autores, a noção de fantasia inconsciente estaria relacionada a uma “... realidade dos fatos vista e interpretada conforme os recursos psíquicos e desejos do indivíduo” (Lourenço e Padovani, 2013, p. 323).

Ao pensarmos em desejos do sujeito e recursos psíquicos, perguntamo-nos qual seria o papel da fantasia no fetiche, mas, antes disso, explicaremos do que se trata esse fenômeno. Usualmente, o fetiche é entendido como “objeto animado ou inanimado, feito pelo homem ou produzido pela natureza, ao qual se atribui poder sobrenatural e se presta culto” (Ferreira, 1999, p. 896). Logo, a palavra “fetiche” se refere a algo adorado e enaltecido. Já o fetichismo é apresentado sob diversas formas; contudo, encontramos em um de seus significados que ele estaria relacionado a uma perversão, em que o sujeito venera algum objeto que representa alguém ou que suscita algum desejo sexual.

Freud (1905/1996e) afirma que a prática fetichista ocorre quando um objeto sexual normal (coito) é sobreposto por outro que não oferece recursos para a prática do alvo sexual. “O substituto do objeto sexual geralmente é uma parte do corpo... muito pouco apropriada para fins sexuais, ou então um objeto inanimado que mantém uma relação demonstrável com a pessoa a quem substitui, de preferência com a sexualidade dela” (p. 145). O autor afirma que existem casos em que os sujeitos, apesar de fazerem uso de objetos fetichistas, conseguem alcançar o alvo sexual. Entretanto, nos casos em que os sujeitos somente conseguem obter a satisfação por vias exclusivas, verifica-se certo nível patológico.

De acordo com Freud (1905/1996e), há tipos diferentes de fetichistas. Alguns somente conseguem chegar ao alvo sexual se existir um elo entre a supervalorização do objeto de fetiche e o sujeito envolvido na cena. Em outros casos, os sujeitos abdicam do alvo sexual, pois o objeto sexual não fornece as condições para que a satisfação seja atingida. Assim, a situação somente é patológica caso o desejo pelo objeto de fetiche seja fixado e ocupe o local do alvo sexual ou quando o fetiche se desvincula de um sujeito e se torna um objeto sexual exclusivo.

Em seu artigo *Fetichismo*, Freud (1927/1996k) considera que, após o estudo de alguns casos de fetiches, o objeto de fetiche seria análogo a um pênis específico. Nas palavras do autor, o “fetiche é um substituto para o pênis... não é um substituto para qualquer pênis ocasional, e sim para um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido” (p. 155). O autor acrescenta que esse “pênis” deveria ter sido renunciado; entretanto, o fetichista opta por mantê-lo. Assim, as práticas fetichistas demarcariam a transferência do suposto pênis materno para outro objeto, sendo o fetichismo uma relutância em compreender a castração feminina.

Com frequência, alguns sujeitos demonstram estranhamento no seu próprio consumo de pornografia, envolvendo transexuais e travestis, o que de certo modo, diante do exposto, remete-nos ao jogo erótico envolvendo o pênis: tê-lo ou não. Uma hipótese seria a de que o transexual, ou a travesti, remetesse o sujeito a uma situação de uma mulher portadora de um pênis que nunca o perdeu. Desse modo, ao assistir ao tipo de pornografia a que nos referimos aqui, o sujeito venera e se satisfaz fantasiosamente no corpo e na ideia de uma mulher que não é castrada e que demonstra a completude fantasiosa. Contudo, tal adoração geraria no sujeito dúvidas a respeito de sua própria orientação sexual, pois o sujeito confunde-se em relação à identidade de gênero de tal mulher, mas o que lhe amedronta é a presença do pênis, pois ela o coloca em uma espécie de confronto social a respeito de sua sexualidade.

Sempre gostei de mulheres, pelo menos desde a minha puberdade. Comecei a ver pornografia com 12 anos por volta disso. Eu só via lesbicas e hetero. Mas com o passar dos anos, depois de ver muita pornografia comecei a procurar novos estímulos, alguns nojentos, como pornografia scat [pornografia com excrementos], outros que vão contra minha sexualidade, como shemales. E a minha dúvida é a seguinte, será que alguma vez me vou deixar de interessar por isso? Ou vou ter de viver com desejos perturbadores na minha cabeça de travestis? Ou será que eu alguma vez me vou fartar de mulheres e procurar travestis? ... Eu nunca fui muito viciado em pornografia, logo não tem sido muito difícil evitá-la. Mesmo assim vi o suficiente para escalar meus gostos para generos pornograficos fora do comum. (marcolopes, D_{9c}).

Alguns depoentes revelam que encontraram na pornografia um objeto de satisfação tão intensa que lhes gerou exclusividade e fixação, de modo a conseguir satisfação apenas por meio do consumo, sem necessitar do alvo sexual de fato (o coito sexual). Como, “...me atolei mais e mais na P ... O interesse por mulheres na vida real já não era mais o mesmo. Fiquei cego perante aos inúmeros sinais e oportunidades que tive de ficar com várias mulheres”. (nofapwinner, D2),

A pornografia me jogou desde a adolescência num ciclo que é o seguinte: não busco experiências reais porque não tenho vontade e motivação e, além disso, tenho DE [Disfunção Erétil]=> Como tenho DE e não sinto vontade de ter experiências reais como uma mulher, fico na mesma, onde estou, com o xvídeos... Essa constatação joga por terra todo meu esforço, e eu volto para a pornografia e a masturbação obsessiva. Sinto que com a pornografia eu tenho algo que me dá satisfação e prazer. Sem ela eu me anulo, porque não consigo convencer uma louca a transar comigo! (Zé, D₁₃).

Sempre gostei de tocar baixo em bandas, andar de skate e parece que essas coisas não tem mais graça, pra mim PMO é a única coisa que está me satisfazendo, mas isso tudo é mentira, ilusão da minha cabeça, eu sei que é bom no momento, mas depois eu me sinto um lixo, mas mesmo assim eu volto a fazer de novo e não sei o pq... Eu namoro a 5 anos e amo minha namorada, ela é linda e transo com ela todos os finais de semana, mas parece que isso não me satisfaz. (sufista, D₂₆).

Eu tenho 35 anos e a pornografia e a fantasia sempre acompanharam minha vida sexual. Aos 12 anos fui apresentado à pornografia por um amigo antes mesmo de eu descobrir a masturbação. Adiquiri um hábito deste amigo: olhar e fantasiar para todas as mulheres. E assim começou minha adolescência. Dos 12 aos 18 anos eu tive uma vida afetiva e sexual frustrante. Não ficava com as meninas, não namorei. Perdi a virgindade com uma prostituta aos 15 anos e, talvez intimidado, tive dificuldade de ereção. Mas me masturbava MUITO, geralmente fantasiando no banheiro ou assistindo TV. Lembro que atrizes e Vjs da MTV me excitavam e eu me masturbava. Era todo dia! Aos sábados eu fazia plantão para assistir o Cine Privê. Me masturbava vendo os filmes, mas tentava segurar o orgasmo para o fim do filme. Até o fim eu me masturbava, sem orgasmo, vendo todas as atrizes.... Com o tempo a coisa foi melhorando e comecei a fazer sexo sem viagra, mesmo com ereção mais fraca. Muitas vezes pra gozar tinha que imaginar pornografia, senão, não gozava. Numa época, parecia que eu tinha voltado quase ao normal, mas semana passada tive umas baixas e às vezes transo tenso, com medo de falhar. Depois desses três meses de namoro (90 dias) e sem PMO (apesar de ter fantasiado P. algumas vezes pra conseguir gozar), eu me sinto melhor (Fabsjoia, D₂₉).

Ao analisarmos os depoimentos fica evidente o redirecionamento libidinal ocasionado pela pornografia e sua interferência na ereção masculina. Notamos que o objeto fetichista retira a libido da via que estaria à procura de seu alvo sexual e a conduz a pontos de fixação, sem os quais o sujeito se vê aniquilado.

Vale ressaltar que eu assistia porno mesmo namorando com ela (ela não sabia), e sim, cada vez minha libido ficava mais "seletiva", em busca de categorias mais específicas de pornografia. Sem elas não tinha ereção. Em janeiro de 2015, comecei a ficar com uma garota, porem não tinha ereção nenhuma ao beija-la. Também não sentia desejo sexual, vontade de me masturbar nem nada. Era como se não existisse libido (Azured, D₁₆).

O pornô era a solução mágica para escapar de um mundo de problemas infindáveis. Até que notei que o tempo que passava consumindo, o gênero e a qualidade das excitações não eram as mesmas. Lésbicas, fetiches de agressão\dominação, homossexualismo (não que eu tenha alguma coisa contra o homossexualismo, mas ele não está de acordo com minha orientação sexual)! As coisas absurdas que via não estavam de acordo com minhas preferências reais...

Aos poucos eu fui passando dos vídeos para as fantasias mentais no meu novo mundo de masturbador compulsivo. (Lion (Cassiano), D₁₇).

Outro depoente, Lee, revela que seu primeiro contato com a pornografia foi aos oito anos de idade. Narra que, aos catorze anos de idade, a pornografia estava internalizada em seu psiquismo e seus fetiches foram se ampliando em virtude da pornografia e por ter sido abusado pela mãe de sua namorada. Porém, ele não explicita esse delito cometido contra si como ponto central de seu consumo por escalas sexuais mais específicas e considera a pornografia como ponto determinante. Supomos que ele não tenha se debruçado mais profundamente sobre a questão por resistências em relatar um trauma vivenciado no passado. Entretanto, pelo fato do nosso objeto de estudo ser o vício pela pornografia, focalizaremos esse ponto, embora frisemos que, possivelmente, a tentativa do depoente em elaborar tal ato abusivo, pode ter ocorrido por meio da pornografia, pois esta oferece uma possibilidade de tradução a esses eventos de cunho traumático e de sobrecarga sexual.

Com 14 anos tive minha primeira namoradinha, o porno já estava instaurado na minha cabeça, já tínhamos um aparelho DVD em e um ARSENAL pornográfico completamente novo na estante, e foi quando aconteceu que, eu perdi minha virgindade, e foi nada mais nada menos que a mãe da minha namorada 30 anos mais velha que eu. foi ai que minha vida sexual deslanchou, tudo q aprendi dos meus 14 aos 16 com ela, foi algo realmente intenso e fantasioso. Foi então que a partir dai começaram os fetiches pesados unidos a vida sexual ativa ... eu já tinha transado com todo tipo de mulher(bonita, feia, gorda, magra, velhas, brancas, negras),o sexo já não me interessava com a mesma intensidade, pois ainda tinha contato com pornografia e através dela tinha os melhores e mais intensos orgasmos, e foi a partir desse período que entrei na pornografia "ESCROTA", buscava algo mais sujo e repulsivo possível (estupro, revenge[pornografia de vingança], bukake[pornografia com ejaculação direcionada ao rosto]) (Lee, D₂₄).

Fabsjoia discorre que, ao longo de sua vida, em decorrência do uso excessivo de pornografia, ele desenvolveu disfunção erétil quando estava em uma relação sexual real, não imaginária. Para que ele não passasse pelo constrangimento de não obter o desempenho esperado em relações de intimidade com garotas, ele recorreu a medicamentos com a função de manter a ereção. Contudo, para atingir o clímax sexual, ou orgasmo, sentia-se impelido em imaginar cenas pornográficas, isto é, não conseguia se desconectar da virtualidade para, de fato, vivenciar a cena sexual real.

Com o tempo a coisa foi melhorando e comecei a fazer sexo sem viagra, mesmo com ereção mais fraca. Muitas vezes pra gozar tinha que imaginar pornografia, senão, não gozava. Numa época, parecia que eu tinha voltado quase ao normal, mas semana passada tive umas baixas e às vezes transo tenso, com medo de falhar. Depois desses três meses de namoro (90 dias) e

sem PMO (apesar de ter fantasiado P. algumas vezes pra conseguir gozar), eu me sinto melhor (Fabsjoia, D₂₉).

Outro depoimento, de tiago_fernando, demonstra uma necessidade similar à exposta, o que nos faz suspeitar que a dessensibilização pelo alvo sexual (coito) se deve ao fato das parceiras reais serem desinteressantes aos sujeitos, cujo fetiche pela pornografia é duradouro e desvincula o sujeito de seu objeto amoroso.

Arrumei outra namoradinha, novinha e bonita, a primeira vez com ela também foi "meia bomba" mas creio que pelo nervosismo, depois foi normal e com ER [Ejaculação Retardada] como sempre, até que após uns anos a relação começou esfriar, ela já não gostava mais de transar a todo instante como todo adolescente, eu também não me importava, já que a PMO me dava mais prazer do que o sexo real, chegava ao cúmulo de ir com ela pro motel e ficar mais excitado com a idéia de ter a disposição o canal pornô na tv do que na transa com ela, varias vezes acontecia de dar uma meia boca com ela, e quando ela pegava no sono, eu colocava no canal porno e me masturbava, ai sim ficava satisfeito. Outras vezes quando dormia na casa dela de fim de semana, as vezes ficava agoniado, esperava ela dormir e mandava um PMO usando o pc dela mesmo (hoje escrevendo isso percebo como soa até ridículo) (tiago_fernando, D₂₈).

Nesse sentido, Sputnik reconhece que, para ele, as práticas sexuais convencionais, quando lhes eram solicitadas, geravam-lhe incômodo. Ele desejava que elas terminassem rapidamente para que conseguisse, de fato, encontrar satisfação e descarga por meio do consumo pornográfico.

Ainda nessa época, eu iniciava a minha vida profissional, e havia acabado de terminar meu curso na universidade. E também vivenciava as minhas primeiras experiências afetivas, com namoradas e fiantes. No entanto, o que realmente me excitava eram as imagens e vídeos pronográficos que a internet me apresentava, gratuitamente, no momento em que eu quisesse, a apenas alguns cliques de distância... Namorei algumas meninas nessa época, com meus vinte e poucos anos de idade, talvez 2 ou 3 meninas por um período mais ou menos longo, e me recordo que com todas elas havia a repetição de um comportamento sexual errático de minha parte, eu simplesmente não conseguia gozar, ejacular. Às vezes até broxava. Realmente não entedia o porque, já que nada disso ocorria quando eu estava à frente da tela do computador. Como eu poderia ter orgasmos tão delirantes assistindo pornografia na internet e quando havia uma menina real eu não chegava lá? Aos poucos, conforme os anos se passavam, esse sintoma aparecia com mais frequência e eu simplesmente fingia ter orgasmos, era como seu eu quisesse me livrar o mais rápido possível daquela situação real para entrar rapidamente no mundo virtual da pornografia. E quando a menina ia embora da minha casa, lá estava eu novamente na frente da tela do computador, e só então conseguia gozar (Sputnik, D₂₇).

Além disso, a pornografia também se mostrou como um ambiente que proporciona ao sujeito a exposição aos mais diversos conteúdos sexuais e fetichistas. O anseio em assistir às práticas fetichistas por vezes é desenvolvido ao longo da exposição constante às possibilidades de obtenção singulares e específicas de prazer.

A pornografia é diretamente relacionada com a masturbação, como sabemos... Mas com a chegada de um PC na minha casa e a descoberta dessa combinação perversa, posso dizer que foi o início do meu fim... Meu único interesse sempre foi estar em casa em frente ao meu lap top vegetando na internet. Hoje eu sou uma pessoa fria, não me sinto com dignidade pra demonstrar sentimentos, evito qualquer contato tanto com homem quanto com mulher a todo custo. Nos últimos três anos, posso dizer que o vício se intensificou de uma forma demoníaca, antes eu me satisfazia apenas vendo um vídeo sensual de um cara transando com uma garota, ejaculando e pronto. Eu sempre tive recaída por bunda como todo brasileiro... Mas nos últimos três anos posso dizer que essa "preferência" virou obsessão e eu passei a pesquisar incansavelmente os mais variados sítios dessas produtoras pornográficas que tangem essa parte das mulheres... Mas hoje não, sou impaciente e frenético eu só me satisfaço quando fico passando as melhores partes do vídeo, aquelas partes mais excitantes pra mim, em que essa parte do corpo delas fica mais destacada no ato sexual... Durmo e acordo pensando nisso, fantasio as minhas amigas do face, as atrizes da televisão, as garotas do meu whats. Tem dias que eu me masturbo até 3 vezes, sempre aquela masturbação curta e insatisfeita com único objetivo de sentir a sensação do clímax o que me torna uma espécie de "bola insaciável de luxúria" o dia inteiro (Paz, D₂₅).

Agora vamos ao que interessa. Tenho 29 anos e desde a infância eu tinha atração por mulheres fumantes e por pés femininos (esse fetiche por pés até que é bem comum no Brasil). Desde que comecei a me masturbar (aos 13) a maioria das vezes me masturbava com coisas relacionadas aos fetiches e isso piorou quando surgiu a internet banda larga, foi aí que realmente me viciei nesses fetiches. Eu conseguia levar uma vida sexual "normal", transei com algumas mulheres e depois namorei uma garota que satisfazia meus fetiches e quando terminamos foi aí que eu realmente me afundei na pornografia (relacionada aos fetiches) (Skid Row, D₁₄).

Pessoal estou lembrando que quando eu era viciado em pornografia já estava com uns fetiches muito bizarros, um exemplo disso é de um que tinha que consiste em o cara ficar deitado no chão de bruços e a mulher vir por trás dele e pisar em suas bolas literalmente, eles chama misso de CBT [método de tortura envolvendo o pênis e/ou testículos]. E isso me excitava muito e andei pensando o quanto eu estava maluco em ficar excitado com uma coisa doente dessas ... (Nerd, D₁₁).

Eu sei como é ter fetiches. eu tenho muitos, desde os simples até os bizarros. Exemplos: grávidas, travestis, urina, corno, zoofilia, pedofilia. e varias outras coisas... Eu fui desenvolvendo esses fetiches conforme me viciava mais em porno, porque antigamente eu nem imaginava que um dia iria sentir prazer vendo vídeos de travecos. até vídeos gays eu já vi, tudo pra conseguir mais variedade e mais prazer na pmo (Projeto renascimento, D_{14.1}).

Outros demonstram como a pornografia afetou diretamente seu desenvolvimento psicosssexual e seu objeto sexual, como o caso do Justiceiro do Sertão. Ele afirma que, a partir dos treze anos, iniciou o contato com a pornografia, sendo que desde então se tornou um “*um completo crápula, o tipo mais besta, mais irritante que pode haver*” (D₄) e desenvolveu fixação por adolescentes, pois fantasiava com suas amigas e colegas de classe. Fantasias estas que perduraram, aproximadamente, por nove anos.

... até as meninas da minha sala de aula, furtivamente naquelas funestas manhãs mesmo, me serviam (eis de onde desenvolvi fixação por adolescentes/ninfetas/debutantes, ...)... Perdi contatos, colegas, oportunidades de crescimento, de convívio (cheguei a ficar traumatizado por não ter sido convidado às festas, desenvolvendo uma tara doentia por debutantes), perdi tudo. Tudo... Cadê que aquelas imagens tristemente encantadoras me deixavam em paz? Era só pegar um livro que o cérebro me repelia e me infestava a mente de ninfetas de peles lisinha, de morenas latinas esculturais, de pezinhos de garotas (sempre fui louco), de forma que nada demorava a desabar novamente (Justiceiro do Sertão, D₄).

Em determinado momento do uso de pornografia, principalmente quando os sujeitos se depararam com disfunção erétil, declararam que as fantasias não mais lhe saciavam, mas que necessitavam buscar a especificidade e fixação no campo material, colocando-se em situação de risco para efetivar sua satisfação.

Como eu precisava ver se eu "funcionava", precisava saber se o problema não era minha ex-namorada e não eu, mas ao mesmo tempo eu tinha de novo a sensação de que não iria rolar, por isso eu nem me arriscava em pagar caro por uma acompanhante de luxo. O fato é que eu estava entrando na lógica da fantasia e da busca por novidades, que caracteriza nosso vício... Até que num dia de desespero e solidão eu procurei uma psicóloga. Mas durante o tratamento eu já estava usando níveis mais pesados de pornografia. Começar a ver vídeos gays ou de travestis foram a ante-sala da minha procura por travestis na vida real. Comecei a frequentar becos escuros e perigosos, correndo o risco de ser assaltado ou tomar uma navalhada... Uma das coisas mais gratificantes do reboot é que as fantasias e fetiche não vão sumindo. Sua sexualidade volta a se reconciliar com sua moral, você se sente limpo, honesto, sente que é o que sempre quis ser. Antes eu pensava: "só conseguirei namorar uma garota que aceite essas minhas fantasias pesadas". Hoje sei que posso namorar qualquer garota pois não sou mais escravo das fantasias (Magrao, D_{3a}).

Meu vício começou com masturbação, depois fui para vídeos pornográficos na internet até que chegou nas prostitutas (o espiral da degradação vocês já conhecem) ... O pior é que já estou em um estado bem avançado, as imaginações já saíram do campo da fantasia e estão invadindo a vida real. Estou ficando viciado em sexo extraconjugal, já transei com várias prostitutas, e quando chego em casa não consigo manter uma ereção satisfatória com a minha esposa. O peso na consciência é grande, estou em um ciclo de mentiras constante para manter a minha vida secreta (Salomao, D₇).

Outro caso evidencia a falta de controle em relação às fantasias, em que sujeitos transitam do consumo de modalidades pornográficas, cuja temática se refere ao abuso sexual, como o estupro, e o efetivam na realidade.

Logo em seguida, o repórter foi entrevistar ele. Ele contou que era viciado em pornografia das mais pesadas e que um dia caiu na besteira de sair de casa para pegar uma mulher, quando ele cometeu o primeiro estupro, voltou para casa, dormiu e no dia seguinte se arrependeu. Passaram-se alguns dias, e "como aquele caminho já havia sido aberto na mente" ele teve vontade novamente, e cometeu o segundo estupro, e voltou para casa e no outro dia se arrependeu. E assim foi por várias vezes. Ele relatava também, que não parecia

ser ele, parecia ser outra pessoa, que ele sabia o que estava fazendo, mas não tinha controle dele mesmo... Logo ao terminar a reportagem, eu me senti completamente mal. Ao assistir e ouvir o relato daquele homem, não consegui ver muita diferença entre mim e ele. Aquele homem estava afundado na pornografia, estava indo a níveis mais baixos à procura de maior satisfação... A nossa sociedade precisa acordar, tirar essa venda da libertinagem, onde tudo é bom, tudo é liberado, tudo deve ser feito conforme mandar a sua vontade. E começar a conscientizar as pessoas que não se deve fazer tudo o que sua alma pede (a pornografia desperta os níveis mais baixo do ser humano) (matheus750, D₈, negritos do depoente).

A partir do exposto, notamos que os sujeitos se sentem escravos das fantasias que medeiam as práticas fetichistas, pois elas invadem seu psiquismo de modo a causar confusão e conflito aos depoentes. O que de fato nos preocupa é o sofrimento gerado pela exclusividade em se excitar e encontrar a satisfação. Nesse sentido, compreendemos que a pornografia revive o polimórfico perverso (Freud, 1905/1996e), que estava recalcado. O avivamento dessa situação é doloroso ao sujeito, visto que promove o conflito entre as instâncias morais e as do desejo.

Segundo as palavras de Magrao,

Uma das coisas mais gratificantes do reboot é que as fantasias e fetiches vão sumindo. Sua sexualidade volta a se reconciliar com sua moral, você se sente limpo, honesto, sente que é o que sempre quis ser. Antes eu pensava: "só conseguirei namorar uma garota que aceite essas minhas fantasias pesadas". Hoje sei que posso namorar qualquer garota pois não sou mais escravo das fantasias. (Magrao, D_{3a}).

Assim, em face do exposto, é notório que os sujeitos somente se sentem capazes de manter sua vida quando esses elementos primitivos que estavam recalcados retornam ao seu lugar originário, isto é, quando o polimórfico perverso se torna menos conflitivo, deixando que a libido seja conduzida ao alvo sexual original.

5.4.A adicção e seus sintomas: a espiral da degradação

Antes de descrevermos o proposto para este eixo temático, gostaríamos de pontuar que obtivemos dificuldade, ao longo desta pesquisa, em definir o que estamos considerando como adicção/vício em pornografia. Por esse motivo, compreendemos o fenômeno a partir da afetação ocasionada pelo objeto na vida dos sujeitos que a consomem. O que é concordante aos dizeres de Loeck (2006) sobre o vício e a dependência. Nas palavras do autor:

Há a evidência também de que alguns usuários adquirem ou desenvolvem a dependência pela substância que consomem, ou seja, suas vidas passam a ser norteadas a partir do consumo de drogas. É um quadro de difícil definição o do vício ou da dependência, mas aqui será

considerado que se efetiva na dimensão totalizante que o consumo de drogas passa a ter na vida dos indivíduos (p. 6).

Loeck (2006), a partir de seus estudos com usuários de drogas, enfatiza que estão sujeitos diretamente à estigmatização e, no caso, o usuário de pornografia também está, na medida em que esse hábito também é condenável socialmente. Entendemos que a falta de conhecimento a respeito do vício em drogas, ou em pornografia, resulta em demonização do objeto, ou situação, que causa dependência. Com o propósito de explorar o nosso objeto de estudo, destacamos a sintomatologia ocasionada por seu uso.

Embora nosso intuito seja o de expor a sintomatologia presente no vício em pornografia, temos de cuidar para não constituirmos uma “demonização” (Loeck, 2006, p.3) a seu despeito, visto que, como afirma o autor (2006), ao atribuímos somente malignidades ao objeto, também estaremos destinando-as aos sujeitos que as utilizam.

No eixo temático anterior, demonstramos que a pornografia poderia ser entendida por seu caráter fetichista. Já no presente eixo temático buscamos evidenciar a pornografia a partir do viés da adicção e mostrar, por meio dos depoimentos, quais seriam os sintomas físicos, psicológicos e sociais ocasionados pelo seu uso contínuo.

Alguns depoentes escrevem diretamente que o uso da pornografia se assemelha ao uso de drogas, em que o contato se inicia a partir do consumo de drogas consideradas leves – álcool e nicotina – e migram para outras mais intensas – crack e cocaína. No caso da pornografia, os sujeitos revelam que abdicaram de uma pornografia tradicional e admissível (*softcore*) para outras pesadas (*hardcore*) e ilegais (estupro e pedofilia).

Assim, este eixo se propõe a discutir os sintomas e a necessidade do sujeito viciado em pornografia de consumir cada vez mais elementos considerados danosos, que interferem em sua constituição e que leva, de fato, à sua degradação.

No geral, os depoentes consideram que o uso constante e imoderado de pornografia gera sintomas, como: desmotivação em desempenhar atividades cotidianas, procrastinação das tarefas, depressão, isolamento social, ansiedade, pensamentos suicidas, agressividade, irritabilidade, insônia, negligência na alimentação com alteração de peso (uns afirmam terem engordado, ao passo que outros emagreceram), dessensibilização peniana, disfunção erétil, ejaculação retardada, abaixamento da libido e imaturidade (principalmente na etapa da adolescência). Nas palavras dos depoentes,

Desmotivação, mito na procrastinação, apatia, falta de energia, isolamento social, estava muito antissocial mesmo! Desenvolvi fobia social/ surto de panico e ansiedade! Ficava com

medo de me envolver com as mulheres (coisa que não tinha antes de me viciar em P), medo de conhecer gente, etc. Me isolei na merda, depressivo, com pensamentos suicidas, fiquei altamente solitário, agressivo, com insônia, me alimentando mal, fiquei magro, abaixo do peso, peguei pesado na P e nas bebidas e nos cigarros. Me ferrei nos estudos. E me atolei mais e mais na P. - Me ocorreu uma dessensibilização no pênis. Comecei a ter ejaculamento retardado e princípio de disfunção erétil. - O interesse por mulheres na vida real já não era mais o mesmo. Fiquei cego perante aos inúmeros sinais e oportunidades que tive de ficar com várias mulheres. Enfim, uma vida desgraçada que não desejo para ninguém! Eu sei que todos esses sintomas não foram causados diretamente pela P. Mas a P aumentou absurdamente os efeitos dessas coisas. Diria que o envolvimento social e a parte relacionada a sexualidade foram as mais afetadas (nofapwinner, D₂).

Amigos, espero que o relato abaixo sirva como estímulo a quem está afundado no vício e nas suas consequências: solidão, dúvidas e falta de expectativa para com a vida... Nem sonhava que já estava sofrendo de disfunção erétil induzida pela pornografia e de ejaculação retardada. Saía o pesadelo de não conseguir transar, entrava o pesadelo de não sentir prazer com o sexo. Daí para a frente eu sucumbiria lentamente a uma degradação que me fez correr n riscos e perder uns 7 anos mais... Nisso minha vida foi afundando em solidão, em busca de qualquer prazer, como um viciado em drogas. Então comecei a ir atrás daquelas prostitutas baratas que anunciam em jornal. Como eu precisava ver se eu "funcionava", precisava saber se o problema não era minha ex-namorada e não eu, mas ao mesmo tempo eu tinha de novo a sensação de que não iria rolar, por isso eu nem me arriscava em pagar caro por uma acompanhante de luxo. O fato é que eu estava entrando na lógica da fantasia e da busca por novidades, que caracteriza nosso vício. E por fim, eu falhava na hora de transar com as garotas de programa. A sensação se tornava certeza e minha vontade era não querer saber mais sobre o assunto sexo, extirpar esse tema da minha vida... Fui perdendo todos os amigos, restando apenas dois, que me aturavam com uma paciência gigantesca já que eu era um poço de estresse, ansiedade e irritabilidade. Nisso comecei a me aprofundar no mundo da pornografia... Além disso hoje eu consigo realizar projetos e a procrastinação diminuiu tremendamente. Antes qualquer coisa era um problema gigante sobre o qual eu ficava pensando e pensando. Agora, quando vou ver já estou agindo e em pouco tempo resolvi a coisa... A pornografia é que lhe retira as cores e transforma a vida em algumas tristes e pobres dezenas de tons de cinza... Estou muito feliz e é uma felicidade serena. Já conheci e revisitei (com minha recaída) o inferno e não tenho mais curiosidade sobre como ele é (Magrao, D_{3a})

... como sabemos graças aos recentes estudos sobre o vício em pornografia, o cérebro de um viciado está dessensibilizado a velhos estímulos e está sempre à procura de novidades... Completamente descontrolado, fui caindo para gêneros mais pesados até o ponto em que o sexo virou o centro da minha vida. Nem preciso dizer que as outras áreas como emprego, trabalho e dinheiro, estavam completamente desestabilizadas. E o desleixo para comigo mesmo era digno de um viciado. Só que no meu caso, passava o dia inteiro trancado no meu quarto vendo pornografia ou dormindo. Mas o fundo do poço mesmo foi quando começou a DE (Disfunção Erétil). Com apenas vinte e poucos anos eu não conseguia mais ter ereções com as minhas parceiras. Eram garotas lindas mas na hora H, eu falhava. No começo pensei que era falta de exercícios físicos, excesso de refrigerante, ansiedade, medo de falhar ou até mesmo apego ao meu ultimo relacionamento ou algum problema com as meninas. Quando chegou a um ponto em que eu não conseguia me excitar nem com pornografia foi quando bateu um desespero... - Mal humor e irritação comigo mesmo e com as outras pessoas. - Falta de foco, procrastinação e perda de tempo. - Muito sono e preguiça. - Muita vergonha e culpa. - Fraqueza física (pernas bambas, voz fraca, pele suja e desleixo pela aparência) (Projeto, D_{5b}).

Em 2008, graças a Deus e após muito esforço, fui aprovado num concurso público, e comecei a trabalhar em 2010. À essa altura, já eram nítidos os efeitos que a pornografia e o hercúleo esforço para omitir isso das pessoas ao meu redor desencadearam em mim. Comecei a notar a queda de rendimento no trabalho, a dificuldade de concentração nos estudos e nas demais atividades, a tendência ao isolamento, a ansiedade, a queda drástica da libido, entre outras mazelas que me acometeram (M. Mystère, D₆).

O que eu já senti e sinto durante todo esse tempo de vício, ou seja, algumas sequelas: depressão, pensamentos suicidas, sem vontade de tomar banho e escovar os dentes, dores nas articulações, dor quando tomo banho e sinto a água gelada, desânimo, falta de produção no trabalho e motivação, medo de assumir responsabilidades, complexo de inferioridade devido ao tamanho do meu pênis ..., medo das mulheres, timidez, vontade de ficar em casa direto e deitado, solidão, vontade de ficar só no escuro, falta de concentração intensa, sem vontade nenhuma de estudar, sem sonhos e sem planos, falta de sensibilidade, humor alterado, compulsão por comidas - era jogador de futebol e hoje estou com mais de 120 kg, memória um pouco debilitada, achar que eu nunca vou ser feliz de verdade, medo de urinar em banheiros públicos por conta da vergonha, pensamentos repetitivos e de derrotas, enfim (vencedoremcristo, D₂₃).

A procrastinação faz parte da minha vida em tudo, sinto aquela preguiça desgraçada e uma falta de vontade de fazer as coisas. Só quero saber de ficar sozinho, e quando isso acontece, lá estou eu vendo pornografia no meu celular... Já perdi o controle, não consigo parar, já tentei algumas vezes, geralmente quando estou trabalhando muito, até consigo ficar alguns dias sem, mais são no máximo uns 3 dias. Agora realmente vejo que estou me afundando. Não cuido de mim direito, não trato bem meus familiares, estou muito explosivo e sem paciência, não consigo me concentrar direito, não tenho motivação para nada e a procrastinação toma conta do meu ser. (Alexandre, D₃₀).

Os depoentes avaliam que o excesso de pornografia, no período da adolescência, fez com que eles tivessem sérias alterações comportamentais. Essas mudanças não foram relatadas como positivas, mas como infortunas e penosas, suscitando quadros de extrema imaturidade na convivência do púbere com seu meio social.

Minhas notas a partir de então desmoronaram e me tornei um completo crápula, o tipo mais besta, mais irritante que pode haver (para vocês verem como a pornografia, inclusive, torna o adolescente imaturo ao extremo)... Perdi contatos, colegas, oportunidades de crescimento, de convívio ... perdi tudo. Tudo. No final de 2007, precariamente comecei a me dar conta de minha situação, o que veio sob a forma de um amadurecimento repentino, violentíssimo choque de realidade que me colocou em dois anos de depressão, a qual só cessou depois que voltei atrás da decisão extrema de cometer suicídio e jurei a mim mesmo nunca mais consumir PMO e só me matar de estudar (Justiceiro do Sertão, D₄).

No início sentia vergonha ao procurar fotos pornô e só via fotos de mulheres peladas e nada mais. No decorrer do processo, fui escalando para gêneros cada vez mais pesados de pornografia. Com 14 anos já tinha visto de tudo um pouco e perdi completamente o respeito por mim mesmo. Fui um “adolescente problema” e na época atribui isso a minha idade e as questões pessoais e familiares, mas hoje não tenho dúvidas de que a pornografia foi uma influência fundamental nesse processo. Minhas notas pioraram, meus relacionamentos

afetivos eram ridículos e eu me tornei uma pessoa cruel... Achei que seria fácil parar, e nem suspeitava que a tarefa seria praticamente impossível... (Projeto, D_{5b}).

Uma das principais características de um adicto é justamente o hábito e o ritual envolvido na utilização de uma droga. Por exemplo, a partir do momento em que um fumante estabelece que após alguma refeição ele fumará um cigarro, se assim não fizer, ele sente que seu dia não foi proveitoso e se angustia quando essa etapa lhe é negada ou impossibilitada. O mesmo ocorre com o dependente de pornografia, que cria horários e momentos para que obtenha sua satisfação.

Na maior parte dos depoimentos, verificamos que os sujeitos criam rituais para usar a pornografia. O período de uso que se destaca é o noturno, ou na madrugada, antes de dormir, após os familiares se recolherem em seus aposentos. Evidenciamos que esse momento escolhido, coincidentemente, é uma circunstância em que os sujeitos estão longe do olhar social.

O que era rotineiro, tornou-se uma obsessão. A princípio, trancava-me no quarto e tirava inúmeras fotos com meu celular, para que pudesse me masturbar logo em seguida. Isso ocorria várias vezes por semana, o mesmo ritual, ano após ano. Nos anos posteriores, com a explosão dos sítios de vídeos pornográficos, passei a baixar cada vez mais material, a ponto de abarrotar uma pasta — oculta, claro — em meu notebook. Nessa última fase, nos últimos três, quatro anos, não mais baixava conteúdos, mas utilizava um tablet para satisfazer o terrível e voraz dragão que habitava em mim. E assim, passaram-se 10, 12 anos de minha vida, escoados pelo ralo (M. Mystère, D₆).

No início do uso da substância, o usuário a esconde dos demais, principalmente de seus familiares. Com a pornografia ocorre o mesmo, sendo que é comum entre os viciados em pornografia manterem uma pasta oculta em seu computador ou armazenarem os dados pornográficos em um HD externo.

Faz-se notório o paralelo entre a drogadição e o vício pela pornografia, na medida em que os sujeitos se expõem a situações perigosas para consumir o objeto de satisfação. Os usuários de substâncias químicas, por exemplo, recorrem a becos, ruas escuras, e se relacionam com pessoas envolvidas em um comércio ilegal para obter a droga. Em contrapartida, alguns usuários da pornografia também se colocam em situações semelhantes. M. Mystère, por exemplo, relatou ter chegado à loucura, ao assistir à pornografia durante o trabalho e ao dirigir: *“O maldito hábito era crescente e chegava às raias da loucura. Quantas vezes não assisti a vídeos pornográficos no trabalho ou mesmo cheguei a dirigir assistindo a um vídeo pornográfico pelo meu celular!”* (M. Mystère, D₆).

Nesse sentido, outro personagem nos traz a informação de que, a partir do momento em que estava dessensibilizado devido ao uso da pornografia, passou a buscar sua realização sexual no relacionamento com prostitutas, pois lhe trazia novos estímulos.

O pior é que já estou em um estado bem avançado, as imaginações já saíram do campo da fantasia e estão invadindo a vida real. Estou ficando viciado em sexo extraconjugal, já transei com várias prostitutas, e quando chego em casa não consigo manter uma ereção satisfatória com a minha esposa. O peso na consciência é grande, estou em um ciclo de mentiras constante para manter a minha vida secreta. (Salomao, D₇).

Embora tal trecho não elucide uma situação perigosa, implicitamente, observamos que as fantasias envolvidas no processo de sentir prazer deixam de permear esse estado e passam a atuar no concreto. Ou seja, os sujeitos passam da passividade à atividade na busca de novas sensações e estímulos, que podem ou não caminhar rumo a algum ato criminoso. Como foi o caso de Matheus750, que afirmou que um sujeito viciado em pornografia chegou a estuprar mulheres, devido ao seu vício, sendo que ele próprio já havia desejado realizar tal delito. Nas suas palavras:

Com o passar do tempo em que eu estava preso a esse vício da P, eu percebia o quanto eu conseguia olhar para uma mulher na rua a ponto de desejá-la e me imaginar tendo relações sexuais com ela. Acontecia de repente, quando eu percebi, eu já estava vidrado olhando para aquela mulher e imaginando coisas, principalmente com aquelas que tinham uma saias bem curtinhas, já imaginava levantando aquilo e, não preciso dar detalhes, não me orgulho disso, e acho que deu para entender (Matheus750, D₈).

E ele conclui dizendo:

A questão que quero deixar aqui é, ao meu ver, a P está diretamente ligada a maioria dos casos de violência e estupro de mulheres. É notável como a P pode mudar a cabeça de um homem como mudou a minha, imagina só em alguém com distúrbios mentais ou problemas pessoais onde a pessoa acredita não ter nada a perder (Matheus750, D₈).

Diante dessas pontuações, verificamos que alguns sujeitos transpõem o aspecto fantasioso para o concreto para obter a satisfação e outros continuam a descarregar tensões por intermédio das fantasias sexuais. Alguns leitores podem supor que os adictos que buscam a efetivação de suas fantasias na realidade apresentam uma sexualidade mais organizada ou amadurecida diante dos que optam pela atitude autoerótica; entretanto, não realizar essa passagem do imaginário ao concreto não quer dizer que o sujeito que busque efetivar sua fantasia no campo real esteja mais estruturado psiquicamente do que o sujeito que não

consiga. Isso porque ambas as condutas são formas de manifestação da adicção em pornografia e, apesar de existirem alguns sintomas comuns entre os sujeitos, há particularidades na sua expressão.

Além de se exporem a perigos, alguns depoentes contam que seu vício em pornografia chegou a tamanha intensidade que procuraram pornografia mais pesadas, ou seja, repudiadas socialmente, para excitar-se: *“De início, apenas me interessava por pornografia leve, mas com o tempo isso já não bastava, e fui aos poucos mergulhando mais e mais fundo nesse mundo tão excitante e solitário ao mesmo tempo”* (Sputnik, D₂₇).

Sputnik segue afirmando que o vício em pornografia não possui características evidentes, o que resultou em seu total desequilíbrio, principalmente por ser uma atitude considerada comum. No caso de marcolopes, ele afirma que, após ter se dessensibilizado em assistir à pornografia convencional, iniciou a busca por novos estímulos sexuais, como a pornografia *scat* (com fezes e excrementos) e a com *shemale* (travesti ou transexual): *“Mas com o passar dos anos, depois de ver muita pornografia comecei a procurar novos estímulos, alguns nojentos, como pornografia scat, outros que vão contra minha sexualidade, como shemales”*. (marcolopes, D_{9c}).

Análogo ao depoimento acima, Over também relata ter sofrido na transição de material pornográfico:

Comecei com a pornografia aos 14 anos e ao decorrer do tempo algumas categorias de p não me satisfazia mais. Por este motivo acabava migrando para categorias mais pesadas, até o ponto que comecei a ter desejo por uma categoria sexual que não corresponde a minha orientação sexual: shemale (travesti) (Over, D₁₀).

O crescimento na escala da procura pelos mais variados estímulos sexuais ocasiona tanto sofrimento que alguns usuários consomem conteúdos que abrangem práticas canibais. Parece-nos que esses sujeitos não devoram a pornografia, mas que de alguma forma se sentem devorados por ela.

Sou hétero, mas já busquei de tudo na internet...comecei por sexo convencional, orgias, depois parti pra P gay, canibalismo, teens... Não quero mais ser escravo... Já saí com mulheres e falhei na hora H, e hoje sei com 100% de certeza que foi por causa da maldita P (doidan, D₂₂).

De qualquer modo, compreendemos que as escalas de categorias pornográficas resultam sempre em algum estímulo considerado “*cada vez mais intenso*”. Essa intensidade é trazida pelos depoentes como sendo alguma produção de má qualidade, imoral ou desonesta.

... o sexo já não me interessava com a mesma intensidade, pois ainda tinha contato com pornografia e através dela tinha os melhores e mais intensos orgasmos, e foi a partir desse período que entrei na pornografia "ESCROTA", buscava algo mais sujo e repulsivo possível (estupro, revenge [pornografia de vingança], bukake [com ejaculação])... nada mais importava, comecei a ver pornografia das mais repugnantes que vocês possam imaginar, TODOS OS TIPOS, me masturbava o dia todo e chorava a noite toda, saía com amigos conhecia garotas, e toda vez que levava alguma garota pra casa eu brochava, inventava mil e uma desculpas para as garotas, para mim aquilo estava acontecendo porque eu ainda amava minha ex namorada e nunca conseguiria esquece-la, entrei em depressão profunda, foi então que meio q me veio um estalo, pois nessa época eu estava me masturbando demais vendo videos cuckold [assistir a(o) parceira(o) sexual transando com outra pessoa], que era uma coisa antes que eu nunca tinha me interessado (Lee, D₂₄).

Já está difícil sentir tesão, de tanta pornografia que eu já vi em toda a minha vida, atualmente passo muito tempo até encontrar uma imagem ou vídeo que me atraia. Cheguei ao ponto de me excitar agora somente com videos de troca de casais. É humilhante mais atualmente o que mais me excita é ver videos de CUCKOLD, ou seja, aqueles videos onde o marido filma sua mulher transando com outro ou outros caras (Alexandre, D₃₀).

Vencedoremcristo nos informa que, no momento em que deixou de utilizar a pornografia, entrou em um quadro de abstinência. É comumente sabido que ao deixar de consumir um entorpecente, o dependente químico ingressa em uma espécie de síndrome sintomática, ocasionada pela interrupção na administração da substância no organismo. No abuso de pornografia, o descrito não é diferente:

Conseguí ficar uns 70 dias sem o vício, porém eu não entendia o porque de eu sentir tanta coisa na abstinência, mas vocês abriram meus olhos e agora posso entender que o que sinto é fruto da abstinência, tipo mal humor, sonhos eróticos, tratar mal as pessoas que mais amo, desânimo, vontade de me masturbar assim que acordo, dentre outras coisas (vencedoremcristo, D₂₃)

Assim, da mesma forma que um dependente químico, o viciado em pornografia também apresenta abstinência e pensamentos repetitivos para reincidir no vício. Lee também assinalou:

Bati de frente com o vicio e não esperava o que estava por vir, nao conseguia passar 2 dias sem me masturbar, ficava criando mentiras na minha cabeça do tipo "a só uma hoje e depois eu paro", "a eu bati ontem mesmo entao nao perdi nenhum dia, nao custa bater uma hoje, ai amanha eu paro" e isso durante um bom tempo (Lee, D₂₄)

Além de tudo, o usuário demonstrou a dificuldade em abdicar do objeto de satisfação, sendo que as recaídas são frequentes: “Acabei recaindo, fiquei mal mais voltei com meu objetivo, e foi ontem depois de 7 dias sem PMO, acabei recaindo denovo, meu mundo desmoronou e aqui estou” (Lee, D₂₄).

O depoimento de sufista nos chamou a atenção pelo fato do sujeito fazer uso de pornografia, masturbação e orgasmo, juntamente ao uso de cocaína, sendo que, em um comparativo entre ambos os vícios, apontou que a pornografia seria o pior deles.

Hoje eu estou em uma situação que me envergonha muito. Me sinto sujo e completamente arrependido por todo esse tempo perdido que pratiquei PMO. O pior de tudo, é que eu estou praticando PMO com cocaína. Isso me faz ter dois problemas que quero me livrar, mas eu sei que o problema mais grave é o PMO, isso que me leva a querer usar cocaína... O meu motivo pra querer parar com esse vício, é que está me atrapalhando na vida profissional. Eu me sinto completamente paranóico quando estou na presença de líderes, e fico achando que eles sabem do meu problema, que eles sabem que eu pratico PMO e que uso cocaína. O problema é que eu fico vermelho, não sei o que falar nem como agir... Às vezes eu pratico PMO sem o uso de drogas. Ontem por exemplo eu pratiquei PMO e a última vez que eu usei drogas foi a uma semana. Eu não consigo ficar um dia sem PMO. Às vezes eu penso comigo mesmo que isso não é necessário, mas algo no meu cérebro me fala pra eu ir praticar pq vai me aliviar e eu vou ficar mais tranquilo, mas não é isso que acontece, sempre que termina eu fico com sentimento de arrependimento e depressão. (sufista, D₂₆).

Assim, percebemos que tanto a droga (substância) quanto a pornografia são procuradas quando o sujeito se encontra diante de algum acontecimento em sua vida que lhe faça entrar em contato com a frustração, ou seja, quando encontra algum impeditivo para obter satisfação. Como citamos anteriormente, Freud (1930/1996b) discorre sobre os objetos substitutivos. Nesse sentido, o sujeito viciado em pornografia a procuraria como um modo de experimentar o prazer em uma tentativa de amortecer os impactos da frustração e da ansiedade gerada (vergonha, arrependimento ou culpa). A procura pelo prazer e pelo alívio da tensão, no caso dos depoentes, evidencia-se pela compulsão no abaixamento de suas tensões. Citamos, como exemplos, os depoimentos que seguem:

Percebo que as fantasias retornam quando alguma expectativa minha é frustrada. É como se as fantasias (masturbação e pornografia) fossem a minha cocaína, a minha fuga da realidade (e suas eventuais frustrações). Não posso viver a vida real só quando ela é bela, tenho de vivê-la também quando ela é amarga, difícil e dura, vivê-la por inteiro. Porque o vício não é vida real, é fuga da realidade. E também porque senão na primeira frustração mais forte eu posso retornar ao vício, que é o que já me aconteceu (Magrao, D_{12a}).

Mas no fim das contas sei que a PMO atravessou tudo isso. Foi um anestésico à auto-estima baixa desde o início da adolescência (poderia fantasiar com a PMO coisas que não vivia na

realidade. dificuldade com mulheres e tal...), meus medos de falhar e não ser bom o bastante e etc. A PMO virou válvula de escape para qualquer frustração. Por fim, ela virou motivo de tormento na pior fase da minha vida, dado que minh ex usava a minha PMO como justificativa pra dizer que eu era o maior lixo humano da TERRA (Fabsjoia, D₂₉).

... o trabalho começou a ser estressante, e como eu só trabalhava, chegava em casa e ficava no ócio, a PMO ficou mais frequente por causa do trabalho, era assim que eu aliviava a tensão... em 2012 a coisa já estava mais tensa... a PMO era bem frequente de 4 a 5 vezes por dia... comecei a ir a igreja e consegui ficar 1 mês sem PMO, e também recebi a notícia que esse conhecido tinha saído da prisão... ele ficou só 3 meses lá pois ele era uma boa pessoa só que a curiosidade o levou longe de mais... enfim estava confiante, só que infelizmente vacilei e acabei caindo na PMO.. eu não entendia muito bem o vício em pornô... e aquele culpa como se fosse um meteoro caía na minha cabeça... mesmo assim eu não desisti... ficava 1 semana sem PMO, aí caía de novo, depois mais uma semana sem PMO, caía de novo... chegou um momento que eu já estava de saco cheio pois não conseguia me livrar disso e acabei desistindo... e nesse meio tempo (2013) eu arrumei um novo emprego... e a frequência da PMO só aumentando... isso me atrapalhou de mais no trabalho... até que foi demitido em 2014 por falta de produtividade, pois não conseguia trabalhar direito, ficava com uma ansiedade monstra e também só ficava com sono pois meu horário estava começando a ficar descontrolado... me tornei uma pessoa fria, chata, e extremamente crítica a tudo... De meados de 2014 até semana passada as coisas ficaram complicadas... pois eu só ficava em casa, acabei engordando (chegando aos 120Kg) por causa da vida sedentária que estava levando, já não ligava tanto pra higiene pessoal, as vezes ficava sem escovar os dentes por um ou dois dias... sono totalmente descontrolado... acordava as 11:00, 12:00 e dormia as 02:00, 03:00 da madrugada depois de várias sessões de PMO. (Luxord, D₂₁).

Igualmente ao exposto no capítulo sobre a adicção, percebemos que, independente do objeto-droga, o sujeito se sente impelido por sua ansiedade a encontrar qualquer forma de alívio e de prazer. A essa fuga persistente para o consumo do objeto dá-se o nome de obsessão, que é caracterizada por um conjunto de pensamentos que se repetem no psiquismo do sujeito (Ferreira, 1999). A fim de elucidar o dito, recorreremos aos dizeres de Paz:

Virei um procrastinador voraz, eu não me respeito. Nos ultimos tres anos, posso dizer que o vicio se intensificou de uma forma demoniaca, antes eu me satisfazia apenas vendo um video sensual de um cara transando com uma garota, ejaculando e pronto. Eu sempre tive recaída por bunda como todo brasileiro, na epoca do colegio nunca perdia a oportunidade de falar da bunda das minhas amigas e elas gostavam. Mas nos ultimos tres anos posso dizer que essa "preferencia" virou obsessão... (Paz, D₂₅).

Em todos os depoimentos apresentados, a pornografia se apresentou como um recurso procurado para alívio de tensão e busca por satisfação, cujos efeitos fisiológicos, psicológicos e sociais são nocivos para o sujeito. A repetição envolvida no uso da pornografia, com o passar do tempo, pode levá-lo ao isolamento, à depressão, à obesidade, à disfunção erétil etc. Portanto, concluímos que o uso da pornografia pode ser equiparado ao uso de substâncias químicas, desde que respeitadas as suas particularidades como objeto.

5.5.A (in)capacidade de amar

Iniciamos a apresentação do presente eixo temático trazendo um questionamento de Freud (1930/1996b) a respeito do que seria necessário para se obter a felicidade. Segundo o autor, para ser feliz, o sujeito deve ser capaz de amar e trabalhar, sendo que ambos os aspectos se encontram comprometidos quando há o vício em pornografia. Vale destacar que este eixo temático foi desmembrado do anterior, que descrevia os sintomas originários do uso abusivo de pornografia. O motivo se deve ao fato de que identificamos nos depoimentos uma grande frequência de menções ao amor, seja com relação à incapacidade de amar o próximo, seja no que se refere ao amor a si mesmo.

Primeiramente, para contextualizar nossa concepção do que seria o amor, resgatamos algumas breves designações encontradas na obra freudiana. Em 1914, no texto *A guisa de introdução ao narcisismo*, a ideia de amor nos é apresentada por meio da noção de narcisismo secundário, em que, resumidamente, o sujeito direcionaria a sua libido para um determinado objeto e esse investimento retornaria ao sujeito (Freud, 1914/2004c). Nas palavras de Laplanche e Pontalis (2001), “narcisismo secundário designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetivos” (p. 290). Contudo, essa relação libidinal iria além do autoerotismo, já que, embora o amor seja ligado à idealização e à projeção do sujeito em encontrar a satisfação sentida na infância com seus cuidadores, trata-se, de fato, de outro sujeito desprovido de interdições sociais, ou seja, um objeto que o sujeito pode amar sem que ocorra um parricídio ou incesto⁷.

Outra compreensão possível levantada na obra de Freud (1924/1996l) nos leva a supor que o amor e a felicidade corresponderiam ao sentimento de completude do ser, pois a castração nos situa em uma espécie de perda do sentimento de satisfação única, vivenciado na tenra infância, na relação com nossos cuidadores (geralmente mãe/pai), sendo que o sujeito aspira por retornar a esse estado. A esse sentimento de busca por satisfação e de completude dá-se o nome de desejo. Já em 1930, Freud (1930/1996b) nos leva a supor que o amor poderia ser entendido a partir da procura constante por felicidade e no universo fantasioso criado por essa procura, pois o sujeito nessa investigação cria recursos para lidar com sua própria infelicidade.

⁷ Segundo Ferreira (1999), os termos parricídio e incesto correspondem, respectivamente, ao ato de um sujeito assassinar quem exerça em sua vida uma figura parental ou qualquer dos ascendentes e o incesto estaria relacionado à “união sexual ilícita entre parentes consanguíneos, afins ou adotivos” (p. 1092).

Diante dessas pontuações a respeito dos elementos que compõem o amor, acrescentamos que Amaro (2006) o define como atitudes de "... tolerância, humildade, gratidão, generosidade, noção de limites (um não à onipotência); capacidade de ser continente da criança que existe dentro de cada um..." (p. 338).

Assim, após esses breves apontamentos teóricos, demonstraremos que a capacidade de amar dos sujeitos viciados em pornografia está deteriorada, pois eles não conseguem se desprender do autoerotismo, que culmina em seu próprio aniquilamento.

O título fornecido a esse eixo temático se baseou no discurso de alguns depoentes, que revelam que a pornografia influencia diretamente na perda da libido e na capacidade de desenvolver e expressar sentimentos. Iniciaremos a exposição dos trechos, com o depoimento de Bereta, de trinta e quatro anos:

... mas ainda assim essa desgraça me arreventou... nunca consegui amar profundamente as namoradas que tive... sempre passava 2 anos e eu enjoava... tinha baixa de libido.... enfim terminava o relacionamento e lá estava eu denovo no pornô, foi indo eu comecei a sair atrás de mulheres apenas para sexo... era transar uma vez e pronto já perdia o interesse.....o sentimento pra min não existia mais... e eu pensava..."eu perdi a capacidade de amar"... Cara com tudo isso que vivi pela idade que tenho e nunca ter conseguido casar, desenvolvi depressão... fobia de pânico... e agora por ultimo após uma conversa boba com a ex-namorada pensamentos a respeito de minha orientação sexual...de qualquer forma vejo que um dos problemas de nunca ter conseguido casar foi o fato de eu associar esse inferno de pornografia no meio dos meus relacionamentos (Bereta, D₁).

Nofapwinner descreve que a pornografia suscitou nele receio em se relacionar com mulheres e de conviver com pessoas novas. Ele descreve uma série de sintomas, já mencionados no eixo anterior, e afirma que as áreas social e afetiva se tornam as mais afetadas.

Ficava com medo de me envolver com as mulheres (coisa que não tinha antes de me viciar em P), medo de conhecer gente... - O interesse por mulheres na vida real já não era mais o mesmo. Fiquei cego perante aos inúmeros sinais e oportunidades que tive de ficar com várias mulheres...Diria que o envolvimento social e a parte relacionada a sexualidade foram as mais afetadas (nofapwinner, D₂)

Magrao, ao narrar o desenvolvimento de seu vício pela pornografia, afirma que teve problemas no período da adolescência, principalmente para se relacionar com mulheres. Assim, visando a encontrar satisfação, recorreu à pornografia como uma forma de experiência sexual. Em suas palavras:

Minha adolescência foi uma porcaria. Uma baixa auto-estima contumaz e uma falta de impulso e confiança para lidar com as garotas, tudo isso me conduzia ao que me restava de "experiência sexual": a masturbação com pornografia ou mesmo a masturbação imaginando garotas que eu queria (Magrao, D_{3a}).

Logo, notamos que os sujeitos que se expõem excessivamente à pornografia, muitas vezes, procuram-na como uma forma de escape para lhe proporcionar prazer. Todavia, quando ela é acessada, alguns sujeitos a veem como uma via única de encontrar a satisfação e atribuem ao objeto “poderes”, isto é, acreditam que ela possui a capacidade de afetar a manifestação de seus comportamentos.

O depoente segue afirmando que, com o passar dos anos, conseguiu se relacionar afetivamente, mas que, em decorrência do vício por pornografia, desenvolveu problemas de ereção, o que impede uma aproximação física sexual concreta entre seu corpo e algum objeto.

Pouco depois eu enfim arrumei uma namorada. Novamente eu me percebia com uma sensação de que eu não conseguiria fazer sexo. E quando fui tentar, embora estivesse morrendo de vontade, não consegui realizar a penetração. E nas próximas vezes que tentei, foi a mesma coisa. Uma sensação horrível, de pesadelo. Eu estava descobrindo o sexo e ele estava se tornando mais um problema que uma solução para mim. Chegou uma hora em que enfim consegui transar com minha namorada. Porém havia um problema: eu não sentia prazer suficiente para gozar. Isso quando não perdia a ereção... Pois bem, o fato de eu não conseguir transar com minha namorada fez com que o namoro afundasse (e hoje sei que nossa capacidade de amar também é afetada pelo vício). Muitas vezes pensei que o problema era ela. E algo simbólico e revelador é que no dia em que eu terminei o namoro eu comprei um computador com internet. Até então eu consumia pornografia só aos fins de semana. Depois disso voltou a ser todo dia...Fui perdendo todos os amigos... Me sentia sujo e barrapitada demais para namorar com alguma garota da minha faculdade... Foi então que conheci uma garota e me apaixonei por ela. Começamos a sair e logo me veio o alerta atemorizante: "pode rolar sexo". A possibilidade de fazer sexo pra mim durante todos esses anos era isso: aterrorizante (Magrao, D_{3a}).

Nesse ponto verificamos a duplicidade do desejo: ao mesmo tempo em que se deseja um envolvimento, o próprio sujeito repele qualquer possibilidade de sua efetivação. Levantamos a hipótese de que, inconscientemente, os sujeitos constituem mecanismos defensivos para não concretizar o desejo ou permitir-se adentrar em uma relação. Algumas das barreiras são simbolizadas e demarcadas pelo sentimento de culpa, de asco, vergonha e terror.

... meus relacionamentos afetivos eram ridículos e eu me tornei uma pessoa cruel... Aos 16, foi quando comecei a ter vergonha de mim mesmo, senti que precisava de uma namorada e decidi parar com a pornografia e masturbação pela primeira vez... Com 17 anos comecei a namorar e a ter uma vida sexual ativa. Aliás, o meu pensamento para justificar a pornografia antes desse período era de que quando eu fizesse sexo eu não iria mais querer assistir pornografia... Obviamente que mesmo com o namoro e com uma vida sexual normal, esse hábito não

terminou. Ao contrário, só foi piorando ao longo dos anos, já que como sabemos graças aos recentes estudos sobre o vício em pornografia, o cérebro de um viciado está dessensibilizado a velhos estímulos e está sempre à procura de novidades. Nesse sentido, por mais que eu gostasse ou amasse a minha namorada, minha mente sempre tinha a tendência de procurar por novidades virtuais, mesmo que de vez em quando (Projeto, D_{5b})

O trecho abaixo nos alerta para a necessidade de debate a respeito da importância do amparo no combate ao vício em pornografia.

Em abril de 2012, comecei a namorar a garota de que hoje sou noivo. Para mim, era impensável compartilhar com ela o meu segredo, que guardava a sete chaves. Não poucas vezes, deixei de vê-la justamente para ficar vidrado à tela de um computador ou coisa que o valha. O namoro, contudo, não fez com que o vício minguasse, como inocentemente pensei que fosse ocorrer...Passaram-se um, dois anos de namoro, e só recentemente, há 20 dias, de súbito e sem racionalizar, pois se o fizesse seria demovido da ideia, desabafei e contei-lhe tudo, os mínimos detalhes. Óbvio que isso a deixou chocada. Ela jamais esperava isso de mim — não que ela esperasse isso de alguma maneira, mas é que se trata de algo que não passa pela cabeça de muitas pessoas, não compõe o mundo delas, como infelizmente passou a compor o meu e de todos quantos leem esse texto. Para a minha alegria, todavia, após o baque inicial, minha noiva absorveu o problema e passou a me oferecer apoio incondicional, o que me fortaleceu a seguir em frente (M. Mystère, D₆).

O sujeito que consegue ultrapassar a vergonha social e externalizar a sua angústia e sua dificuldade para outrem, principalmente quando esse alguém pertence a sua rede social de amigos ou é seu parceiro ou parceira, sente-se acolhido no seu sofrimento e fortalecido para organizar seus pensamentos obsessivos e ansiógenos. Todavia, raros são os casos nos quais os sujeitos se sentem amparados e acolhidos para expor suas angústias e receios, pois, a partir das releituras dos depoimentos, fica evidenciada a prática de sabotagem do sujeito para si mesmo quando está submerso na pornografia, quando o vício se torna tão intenso que se deseja destruir o que se tem para se consumir mais conteúdo pornográfico.

A maior parte dos sujeitos demonstram esconder de suas parceiras, amigos e família o vício pela pornografia. Entretanto, quanto mais camuflado o vício é, maior o nível de destrutividade do sujeito, haja vista que este recorre a outras vias para se sentir melhor. Quanto mais reservado for o sujeito quanto ao seu vício, mais este o destrói e seus efeitos invadem o ambiente familiar e profissional.

Sempre escondi esse problema da minha esposa, por achar que ela não saberia lidar com a situação. O pior é que já estou em um estado bem avançado, as imaginações já saíram do campo da fantasia e estão invadindo a vida real. Estou ficando viciado em sexo extraconjugal, já transei com várias prostitutas, e quando chego em casa não consigo manter uma ereção satisfatória com a minha esposa. O peso na consciência é grande, estou em um ciclo de mentiras constante para manter a minha vida secreta (Salomao, D₇).

Uso pornografia a 15 anos e esse uso constante me tirou algo muito importante que foram as experiências de vida. Experiências que todo mundo precisa ter para ganhar traquejo social, para aprender a lidar com o sexo real, com o sexo oposto, enfim, a ter a experiência básica e comum que se espera que um cara tenha desenvolvido. A pornografia me jogou desde a adolescência num ciclo que é o seguinte: não busco experiências reais porque não tenho vontade e motivação e, além disso, tenho DE [Disfunção Erétil] => Como tenho DE e não sinto vontade de ter experiências reais como uma mulher, fico na mesma, onde estou, com o xvideos. Quando nesse ano eu tentei enfim parar com o vício, me vi numa situação muito incomoda que é a seguinte: Ok, agora estou a 3 meses sem me masturbar, com uma grande vontade de transar com uma mulher, mas não tenho traquejo social nenhum. 15 anos de ansiedade social e ausência quase total de experiências reais, me transformaram num zero em termos de carisma, de conquista.

Essa constatação joga por terra todo meu esforço, e eu volto para a pornografia e a masturbação obsessiva. Sinto que com a pornografia eu tenho algo que me dá satisfação e prazer. Sem ela eu me anulo, porque não consigo convencer uma louca a transar comigo! Não tenho traquejo social nenhum. Alguem já se viu nessa situação de merda? (Zé, D₁₃).

Apesar de ter parado com a pornografia, o sujeito acima demonstra não possuir recursos para retomar a sua vida. Desse modo, necessita se fortalecer como sujeito para não cair novamente no vício. O que nos leva a pensar que um tratamento apropriado para o vício pode auxiliá-lo a criar estratégias de enfrentamento nessas situações.

Os sujeitos quando se percebem envolvidos na repetição em longo prazo, criam metas e nutrem expectativas para abdicarem de seu vício. Luxord, por exemplo, deseja abandonar o objeto tóxico, para que a partir disso consiga adequar-se socialmente em uma vida profissional e afetiva. Em relação ao aspecto profissional, ele não prolonga o assunto no relato, mas afetivamente indica que anseia por estabelecer uma relação amorosa. Nas palavras do depoente, “... meus objetivos agora são de me livrar definitivamente desse mal, arrumar um emprego e arrumar uma namorada (de Deus rs’)”(Luxord, D₂₁). Notamos por intermédio de sua afirmação que, para Luxord, seria importante que sua namorada fosse alguém que estivesse ligada aos ensinamentos da religião evangélica, já que ele se denominou frequentador de uma igreja dessa crença. Tal sujeito faz uma exigência para com o sexo oposto, de pureza, integridade moral e honra, a qual narra não possuir totalmente.

Novamente, a questão da dignidade e da honra se destacam. Um dos depoentes, Paz, afirma não se sentir respeitável para se aproximar de alguém. Supomos que o uso da pornografia ocasionou impedimentos para amar, refletidos na baixa autoestima e na incapacidade de sentir amor-próprio, ou, em outras palavras, o sujeito não se sente suficientemente bom para alguém, pois ao seu ver, não era bom nem para si próprio.

... tanto no ensino fundamental como no médio, relacionamento com garotas foi ficando cada vez mais escasso na minha vida, eu não sentia dignidade e intrepidez de me aproximar delas, tanto para ter amizade como para namorar, fui desenvolvendo uma repulsa inexplicável ao

sexo feminino. minha vida social foi se esvaindo ao longo dos anos ao ponto de que hoje, não tenho mais nada, nada mesmo, nem amigos... Fui perdendo o interesse social ao longo dos anos, o interesse por estudar, trabalhar... Hoje eu sou uma pessoa fria, não me sinto com dignidade pra demonstrar sentimentos, evito qualquer contato tanto com homem quanto com mulher a todo custo (Paz, D₂₅).

Alguns sujeitos revelam que, de início, não atrelavam as dificuldades para se vincular, ou praticar uma relação sexual, à pornografia. Contudo, ao longo do tempo, verificaram que sua sintomatologia se relacionava diretamente ao uso desse material. Em alguns casos, os sujeitos contam sofrer por disfunção erétil e não sentir satisfação sexual com seus parceiros sexuais. Um deles afirma que “*Namoro uma mulher muito atraente, mas comecei a sofrer de disfunção erétil. Já havia ocorrido comigo, mas nunca associei à P*”. (doidan, D₂₂). Outro acrescenta:

Ainda nessa época, eu iniciava a minha vida profissional, e havia acabado de terminar meu curso na universidade. E também vivenciava as minhas primeiras experiências afetivas, com namoradas e fiantes. No entanto, o que realmente me excitava eram as imagens e vídeos pronográficos que a internet me apresentava, gratuitamente, no momento em que eu quisesse, a apenas alguns cliques de distância... Namorei algumas meninas nessa época, com meus vinte e poucos anos de idade, talvez 2 ou 3 meninas por um período mais ou menos longo, e me recordo que com todas elas havia a repetição de um comportamento sexual errático de minha parte, eu simplesmente não conseguia gozar, ejacular. Às vezes até broxava. Realmente não entedia o porque, já que nada disso ocorria quando eu estava à frente da tela do computador. Como eu poderia ter orgasmos tão delirantes assistindo pornografia na internet e quando havia uma menina real eu não chegava lá? Aos poucos, conforme os anos se passavam, esse sintoma aparecia com mais frequência e eu simplesmente fingia ter orgasmos, era como se eu quisesse me livrar o mais rápido possível daquela situação real para entrar rapidamente no mundo virtual da pornografia. E quando a menina ia embora da minha casa, lá estava eu novamente na frente da tela do computador, e só então conseguia gozar... No entanto, depois de muito sofrer, principalmente pelas inúmeras perdas de oportunidade de manter relações afetivas com meninas incríveis e lindas, notei que esse comportamento era a principal causa destes afastamentos por parte delas. Não estou dizendo que era o único motivo, até porque elas também devem ter suas questões, mas certamente, de minha parte, era o principal motivo. É claro, elas percebiam que havia algo de errado, eu estava distante, eu não estava lá quando estávamos transando, minha mente estava totalmente conectada às imagens que meu cérebro estava acostumado a ver no computador. E notei isso quando uma menina, ao terminar comigo, me escreveu que nós manifestávamos nossos desejos sexuais de maneira muito diferente. Pronto! Por mais que ela não soubesse dessa minha história, ela foi capaz de perceber, pelas poucas vezes que fizemos sexo, que havia algo fora do lugar. E foi aí, somente nesse momento, que me dei conta do quanto todos esses anos de pronografia me transformaram num viciado, incapaz de obter prazer e sentir tesão com uma mulher real. Certamente muitos outros aspectos da minha vida foram afetados por esse vício. Mas sem dúvida alguma, o aspecto mais afetado foi a minha vida afetiva... Não só com as namoradas, mas também com amigos e família. Me mantinha distante dos amigos e da família, só queria estar em casa pra assistir pornografia na internet (Sputnik, D₂₇).

Como apontamos, um dos motivos para o ingresso do sujeito na pornografia ocorre devido a situações de frustração presentes em sua vida. Nesse sentido, Lee (D₂₄) discorre que

de início era capaz de amar, porém, por causa do desgaste do relacionamento afetivo recorreu à pornografia como um escape diante de uma situação complicada que estava enfrentando. A problemática se encontra no fato do sujeito recorrer exclusivamente a essa forma de escape e de sentir prazer. Em seu caso, o problema se agravou de tal modo que ansiava por ver seu objeto amoroso desfrutando de prazer com um desconhecido. É possível supor que, inconscientemente, da mesma forma que ele sentia prazer com a pornografia por meio da destrutividade de sua relação com sua mulher, desejava que a mulher sentisse prazer com outro sujeito, como um ato de punir-se. Por fim, seu desejo inconsciente foi realizado, pois ela se relacionou com outro homem.

Aos meus 19/20 anos encontrei a mulher da minha vida, em todos os sentidos, amei da forma mais intensa e possível que um ser humano pode amar, nossa como eu a amava, o sexo com a pessoa que você ama realmente muda você, eu tinha esquecido de vez a pornografia, transávamos todos os dias de todas as formas em todos os lugares, ela sabia como fazer, mal eu sabia que estava cultivando o maldito fetiche em minha cabeça. Com o passar do tempo o desgaste da relação foi inevitável, brigas, ciúmes, foi quando lentamente comecei a voltar a pornografia, da mesma forma quando tinha 8, bem de leve, a relação começava a esfriar, comecei a me aprofundar na pornografia até o ponto em que a relação sexual com a minha mulher, a pessoa que mais amei em toda minha vida, esfriasse de vez, começava o tormento em minha vida. Entre idas e vindas sem fim, pornografia rolando a mil, ao ponto de eu desejar ver, minha namorada dando pra outro cara(Foi ai que comecei a notar que tinha algo de errado com o uso da pornografia), o medo, a angustia me corroendo, e eu sem saber o porque daquilo estar acontecendo. Foi então que tudo acabou, junto com a minha vida, ela conheceu outra pessoa e acabou engravidando, minha vida tinha acabado (Lee, D₂₄).

A exposição prolongada e excessiva à pornografia causa uma espécie de intoxicação, pois os sujeitos se sentem como se estivessem consumindo uma toxina, criando uma condição em que, quando pensada em uma relação amorosa, é capaz de afetar a libido e conseqüentemente a vinculação entre as pessoas. Contudo, tal “entorpecente” impacta não somente a qualidade de vida do sujeito, mas a de seus familiares e parceiras, pois eles notam que há algo acontecendo com o sujeito. Contudo, pelo fato desse vício ser silencioso e pouco difundido, os amigos, os familiares e os parceiros não conseguem identificar o que está causando sofrimento no ente querido, o que gera sentimentos de desconfiança e receio.

Arrumei outra namoradinha, novinha e bonita, a primeira vez com ela também foi "meia bomba" mas creio que pelo nervosismo, depois foi normal e com ER como sempre, até que após uns anos a relação começou esfriar, ela já não gostava mais de transar a todo instante como todo adolescente, eu também não me importava, já que a PMO me dava mais prazer do que o sexo real, chegava ao cúmulo de ir com ela pro motel e ficar mais excitado com a idéia de ter a disposição o canal pornô na tv do que na transa com ela, varias vezes acontecia de dar uma meia boca com ela, e quando ela pegava no sono, eu colocava no canal porno e me masturbava, ai sim ficava satisfeito. Outras vezes quando dormia na casa dela de fim de semana, as vezes ficava agoniado, esperava ela dormir e mandava um PMO usando o pc dela

mesmo (hoje escrevendo isso percebo como soa até ridículo)... Quando conheci minha atual esposa, as primeiras vezes também foi na base do azulzinho, mas com o tempo consegui me "desintoxicar" e ter ereção normalmente, mas desde a época do namoro, morar junto e casamento, devo contar nos dedos as vezes que consegui atingir o orgasmo apenas com penetração. O pior, ela é louca para engravidar, mas desse modo fica difícil, ela nunca comentou, já vi no histórico do navegador dela buscas no google questionando se é possível engravidar sem ejaculação, e já tentamos um tratamento com inseminação (ela percebeu que por meios "naturais" não iria rolar), mas não deu certo também, quando o médico pedia pra fazer espermograma e tinha que abster de sexo/maturbação por 3 a 5 dias era minha maior agonia... 3º Sinal - Logo após me cadastrar iria escrever meu relato, já deletei algumas contas que possuía em sites de P. (inclusive pagos), mas já estava tarde e queria fazer com calma, minha esposa já dormia, mas eu estava sem sono, então peguei meu iPad e por acaso abri o histórico, e vi uma busca que ela fez, questionando o desinteresse do marido, e algo como "meu marido fica o tempo todo no computador" e os sites que ela andou lendo, com MUITAS mulheres relatando o mesmo, aí sim ISSO pra mim foi a gota, ou seja, não era apenas eu que estava me sentindo mal por perder tanto tempo com PMO, estava afetando a vida de outra pessoa, talvez no longo prazo (ou mesmo curto) levaria ao divórcio ou traição... Só estou morrendo de medo da tal Flatline, dia desses já tive um começo de DE ao tentar fazer sexo com a esposa, na verdade perdi a ereção no meio da relação, e que isso possa piorar ainda mais minha relação com ela que pelo visto não anda nada boa (tiago_fernando, D₂₈).

O que eu mais quero é conseguir me relacionar com as pessoas sem a paranóia de achar que eles sabem do meu problema. Eu não consigo manter um relacionamento profissional e estou perdendo cada vez mais a habilidade de aprender, de evoluir. Não sou mais ambicioso como antes e larguei um monte de atividade que a tempos não faço mais. Sempre gostei de tocar baixo em bandas, andar de skate e parece que essas coisas não tem mais graça, pra mim PMO é a única coisa que está me satisfazendo, mas isso tudo é mentida, ilusão da minha cabeça, eu sei que é bom no momento, mas depois eu me sinto um lixo, mas mesmo assim eu volto a fazer de novo e não sei o pq. Eu namoro a 5 anos e amo minha namorada, ela é linda e transo com ela todos os finais de semana, mas parece que isso não me satisfaz (sufista, D₂₆).

Evidencia-se que o contato material entre o sujeito viciado em pornografia e suas parceiras se torna mecânico à medida em que suas fantasias e desejos somente se satisfazem e se efetivam na imaginação suscitada pela pornografia. Os atos preliminares e sexuais reais, como o olhar e tocar, esvaziam-se de significado e de excitação, pois o prazer centra-se no consumo midiático de um enredo que está pronto e que, na maioria das vezes, já se sabe o que vai acontecer. Em contrapartida, torna-se notório que a ação sexual entre os pares carece de criatividade e inventividade. Logo, o vício em pornografia inibe a curiosidade sexual do sujeito para com o outro.

Em 2010, aos 30 anos, aconteceu um relacionamento em que a pornografia seria um grande problema. A garota, muito ciumenta, descobriu meu gosto pela pornografia e começou a me infernizar. Por mais que eu tentasse me controlar, não conseguia. Só que tinha uma coisa: com ela, durante 3 anos, não tive DE uma só vez! e era muito sexo... É como se a mão dela não conseguisse me excitar e como se nossos amassos e beijos surtisses pouco efeito. Hoje,

não preciso mais imaginar P pra gozar, mas no início com ela, precisava pensar em P. (Fabsjoia, D₂₉).

Sob a ótica de alguns depoentes, parte da sua libido sexual na relação com as suas parceiras é represada, pois o cenário midiático da pornografia transmite ideais, nos quais a mulher é inferiorizada e ridicularizada pela prática sexual.

Não tenho motivação para o trabalho e nem para as relações interpessoais, apesar de ainda ter um trabalho acredito que se eu não parar com a pornografia, as coisas não vão durar de pé por muito tempo... Para se ter uma ideia de como a pornografia foi ruim para mim, é que até os 25 anos eu ainda era virgem. Ou seja, era tímido e não gostava de me socializar, preferia ficar sozinho no meu canto vendo pornografia e me masturbando. Isso com certeza foi o motivo que me levou a ficar tanto tempo virgem... E mesmo tendo casado e com filha, ainda assim eu continuava vendo pornografia e me masturbando, mesmo tendo uma mulher tão linda na minha cama. Minha vida de recém casado não foi nada fácil. Muitas brigas, acredito que sempre por minha falta de paciência e compreensão. Pois acredito que a pornografia me fez ver minha mulher como um simples objeto (Alexandre, D₃₀).

Sem o lixo da PMO na sua Vida e na sua mente, você voltará à desejar sua mulher como nuncas antes. À fará mais feliz! Você também será mais feliz e leve por estar limpo deste vício miserável e será mais amoroso, terno, perspicaz! Seus filhos se sentirão melhor quando sentirem às suas renovadas energias e você poderá amá-los ainda mais com um coração limpo, mais sábio e com uma mente brilhante! (The GreatSpirit, D_{30.1}).

Em face do exposto, consideramos que os sujeitos, cujos depoimentos foram analisados, apresentaram-nos a pornografia como um vício solitário, que deteriora as relações sociais e afetivas de quem o consome.

5.6.O pedido de socorro

A partir das cinco modalidades apresentadas anteriormente, consideramos pertinente destinar um eixo descritivo ao relato dos sujeitos que usam excessivamente a pornografia e solicitam auxílio para lidar com seu sofrimento.

Tal vivência perturbadora é descrita por meio da compulsão em consumir pornografia, que geram sintomas – psicológicos, fisiológicos, sociais – os quais afetam significativamente o modo como o sujeito consumidor de pornografia se relaciona com seu meio. Ao perceberem a nocividade no uso da pornografia, os sujeitos se sentem desamparados e solitários, visto que, segundo o relato dos depoentes, não possuem uma rede social compreensiva, apoio governamental ou até mesmo assistência médica/psicológica adequadas.

Assim, o objetivo deste eixo temático é evidenciar o pedido de ajuda dos sujeitos – de modo explícito e implícito – em relação às suas dificuldades em encontrar amparo e ajuda especializada. Na maior parte das postagens dos depoentes é expresso esse pedido, ficando latente em alguns. A partir desse dado manifesto, compreendemos que os sujeitos recorrem a espaços virtuais para expor suas angústias e receios, pois estão vivenciando um momento conturbado em suas vidas.

Dessa forma, a procura pelo ambiente virtual para a enunciação do sofrimento, parece-nos ser uma ação de desespero – um pedido de socorro – e de busca de visibilidade para o problema. É notório, por meio dos depoimentos, que o vício em pornografia é encarado sob julgamentos morais no presente cenário social. Assim, consideramos pertinente chamar a atenção dos profissionais das áreas psicológica e médica quanto a essa demanda, pois alguns depoentes se sentem negligenciados quando procuram algum tipo de ajuda especializada, como destacado por Bereta, a seguir:

Cara foi um inferno por 6 meses (ano passado)... comecei a ir a um terapeuta e eu falei pra ele que tinha problema com pornografia ele falou que não era problema que se eu evitasse seria pior pois estaria matando o "homem" em mim. Mano até então foi beleza... com ajuda de um psiquiatra eu comecei a ficar de boa... tomando remédios....mas mesmo assim no pornô tava lá... foi aí que eu em desespero, junto com a depressão buscando ajuda de Deus me deparei com os vídeos científicos a respeito da pornografia. Foi como tomar um tapa na cara, sendo que Deus ensina na bíblia e eu sempre soube desde pequeno que "se for pra se abrasar, case-se" mano daí então tudo fez sentido. Foi como se eu enxergasse uma luz no fim do túnel (Bereta, D₁).

Contudo, necessitamos frisar, que, por vezes, a suposta conduta inapropriada dos profissionais deve-se, entre outros motivos, à falta de pesquisas no trato de questões referentes ao assunto. Evidencia-se no discurso dos depoentes ser incomum um sujeito adentrar ao consultório e expor tamanha dificuldade e ser acolhido de prontidão diante de sua problemática, sem que haja preconceções, ou até mesmo desdém sobre sua queixa, pois, comumente, o consumo de pornografia é entendido como um ato que ocorre na adolescência e que destina ao conhecimento do próprio corpo, sendo desconsiderado o sofrimento que pode se fazer presente.

Geralmente, o pedido de ajuda por parte dos sujeitos é revelado por intermédio da exposição sintomatológica acarretada pelo vício, pela declaração de uso excessivo de pornografia e devido à procura, na maior parte frustrada, por profissionais que deveriam estar capacitados ao atendimento dessa demanda. Como forma de elucidar esse ponto, recortamos alguns trechos que nos servem de exemplo:

Olá amigos, novo soldado de apresentando! Então meu caros,... tenho 22 anos, Cristão e Virgem rs' e também estou nessa luta contra esse vício maldito, e vou contar um pouco da minha história pra vocês... vi que tinha algo MUITO errado comigo eu precisava parar com a pornografia imediatamente se não isso iria acabar me matando (Luxord, D₂₁).

Bom dia meus Amigos! Como dito no título do tópico, estou me apresentando para guerra contra esse mal que tanto nos destrói e nos aflige, quero compartilhar com vocês tudo que aconteceu, acontece e acontecerá a partir de hoje, pois como todos que estão aqui, eu sou apenas mais um que não suporta mais tanto sofrimento. EU MEREÇO SER FELIZ (Lee D₂₄, maiúsculos do depoente).

É incrível como à PMO tem sido um vício silencioso que têm destruído tantas pessoas (eu inclusive) ao longos destas últimas décadas! Ela vem e pega pessoas de todos os tipos e idades! Preto, branco; alto, baixo; rico ou pobre, feio ou bonito; homem ou mulher, hétero ou homo; ateu ou religioso... enfim, ela pega qualquer um que não estiver atento às suas garras mefistofélicas! E o pior é que ela vem como algo inocente! "Ah! Que mal tem ver só uma mulher nua? Não vai me fazer mal... e vai ser apenas por hoje também..." E quando vemos este "hoje" se transforma em dias, meses, anos e depois incríveis décadas! E a "inocente mulher nua" depois se desenvolve para os mais terríveis conflitos internos, externos, pessoais, inter-pessoais, familiares e/ou profissionais! Sem contar que à mulher nua depois fica muito insossa e procuramos os mais variados gêneros de pornografia; muitos chegando até à Zoofilia e outras formas às mais bizarras de buscarmos o prazer! Pois o cérebro fica cada vez mais exigente nos seus processos de busca de Dopamina! É incrível o seu relato e nos faz pensar o quanto este vício é miserável e degradante! (The GreatSpirit, D_{30.1}).

Além disso, inferimos, por meio de tais depoimentos, que quando o sujeito se defronta com suas limitações em lidar com a repetição de determinado comportamento aditivo em seu cotidiano, em virtude da ocorrência de perturbações de ordem libidinais (sociais e afetivas) no seu contexto de vida, a pornografia torna-se não mais uma opção de escape para enfrentar as frustrações, mas uma via em direção à sensação de aniquilamento e desintegração.

Eu já me sentia um lixo há muito tempo e quanto mais eu procurava mais as minhas esperanças decaíam, pois eu percebia sem sombra de dúvidas que a maioria das pessoas que escreviam os textos sobre como parar (sobretudo de sites religiosos) estavam também completamente afundadas no vício e apenas dissimulavam que sabiam o "como" parar, como uma forma de fugir do próprio sentimento de culpa e vergonha, já que o que elas ensinavam eram métodos ridículos e nem um pouco funcionais (estes sites, por mais "bem intencionados" que sejam, infelizmente ainda são a maioria do conteúdo existente sobre o tema na internet brasileira). Pensando que não havia mais solução e completamente desiludido. Cheguei ao ponto, pela primeira vez na minha vida de considerar me suicidar. Não fui muito longe nessa ideia, mas o fato é que, de acordo com a minha própria percepção distorcida pelo vício e a autoimagem negativa que eu tinha de mim mesmo, a minha vida da forma como estava, já não tinha utilidade e não valia a pena ser vivida! (Projeto, D5b).

Olá amigos, sou novo aqui. Tenho lido os relatos aqui no fórum e tomei coragem de dividir minha história. Tenho 40 anos de idade e agora vejo com clareza que passei muitos anos da minha vida, algo como 10 ou 12 anos, absolutamente mergulhado num mundo fechado, dentro de mim. E só agora entendo a causa principal desse problema. Lembro-me bem agora, quando iniciei meu processo de enclausuramento havia apenas uma coisa que me dava prazer: a pornografia na internet... Percebo agora que esse vício carrega consigo um elemento diferente de qualquer outro: ele não é socialmente reprovável, principalmente entre os homens. Pelo contrário, muitas vezes em conversas com amigos, quando o assunto era pronografia na internet, a sensação era de que isso não representava qualquer problema, e até certo ponto era um comportamento estimulado nessas rodas de conversa... Passei então a pesquisar o assunto na internet e encontrei inúmeros, centenas, de depoimentos de pessoas (em sua grande e esmagadora maioria homens) no mundo todo que estão na mesma situação. Muitos conseguiram sair deste processo auto-destrutivo. Percebi, nesses depoimentos, que muitos dos sintomas que eles relataram são idênticos aos meus (Sputnik, D₂).

No depoimento acima, o pedido de ajuda é irrefutável e são destacados elementos importantes que estão latentes e tangenciam a busca de socorro por sujeitos que podem estar nessa situação dolorosa como o fato de alguns sujeitos estarem engolfados nessa situação repetitiva e – pelo uso de pornografia ser socialmente aceito, principalmente, entre os homens – sentirem-se inibidos de buscar auxílio e falar sobre o seu problema com temor de uma possível ridicularização.

Nesse sentido, podemos pensar que nossa sociedade midiática atual, no modo em que está organizada, limita as tentativas de falar sobre o vício em pornografia, pois o descredibiliza. A possibilidade de abordar esse assunto é restringida, pois atualmente somos bombardeados por publicações midiáticas de cunho sexual em qualquer momento de nosso cotidiano, no acesso à internet, nos comerciais, nos programas televisivos, entre outros. Esse excesso de publicação de material que envolve conteúdos sexuais torna-se algo corriqueiro. Diante disso, problematizar o vício em pornografia direciona a sociedade em geral a pensar e repensar elementos veiculados no cotidiano. Essa atitude pode implicar, ou não, em questionamento sobre as estruturas e hierarquias sociais.

Arelada à restrição em manifestar suas perturbações para as pessoas com as quais os sujeitos apresentam vinculações (família, colegas, amigos, dentre outros) soma-se a dificuldade em localizar entidades especializadas em viciados em pornografia. Lee afirma ter encontrado apenas auxílio em espaços religiosos, que desaprovam a prática masturbatória e o usuário de produções pornográficas. Todavia, a partir do encontro com um *site* que se destinava exclusivamente para o trato dessa problemática, o sujeito em questão se identificou com os demais usuários, o que possibilitou iniciar uma ação contra o vício.

Comecei a pesquisar sobre o vício em pornografia, e achava apenas sites religiosos dizendo para buscar a igreja todo esse papo clichê onde tudo e qualquer coisa é pecado(Obs: Sou Cristão, acredito e oro todos os dias para me libertar), foi quando quase desistindo encontrei o blog, li a pagina inicial, e vi os comentários, entrei no forum e comecei a ver alguns relatos, e era como se eu estivesse contando minha historia em tópicos picados, meu coração se encheu de alegria em descobrir o que me destruía por dentro e ver que muitos estavam conseguindo se libertar e ter uma vida feliz... gostava de ler a parte dos relatos onde pessoas superaram o vicio maldito de PM... Foi quando cansado de me martirizar e depois de perder uma garota incrível por conta de uma DE, acordei pra realidade. Vi que se eu não agisse logo acabaria com a minha vida, foi quando fiquei 8 dias sem me masturbar, isso entrando todos os dias aqui, reforçando meu objetivo e lendo os benefícios e os males que essa desgraça traz a nossas vida. Então a partir de hoje serei membro ativo do Blog, pois preciso de ajuda, não aguento mais essa situação, sofro demais com isso e vejo que não estou sozinho nessa luta. Obrigado, vcs realmente estão fazendo a diferença em minha vida e espero que eu tbem possa fazer na vida de vcs. Espero que hoje seja o primeiro dia do resto de nossas vidas (Lee, D₂₄).

Embora o fórum encontrado por diversas pessoas possa ser um meio de ajuda, ele não se configura como um tratamento (nem esse é o seu propósito), isto é, ele não possui um método e intervenções direcionados às particularidades de cada sujeito que demanda por auxílio. Entretanto, na ausência de espaços terapêuticos adequados, os sujeitos inclinam-se às possibilidades que lhes pareçam imediatas, de apoio, de acolhimento, de se sentirem compreendidos, de compartilharem os pontos em comum, como é possível perceber em alguns casos a seguir: “*fico feliz por ter encontrado essa comunidade... Preciso realmente de ajuda. Um forte abraço*” (Salomao D7), “*Olá amigos,... e é muito bom poder trocar experiências com pessoas que falam nosso próprio idioma.*” (SkidRow, D₁₄) e “*Saudações irmãos. Sou novo no fórum e estou muito feliz por ter um lugar como esse para que possamos compartilhar experiencias /informações... Desejo que a luz da sabedoria e da força de vontade ilumine seus caminhos... Forte abraço irmãos!*” (Over, D10).

Quando descobri o fórum - pois sabia que havia algo de errado, e suspeitava que era esse meu vício em PMO... E agora, como estou? -Não sinto mais vontade de ver P. E já cortei da minha vida isso. Farei o máximo para não cair. Não fico mais vidrado nesse mundo de fantasias,fuga e mentiras. -Sinto uma sensibilidade equilibrada. Voltei a ter excitação com fotos sensuais (sem ser nuas), com as mulheres nas ruas, voltei a ter ereções involuntárias, voltei a ter confiança em mim e na vida. - E como melhorei o meu lado social! Recuperei a autoestima para chegar nas mulheres, sair, conversar, conhecer,etc. Ainda venho trabalhando forte nisso. Mas a cada dia tenho bons resultados. Uma das melhores partes do reboot... Você perceber que está voltando a ativa com as garotas! e ver que você está se relacionando mais com as pessoas no geral. Sempre conheço uma mina nova ou pelo menos troco ideias. Tenho chegado nas garotas que quero sem ficar com medo e me tremendo de ansiedade. Tenho saído todo final de semana com os amigos. As vezes até mesmo nos dias comuns de semana (a falta de tempo é muita, mas as vezes é bom quebrar a rotina). - Estou com o meu peso normal. Gastrite praticamente sumiu. Parei de avacalhar e me refugiar em P, álcool, cigarros,etc. - Voltei a estudar! e procrastinando bem menos. Agora tenho mais energia e foco. O mundo não é mais o casulo escuro de antes. Me sinto livre, leve. Renovado para continuar minha vida de uma maneira melhor e mais saudável. E sim, estou muito feliz! VeryHappy. Agora só administrar meus pensamentos e hábitos. Ficar ligado para não recair, pois o inimigo sempre está esperando o momento de relaxamento para atacar. (nofapwinner, D₂).

Apesar de o fórum fornecer um suporte aos dependentes em pornografia e os induza a sentir gratidão devido ao encontro entre pessoas que estão em situações semelhantes em prol de um objeto tóxico comum, necessitamos pontuar que esse sentimento origina-se de uma identificação entre os membros pelo sintoma, porém o fórum e os integrantes que o compõem não atendem e respondem às angústias que levaram o sujeito ao ingresso compulsivo do objeto e a possíveis elaborações necessárias para o enfrentamento e entendimento do vício.

E eis que me deparei, em meados de 2014, após finalmente haver beijado uma garota e perdidominha virgindade, com este maravilhoso fórum, esta abençoada iniciativa deste parceiro fantástico chamado Projeto Sabedoria, que me introduziu, via o fórum e o blog, a todas as exatas informações de que eu necessitava para meu livramento, após quase uma década afundado numa vida que nem vida é. Só digo, Projeto, meu eterno e muito sincero obrigado por salvar minha vida e a de todos aqui. Quem

batalha vence, quem procura acha. Procurei e achei, batalhei como se deve batalhar e venci... E aqui estou. Em vista ao passado, no Paraíso. Corro atrás do prejuízo feito um louco, é verdade, porém creio que ainda há tempo de ser gente, de modo que os resultados devem vir. Sigo buscando-os. Saibam que todo o esforço vale a pena. Saibam que a luta é válida, sim. Estou me sentindo bem como jamais, vejo-me simplesmente outro ser, totalmente o oposto do verme que um dia fui. Não sei se terei condições de moderar algum tópico ou coisa que o valha como andaram desejando, entretanto continuarei por aqui dando apoio a todos os que precisarem. Ajudem-nos uns aos outros e melhor sentir-nos-emos conosco próprios. Vamos lá. Cheguei lá. E com certeza, todos nós chegaremos!! (Justiceiro do Sertão, D4).

Apesar disso, é incomensurável a sensação de retomada do controle da minha vida após um hiato de 10, 12 anos. É como se eu houvesse acordado de um estado de coma e ganhasse uma nova chance, uma folha em branco para reescrever a minha história. Tudo isso seria um enorme surto de egoísmo se eu não destinasse essas últimas linhas a agradecer imensamente ao Projeto por todo o trabalho que tem desenvolvido. Não encontro palavras para expressar minha gratidão, não só a ele mas também a todos os que mutuamente se ajudaram no fórum, ao trocar experiências, oferecer apoio, relatar testemunhos de sucesso. Sou enormemente grato a cada um de vocês, conquanto não nos conheçamos e nunca saberemos quem está do outro lado do monitor. Avante, guerreiros! (M. Mystère, D6).

O momento oportunizado pelo ambiente virtual parece possibilitar vivências catárticas, ou seja, por intermédio das postagens os sujeitos se habilitam a libertar sentimentos e tensões em um ato de purgação, mas essa exposição, salvo exceções, não é capaz de trazer à consciência elementos que estão reprimidos no inconsciente e, como resultado, libertar os adictos de sua sintomatologia, pois a sua ligação com eventos de cunho traumático se torna improvável na medida em que não combate as resistências e tende a alcançar sucessos provisórios. Portanto, a catarse representa uma possibilidade de elaboração de eventos passados que pode ser obtida por meio da verbalização a despeito dos eventos traumáticos reprimidos (Freud, 1913/1996m).

Foi bom escrever bastante e escrever sobre isso agora, que era algo que eu pensava a bastante tempo, pois agora pouco eu quase vi P, quase! Ufa! Foi quando eu decido vir aqui, ler, ganhar força. Escrever me ajudou a passar a vontade (Matheus750, D8).

Bom dia guerreiros!!! Estou começando o Reboot hoje. Na verdade, já estou sem ver pornografia e me masturbar há 5 dias, mas quero começar do zero. Já vi alguns vídeos e li vários relatos os quais me motivaram bastante... Pretendo postar minha luta diariamente, pois estou com tempo para isso. Já expus minha história em outro tópico, mas resumindo sou viciado em pornografia e masturbação há uns 15 anos, mas de forma violenta tem uns 10 anos. Meu objetivo é abandonar de uma vez esse vício, além de ter meus desejos restaurados. (vencedoremcristo, D23).

Espero compartilhar com vocês nos próximos dias, pela minha experiência, e pela primeira vez na minha vida, contar-lhes algo novo, sobre uma nova pessoa...eu...abraços (doidan D22).

Apesar disso, é incomensurável a sensação de retomada do controle da minha vida após um hiato de 10, 12 anos. É como se eu houvesse acordado de um estado de coma e ganhasse uma nova chance, uma folha em branco para reescrever a minha história. Tudo isso seria um enorme surto de egoísmo se eu não destinasse essas últimas linhas a agradecer imensamente ao Projeto por todo o trabalho que tem desenvolvido. Não encontro palavras para expressar minha gratidão, não só a ele mas também a todos os que mutuamente se ajudaram no fórum, ao trocar experiências, oferecer apoio, relatar testemunhos de sucesso. Sou enormemente

grato a cada um de vocês, conquanto não nos conheçamos e nunca saberemos quem está do outro lado do monitor. Avante, guerreiros! (M. Mystère, D₆).

Descobri este Fórum hoje curiosamente umas duas horas após ter me masturbado no banheiro do meu escritório assistindo videos pornográficos. Faço uso da pornografia desde a adolescência e agora finalmente entendi que foi o meu vício em pornografia que me fez tanto mal por mais de 25 anos. Sem dúvidas acredito que atualmente estou no fundo do poço...Preciso mudar. Preciso sair dessa. Nunca contei estas coisas para ninguém antes, e estou encarando esta postagem aqui neste Fórum como uma "terapia" que espero, vá me ajudar a parar com o vício em pornografia e masturbação. Amo minha esposa, meus filhos e minha família. Eles merecem que eu seja uma pessoa melhor. Preciso parar, vou conseguir. Obrigado a todos (Alexandre, D₃₀).

Como demonstrado acima, os sujeitos atribuem ao ato de escrever sobre seu vício o sentimento de alívio, que se liga ao desejo de se purificarem. É como se confessassem suas impurezas e delitos, por meio de explosões emocionais, a pessoas habilitadas a lhes perdoarem.

Diante do fato de alguns sujeitos considerarem o trabalho desempenhado pelo Fórum como completo e capaz de promover a cura, um dos próprios criadores do Fórum alerta que este promove um auxílio inicial ao enfrentamento do vício em pornografia. Entendemos como ajuda inicial a atitude de promover acesso a informações a respeito de outros sujeitos que também se encontram na mesma situação dolorosa, sendo capaz de impulsionar os sujeitos positivamente ao confronto com as situações repetitivas e danosas.

*Uma nova esperança. Cansado dos sites brasileiros que não falavam nada com nada e que abordavam o assunto apenas superficialmente, tive a ideia de começar a procurar por sites em inglês. Até que finalmente cheguei noyourbrainonporn, o site do Gary Wilson. No inicio, estava desconfiado já que não tinha mais muita fé em achar uma solução realmente eficaz para o problema. Depois de algumas páginas de leitura, comecei a me identificar com os relatos e com a abordagem científica. Depois de ler alguns casos de sucesso, uma esperança se reacendeu no meu coração... Por fim, como durante o processo do reboot eu lia muitos textos dos sites gringos e traduzia para mim mesmo esses textos, e compadecido e até um pouco indignado por perceber tanta desinformação nos sites em português, decidi compilar um ebook sobre como parar para as pessoas que assim como eu, sempre tentaram parar, mas não sabiam o "como", tivessem ao menos uma referência para consultar. **Coloquei para mim mesmo que eu não me meteria na vida das pessoas e nem faria uma cruzada contra a pornografia, mas que aqueles que buscassem sinceramente por respostas, deveriam encontra-las de alguma forma e que o ebook seria essa ajuda inicial** (Projeto, D_{5b}, negrito nosso).*

Entendemos que, entre os vários obstáculos apresentados pelos depoentes, as consecutivas recaídas, ou seja, o retorno ao uso de pornografia que outrora havia sido abdicada, são consideradas muito relevantes. Uma das possíveis explicações seria que o processo de integração no trabalho catártico torna-se dificultoso, pois existem alguns aspectos atrelados à adicção que se mantêm dissociados do psiquismo e somente conseguiriam ser integrados por meio de um trabalho gradual e técnico, e não somente por intermédio da

confeção de relatos no ambiente virtual, mesmo considerando o processo catártico, o alívio, o acolhimento etc.

Embora alguns depoentes afirmem ter procurado por ajuda especializada, diversas postagens sinalizam para a falta de qualificação adequada aos profissionais consultados no trato com essa demanda. Portanto, o pedido de socorro, mesmo quando é destinado aos lugares que tecnicamente deveriam ser aptos a fornecer um tratamento diferenciado, não é atendido, pois tais lugares não estão preparados para o acolhimento, para a escuta e para a intervenção necessária à demanda.

Fabsjoia, por exemplo, alega ter procurado um grupo para viciados em sexo e, apesar de esse ambiente tê-lo auxiliado, o usuário considera que ele não possuía a eficácia esperada, pois, do seu ponto de vista, o terapeuta desconhecia a causa do seu vício.

Como dá pra perceber, quanto mais aumentava a pornografia na minha vida, mais dificuldade eu tinha em ter relações sexuais sem DE. entrei em um grupo de viciados em sexo (alguns eram em pronografia, outros eram viciados em sexo real), me ajudou, mas não conseguia me controlar e, me parece, o terapeuta desconhecia a natureza do vício em PMO e sua gravidade. (Fabsjoia, D₂₉)

Magrao também reconhece os benefícios da psicoterapia, pois o fez avistar o objeto de seu sofrimento e as consequências do seu uso. Entretanto, não atribui o sucesso de sua melhoria a esse tratamento.

Amigos, espero que o relato abaixo sirva como estímulo a quem está afundado no vício e nas suas consequências: solidão, dúvidas e falta de expectativa para com a vida... Minha primeira tentativa de fazer reboot se deu em 24 de outubro de 2013. Esta data marcou uma grande exclamação em minha vida: "Só pode ser isto! Só poder ser a pornografia e a masturbação. Não tenho mais o que tentar! Já tentei de tudo!". Ou seja, eu não tinha certeza, mas por dedução (por já haver tentado de tudo) eu enfim me dei conta de que podia ser a pornografia que estava me afundando... Depois desse tempo todo, resolvi ir a um urologista. Pensei: "só posso ter algum problema circulatório". Chegando lá, os exames mostraram que ao contrário, eu tinha uma circulação na região do pênis muito boa. O médico me deu um Viagra mas disse que aquilo era só por questões psicológicas e mandou eu procurar uma psicóloga... Até que num dia de desespero e solidão eu procurei uma psicóloga. Mas durante o tratamento eu já estava usando níveis mais pesados de pornografia. Começar a ver vídeos gays ou de travestis foram a ante-sala da minha procura por travestis na vida real... Aí minha psicóloga me disse: "Já parou pra pensar que você pode ser gay? Se você for, não tem problema nenhum, é normal". Nisso eu entrei em pânico... Comentava com minha psicóloga: "parece que falta um motor dentro de mim". Hoje sei que esse motor é a libido, que me era roubada pela pornografia e masturbação... Nisso eu fui tentando e recaíndo, tentando e recaíndo. Até que chegou um momento em que eu passei a ter a certeza: "Sou viciado mesmo!". Não havia mais dúvidas, a teoria, as minhas tentativas e a compulsão me mostravam que eu era viciado. Estava feliz porque enfim eu sabia o que eu tinha! Foram anos sem lutar pois o inimigo era invisível. Agora eu o via pelo menos. (Magrao, D_{3a}).

Em suma, concluimos que os sujeitos manifestam, por meio de seus relatos, ansiedade, solidão, fraqueza, desesperança, desespero e intenso sofrimento por estarem em uma situação de adicção. Inferimos que os sujeitos buscam auxílio e amparo no ambiente virtual e anseiam

por visibilidade para seu sofrimento, o que soa como um pedido de ajuda. Contudo, padecem e se inibem em sua problemática devido a múltiplos fatores, entre eles os julgamentos morais e a dificuldade em encontrar profissionais com qualificação que permita a criação de um vínculo que propicie compreensão e ajuda.

A seguir, pautados na descrição e análise dos eixos temáticos levantados nesta seção, buscaremos novos sentidos diante do conteúdo utilizado, principalmente, pelo viés psicanalítico.

6. A PROCURA DE SIGNIFICADOS

Conforme apontamos anteriormente, quando apresentamos a estratégia metodológica da presente pesquisa, a última etapa utilizada na análise de conteúdo (Moraes, 1999) é a interpretativa. Nossa intenção, nessa seção, foi cumprir o principal objetivo da pesquisa, ou seja, ir além do conteúdo descrito pelo material utilizado, por intermédio do uso de inferências e interpretações, baseadas na Psicanálise.

Antes de retomarmos nosso objetivo central, algumas asserções precisam ser realizadas. Primeiramente, pontuamos que o propósito da pesquisa não foi classificar o consumo de material pornográfico segundo juízos de valor. O uso de pornografia, como já demonstrado em capítulos anteriores, trata-se de um ato histórico e cultural praticado por homens e mulheres. Em outras palavras, alguns homens e mulheres ao longo da história utilizaram de meios sonoros, visuais, dentre outros, para estimulação sexual, visando à descarga sexual e/ou prazer.

Partindo do pressuposto apresentado por Gurfinkel (1995), McDougall (1995/1997a; 1995/1997b) e Costa (2011), destacamos também que a pornografia veiculada na atualidade não possui por si só a capacidade de suscitar um quadro de dependência e adicção. Todavia, toda a discussão apresentada remete a modalidades de vida que se relacionam ao excesso no consumo e às características peculiares de cada um desses sujeitos.

Nessa seção nos debruçamos em suposições e possíveis análises do material recolhido e descrito por meio dos eixos temáticos. Tais ressalvas e afirmações são necessárias, pois não conhecemos a fundo a história particular e os eventos que atravessaram cada sujeito que compõe a presente pesquisa, visto que os depoentes utilizam pseudônimos e o ambiente virtual para se expressar. Assim, levantamos a hipótese de que fazem uso dessas características para que, de fato, não sejam reconhecidos. Como forma de respeito aos depoentes e também ao considerarmos esse material como verídico em si, pelo fato de se apresentar por meio do testemunho do próprio sujeito a respeito de sua vida, essas interlocuções podem conter algumas conclusões que poderiam não ser aplicadas em alguns dos casos particulares expostos. Contudo, nosso objetivo não foi o de fornecer análises inflexíveis e que abarquem a todos os sujeitos, mas de investigar o vício em pornografia e sua relação com a adicção na nossa cultura atual.

6.1. A nossa cultura na atualidade e as raízes da adicção

Partimos do pressuposto de que nenhum fenômeno é apartado de relações sociais e de seu contexto histórico. Por meio de significados herdados pela história de cada família e por hábitos presentes ao longo das gerações, entendemos que a cultura é responsável por atitudes e pensamentos humanos, pois ela fornece uma rede de significados, que influencia o nosso modo de ser e estar no mundo e nos auxilia a manifestar alguns comportamentos de modo semelhante para solicitar algo e demonstrar descontentamento. Compreender o viés cultural no qual estamos inseridos nos fornece recursos para questionar o fenômeno da dependência em pornografia, pois esse comportamento não está esvaziado de significado, mas integra aspectos relacionais presentes em nossa cultura.

Na concepção freudiana (1930/1996b), a cultura – formada pela família e por outras instituições – possui em sua gênese a atribuição de amenizar o sofrimento humano e fornecer proteção aos perigos da natureza e de nossas próprias pulsões. Entretanto, no exercício de seu ofício, os sujeitos que representam a cultura optam por meios punitivos e coercitivos, que, ao invés de proporcionar alívio ao sujeito, ocasionam mais sofrimento. Ou seja, por intermédio da agressividade, a cultura impõe restrições e renúncias aos homens e às mulheres com o objetivo de controlar seus desejos e mantê-los protegidos. Embora possam se evidenciar ganhos nessa relação, como a sobrevivência, o ser humano está fadado a manter relações frustradas com o outro e a manifestar modos distintos de sofrimento, justamente pela necessidade de escoamento dessa energia reprimida e de sua ligação a um objeto.

Ademais, entendemos que a constituição de cada sujeito que pertence a uma cultura é atravessada diretamente por diversas instituições, a familiar, por exemplo. Segundo Minerbo (2013), ao nascer, o bebê é lançado aos cuidados de um cuidador – integrante de uma rede simbólica – que o introduz nas normas de diversas instituições e estas irão lhe fornecer recursos para o entendimento do mundo que o cerca. Posteriormente, a “... criança internaliza essas significações e, em seguida, a própria função simbolizante, que cria novos símbolos. É o processo de subjetivação” (p. 30).

Assim, um dos papéis desempenhados pelos cuidadores é o de prover à criança/bebê recursos para executar o processo de simbolização. Essa possibilidade de produzir e formar símbolos fornece sentido à existência humana, e é nomeada de função simbolizante, cuja principal atribuição é elaborar e integrar experiências (Minerbo, 2013).

De acordo com Minerbo (2013), a função materna está intimamente relacionada com a função simbolizante, que é desempenhada pelo inconsciente da mãe, por substitutos e por instituições, “estabelecendo laços simbólicos entre significantes e significados que propiciam a experiência subjetiva de ‘fazer sentido’” (p. 423). Por exemplo, uma criança está com sede,

mas não possui a representação do que é sentir sede, assim, chora desesperadamente, pois não sabe externalizar verbalmente sua angústia. A mãe, ou algum cuidador, dirige-se à criança fornecendo-lhe algum líquido e o nomeia: “você está com sede? Beba essa água”. Desse modo, essa perturbação ganha significado e é integrado ao psiquismo da criança. Contudo, há alguns casos em que os cuidadores não destinam significados às angústias vivenciadas pela criança; logo, os símbolos e significados não são integrados, ocasionando falhas na constituição egóica desse sujeito. Diante da dificuldade em atribuir símbolos à ausência, a falta é sentida “como uma presença má e persecutória ou... lança o sujeito num vazio de significações. Daí sua constante angústia de separação” (Minerbo, 2013, p. 89).

Nesse sentido, Costa (2011), Costa (2013), Ceccarelli (2011a) e McDougall (1995/1997a) também discorrem que há casos em que a pessoa incumbida em realizar a função materna é incapaz de prover afetividade ou significados para o desprazer vivenciado pelo bebê, dificultando a formação de um encadeamento de ideias e a nomeação dos acontecimentos. Nesses casos, a adicção pode ocorrer quando os cuidadores falham em sua capacidade de amparar a criança. Essa falha é compreendida como figuras que, ao invés de apresentarem o mundo à criança de modo afetivo e com explicações a respeito, exime-se dessa atribuição e não se fazem presentes nesse processo. Tal conduta produz lacunas no psiquismo desse sujeito em formação, que de algum modo precisam ser completadas (Ceccarelli, 2011a; Costa, 2011; Costa, 2013; McDougall, 1995/1997a; Minerbo, 2013).

Na concepção de Ceccarelli (2011a), “o objeto na adicção é, em certa medida, contingente” (p. 71), devido ao fato de se portar como um elemento substitutivo ao bebê em suas relações socioafetivas iniciais com o ambiente externo. Uma vez que o bebê pode se segurar e se sustentar em um objeto para que se mantenha vivo fisicamente e psicologicamente, no futuro essa mesma lembrança do objeto que o amparou pode ser deslocada a outro objeto externo, que permita ao sujeito sobreviver psiquicamente. Dentre tais objetos encontram-se os elementos adictivos (drogas, pornografia etc.).

Em alguns casos de vício, como o relacionado à heroína, Ceccarelli (2011a) teoriza a respeito de uma falha narcísica primitiva na constituição do sujeito que influencia no desenvolvimento psicosexual e na maneira como o sujeito se relaciona com os objetos do mundo externo. Ao longo da vida, o sujeito se empenha em buscar suprir essa lacuna por meio do uso de objetos, mas esse anseio é frustrado. Nas palavras de Ceccarelli (2011a), “o objeto da adicção está ali apenas como coadjuvante na eterna tentativa sempre frustrada e constantemente renovada de apagar a falha básica” (p. 72).

Além da ausência materna, Costa (2011) supõe que um dos fatores responsáveis pela adicção seria o declínio da figura paterna, principalmente por ser comum em condutas aditivas a dificuldade de adquirir responsabilidades e se individualizar. A figura paterna, na Psicanálise, de modo geral, é destinada à manutenção das regras e interdições sociais. Segundo Costa (2011, p. 204), “a ausência da função atribuída ao pai de regulação dos impulsos através do limite ao prazer é o grande vazio da atualidade”.

Em suma, considerando o que é dito pelos autores utilizados nesta pesquisa, reconhecemos que o comportamento adictivo é frequentemente explicado na teoria psicanalítica pela tentativa desesperada do sujeito em não estar/permanecer só, ou seja, devido à intensa dependência do outro e pelo medo frequente de perder os objetos de amor – figura paterna e/ou materna. A propensão a recorrer a objetos substitutivos se torna uma via economicamente viável ao psiquismo; por exemplo, o objeto pornográfico surge como uma alternativa para prover explicações ao sujeito. Porém, as mensagens transmitidas por tal objeto são tóxicas porque são excessivas, uma vez que sobrecarregam o psiquismo do sujeito.

6.2.O funcionamento psíquico não neurótico

A partir dos dizeres dos depoentes, especialmente das questões levantadas no segundo eixo – como a fala de surfista: “*As vezes eu penso comigo mesmo que isso não é necessário, mas algo no meu cérebro me fala pra eu ir praticar pq vai me aliviar e eu vou ficar mais tranquilo*” (D₂₆) –, é possível pensar que do mesmo modo que um cuidador da primeira infância, a pornografia, quando escolhida como objeto adictivo, é vivenciada como algo que não frustra o sujeito que recorre a ela. O sujeito na adicção não busca ser surpreendido, mas a segurança e a proteção diante das surpresas da vida. Por isso, a compulsão à repetição (Cole, 2011).

Costa (2013) levanta hipóteses a respeito da origem dessa conduta. Para ele, o contexto teria desprovido o sujeito de suportes básicos e elementos para a constituição psíquica (imagem narcísica). Como resultado, o sujeito tem afetada a sua capacidade de resistir à separação com o seu objeto tóxico. De um modo geral, Costa (2013) considera que o objeto tóxico internalizado é substituído por um novo objeto com a finalidade de suprir essa falta. Na perspectiva de Ceccarelli (2011a; 2011b), na adicção ocorre uma ruptura do ego, em que o objeto escolhido atenderia às demandas de onipotência infantil e cumpriria as pulsões primárias, ocasionando a sensação de que o objeto estaria presente sempre que solicitado.

Ceccarelli (2011a), ao explicar o sentimento de onipotência infantil, realiza um resgate ao primeiro modo de relação do bebê. Para o autor, a primeira vinculação do bebê ocorre com algum cuidador que lhe forneceu vida psíquica. De início, o bebê acredita que seu cuidador possui a capacidade de protegê-lo de quaisquer perigos e frustrações originárias do mundo externo e, durante o seu amadurecimento, o sujeito combate qualquer hipótese que ponha fim a esse sentimento de proteção. Assim, esse cuidador serve como um elemento fundamental na constituição do sujeito, pois ele é quem auxiliará a criança a lidar com sentimentos e com situações de desamparo fisiológicas e psíquicas. Contudo, esse anseio pela manutenção da figura de amparo torna-se problemático quando o sujeito não consegue se desvincular dela. Assim, a conduta adictiva seria descrita como uma tentativa de não se separar da figura de amparo, que impossibilita o sujeito “de construir um mundo interno tranquilizador e ser capaz de estar só” (p. 72). Para Ceccarelli (2011a), os pilares da conduta adictiva se baseiam na

preocupação... a ser quebrada, amortecida..., seria o colapso psíquico devido à não introjeção das imagos parentais necessárias para que passado o desamparo inevitável dos primeiros anos de vida, a criança possa ser o que chamei de “pai para si mesmo”. Esta dinâmica psíquica particular é reatualizada sempre que uma ameaça, real ou imaginária, se apresenta ao sujeito. O recurso à adicção é a tentativa de evitar, de quebrar o desamparo gerado por este estado psíquico (p. 73-74, itálicos do autor).

Em decorrência do que foi apresentado no primeiro eixo temático, supomos que os pontos teóricos acima destacados podem ser sustentados e reiterados nesta pesquisa, pois ficou evidente nas narrativas dos depoentes que o seu primeiro acesso ao objeto substitutivo ocorreu antes dos doze anos, ou seja, quando crianças, em uma época importantíssima na formação do psiquismo. Embora a exposição à pornografia não tenha por si só a capacidade de suscitar dependência, no caso específico dos depoentes, o objeto adictivo, a pornografia, foi um recurso utilizado pelo ego para a manutenção pulsional de um estado capaz de ser suportado. Com a finalidade de lidar com a falta de significados atribuídos às suas angústias, os sujeitos recorreram às adicções na tentativa de diminuir o sofrimento e formar sua própria identidade. As adicções são construídas a partir de objetos pertencentes à cultura e tornam-se notórias a partir do momento em que não podem ser controladas pelas instituições e abdicadas pelo sujeito.

Nossa perspectiva, diante do exposto, é de que a cultura lança símbolos ao sujeito, que podem ou não culminar em sofrimento psíquico, e que dependem diretamente do modo individual com que cada sujeito se organiza perante essa matriz simbólica. Em outras palavras, nossa subjetividade seria formada por meio das intervenções culturais (maternas,

paternas, institucionais), sendo estas responsáveis pela maneira como nos portamos no mundo, bem como pelo nosso sofrimento.

No primeiro eixo temático, por meio dos depoimentos, os sujeitos reconhecem o sofrimento gerado devido aos impactos das tecnologias na constituição do processo de dependência com a pornografia – principalmente, diante das dificuldades levantadas em responder às solicitações institucionais na infância e na adolescência, assim como em comprometerem-se em atividades esportivas, acadêmicas e/ou familiares. Considerando tais informações, é possível supor que essas condutas evidenciam que estamos vivenciando um momento histórico de fragilidade da cultura.

A fragilidade da matriz simbólica (capacidade de significar) nos dias de hoje está constituindo sujeitos desprovidos de recursos simbólicos para lidar com a carga pulsional (Minerbo, 2013). No caso do vício em pornografia, torna-se evidente que o processo de simbolização em nossa cultura não se dirige às integrações, havendo uma ruptura em relação a sua atribuição – que exploramos detalhadamente durante a discussão. Tal hipótese também foi prevista por Costa (2011) ao tratar do processo de aculturação.

Segundo Costa (2011), vivenciamos um momento histórico revolucionário, que nos impele a uma celeridade adaptativa. Tais transformações devem-se em grande parte ao avanço da tecnologia, especialmente as ligadas à ampliação da comunicação entre os sujeitos. Nas palavras de Costa (2011, p. 201), “não tínhamos ideia do poder contido na comunicação, não suspeitávamos de nossa sede de contato, nossa curiosidade pelo outro, nosso desejo de nos apresentarmos, de sermos vistos”.

Devido à sutileza dos meios tecnológicos, especialmente a internet, em adentrar no nosso psiquismo, é possível pressupor que estamos vivenciando um episódio histórico de aculturação (Costa, 2011). Ele é descrito como um movimento de ruptura nos costumes e nos valores sociais (responsáveis ao provimento de identidade e pertencimento de sujeitos em grupos) gerador de ansiedades como resultado de um processo histórico transitório.

Como consequência desse processo de aculturação, o consumo desenfreado de tecnologias de comunicação, no ponto de vista de Costa (2011), também culmina em interrupção no processo de elaboração das ansiedades que se relacionam com a separação das figuras de cuidado. Assim, os sujeitos mais afetados pelas tecnologias seriam as crianças e os adolescentes que, possivelmente, podem apresentar mais dificuldade na autonomia e na aquisição de responsabilidades.

Apesar de destacarmos os impactos nocivos das tecnologias, necessitamos de cautela em sua categorização como algo exclusivamente nocivo às crianças e aos adolescentes, pois

tais ferramentas também contribuem de modo saudável para o desenvolvimento deles; por exemplo, ao estimular o acesso ao conhecimento, ao facilitar a aproximação entre as pessoas e possibilitar a comunicação entre entes queridos de forma mais acessível financeiramente ou até mesmo gratuita. Outro contraponto importante a ser salientado é que a exposição à pornografia não é suficiente para gerar danos na vida dos sujeitos, mas é necessária uma gama de fatores que contribuem para a manifestação e para o desenvolvimento de um quadro de dependência.

No caso desta pesquisa, buscamos fornecer significados a uma determinada demanda por intermédio de testemunhos. Neles, as características expostas e descritas, principalmente no primeiro eixo temático, que se relacionam ao período da infância e adolescência, levaram-nos a supor que tais sujeitos não possuíam recursos psíquicos e mediações externas (de familiares, professores...) para se utilizarem de ferramentas tecnológicas de modo autônomo e responsável. Por exemplo, na narrativa de Justiceiro do Sertão (D₄), ele relatou as consequências geradas em seu psiquismo após a exposição constante à estimulação audiovisual.

... me tornei um completo crápula, o tipo mais besta, mais irritante que pode haver (para vocês verem como a pornografia, inclusive, torna o adolescente imaturo ao extremo). Ia para a escola só para perturbar a todos (crente de que estava agindo como gente) e desejar coisas impossíveis...

E acrescentou: *“quando se é viciado, quer-se mais que o mundo se dane. A zona de conforto é muito mais tragicamente gostosa”* (D₄). Assim também na postagem de M. Mystère, em que afirma: *“várias vezes cheguei a furar meu programa de estudos ou deixar de estudar para provas a fim de ver conteúdo pornográfico e me masturbar. Contudo, ainda não percebia o gama de efeitos nocivos”* (D₆).

Diante desses exemplos e do que foi demarcado no primeiro eixo, um de nossos entendimentos, em face à dificuldade desse público em estabelecer autonomia e adquirir responsabilidade, está relacionado diretamente à hipótese de enfraquecimento das instituições que representam a cultura, como a família, o sistema educacional, a religião, dentre outros, outrora presumidos por Minerbo (2013).

Para que uma instituição tenha o poder de afetar um sujeito é necessário que ela tenha força para constituir um local simbólico, ou seja, as bases de uma instituição somente se sustentam caso forneça símbolos que auxiliem a integração do sujeito, visto que uma instituição é responsável pelo processo de construção da subjetividade. Por intermédio desta,

os sujeitos pensam, sentem e se manifestam segundo os significados fornecidos (Minerbo, 2013).

Nesse sentido, Minerbo (2013) discorre que, na ocasião em que as instituições diminuem sua força, a união simbólica fica debilitada, ocorrendo o rompimento do símbolo. Em consequência, “a descrença nas narrativas e a fragilidade do símbolo indicam o enfraquecimento das instituições” (p. 416). A autora afirma que diante do enfraquecimento simbólico, os sujeitos estão manifestando o seu sofrimento por meio de condutas compulsivas de caráter adictivo.

Presumimos que, se a personalidade neurótica é construída pelo símbolo, ou seja, “por *uma matriz simbólica relativamente fixa a partir da qual o sujeito lê o mundo e reage a essa leitura*” (Minerbo, 2013, p. 26, itálicos da autora), a fragilidade do símbolo resulta em um modo de funcionamento psíquico não neurótico. Portanto, compreendemos por meio de nossa investigação que o vício em pornografia é um modo de funcionamento psíquico não neurótico (Green, 2002, citado por Minerbo, 2013); em outras palavras, está relacionado à falha na constituição do narcisismo e, conseqüentemente, na integração egóica, dado que a personalidade neurótica se relaciona predominantemente a perturbações na dinâmica das relações objetais.

Explicando melhor, para Minerbo (2013), na estrutura neurótica do psiquismo, há um escudo protetor capaz de possibilitar conexões libidinais que se alojam no interior do psiquismo e proporcionam o desempenho de atividades egóicas (sublimatórias, realitárias, criativas, simbólicas e de proteção). Já no funcionamento não neurótico, a energia “será *descarregada*, na forma de energia não ligada” (p. 75, itálico da autora). Como exemplo disso, Minerbo (2013) elucida a ocorrência a partir da relação entre uma mãe que, ao invés de prover suporte às angústias da criança, destina-lhe angústias e tensões. Nas palavras da autora,

O psiquismo da mãe não aguenta tensões; ele “espana” em situações de angústia e *descarrega* na criança, esperando que ela possa fazer a necessária continência e transformação, o que, evidentemente, excede sua capacidade psíquica de elaboração. Ou seja, em lugar de funcionar como paraexcitação, a própria mãe é fonte de afetos penosos e traumáticos. A criança irá se subjetivar segundo esses modelos de funcionamento psíquico, com prejuízo de sua paraexcitação. (p. 75, itálico da autora).

Nas estruturas não neuróticas, todo e qualquer estímulo energético é sentido como intenso e desorganizador, devido à vulnerabilidade egóica (Minerbo, 2013). No caso da adicção em pornografia, a evacuação dessa energia tende a ser descarregada no mundo externo por meio de atuações, que conduz o sujeito a um estado confusional e dificulta a

criação de uma rede de representações estáveis que viabilizem o pensamento reflexivo. Como consequência, o sujeito tende à compulsão à repetição (Freud, 1920/1996c; Minerbo, 2013) e busca no objeto adictivo a elaboração de suas angústias, pois, diferentemente do neurótico, o adicto não possui estabelecida uma continência interna de suas angústias e necessita procurar em um objeto externo esse amparo (McDougall, 1995/1997a).

Como demonstrado por meio das postagens, os adictos em pornografia vivenciam um ciclo de repetições, pois não conseguem se desvencilhar da intensa recorrência de seu comportamento. Supomos que se esses sujeitos não estivessem em uma situação de vulnerabilidade egóica, conseguiriam por intermédio do pensamento reflexivo, atrelado a um engajamento psicoterápico ou analítico, esquivar-se da situação aflitiva. Todavia, torna-se evidente por meio do eixo seis, a possibilidade remota de abdicarem do objeto tóxico, visto que este representa a eles uma situação de conforto e satisfação, mesmo que esporádica, como expresso nas palavras de um depoente: *“Sinto que com a pornografia eu tenho algo que me dá satisfação e prazer. Sem ela eu me anulo...”* (Zé, D₁₃).

Tal fato é notório em nossa pesquisa, uma vez que os depoentes nos transmitem a mensagem, por intermédio de suas postagens, de que a realidade para eles não é suportável e que somente encontram alguma sensação de alívio durante o consumo do objeto pornográfico. A partir dessa averiguação, fomos capazes de estabelecer dois pontos que prejudicam os sujeitos a se desvencilharem das amarras ligadas à compulsão: a) a dificuldade de encontrar profissionais e serviços adequados que atendam a sua demanda; e b) a própria perspectiva do sujeito, ou seja, a sua própria especificidade subjetiva que o impede de se desvincular da conduta adictiva devido a sua economia psíquica que favorece o desenvolvimento de intensas resistências ao tratamento; resistem à mudança porque ela os tiraria da zona de conforto.

Neste momento se faz importante pontuar que, na ocasião em que os sujeitos desejam manifestar sua solidão, tristeza e insatisfação para alguém, essas queixas comumente podem ser respondidas com deboches, ironias ou agressividade. A escuta inexperiente e não reflexiva de alguns sujeitos pode resultar em pensamentos e respostas como: “você não melhora porque não quer” e “para de usar isso se está te fazendo mal”. Contudo, esse raciocínio simplório não leva em consideração a complexidade da questão. O adicto por si só não consegue mudar sua realidade, pois não possui “matriz simbólica para apreender nuances, nem para conceber a complexidade do objeto” (Minerbo, 2013, p. 87) ou para compreender dados de realidade complexos.

Assim, constatamos que tais escutas inexperientes não são adequadas, conforme a exposição do sexto eixo, pois levam o sujeito a evitar a procura de ajuda. Entretanto, embora a

procura de ajuda especializada seja fundamental, ela é só um dos aspectos a ser considerado pelos profissionais e pelos serviços de saúde. Não basta apenas oferecer uma escuta experiente para que a problemática seja resolvida, porque há outro ponto a ser contemplado: a perspectiva do próprio sujeito. Em outras palavras, apesar de haver a possibilidade de uma escuta experiente que possa compreender os sujeitos nesse quadro, isso não significa diretamente que os próprios sujeitos aceitarão esse auxílio e a intervenção dos profissionais. Esse entrave no engajamento em um tratamento médico e/ou psicológico por parte do paciente é previsto na teoria psicanalítica por meio de um fenômeno nomeado por resistência.

O sujeito em tratamento, por vezes, manifesta soluções defensivas em oposição ao tratamento que independem de motivos específicos. Uma das hipóteses seria devido ao ganho secundário do sintoma, ou seja, a persistência em manter um quadro sintomático seria uma saída viável para os sujeitos, visto que o tratamento pode colocar em perigo o ego, que historicamente se constituiu de determinada maneira. Em outras palavras, livrar-se de um sintoma poderia deixar o sujeito indefeso para conviver com suas próprias angústias, pois os sintomas foram um meio encontrado de afastar o próprio sujeito de algum evento traumático vivenciado. Dessa forma, as resistências intrínsecas a cada sujeito dificultam sempre a busca pela verdade psíquica de cada um. Portanto, além de investir na capacitação de profissionais, proporcionar serviços adequados e alertar a população em geral a respeito dessa modalidade de sofrimento, é preciso considerar o viés do sujeito e sua especificidade subjetiva.

Considerando os pontos apresentados, a partir do momento em que o sujeito sente essa resposta repleta de desprezo, rejeição e indiferença, qualquer possibilidade de procurar ajuda ou de dialogar a respeito de seu problema é sentida como negativa e perigosa, visto que até mesmo a imaginação de uma situação de tamanha intensidade desorganiza o sujeito, pois poderia desarmá-lo em suas defesas, como já salientamos acima. Até mesmo situações corriqueiras, como trabalhar ou realizar alguma atividade diária, podem ser encaradas pelo sujeito com medo e reserva, pois os depoentes sentem que estão prestes a se fragmentar diante de qualquer situação de tensão ou cobrança. Em decorrência de se perceberem incapazes de resolver impasses de sua realidade cotidiana, os sujeitos sentem ódio de si, por viverem no limite e sob ameaça constante de aniquilação. É como se seu comportamento adictivo representasse um segredo que pode ser descoberto a qualquer momento. Um depoente comunicou explicitamente o medo de ser descoberto da seguinte maneira: “*O peso na consciência é grande, estou em um ciclo de mentiras constante para manter a minha vida secreta*” (Salomao, D₇).

Como resultado dessa sensação aflitiva permanente, pensamos a respeito da dificuldade desses sujeitos, com falhas na constituição de seu narcisismo, de obter a felicidade, tanto no trabalho quanto no amor, sendo que em ambas as esferas, por envolverem uma dinâmica objetal, a necessidade de integração egóica nos parece comprometida. Presumimos que uma das formas de se encontrar a felicidade seria por meio da relação entre sujeitos – inibidas ou não em sua meta sexual – em práticas como amar e trabalhar, mas elas requerem um ego amadurecido, capaz de abdicar, por vezes, de si mesmo e destinar a própria libido a outro objeto no mundo que o cerca. Tais constatações nos levaram a seguinte indagação: seriam os viciados em pornografia infelizes? E a resposta diante do já apresentado não nos gera dúvidas: eles estão infelizes e com obstáculos em criar recursos internos para lidarem com a própria infelicidade.

Na nossa compreensão, desde o seu nascimento, o sujeito humano clama por amparo e proteção, sendo que nesse caso específico da adicção em pornografia, os sujeitos se expõem como solitários e desamparados. Isso tanto é verdade que eles buscam ajuda no ambiente virtual a fim de camuflar sua solidão e sentirem-se pertencentes a um grupo e a algum lugar. O mínimo de atenção que a internet oferece é sentida para eles como amparo. Contudo, essa mesma faceta abre pouco espaço para o concreto, pois por meio de pseudônimos, os próprios sujeitos afastam a possibilidade de contato, como se estabelecessem defesas a seu ego, que já encontra-se fragmentado, prestes a se aniquilar.

Essas argumentações parecem se expressar muito intensamente no quinto eixo, no qual os depoentes constantemente afirmam sofrer por causa da perda da libido (direcionada a um objeto externo) e da capacidade de sentir e de expressar sentimentos. O fato dos sujeitos não enxergarem possibilidade em se desprenderem do próprio autoerotismo gera psicologicamente a sensação de fragmentação. Logo, o viciado em pornografia apresenta como característica a diminuição da curiosidade sexual em relação ao outro, uma dessensibilização em amar, em que o outro não é percebido com curiosidade e mistério, mas esvaziado de significado e interesse.

Para Freud (1914/2004c), a incapacidade de amar resulta diretamente na atitude do sujeito em se autodepreciar e em sentimentos de inferioridade. Ele identifica como origem desses sentimentos o esvaziamento egóico, “resultante da enorme quantidade de investimentos libidinais dele retirados; portanto, trata-se aqui de danos ocorridos... devidos às aspirações de vertentes sexuais que não mais se submetem ao controle” (p. 116). Em concordância com o rebaixamento do autoconceito, os viciados em pornografia nos parecem

recorrer a uma supercompensação de suas características no uso abusivo de conteúdos sexuais.

Além da dificuldade em estabelecer vínculos afetivos, consideramos importante retomar a discussão a respeito da dificuldade relatada pelos depoentes em desempenhar atividades socialmente úteis, como trabalho, estudo e práticas esportivas. Pelo viés psicanalítico, essas ações poderiam ser entendidas como possibilidades sublimatórias (Freud, 1914/2004c), por afastarem o sujeito do objeto sexual com o objetivo de encontrar em outros objetos – por intermédio do símbolo – outra modalidade de satisfação. Em outras palavras, a sublimação atenderia às pulsões sexuais e às demandas da cultura, sendo ela um mecanismo que permite aos sujeitos destinarem suas pulsões agressivas e sexuais a objetos externos. Todavia, os sujeitos que se encontram nessa situação adictiva manifestam dificuldades em desempenhar tais atividades, pois o prazer sentido por elas está afetado, justamente pelo fato do sujeito não conseguir realizar ligações entre as cadeias de representações; isto é, a atividade sublimatória seria posterior e possível para aqueles cujas funções egóicas possam suportar e proporcionar essa ação.

Mas afinal, o que impulsiona o sujeito a consumir pornografia de modo abusivo? Supomos que a necessidade acentuada de resgatar um período de intensa dependência com o outro. O sujeito procura um objeto capaz de se portar como uma de suas figuras de cuidado, ou seja, de nomear as angústias subjacentes à tenra infância. Devido à impossibilidade de regresso, o objetivo substitutivo surge como uma esperança em ser capaz de desempenhar essa função ou de modificar as falhas no processo de simbolização vivenciadas na infância. Em vista disso, o sujeito busca de modo traumático esse encontro, por meio da repetição compulsiva.

Nesse sentido, os sujeitos procuram principalmente o prazer, ou melhor, o alívio, por intermédio do material disponível na internet. Minerbo (2013) observa que essa ferramenta possui noções de tempo e espaço próprias, que não impõem limites nem controle, lançando o sujeito constantemente a situações perigosas. “Por isso, a hipótese de que a internet induz a passagem ao ato, por mobilizar transferência e fantasias primitivas – envolvendo a sexualidade infantil perverso-polimorfa e aspectos narcísicos onipotentes –, merece ser cuidadosamente considerada” (Minerbo, 2013, p. 452-453). A atuação revive alguma situação do passado por meio do infantil, em que a excitação pulsional transpõe os limites da continência simbólica.

Um fator que atesta tal afirmação foi o conteúdo levantado no primeiro e no terceiro eixo temático, pois constatamos que a internet é uma ferramenta que viabiliza o acesso a

materiais de cunho sexual, que estimulam uma forma perversa de funcionamento psíquico. Esses materiais, quando utilizados sob determinadas condições, são capazes de enclausurar os sujeitos em uma fixação à determinada modalidade sexual, até que ele se entorpeça desses estímulos e recorra a modalidades de prazer mais intensas e exclusivas, como a pornografia relacionada à coprofilia e à zoofilia.

Ademais, a partir da exclusividade da satisfação obtida pela adicção em pornografia – a qual retira a libido do direcionamento ao outro na busca do alvo sexual, sendo reconduzida a pontos de fixação –, podemos pensar que nela o modo de funcionamento não neurótico se revela na constante busca do adicto em se sentir completo e onipotente, além do que nos parece que sem essa obsessão pelo objeto adictivo o sujeito se sente aniquilado. Tais amarrações se dão a partir do que é descrito no eixo temático que discorre a respeito da fantasia e do fetichismo.

6.3. Adicção e sentimentos primitivos

A partir de Bauman (2001), Cole (2011), Freud (1920/1996c; 1915/2004a) e Ceccarelli (2011b), consideramos que a capacidade de tolerar a frustração relacionada a um ambiente cultural permeado por elementos que propiciem práticas hedonistas e de prazer está afetando a constituição psíquica dos sujeitos, que manifestam comportamentos regressivos devido à desorganização psíquica. Na tentativa de realizar integrações e fornecer significado à própria vida, o sujeito recorre ao uso de objetos adictivos, com o objetivo de não sentir o vazio e a dor ocasionada pelo sentimento de desamparo e angústia.

Como levantado no terceiro, no quinto e no sexto eixo temático, os depoentes sentiam a pornografia, o objeto adictivo, como provedor de malignidades que os destruiria e os aniquilaria. Os sentimentos de aniquilação e de fragmentação eram constantes. Teoricamente, o primeiro sentimento, aponta Minerbo (2013), ocorre em ocasiões fusionais do sujeito com o objeto, nas quais é atribuído ao objeto desempenhar atividades psíquicas que proporcionem ao sujeito a integralidade. Quando há uma possibilidade de se distanciar do objeto ou perdê-lo, isso gera sentimentos relacionados com a angústia de morte⁸. Também associada à angústia de morte expomos o sentimento de fragmentação, no qual o ego do sujeito está enfraquecido e,

⁸ Conceito que se encontra relacionado na teoria freudiana com a pulsão de morte (1920/1996c), a qual é responsável por mover o sujeito em direção ao estado de aniquilamento total das pulsões, ou seja, à morte. O excesso de potência dessa pulsão resulta em ações autodestrutivas ou em agressividade para com os objetos do mundo exterior.

por estar vulnerável, apresenta a possibilidade de desintegração. Assim, o objeto realiza, nesses casos, o papel de contenção e de proteção ao sujeito.

Compreendemos que o vivenciado pelos adictos em pornografia pode ser nomeado como um sofrimento de ordem narcísica, pois coloca em risco a integridade egóica de cada sujeito. Essa modalidade de sofrimento pode ser manifestada por meio de alguns sentimentos, como sensação de aniquilamento, vergonha, culpa, humilhação, ódio a si mesmo e raiva/repulsa da pornografia. Tais sentimentos demonstram que cotidianamente esses sujeitos vivenciam o medo de morrer ou de adentrar a um estado psicótico (Minerbo, 2013).

A expressão desses sentimentos – culpa, asco, vergonha, dentre outros – foi compreendida por nós, com base no segundo e no terceiro eixos, como sintomas, em razão de expor de forma involuntária o sofrimento psíquico gerado por um quadro adictivo. Como já dito antes, o adicto em pornografia consome continuamente as “vergonhas alheias”, em consequência identifica a própria atitude como humilhante e transgressora, responsável por ferir os padrões morais. Seu consumo obstinado, quando atrelado às exclusividades de prazer, produz sensações de aniquilamento de si mesmo no campo moral, uma vez que, devido aos pilares culturais em que a sexualidade é algo condenável, o excesso de uso da pornografia é sentido como algo que desmerece o adicto, sendo este indigno de respeito e do amor de outrem.

Supomos que os sujeitos dos depoimentos se utilizam do consumismo pornográfico como um modo de defesa contra a fragmentação e contra o aniquilamento psíquico; a pornografia se apresenta como um recurso para mantê-los vivos. Notamos que o sofrimento gerado é ocultado pela cultura, em que os sujeitos se sentem vivos durante o tempo em que podem consumir a pornografia. Diante disso, a configuração psíquica não neurótica, em específico as adições em geral, parece estar consolidada na nossa atual cultura, que é sinalizada pela não eficácia da função simbolizante, desde o objeto primário às instituições que poderiam trabalhar com essa ausência.

De acordo com Minerbo (2013), o funcionamento não neurótico é representado por intensidades distintas de sofrimento narcísico e pelos mecanismos defensivos que são suscitados na tentativa de minimizá-los. Nessa modalidade de sofrimento, o sujeito dirige ódio ao objeto escolhido, pois este resgata o desprovimento de proteção do primeiro objeto, que pode ter ocasionado um trauma. O sujeito visa destruir o objeto, pois ele representa constantes ameaças de fragmentação e de aniquilação do eu. Odeia-se o objeto, pois ele revela que falhou em sua missão de suprir ou escamotear algo vivenciado.

Apesar de o sujeito manifestar ódio ao objeto substitutivo, ele também realiza uma tentativa de poupá-lo e de salvá-lo da destruição, pois independente de ter fracassado, de algum modo, o objeto-droga cumpre uma de suas missões: ele promove alívio momentâneo às pulsões. Ademais, o que prenderia o sujeito nessa relação com o objeto dirige-se para além do princípio do prazer, isto é, o encontro com o objeto revive o traumático por meio da repetição. Nas palavras de Laplanche e Pontalis (2001), a compulsão à repetição se refere a um

... processo incoercível e de origem inconsciente, pelo qual, o sujeito se coloca ativamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo, pelo contrário a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 83).

Ademais, conforme o que foi apresentado no quarto eixo temático, é possível assegurar que os depoentes afirmam conscientemente que a pornografia é vivenciada como um objeto provedor de malignidade, capaz de aniquilá-los, e identificam, assim, as consequências da sua dependência e da sua compulsão. No entanto, ao acreditarmos que as compulsões são baseadas principalmente em processos inconscientes e que os sintomas nomeados pelos sujeitos também são formações inconscientes, entendemos que a formação da repetição e dos sintomas é resultado de diversas causas que possuem raízes inconscientes, permanecendo inacessíveis ao sujeito (Freud, 1920/1996c) e que o “conteúdo inconsciente é substituído por outro segundo determinadas linhas associativas” (Laplanche e Pontalis, 2011, p. 202).

Assim, concebemos que tais externalizações e nomeações dos sintomas podem ser compreendidas por meio de dois mecanismos psicológicos: o deslocamento e a condensação. Resumidamente, ambos seriam formações inconscientes responsáveis pelo funcionamento psíquico. O deslocamento retira a intensidade de uma representação dolorosa e a deposita em outra representação de menor intensidade energética por meio de uma cadeia de associações. Em sequência, essa energia é investida e condensada em um quadro sintomático (Laplanche & Pontalis, 2001).

O conteúdo que se encontra manifesto é o quadro de adicção. Contudo, levantamos a hipótese de que ele mascara uma dificuldade vivenciada por esses sujeitos em sua história de lidar com o vazio e com a dor ocasionada pelos sentimentos de desamparo e de angústia em relação às figuras de cuidado, que foram insuficientes na formação egóica, ou seja, que falharam ao prover e estimular a autonomia e a individuação. O adicto revela em si as marcas

da dificuldade em ficar só, as quais se relacionam intimamente com suas vivências traumáticas primárias.

A marca constante, relatada por intermédio das postagens, a ambivalência em relação à pornografia, amor e ódio, pode ser comparada com a ambivalência dos primeiros anos de vida em relação ao seio materno. De acordo com Melanie Klein (1946/1991), o primeiro objeto, ao longo do desenvolvimento infantil, é o seio materno. No ponto de vista infantil, ele está dividido em bom (gratificador) e ruim (frustrador). Tal divisão é fundamental em cindir o amor e o ódio. No princípio, o bebê dirige ataques ao seio materno, pois o vê cindido. Esse período no desenvolvimento infantil foi descrito por Klein (1946/1991) como posição paranóide, e, com o tempo, o sujeito tende a integrar essas figuras cindidas e adentrar a posição depressiva.

Isso porque com a introjeção do objeto como um todo as relações de objeto do bebê se alteram fundamentalmente. A síntese entre os aspectos odiados e amados do objeto completo dá origem a sentimentos de luto e culpa que implicam progressos vitais na vida emocional e intelectual do bebê (Klein, 1946/1991, p. 22).

Klein (1946/1991) também discorre que mecanismos de cisão de objetos são reflexos de defesas de um ego arcaico. Além disso, essa autora também elenca que algumas ansiedades associadas ao ego rudimentar são expressas por meio de dois grandes medos: o ser envenenado e o de ser devorado. Esses medos são sentidos nos primeiros meses do desenvolvimento; contudo, se expressam em adultos por meio de vivências psicóticas e de estados confusionais.

No caso dos adictos em pornografia, cujos depoimentos foram analisados nesta pesquisa, supomos que as elaborações necessárias para que houvesse uma integração fundamental em relação às figuras de cuidado de algum modo foram insuficientes, pois percebemos medos persecutórios intensos e evidências de pontos de fixação, que culminam em um modo de funcionamento psíquico não neurótico e paranoide. Ademais, notamos como reflexo dessa insuficiência egóica uma tendência dos depoentes em sentirem-se fragmentados, prestes a se despedaçar. No que concerne a esses sentimento, Klein (1946/1991) afirma que, como resultado de uma estrutura egóica arcaica, o sujeito possui uma propensão a se sentir despedaçado, sendo tais sentimentos característicos nos primeiros meses de vida.

Diante disso, presumimos que os adictos em pornografia depositam no objeto escolhido um papel que outrora deveria ter sido desempenhado por algum cuidador e mantêm com esse objeto relações intensas de ódio e amor: ama-se a ideia de não estar só e odeia-se ao

perceberem que tal objeto é frustrante, na medida em que não fornece a continência necessária para acolher as angústias. Presumimos que esse modo de funcionamento não neurótico se expressa por meio de uma formação psíquica (egóica) rudimentar, evidenciada por medos arcaicos (o de ser devorado, exposto com mais detalhes adiante) que ocasionam no adicto os sentimentos de aniquilação e fragmentação. Em suma, há possibilidade de que as instituições responsáveis (principalmente a familiar), por integrarem e apresentarem o mundo aos sujeitos desta pesquisa, por meio de uma matriz simbólica, falharam na missão de significar a falta e de oferecer amparo.

O que mais nos chama a atenção é que os sujeitos se descrevem como se sentissem devorados pela pornografia, como se ela tivesse o poder de devorá-los e os prendessem dentro de si. Costa (2011) afirma que, devido ao bombardeio de informações e de estímulos aos sentidos humanos, o sujeito inclina-se a um estado regressivo. Esse estado se justifica em função de que a vinculação dos sujeitos com a tecnologia resulta na incorporação passiva da imagem, que se assemelha “a relação oral primitiva com o objeto” (p. 202).

Ao pensar sobre o sentido literal das palavras, Costa (2013) considera que o objeto-droga é de fato ingerido/incorporado e a ideia de “devorá-lo” parece se relacionar diretamente com o objeto. Essa ideia também se associa com o proposto por Costa (2011) a respeito do declínio da figura do pai, pois como já demarcado por Freud (1913/1996n), o sentimento da mania é posterior ao assassinato do pai na horda primeva, que em seguida culminará no sentimento de culpa e no masoquismo.

A devoração fantasmática da droga é um ato físico e um ato psíquico de ressimbolização de objetos e eventos *preliminarmente simbolizados*. Essa ideia nos permite admitir, com mais facilidade, a tese da “droga” material como uma nova metáfora do objeto psíquico intoxicador, e não apenas como o encontro no mundo externo de um objeto-evento que jamais se deixou simbolizar” (Costa, 2013, p. 91, itálicos do autor).

Destacamos a constante presença do ódio na posição subjetiva oral. O que isso quer dizer? A princípio resgatamos que Freud (1915/2004a), ao discorrer a respeito do desenvolvimento da capacidade amar e das pulsões sexuais, afirma que a primeira meta desempenhada pela pulsão é a de incorporação oral. Nessa etapa o amor é “capaz de coexistir com a eventual interrupção da existência própria e autônoma do objeto e que, portanto, pode ser caracterizada como uma forma de amor ambivalente” (p. 161). Logo, ao entendermos que os adictos revivem essa etapa do desenvolvimento, estamos supondo possíveis traumas e fixações em etapas preliminares da sua constituição (Freud, 1915/2004a; Klein, 1946/1991). Na perspectiva de Minerbo (2013), essa maneira de se portar perante o objeto revela um

profundo desamparo, que pode ser gerado por vários fatores, mas resultou na ausência de formação de estruturas e de funções psíquicas. Assim, qualquer sentimento que retire o sujeito de sua conservação é sentido como insuportável e o expõe a angústias de morte. O sujeito nessa situação anseia que o objeto o constitua para evitar sentimentos de tensão e que o permita ser onipotente. Ao se deparar como dependente do objeto,

A impotência o remete a uma representação de si extremamente desvalorizada. Seu superego - encarnado ou não pelo objeto – o critica por estar tão longe do ideal, que é a onipotência; ele sente vergonha por suas falhas e indigno de amor (Minerbo, 2013, p. 332).

Conforme a sintomatologia apresentada anteriormente nos eixos temáticos, é evidente a sensação de ameaça experienciada pelo sujeito, que o leva a sentir-se humilhado em depender de algo tão socialmente repudiado como a pornografia. Assim, percebemos diante do exposto nos depoimentos que o ódio possui função de defesa ao adicto em pornografia, pois ao invés de aniquilar-se, odeia. Portanto, anseia por organizar sua própria psique.

Por intermédio dos depoimentos apresentados e das teorizações elaboradas, concluímos que, nas adições por pornografia, as defesas utilizadas pelos sujeitos para lidar com a angústia geram consequências, como rupturas no modo de funcionamento psíquico, que se expressam diretamente na maneira em que o sujeito gere a própria vida. As constantes repetições demonstram determinar, reduzir e esgotar a vitalidade dos sujeitos e as condições de enfrentamento do vício.

Por fim, como já comentado anteriormente, nosso modo de vida na sociedade contemporânea objetiva a extinção da falta e da ausência, sendo esses sentimentos diretamente responsáveis por impulsionar a autonomia e a criação do pensamento reflexivo e articulado (Costa, 2011; Mahler, 1963/1982). Diante disso, notamos a urgência em criar uma rede de representações, ou seja, uma compilação de significados que possam auxiliar na integração do psiquismo de quem sofre por dificuldades na constituição narcísica, visando o distanciamento dessa situação de dependência e a formação da autonomia e da individuação.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento desta pesquisa foi possível o aprofundamento teórico e reflexivo a respeito do vício em pornografia e a análise de sua relação com a adicção na nossa cultura atual; contudo, cabe ressaltar que maiores pesquisas, teorizações e esclarecimentos se fazem necessárias devido à tamanha abrangência e à complexidade do fenômeno.

Notamos que a pornografia é uma produção histórica, que foi/é difundida no senso comum por representar a sexualidade humana, além de ser explorada pelo comércio e por indústrias, principalmente, nos dias atuais, por aquelas que se relacionam com tecnologias audiovisuais. Embora seja um produto comum, desperta no meio cultural julgamentos morais e, em consequência, necessita ser censurada pelas instituições, pois não é compreendida, na maior parte das vezes, como uma expressão legítima da sexualidade, seja pelas instituições religiosas, seja por valores filosóficos e estéticos. Além disso, a pornografia também salienta posições de poder em uma determinada sociedade. Em contrapartida à moral, verificamos o florescimento do cenário pornográfico, especialmente no ambiente virtual, e o excesso no consumo.

Foi justamente este aspecto que contemplamos nesta pesquisa: o excesso. Sentimos a necessidade de criar uma rede de explicações que atribuísse sentido ao notório crescimento pela procura e pelo consumo de pornografia, visto que nos deparamos com uma gama de pedidos de ajuda na internet de pessoas que manifestam sofrimento como resultado do uso excessivo de material pornográfico. Paralelamente a essa demanda, encontramos um número pequeno de produções psicológicas em língua portuguesa nas bases de dados de pesquisa. Tais fatores nos instigaram e nos impulsionaram a seguir em frente na pesquisa, mesmo considerando a existência de limitações.

Diante disso, escolhemos um método que melhor se aplicasse às dificuldades e aos anseios da pesquisa: o método de análise de conteúdo (Moraes, 1999). A partir dessa preferência, a pesquisa foi exposta a cinco momentos para a sua efetivação: preparação das informações, transformação do conteúdo em unidades, classificação das unidades em categorias, descrição e interpretação.

Assim, por meio do material recolhido (depoimentos), consideramos que discutir a respeito da compulsão em utilizar pornografia requer cautela dos pesquisadores para não reproduzir estigmas e, com isso, afastar quem está submerso nessa modalidade de sofrimento, uma vez que, os depoentes estavam em uma relação intensa com o objeto-tóxico e a

pornografia se configurou como o único elemento em suas vidas capaz de lhes fornecer sentido.

Como tentativa de explicar o excesso, recorreremos, principalmente, aos conhecimentos psicanalíticos e levantamos a hipótese de que a economia psíquica na relação com a pornografia tinha como finalidade minimizar as sensações de desprazer e evitar situações que promovessem qualquer ameaça à sensação de “equilíbrio”. Esse anseio em permanecer sem ameaças à integridade do sujeito foi relacionado por nós com uma tentativa de “restaurar um estado anterior de coisas” apresentada por Sigmund Freud (1920/1996c), ao tratar da pulsão de morte, e por outros psicanalistas. Analisamos que o sujeito consumidor de pornografia apresentou movimentos autodestrutivos, que poderiam se relacionar a algum evento doloroso vivenciado ao longo de sua história.

A hipótese é de que os sujeitos estavam ou estão infelizes com o rumo de suas vidas e/ou com o retorno de angústias não elaboradas em seu passado, em consequência, procuraram a pornografia ansiando pelo encontro com a felicidade e pelo distanciamento de qualquer possibilidade de desprazer. É como se recorressem a um atalho nessa busca frenética a um estado de plenitude.

Associado a essa procura impaciente, também compreendemos que o modo de organização de nossa sociedade prega justamente esse ideal de felicidade, em que somente a encontraremos por intermédio do consumo excessivo de bens materiais e de produções hedônicas, que satisfaçam nossa demanda narcísica. Citamos como exemplo a intensa exaltação do corpo e do sexo; essa excessiva valorização atribui ao corpo a responsabilidade de obtenção do prazer por meio de processos primitivos de olhar e ser olhado e de devorar e incorporar, frequentemente mediados por algum dispositivo audiovisual que mantenha essa satisfação isolada do contato real entre os sujeitos.

Nessa via reflexiva, percebemos que a satisfação obtida pelos adictos é parcial e se afasta do propósito de Eros: a união entre os pares, sendo que o clímax é alcançado de modo solitário por meio do ato masturbatório. Em conformidade a uma cultura que nos impõe ideais individualistas e narcísicos, o comportamento adictivo foi percebido como uma tentativa desesperada por parte dos depoentes de não se sentirem solitários. Os sujeitos mostravam demandar por amparo e temer a solidão. Todavia, estar só e consumir um objeto substitutivo foi uma escolha economicamente viável ao psiquismo para atender as demandas da cultura e aos anseios primitivos do sujeito. Em consequência dessa escolha, o próprio objeto lança o sujeito a uma situação de intenso sofrimento, pois as mensagens transmitidas por esse objeto sobrecarregaram o psiquismo de cada depoente.

Reconhecemos o sofrimento gerado por essa modalidade de vício como de ordem narcísica, uma vez que ameaça a integridade egóica dos adictos devido à manifestação frequente de alguns sentimentos, como aniquilamento, vergonha, culpa, humilhação, entre outros. Essa forma de sofrimento foi categorizada como um modo de funcionamento psíquico não neurótico, pois estava em sincronia com o momento atual de nossa cultura – momento de rupturas e de questionamentos de paradigmas –, cuja principal marca é a ineficácia do papel do símbolo e o desprovimento de proteção e de significados no momento em que eles são mais necessários: na tenra infância.

Em suma, nossa hipótese se baseia na presunção de que os adictos dessa pesquisa confiaram à pornografia a função que em um momento anterior deveria ter sido realizada por algum cuidador ou pela cultura. Assim, é mantida com o objeto substitutivo uma relação primária semelhante àquela conservada com o primeiro objeto de amor, o que impossibilita a integração egóica e o desenvolvimento a favor da autonomia e da individuação.

Associado ao exposto, pensamentos que vivenciamos um momento histórico de transição entre o contato do sujeito com objetos materiais e virtuais, sendo que o contato com elementos virtuais realizados, principalmente, por crianças e adolescentes, por vezes, ignora a presença de um adulto responsável em realizar uma mediação devida diante dos conteúdos que estão sendo acessados. Em consequência a falta de mediação, nos deparamos com a fragilidade do símbolo e com funcionamentos psíquicos rudimentares que não levam a uma integração dos elementos encontrados na cultura. Portanto, nossa ideia é de que sempre que existe a mediação, há espaço para o pensamento.

Além dessas breves conclusões, gostaríamos de aproveitar este momento da dissertação para salientar que, infelizmente, alguns aspectos não foram trabalhados nesta pesquisa em virtude de seu objetivo mesmo, mas que merecem igual destaque no meio científico e maior amplitude em sua transmissão, para que tais informações alcancem à comunidade não acadêmica. Citamos como exemplo de reflexões que surgiram ao longo do período de investigação: o questionamento a respeito do papel submisso destinado à mulher na pornografia – coisificação da mulher –; a erotização da infância; o consumo de pornografia ilegal; o sofrimento das atrizes e dos atores no cenário pornográfico, ou seja, os bastidores por trás das produções pornográficas; o acesso à pornografia na infância e na adolescência e seus possíveis impactos na aquisição da autonomia e da responsabilidade; a falta do uso de preservativos no ato sexual; e o repúdio destinado à pornografia transgênero, que foi concebida por vários depoentes como “o nível de pornografia mais repugnante” pareado à pedofilia e à zoofilia.

Além disso, destacamos também que a pornografia pode apresentar um viés emancipatório, por se tratar de uma produção que se propõe a transgredir normatizações e a possuir elementos que aborde as mais diversas formas de identidade de gênero e atenda aos anseios das distintas manifestações de orientação sexual. Contudo, a falta de pesquisa nessa perspectiva nos faz reproduzir críticas ou até direcionar nossa percepção a uma compreensão totalitária da pornografia como negativa. Tal atitude nos levava durante a pesquisa a um constante enfrentamento de mecanismos defensivos diante do que é diferente, ou melhor, do que é desconhecido.

Também se faz importante pontuar que no início desta pesquisa, o Fórum escolhido⁹ para o recolhimento dos depoimentos, até quatorze de outubro de dois mil e quinze, contava com 995 membros cadastrados e continha 16679 mensagens. Após um ano, três meses e dezoito dias, na data de dois de fevereiro de dois mil e dezessete, o fórum contava com 2976 membros cadastrados e continha 91630 mensagens. O notório crescimento de participantes e de mensagens de ajuda nos faz aferir a necessidade de maior destaque, atenção e transmissão de informações, tanto no cotidiano das pessoas quanto no meio científico, a respeito do vício em pornografia. Diante disso, esta dissertação objetivou contribuir para as discussões sobre o fenômeno do vício em pornografia, tendo em vista o reduzido número de estudos no campo psicanalítico.

Por fim, salientamos que a problematização realizada a respeito do vício em pornografia é um fenômeno com direcionamentos sociais, psicológicos e de saúde pública. Mais pesquisas com novas concepções do fenômeno poderão, além de aprofundar as discussões, auxiliar nos processos de definição de propostas governamentais ligadas à saúde pública, voltadas aos sujeitos que estão em estado de sofrimento e que necessitam se esconder por trás de pseudônimos para poderem relatar suas angústias e buscar algum tipo de ajuda.

⁹ <http://comopara.forumeiros.com/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aberastury, A & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Abreu, N. C. (1996). *O olhar do pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado de Letras.
- Amaro, J. (2006) Mal-estar e amor. *Revista de Psiquiatria Clínica*. V.33, n.6, pp. 337-341.
- Ariès, P. (1985). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar
- Bennes, C. (2011). *Porn and the plastic brain*. Recuperado em 01 julho, 2016, de <https://blog.wellcome.ac.uk/2011/11/28/7495/>
- Branco, L. C. (1994). O que é erotismo. In: B. Milan; L. C. Branco, E. R. Moraes & S. M. Lapeiz. *O que é amor / O que é erotismo / O que é pornografia* (pp. 58-103). São Paulo: Círculo do Livro.
- Castelo Filho, C. (2012). Juntos, porém sós: a possibilidade ou a impossibilidade de encontros humanos - problemas do mundo atual ou velhos problemas com novas vestimentas? *Revista de Psicanálise Reverie*, n.1 de v. 5, pp. 66-77.
- Cebulko, S. (2013). Internet pornography as a source of marital distress. In: J. S. Scharff (Ed). *Psychoanalysis online: Mental Health, Teletherapy and Training* (pp. 37-47). London: Karnac
- Ceccarelli, P. (2010) A patologização da normalidade. *Estudos de Psicanálise*, Aracaju, n. 33, p. 125-136.
- Ceccarelli, P. (2011a). Reflexões sobre a economia psíquica das adicções. *Reverso*. v. 33, n. 62, p. 69-77.
- Ceccarelli, P. (2011b). A pornografia e o ocidente. Portugal: Revista *(In)visível*, v. 1, p. 25-34.

- Ceccarelli, P. R. (2012). Considerações sobre pesquisa em psicanálise. *Psicologia: diálogos contemporâneos*, 137-146.
- CID 10 (1993). *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID – 10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas*. Organiz. Mund. da Saúde (Coord.). D. Caetano (Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cole, G. W. (2011). A strange invitation: on the ordinary problem of pornography. *Studies in Gender and Sexuality*. vol, 12, 254-267.
- Cooper, A., McLoughlin, I. & Campbell, K. (2004). Sexuality in cyberspace: update for the 21st century. *Cyber Psychology & Behavior*. vol. 3, 521-536.
- Costa, R. M. (2011). A civilização da imagem e os vícios eletrônicos. *Rêverie: Revista de psicanálise*. 1 (4), p. 201-210.
- Costa, J. F. (2013). A simbolização e a clínica da adicção. In: L. C. Figueiredo; B. B. Savietto; O. Souza (Orgs). *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, p. 85-94.
- Eisenman, R. (2001). Sex addicts: do they exist?. *Journal of Evolutionary Psychology*. pp.123-126.
- Enriquez, M. (1999). *Nas encruzilhadas do ódio: paranoia, masoquismo e apatia*. São Paulo: Escuta.
- Escoffier, J. (2011). Imagining the She/Male: pornography and the transsexualization of the heterosexual male. *Studies in Gender and Sexuality*. vol. 12. pp.268-281.
- Felipe, J. & Guizzo, B. S. (2003). Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. *Pro-Posições*, 3 (14), p. 119-130.
- Ferreira, A. B. (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Foucault, M. (2009). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. (M. T. Albuquerque; J. A. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Graal. (Original publicado em 1976).

- Freud, S. (1996a). Psicologia de grupo e a análise do ego. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XVIII, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996b). O mal-estar na civilização. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI, pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930).
- Freud, S. (1996c). Além do princípio do prazer. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XVIII, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996d). A interpretação dos sonhos. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. V, pp. 541-700). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996e). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. VII, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996f). Esboço de Psicanálise. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXIII, pp. 153-221). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1938).
- Freud, S. (1996g). Sobre a psicanálise. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XII, pp. 223-229). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996h). História de uma neurose infantil. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XVII, pp. 15-129). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1918).
- Freud, S. (1996i). O ego e o id. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIX, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996j). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. I, pp. 323-324). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1950).

- Freud, S. (1996k). Fetichismo. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI, pp. 151-160). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1927).
- Freud, S. (1996l). A dissolução do complexo de Édipo. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI, pp. 191-199). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).
- Freud, S. (1996m). Sobre a psicanálise. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XII, pp. 223-229). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996n). Totem e tabu. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIII, pp. 13-162). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (2004a). Pulsão e Destinos da Pulsão. In: S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 1, pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (2004b). O recalque. In: S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 1, pp. 175-193). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (2004c). À guisa de introdução ao narcisismo. In: S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Galatzer-Levy, R. (2012). Obscuring desire: a special pattern of male adolescent masturbation, internet pornography, and the flight from meaning. *Psychoanalytic Inquiry*, 32, 480-495.
- Gaspar, M., & Carvalheira, A. (2012). O consumo de pornografia na internet numa amostra de mulheres portuguesas. *Psychology, Community & Health*, 1(2), pp.163-171.
- González Rey, F. L. (2012). *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

- Griffiths, M. (2000). Excessive internet use: implications for sexual behavior. *Cyber Psychology & Behavior*, 3(4), 537-552.
- Guerra, V., Andrade, F., & Dias, M. (2004). Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos. *Estudos de psicologia*, vol. 9, 269-277.
- Gurfinkel, D. (1995). *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Henriques, A. M. (2014). Pornografia tem efeito cerebral semelhante à droga. Recuperado em 03 julho, 2016, de <http://p3.publico.pt/actualidade/ciencia/12957/pornografia-tem-efeito-cerebral-semelhante-droga>
- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann, T. Lowenkron (Org.), *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 43 - 83). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo (1999-2014). *Infodrogas*. Recuperado em 28 junho, 2016, de <http://www.imesc.sp.gov.br/infodrogas/Usuar.htm>
- Janin, C. (2015) Shame, hatred, and pornography: variations on an aspect of current times. *The International Journal of Psychoanalysis*, vol. 96, 1603-1614.
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. (p. 17-43). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1946).
- Lanzarin, C. C. (2000). A fantasia e o baile de máscaras do final do milênio. *Psicologia, Ciência e Profissão*, vol. 20, 28-33.
- Laplanche, J. (1992). *O inconsciente e o id: seguido de: O inconsciente: um estudo Ipsicanalítico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

- Leite, J. (2012). Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. *Cadernos Pagu*, 38, 99-128.
- Lipovetsky, G. (2005). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole.
- Loeck, J. F. (2006). Narcóticos Anônimos: Um Estudo Sobre Estigma e Ritualidade. In *Comunicações Coordenadas da 25ª RBA*. (pp. 1-21). Goiânia.
- Lopes, A. (2013). *Consumo de pornografia na internet, avaliação das atitudes face à sexualidade e crenças sobre a violência sexual*. Dissertação de Mestrado Publicada, Departamento de Psicologia e Sociologia, Camões – Repositório Institucional da Universidade Autónoma de Lisboa.
- Lourenço, L. C. & Padovani, R. C. (2013). Fantasias freudianas: aspectos centrais e possível aproximação com o conceito de esquemas de Aaron Beck. *Psico-USF*, 18 (2) , 321-328.
- Lowenkron, T. S. (2004). O objeto da investigação psicanalítica. In F. Herrmann, T. Lowenkron (Org.), *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 21 - 31). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mahler, M. (1982). Reflexões sobre o desenvolvimento e a individuação. In H. M. Souza (Trad.), *O processo de separação-individuação*. (pp. 13-24). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1963).
- Maio, E. R. (2011). *O nome da coisa*. Maringá: UNICORPORE.
- Marchelli, P. S & Silva, D. (1998). O que é a internet? *Ciência e Ensino*, 3 – 9.
- Mcdougall, J. (1997a). As neonecessidades e as sexualidades adictivas. In: *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana* (pp. 197-215). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1995).
- Mcdougall, J. (1997b). As soluções neo-sexuais. In: *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana* (pp. 185-196). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1995).

- Michel, M.H. (2009). *Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas
- Minerbo, M. (2013). *Neurose e não neurose*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moraes, E. R., & Lapeiz, S. M. (1985). *O que é pornografia*. São Paulo: Abril Cultura: Brasiliense.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, v. 22, 7-32.
- Parreiras, C. (2012). Altporn, corpos, categorias e cliques. *Cadernos Pagu*, (38), 197-222.
- Peres, U. T. (2001). Por que a culpa?. In U. T. Peres (Org), *Culpa* (pp. 7-14). São Paulo: Escuta.
- Peterson, C. A. (1991). Pornography and the primal scene: a report on the voyage to brobdingnag. *Psychoanalytic Review*, 78 (3), 411-424.
- Pornografia cresce na web e consumo afeta felicidade (17 de 03 de 2010): <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1533082-6174,00-PORNOGRAFIA+CRESCER+NA+WEB+E+CONSUMO+AFETA+FELICIDADE+DIZ+PESQUISA.html>
- Ribeiro, A., & Ceccarelli, P. (2015). Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais. *Reverso*, 15-22.
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 2(4), 329-348.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Segal, J. (2005). *Fantasia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto.
- Silveira, D., & Córdova, F. (2009). A pesquisa científica. In: T. E. Gerhardt, & D. Silveira, *Métodos de pesquisa* (pp. 31-43). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

- Wilson, G. (2014). *Your brain on porn: internet pornography and the emerging science of addiction*. Reino Unido: Commonwealth Publishing.
- Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In: D. W. Winnicott, *Da psicanálise à pediatria: obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1956)
- Wood, H. (2007). Compulsive use of virtual sex and internet pornography. Addiction or perversion? In: D. Morgan, & S. Ruszczynski. *Lectures on Violence, Perversion, and Delinquency* (pp. 157-178). London: Karnac.
- Wood, H. (2014). Internet offenders from a sense of guilt. Heather Wood. In: A. Lemma, & L. Caparrotta. *Psychoanalysis in the Technoculture Era* (pp. 114-128). London, New York: Routledge.
- Woods, J. (2015). Seeing and being seen: the psychodynamics of pornography through the lens of Winnicott's thought. In: M. B. Spelman; F. Thomson-Salo. *The Winnicott tradition: lines of development – evolution of theory and practice over the decades*. London: Karnac.
- Young, K. (1996). Internet addiction: the emergence of a new clinical disorder. *Cyber Psychology and Behavior*, 3 (1), 237-244.

ANEXOS

DEPOIMENTOS UTILIZADOS – CONTEÚDO INTEGRAL

1 D₁: postagem de Bereta em 6/4/2015 às 17h45m

Bom Galera tenho 34 anos, sou heterossexual (até então era, agora não sei mais), sou cristão, e já tive 6 namoradas, mas uma coisa é certa. Nunca, mesmo sendo cristão, e com namoradas deixei de ver pornografia... foram épocas em que a mesma se manifestava mais forte... e eram noites intermináveis madrugada a dentro na punheta.... depois passava... e eu ficava de boa... depois voltava e assim foi... lembro-me de ter me deparado com minha primeira foto porno aos 12 anos... foi num jornal adulto cara aquilo foi uma descoberta de mina de ouro pra mim... porém eu sou da época da playboy... e meus pornôs foram fitas VHF época do Vídeo K7... peguei a época de banda larga de 10 anos pra cá.... mas ainda assim essa desgraça me arreventou... nunca consegui amar profundamente as namoradas que tive... sempre passava 2 anos e eu enjoava... tinha baixa de libido.... enfim terminava o relacionamento e lá estava eu denovo no pornô, foi indo eu comecei a sair atrás de mulheres apenas para sexo... era transar uma vez e pronto já perdia o interesse.....o sentimento pra min não existia mais... e eu pensava..."eu perdi a capacidade de amar"...Cara com tudo isso que vivi pela idade que tenho e nunca ter conseguido casar, desenvolvi depressão... fobia de pânico... e agora por ultimo após uma conversa boba com a ex-namorada pensamentos a respeito de minha orientação sexual. Cara foi um inferno por 6 meses (ano passado)... comecei a ir a um terapeuta e eu falei pra ele que tinha problema com pornografia ele falou que não era problema que se eu evitasse seria pior pois estaria matando o "homem" em mim. Mano até então foi beleza... com ajuda de um psiquiatra eu comecei a ficar de boa... tomando remédios....mas mesmo assim no pornô tava lá Os pensamentos pararam inquietantes e intrusivos pararam... até que eu consegui transar com uma mina esse início de ano.... porém foi a primeira vez da minha vida que eu broxei... foi aí que eu em desespero, junto com a depressão buscando ajuda de Deus me deparei com os vídeos científicos a respeito da pornografia. Foi como tomar um tapa na cara, sendo que Deus ensina na bíblia e eu sempre soube desde pequeno que "se for pra se abrasar, case-se" mano daí então tudo fez sentido. Foi como se eu enxergasse uma luz no fim do túnel.... Então de 2 meses pra cá, eu venho fazendo o reboot... porém os pensamentos a respeito da minha sexualidade voltaram forte... ao ponto de eu realmente começar até a sonhar com sexo gay...o detalhe é que nunca sequer olhei pornô gay...O reboot tem sido beleza... não tenho sentido vontade de PMO [Pornografia, Masturbação e Orgasmo] mto menos apenas e MO [Masturbação e Orgasmo]... ou apenas M [Masturbação].... e minha Flat Line [Momento

transitório, onde ocorre perda de libido e flacidez peniana] já está durando a mais de um mês. Gente... porém estou cético quanto a minha orientação sexual.... será que virei gay mesmo??? ao ponto de começar a me atrair por homens??? eu tenho evitado olhar pra homens pois tenho mto medo de me sentir atraído... e isto tem me deixado mto em pânico... estou tomando remédio pra ansiedade.... pois é sair na rua desencadeia um nervosismo do cão... não que eu seja homofóbico longe disso gente... tenho amigos gays da escola e na vida pessoal... mas o fato de eu ter me deparado com esse paradoxo frente a minha vida na qual sempre gostei e me atraí por mulheres.... tem me deixado mto mal. de qualquer forma vejo que um dos problemas de nunca ter conseguido casar foi o fato de eu associar esse inferno de pornografia no meio dos meus relacionamentos. Enfim gente.... essa foi parte da minha história... tamo junto... vamos tirar o máximo de homens dessa porcaria de pornô. Abraço a todos.

2 D₂: postagem de nofapwinner em 29/03/2015 às 09h49m

Gostaria de ressaltar primeiramente, os meus agradecimentos ao inventor do fórum, à todos aqueles que trabalham seriamente nas pesquisas dos malefícios sobre a pornografia e à todos os brothers que ao longo dessa jornada tem me dado muita vibração positiva, incentivo e conselhos. Desejo sucesso! obrigado de coração!

Vou tentar ser o mais breve e eficiente possível no meu relato.

Colocarei as consequências que o reboot me trouxe e as minhas percepções sobre o mesmo.

Antes:

- Desmotivação, mito na procrastinação, apatia, falta de energia, isolamento social, estava muito antissocial mesmo! Desenvolvi fobia social/ surto de panico e ansiedade! Ficava com medo de me envolver com as mulheres (coisa que não tinha antes de me viciar em P[Pornografia]), medo de conhecer gente, etc. Me isolei na merda, depressivo, com pensamentos suicidas, fiquei altamente solitário, agressivo, com insônia, me alimentando mal, fiquei magro, abaixo do peso, peguei pesado na P e nas bebidas e nos cigarros. Me ferrei nos estudos. E me atolei mais e mais na P.
- Me ocorreu uma dessensibilização no pênis. Comecei a ter ejaculamento retardado e principio de disfunção erétil.
- O interesse por mulheres na vida real já não era mais o mesmo. Fiquei cego perante aos inúmeros sinais e oportunidades que tive de ficar com várias mulheres.

Enfim, uma vida desgraçada que não desejo para ninguém!

Eu sei que todos esses sintomas não foram causados diretamente pela P. Mas a P aumentou absurdamente os efeitos dessas coisas.

Diria que o envolvimento social e a parte relacionada a sexualidade foram as mais afetadas.

A pornografia realmente me quebrou e desequilibrou tudo!

Quando descobri o fórum - pois sabia que havia algo de errado, e suspeitava que era esse meu vício em PMO. Principalmente P- só esperei uma semana para começar o reboot. Durante essa semana estudei o máximo que pude sobre o assunto e comecei a jornada...

E agora, como estou?

-Não sinto mais vontade de ver P. E já cortei da minha vida isso. Farei o máximo para não cair. Não fico mais vidrado nesse mundo de fantasias, fuga e mentiras.

-Sinto uma sensibilidade equilibrada. Voltei a ter excitação com fotos sensuais (sem ser nuas), com as mulheres nas ruas, voltei a ter ereções involuntárias, voltei a ter confiança em mim e na vida.

- E como melhorei o meu lado social! Recuperei a autoestima para chegar nas mulheres, sair, conversar, conhecer, etc. Ainda venho trabalhando forte nisso. Mas a cada dia tenho bons resultados. Uma das melhores partes do reboot... Você perceber que está voltando

a ativa com as garotas! e ver que você está se relacionando mais com as pessoas no geral.

Sempre conheço uma mina nova ou pelo menos troco ideias. Tenho chegado nas garotas que quero sem ficar com medo e me tremendo de ansiedade. Tenho saído todo final de semana com os amigos.

As vezes até mesmo nos dias comuns de semana (a falta de tempo é muita, mas as vezes é bom quebrar a rotina).

- Estou com o meu peso normal. Gastrite praticamente sumiu. Parei de avacalhar e me refugiar em P, álcool, cigarros, etc.

- Voltei a estudar! e procrastinando bem menos. Agora tenho mais energia e foco. O mundo não é mais o casulo escuro de antes.

Me sinto livre, leve. Renovado para continuar minha vida de uma maneira melhor e mais saudável.

E sim, estou muito feliz! Very Happy

Agora só administrar meus pensamentos e hábitos. Ficar ligado para não recair, pois o inimigo sempre está esperando o momento de relaxamento para atacar...

O meu caso não foi um dos mais sérios de vício em P. Mas com certeza seria em pouco tempo...

Ainda bem que cai fora dessa.

O que eu diria?

Recomendo MUITO que vocês levem a sério esse reboot.

Funciona! não é papo furado.

Primeiro estudem o máximo que puderem sobre o tema. SIGAM TODAS as instruções do e-book!

não se enganem pensando que vão conseguir sem ler o e-book (veja no site).

Estudem e estejam preparados para saber o que fazer. Centenas de pessoa já fizeram isso antes e muitos estão fazendo agora. Os relatos são de uma maneira geral muito parecidos.

Depois que estudarem sobre o tema. Ergam a cabeça, encham o peito e muita atitude!

mão na massa. Levem isso como a meta principal da vida de vocês no momento.

Eu não recai nenhuma vez na P(só em M depois de 40 e tantos dias)

porque segui as instruções recomendadas. Levem muito a sério! Eu não fiquei me enganando.

Tomei logo uma atitude radical no começo. Procurei não ficar arrumando brecha pra recair.

Se recaírem, não se enterrem em lamentações. Recomecem. Vejam o que está de errado e concertem.

Relaxem e sigam em frente. O tempo passa rápido demais! Nem parece que já fazem 90 dias desde que parei P...

Se eu consegui, vocês conseguem também.

Reboot é vida! é real! façam!

Sucesso para todos!

3 D_{3a}: postagem de Magrao em 04/04/2015 às 01h30m

Amigos, espero que o relato abaixo sirva como estímulo a quem está afundado no vício e nas suas consequências: solidão, dúvidas e falta de expectativa para com a vida. O relato ficou longo, mas resumir décadas de sofrimento e dois reboots em poucas linhas é algo complicado. Minha primeira tentativa de fazer reboot se deu em 24 de outubro de 2013. Esta data marcou uma grande exclamação em minha vida: "Só pode ser isto! Só poder ser a pornografia e a masturbação. Não tenho mais o que tentar! Já tentei de tudo!". Ou seja, eu não tinha certeza, mas por dedução (por já haver tentado de tudo) eu enfim me dei conta de que podia ser a pornografia que estava me afundando.

Antes disso

Minha adolescência foi uma porcaria. Uma baixa auto-estima contumaz e uma falta de impulso e confiança para lidar com as garotas, tudo isso me conduzia ao que me restava de "experiência sexual": a masturbação com pornografia ou mesmo a masturbação imaginando garotas que eu queria.

Aos 21 anos me mudei para São Paulo. Nessa época eu morava em frente a uma "casa de entretenimento adulto". Às vezes pensava: "Por que não vou lá e mato logo essa curiosidade para com o sexo?". Era virgem ainda. Porém eu tinha a sensação (e hoje eu penso: o que seria isso? Meu inconsciente? Um saber não-sabido...) de que se eu fosse nesse lugar, eu iria "falhar". Portanto eu não fui, por conta dessa insegurança.

Pouco depois eu enfim arrumei uma namorada. Novamente eu me percebia com uma sensação de que eu não conseguiria fazer sexo. E quando fui tentar, embora estivesse morrendo de vontade, não consegui realizar a penetração. E nas próximas vezes que tentei, foi a mesma coisa. Uma sensação horrível, de pesadelo. Eu estava descobrindo o sexo e ele estava se tornando mais um problema que uma solução para mim.

Chegou uma hora em que enfim consegui transar com minha namorada. Porém havia um problema: eu não sentia prazer suficiente para gozar. Isso quando não perdia a ereção. Nem sonhava que já estava sofrendo de disfunção erétil induzida pela pornografia e de ejaculação retardada. Saía o pesadelo de não conseguir transar, entrava o pesadelo de não sentir prazer com o sexo. Daí para a frente eu sucumbiria lentamente a uma degradação que me fez correr n riscos e perder uns 7 anos mais.

Pois bem, o fato de eu não conseguir transar com minha namorada fez com que o namoro afundasse (e hoje sei que nossa capacidade de amar também é afetada pelo vício). Muitas vezes pensei que o problema era ela. E algo simbólico e revelador é que no dia em que eu terminei o namoro eu comprei um computador com internet. Até então eu consumia pornografia só aos fins de semana. Depois disso voltou a ser todo dia.

Nisso minha vida foi afundando em solidão, em busca de qualquer prazer, como um viciado em drogas. Então comecei a ir atrás daquelas prostitutas baratas que anunciam em jornal. Como eu precisava ver se eu "funcionava", precisava saber se o problema não era minha ex-namorada e não eu, mas ao mesmo tempo eu tinha de novo a sensação de que não iria rolar, por isso eu nem me arriscava em pagar caro por uma acompanhante de luxo. O fato é que eu estava entrando na lógica da fantasia e da busca por novidades, que caracteriza nosso vício. E por fim, eu falhava na hora de transar com as garotas de programa. A sensação se tornava certeza e minha vontade era não querer saber mais sobre o assunto sexo, extirpar esse tema da minha vida.

Fui perdendo todos os amigos, restando apenas dois, que me aturavam com uma paciência gigantesca já que eu era um poço de estresse, ansiedade e irritabilidade. Nisso comecei a me aprofundar no mundo da pornografia. Saí com uma garota que eu já conversava há anos com ela, desde a época do ICQ. Fiquei apaixonado de primeira por ela. Fomos pra cama e ...nada.

Falhei. Não conseguia disfarçar minha humilhação e em minha cabeça o sentimento vinha: "esse pesadelo não vai acabar nunca?". A garota não quis mais saber de mim. Fiquei UM ANO fugindo, não querendo pensar nisso.

Depois desse tempo todo, resolvi ir a um urologista. Pensei: "só posso ter algum problema circulatório". Chegando lá, os exames mostraram que ao contrário, eu tinha uma circulação na região do pênis muito boa. O médico me deu um Viagra mas disse que aquilo era só por questões psicológicas e mandou eu procurar uma psicóloga.

Pouco tempo depois eu fui pra cama com outra garota. Tomei o Viagra e... nada. Obviamente que isso só acentuou minha vontade de não querer saber de sexo, de não pensar naquilo e me afastar de qualquer conversa que envolvesse esse assunto. Anos se passaram novamente.

Até que num dia de desespero e solidão eu procurei uma psicóloga. Mas durante o tratamento eu já estava usando níveis mais pesados de pornografia. Começar a ver vídeos gays ou de travestis foram a ante-sala da minha procura por travestis na vida real. Comecei a frequentar bcos escuros e perigosos, correndo o risco de ser assaltado ou tomar uma navalhada. Me sentia sujo e barra-pesada demais para namorar com alguma garota da minha faculdade. A vida dupla de um viciado já estava sedimentada em minha vida nesse tempo. Simultaneamente, comecei a me questionar: "por que não sinto prazer com mulheres na cama, embora as ache bonitas?", "por que me pego vendo pornografia de travestis ou mesmo saindo na vida real?", "será que sou gay?", "e quando me perguntarem por que eu não namoro?".

Aí minha psicóloga me disse: "Já parou pra pensar que você pode ser gay? Se você for, não tem problema nenhum, é normal". Nisso eu entrei em pânico. Ser gay deve ser algo legal para os gays, não para quem sempre pensou ser hétero. Eu desde minha infância sempre gostei de garotas, sempre sonhei em ter uma namorada e não esperava que seria tão difícil conseguir algo que para a maioria das pessoas é muito simples. Eu gostava de mulheres, mas elas não me excitavam. Estava cindido ao meio: "Quer dizer que eu posso amar uma mulher mas sentir prazer é só com homens?". Num dia de desespero, andando como um zumbi viciado à procura doentia de qualquer prazer, cheguei a ir a uma balada gay. Pensei: "vamos acabar com isso logo, não aguento mais NÃO SABER O QUE EU SOU".

Já pensava atemorizado em como eu ia justificar para minha família que eu era gay. E enfim, nessa balada havia aquelas salas escuras onde os caras ficam se pegando. Ali alguém começou a me tocar e eu não senti nada. Por um lado foi um alívio: tive um indicativo de que eu não era gay. Por outro lado o pesadelo continuava: "O que eu tenho então?"

Comentava com minha psicóloga: "parece que falta um motor dentro de mim". Hoje sei que esse motor é a libido, que me era roubada pela pornografia e masturbação.

Enfim, depois de uma viagem de uns 20 dias onde fiquei sem pornografia e reduzi bastante a masturbação, quando voltei fiz sexo e consegui ereção e orgasmo (algo raríssimo pra mim). Ali comecei a ter uma intuição de que antes de transar seria bom ficar uns dias sem masturbação. E nisso, muito de vez em quando eu conseguia transar com garotas de programa, embora de vez em quando ainda falhasse.

Foi então que conheci uma garota e me apaixonei por ela. Começamos a sair e logo me veio o alerta atemorizante: "pode rolar sexo". A possibilidade de fazer sexo pra mim durante todos esses anos era isso: aterrorizante. Foi então que eu comecei a pesquisar sobre isso na internet, e descobri o YourBrainOnPorn. Fiz algumas tentativas descompromissadas de parar. Queria mas não queria parar. Quando essa garota entrou em minha vida, veio a exclamação: "é isto, só pode ser isto, você já tentou de tudo, pare de perder tempo e comece pra valer agora!".

Nisso eu fui tentando e recaindo, tentando e recaindo. Até que chegou um momento em que eu passei a ter a certeza: "Sou viciado mesmo!". Não havia mais dúvidas, a teoria, as minhas tentativas e a compulsão me mostravam que eu era viciado. Estava feliz porque enfim eu sabia o que eu tinha! Foram anos sem lutar pois o inimigo era invisível. Agora eu o via pelo menos.

Criei um blog sobre o vício no final de 2013 e logo apareceu o www.apoio.forumais.com de viciados em pornografia em português. No início éramos 4 pessoas apenas, e o Projeto estava lá já nos ajudando, com o ebook. Depois de tanto sofrimento, sabia enfim o que eu tinha e como consertar minha vida. Junto com o fórum eu engatei minha primeira sequência bem sucedida, que veio a ser meu primeiro reboot. Comecei a descobrir uma nova vida ali!

Uma força impressionante, concentração, a ressensibilização que me fazia sentir uma série de prazeres que antes não sentia (uma das piores coisas do vício era a vida mecânica, onde eu beijava uma garota e não sentia prazer nenhum!).

Foram 109 dias em hard mode e, após isso, eu "perdi minha virgindade de fato", descobri o quanto o sexo era incrível e era um ato de carinho entre duas pessoas. Enfim descobria o que a pornografia e a masturbação me retiraram por décadas: uma potência vital enorme!

Porém, como eu não tinha uma parceira fixa e não havia muita informação (não sabia se após os 90 dias estávamos "curados para sempre" ou não, não previa coisas como efeito caçador após o sexo, etc etc) logo eu recaí. Fui do céu ao inferno. Mas vejo que esta foi minha "adolescência tardia". Nesse curto período limpo de pornografia eu descobri minha masculinidade, descobri aquilo que a maioria faz durante a adolescência, por exemplo, passar uma tarde nos amassos com uma garota em casa. Tudo isso era novidade e como veio tudo num turbilhão, em vez de vir aos poucos, foi difícil de administrar. Escrevi sobre isso em meu

blog: <http://vivasempornografia.blogspot.com.br/2015/03/reboot-recaida-e-reboot-da-escuridao.html>

Fiquei mais meio ano tentando rebotar novamente (o que mostra que recair não vale a pena rs). No início desse ano fiz um mochilão pro exterior e enxerguei nisso a grande oportunidade de engatar um reboot novamente. E foi o que aconteceu. Três meses se passaram e muita coisa mudou!

Além dos benefícios mais conhecidos do reboot - volta da potência sexual, sensibilidade aos prazeres, enorme sensação de força, concentração, etc - algo que eu gostaria de ressaltar é como hoje eu consigo conversar olhando nos olhos, ouvir as pessoas, porque o reboot me fez perder a extrema ansiedade que eu tinha.

Além disso hoje eu consigo realizar projetos e a procrastinação diminuiu tremendamente. Antes qualquer coisa era um problema gigante sobre o qual eu ficava pensando e pensando. Agora, quando vou ver já estou agindo e em pouco tempo resolvi a coisa. Minha iniciativa está a mil! Mudei meu local de trabalho e horário, e estou mudando de área acadêmica. Acho que enfim as coisas estão se acertando para mim, tanto na vida pessoal quanto na minha questão de decidir um futuro profissional, e isso só é possível porque hoje eu estou livre de pornografia e masturbação. Enfim eu estou com as rédeas sobre minha própria vida!

O cuidado comigo mesmo é outra coisa que mudou tremendamente. Minhas roupas, minha aparência, meu quarto são reveladores do quanto eu mudei para melhor!

Hoje eu consigo dizer não, me valorizo diante das mulheres e me guardo para o momento certo de realizar meu sonho de mais de duas décadas atrás: namorar uma garota.

Uma das coisas mais gratificantes do reboot é que as fantasias e fetiches vão sumindo. Sua sexualidade volta a se reconciliar com sua moral, você se sente limpo, honesto, sente que é o que sempre quis ser. Antes eu pensava: "só conseguirei namorar uma garota que aceite essas minhas fantasias pesadas". Hoje sei que posso namorar qualquer garota pois não sou mais escravo das fantasias.

Minha vida sexual é ativa e saudável hoje. Além da descoberta de que sexo é carinho, aprendi que o sexo des-cansa, enquanto a masturbação cansa. O sexo preenche sua vida. A masturbação nos enche de vazio.

Hoje eu me sinto jovem e com um monte de possibilidades pela frente. Hoje vejo que tenho um futuro, tanto acadêmico-profissional em algo que eu estou descobrindo que gosto, quanto um futuro afetivo! Very Happy Me sinto homem também e não tenho mais vergonha de mim. Hoje tenho um monte de amigos.

Quem convive comigo diz que eu mudei demais. As mudanças vão desde comentários de que a minha pele melhorou até sobre a minha personalidade, meu modo de ser no dia a dia. E eu percebo isso, que desde o meu primeiro reboot vim resolvendo uma série de questões internas (a principal a compulsão do vício) e isso foi mudando minha visão sobre o mundo. A vida não é feia como eu pensava ser nos tempos de vício. A vida é boa, eu me conciliei com ela. A pornografia é que lhe retira as cores e transforma a vida em algumas tristes e pobres dezenas de tons de cinza.

Estou muito feliz e é uma felicidade serena. Já conheci e revisitei (com minha recaída) o inferno e não tenho mais curiosidade sobre como ele é. A variável-chave para toda essa mudança em minha vida foi o reboot, ter ficado livre de pornografia e masturbação.

Meu pensamento antes do reboot: "Vou ter de deixar passar essa (garota ou uma oportunidade qualquer) pois eu não consigo, não estou pronto". Meu pensamento após o reboot: "Vou aproveitar essa oportunidade pois hoje sei que consigo". A diferença entre o "não consigo" e o "consigo" em nossa vida é abissal.

4 D₄: postagem de Justiceiro do Sertão em 01/04/2015 às 05h31m

Hoje é primeiro de abril, e felizmente não é mentira.

Este que vos fala sou eu, Justiceiro do Sertão, 22 anos, que venho até aqui agora comemorar, ante mim e todos, o cumprimento de minha meta consagrada de 90 dias livre de pornografia, masturbação e orgasmo. Só o começo da luta eterna.

Nasci em família simples e batalhadora, filho de nordestinos (com muito orgulho) pobres, e tive neste vício a pior desgraça de minha vida. A coisa que frustrou todos os sonhos pelos quais seria capaz de lutar.

Tudo começou quando, aos 13 para 14 anos, em meio a tão benfazejo momento por que passava, vivendo em relativa estabilidade familiar e indo bem na escola (sendo até chamado de nerd), por falta de maturidade (um dos piores males de que pode padecer um ser humano) desenvolvi minha personalidade adulta de maneira errada: de uma hora para outra, aquele fervilhar de emoções da adolescência, que outro mais responsável lapidaria com busca pela decência e progresso, pendeu para o lado ruim por teimosia; sentia minha consciência me dizer para ser um bom menino, estudar muito, fazer as coisas direito, evitar vícios para não se perder na vida, porém mesmo assim acabei voluntariamente naufragando. Garoto ingênuo que era, fiz-me influenciar por nossa paupérrima cultura pós-1945, esse hedonismo mal-interpretado, essa banalização da sexualidade como um deus a ser idolatrado, como algo a que todo homem deve venerar para ser homem. Criança, criança.

De revistas encontradas num armário velho no trabalho de meu pai não demorou até os primeiros DVDs pornô emprestados na escola. Minhas notas a partir de então desmoronaram e me tornei um completo crápula, o tipo mais besta, mais irritante que pode haver (para vocês verem como a pornografia, inclusive, torna o adolescente imaturo ao extremo). Ia para a escola só para perturbar a todos (crente de que estava agindo como gente) e desejar coisas impossíveis, se é que me entendem. Em casa, tendo em vista a queda do meu rendimento escolar (inclusive frente ao sacrifício para pagar escola particular para mim), briguei com meus pais. Briga feia, melhor nem entrar em detalhes.

Não, eu não queria mudar, não queria acordar. Quando se é viciado, quer-se mais é que o mundo se dane. A zona de conforto é muito mais tragicamente gostosa. Meu comportamento era diuturnamente só me masturbar e mais nada, com ou sem pornografia, mas principalmente com; até as meninas da minha sala de aula, furtivamente naquelas funestas manhãs mesmo, me serviam (eis de onde desenvolvi fixação por adolescentes/ninfetas/debutantes, algo que felizmente me foi fulminado pelo reboot). Houve tempos em que, em classe, quando não estava tendo crises voluntárias de excitação, não parava de falar, cantar e me exhibir feito uma criança histriônica, tumultuando a aula, para desespero e ódio de todos e para minutos depois esconder a cabeça entre um livro para pensar em sexo. Vivia o tempo todo discretamente reparando nos corpos das meninas e me permitindo excitar para descontar tudo à tarde, e nenhum receio tinha de nada. Estudar, esqueçam. Um professor, inclusive, chegou a cortar relações comigo. Perdi contatos, colegas, oportunidades de crescimento, de convívio (cheguei a ficar traumatizado por não ter sido convidado às festas, desenvolvendo uma tara doentia por debutantes), perdi tudo. Tudo.

No final de 2007, precariamente comecei a me dar conta de minha situação, o que veio sob a forma de um amadurecimento repentino, violentíssimo choque de realidade que me colocou em dois anos de depressão, a qual só cessou depois que voltei atrás da decisão extrema de cometer suicídio e jurei a mim mesmo nunca mais consumir PMO e só me matar de estudar. Tentei parar na raça mesmo, mas cadê que conseguia? Cadê que aquelas imagens tristemente encantadoras me deixavam em paz? Era só pegar um livro que o cérebro me repelia e me infestava a mente de ninfetas de peles lisinha, de morenas latinas esculturais, de pezinhos de garotas (sempre fui louco), de forma que nada demorava a desabar novamente. Assim foi durante sete anos, enquanto (sabe-se lá como) me formava na faculdade.

E eis que me deparei, em meados de 2014, após finalmente haver beijado uma garota e perdido minha virgindade, com este maravilhoso fórum, esta abençoada iniciativa deste parceiro fantástico chamado Projeto Sabedoria, que me introduziu, via o fórum e o blog, a

todas as exatas informações de que eu necessitava para meu livramento, após quase uma década afundado numa vida que nem vida é. Só digo, Projeto, meu eterno e muito sincero obrigado por salvar minha vida e a de todos aqui. Quem batalha vence, quem procura acha. Procurei e achei, batalhei como se deve batalhar e venci.

Iniciei meu primeiro reboot “oficial” em 17 de agosto de 2014, sobrevivendo 55 dias e covardemente me sabotando para não zerar o contador até o 93º, pelo que já pedi desculpas e renovo-as. Após, passei cerca de um mês e meio em meu último círculo infernal e reiniciei humildemente meu contador na madrugada de ano-novo, enquanto em casa meus pais bebiam champanhe, comemorando o relativamente estável momento por que passávamos e passamos. E aqui estou. Em vista ao passado, no Paraíso. Corro atrás do prejuízo feito um louco, é verdade, porém creio que ainda há tempo de ser gente, de modo que os resultados devem vir. Sigo buscando-os.

Saibam que todo o esforço vale a pena. Saibam que a luta é válida, sim. Estou me sentindo bem como jamais, vejo-me simplesmente outro ser, totalmente o oposto do verme que um dia fui.

Não sei se terei condições de moderar algum tópico ou coisa que o valha como andaram desejando, entretanto continuarei por aqui dando apoio a todos os que precisarem. Ajudemo-nos uns aos outros e melhor sentir-nos-emos conosco próprios. Vamos lá.

Cheguei lá.

E com certeza, todos nós chegaremos!!

5 D_{5b}: postagem de Projeto em 13/10/2014 às 14h52m

Demorou, mas chegou!

Espero que o meu relato seja útil de alguma forma....

Bom, não vou revelar o meu nome aqui, até porque não vejo utilidade nenhuma nisso. Gostaria apenas de dizer que atendo pelo apelido de Projeto, já que fui eu quem criou esse site e o tenho mantido até o momento (por isso Projeto). Devido aos vários pedidos, abaixo está o meu relato. Tentei resumir ao máximo a minha história, mas mesmo assim o texto ficou grande. Como existem poucos depoimentos de pessoas que concluíram o reboot em português, penso que isso justifique o seu tamanho.

Bem vindo ao mundo encantado da pornografia

Assim como a maioria das pessoas eu entrei para o vício logo na adolescência. Aos 11 anos lembro-me de ter ganhado de presente uma revista de mulher pelada, mas até aí nada de mais. O problema mesmo veio aos 12 com a internet. Primeiro a discada e depois a internet banda

larga de alta-velocidade. Aos 12, mesmo sem saber disso na época, tenho para mim que já estava completamente viciado em pornografia. A internet era o meu refugio.

Como era um adolescente, tudo era novidade. No início sentia vergonha ao procurar fotos pornô e só via fotos de mulheres peladas e nada mais. No decorrer do processo, fui escalando para gêneros cada vez mais pesados de pornografia. Com 14 anos já tinha visto de tudo um pouco e perdi completamente o respeito por mim mesmo. Fui um “adolescente problema” e na época atribui isso a minha idade e as questões pessoais e familiares, mas hoje não tenho dúvidas de que a pornografia foi uma influência fundamental nesse processo. Minhas notas pioraram, meus relacionamentos afetivos eram ridículos e eu me tornei uma pessoa cruel.

Primeira tentativa de parar

Aos 16, foi quando comecei a ter vergonha de mim mesmo, senti que precisava de uma namorada e decidi parar com a pornografia e masturbação pela primeira vez. Foi uma época em que eu percebi que a masturbação era algo humilhante e estava determinado a parar.

Achei que seria fácil parar, e nem suspeitava que a tarefa seria praticamente impossível. Nessa época eu não fazia ideia das consequências desastrosas do vício, apenas intuía que não era uma coisa boa e já não me sentia bem com esse hábito. Além do mais não existia nenhum método sobre como parar e o assunto não era debatido seriamente. Pelo contrário, a pornografia era vista como saudável e recomendável no meu círculo de amizades.

Depois de algumas tentativas ingênuas para parar, eu voltei para o hábito da masturbação e pornografia, mas como o vício era espaçado (por exemplo, uma ou duas vezes por semana), depois de um tempo, eu já havia esquecido completamente o meu desejo de parar e passei a ver isso apenas como um hábito “normal” e “natural”.

Namoro e autoengano

Com 17 anos comecei a namorar e a ter uma vida sexual ativa. Aliás, o meu pensamento para justificar a pornografia antes desse período era de que quando eu fizesse sexo eu não iria mais querer assistir pornografia. Era algo até meio lógico para quem nunca tinha feito sexo até então. Ou seja, eu pensava que o vício em pornografia era apenas um reflexo do meu desejo natural por sexo e logo que começasse a transar esse desejo iria passar. Penso que muitos adolescentes pensam assim também e por isso nem suspeitam que estejam viciados.

Obviamente que mesmo com o namoro e com uma vida sexual normal, esse hábito não terminou. Ao contrário, só foi piorando ao longo dos anos, já que como sabemos graças aos recentes estudos sobre o vício em pornografia, o cérebro de um viciado está dessensibilizado a velhos estímulos e está sempre à procura de novidades. Nesse sentido, por mais que eu

gostasse ou amasse a minha namorada, minha mente sempre tinha a tendência de procurar por novidades virtuais, mesmo que de vez em quando.

A minha performance sexual era ótima e eu sempre aguentava fazer sexo por várias horas seguidas, então a pornografia não era ainda considerada por mim como um “grande problema” ou uma emergência a ser tratada nessa fase da minha vida.

Fundo do poço

Durante o namoro, houve alguns períodos em que eu diminuí fortemente a quantidade de pornografia, porque eu realmente gostava da minha namorada e tinha culpa por olhar fotos de outras mulheres (exemplo: tinha sessões de pornografia apenas uma vez por mês). Para dizer a verdade, eu nem me considerava propriamente um “viciado em pornografia”, apenas alguém que gostava de sexo, como a maioria das pessoas. Mas sempre que havia uma crise ou um desentendimento o recurso “desafogador de mágoas” era a pornografia.

Quando o namoro acabou foi o fundo do poço. Completamente descontrolado, fui caindo para gêneros mais pesados até o ponto em que o sexo virou o centro da minha vida. Nem preciso dizer que as outras áreas como emprego, trabalho e dinheiro, estavam completamente desestabilizadas. E o desleixo para comigo mesmo era digno de um viciado. Só que no meu caso, passava o dia inteiro trancado no meu quarto vendo pornografia ou dormindo.

Mas o fundo do poço mesmo foi quando começou a DE (Disfunção Erétil). Com apenas vinte e poucos anos eu não conseguia mais ter ereções com as minhas parceiras. Eram garotas lindas mas na hora H, eu falhava. No começo pensei que era falta de exercícios físicos, excesso de refrigerante, ansiedade, medo de falhar ou até mesmo apego ao meu último relacionamento ou algum problema com as meninas.

Quando chegou a um ponto em que eu não conseguia me excitar nem com pornografia foi quando bateu um desespero. Vergonha eu já não tinha fazia muito tempo, mas a sensação de impotência foi algo muito humilhante e desesperador. Somado a isso o estado caótico da minha vida, comecei a procurar desesperadamente por uma explicação.

A Busca

Ah, esqueci de dizer que durante a fase do namoro eu cheguei a procurar um psicólogo para falar sobre o meu problema e também busquei ajuda religiosa! Nenhuma alternativa funcionou e no caso do psicólogo, ele disse para mim que a masturbação era normal, saudável e que “com o tempo isso iria passar”. Percebam que não estou criticando ninguém aqui, nem dizendo que psicologia não funciona, apenas relatando exatamente o que aconteceu. (*obs: apesar disso, a psicologia me ajudou em muitas outras áreas, menos com o vício em pornografia).

Depois, passei a procurar desesperadamente na internet uma explicação e encontrei apenas sites religiosos. Eu já me sentia um lixo há muito tempo e quanto mais eu procurava mais as minhas esperanças decaíam, pois eu percebia sem sombra de dúvidas que a maioria das pessoas que escreviam os textos sobre como parar (sobretudo de sites religiosos) estavam também completamente afundadas no vício e apenas dissimulavam que sabiam o “como” parar, como uma forma de fugir do próprio sentimento de culpa e vergonha, já que o que elas ensinavam eram métodos ridículos e nem um pouco funcionais (estes sites, por mais “bem intencionados” que sejam, infelizmente ainda são a maioria do conteúdo existente sobre o tema na internet brasileira).

Pensando que não havia mais solução e completamente desiludido. Cheguei ao ponto, pela primeira vez na minha vida de considerar me suicidar. Não fui muito longe nessa ideia, mas o fato é que, de acordo com a minha própria percepção distorcida pelo vício e a autoimagem negativa que eu tinha de mim mesmo, a minha vida da forma como estava, já não tinha utilidade e não valia a pena ser vivida!

Uma nova esperança

Cansado dos sites brasileiros que não falavam nada com nada e que abordavam o assunto apenas superficialmente, tive a ideia de começar a procurar por sites em inglês. Até que finalmente cheguei no [yourbrainonporn](#), o site do Gary Wilson. No início, estava desconfiado já que não tinha mais muita fé em achar uma solução realmente eficaz para o problema. Depois de algumas páginas de leitura, comecei a me identificar com os relatos e com a abordagem científica. Depois de ler alguns casos de sucesso, uma esperança se reacendeu no meu coração.

Reboot de 90 dias

Não preciso dizer que comecei o reboot ali mesmo. No começo, assim como todo mundo, eu achei que não precisava de bloqueadores. Depois de umas 30 recaídas, eu não tive dúvidas e comecei a levar mais a sério o experimento. Recai muito também em sites de relacionamento e com o facebook. Chegou um ponto que eu não aguentei mais me auto enganar e bloqueei esses sites também. Foi nesse período que eu consegui ficar o maior tempo sem pornografia desde os meus 11 anos de idade e comecei a sentir os “superpoderes” na pele.

Comecei a namorar com uma outra garota, também muito bonita, só que estava atravessando a flat-line e ainda estava com o medo de a minha DE não ter acabado. Na primeira transa levei um pacote de Viagra junto por precaução. A ereção foi mais ou menos, mas já foi uma grande coisa já que fazia tempo que isso não ocorria. Depois de algumas relações sexuais esporádicas

eu estava mais “ereto” do que nunca. Em menos de 30 dias eu tinha me recuperado da DE. O Reboot funciona!!!

Uma nova realidade

Bom, daí para a frente eu recuperei minha vontade de viver. Meus sonhos e projetos voltaram com tudo. Meus relacionamentos melhoraram em uns 200%. Meu relacionamento com a minha família nunca esteve tão bom. O sexo nem se fala. Eu acabei terminando com essa minha nova namorada, mas por outros motivos e não por causa do reboot. Na verdade, percebi que na prática, o reboot faz aumentar os nossos laços e o respeito pela nossa companheira, assim como o dela por nós.

Projeto Sabedoria

Por fim, como durante o processo do reboot eu lia muitos textos dos sites gringos e traduzia para mim mesmo esses textos, e compadecido e até um pouco indignado por perceber tanta desinformação nos sites em português, decidi compilar um ebook sobre como parar para as pessoas que assim como eu, sempre tentaram parar, mas não sabiam o “como”, tivessem ao menos uma referência para consultar. Coloquei para mim mesmo que eu não me meteria na vida das pessoas e nem faria uma cruzada contra a pornografia, mas que aqueles que buscassem sinceramente por respostas, deveriam encontra-las de alguma forma e que o ebook seria essa ajuda inicial. O resto da história vocês conhecem.

Dicas:

São várias as dicas que eu teria para dar, elas estão registradas no ebook e nos fóruns que participo, mas se eu pudesse resumir as principais, seriam essas:

- Instalar vários bloqueadores (não tem jeito, mesmo depois de “rebotado” eu ainda uso os bloqueadores)..
- Ser radical (no sentido de não considerar a pornografia mais como uma opção para a vida).
- Arrumar uma namorada (a ideia não é virarmos “monges”).
- Ler os benefícios de quem parou (essa foi a minha principal motivação, porque eu percebi serem verdadeiros os relatos e os benefícios elencados).
- Estudar as estratégias e o “como” essas pessoas conseguiram parar (e procurar aplica-las, obviamente).
- Ler as pesquisas científicas sobre o vício (para entender como tudo funciona e se perdoar pelo seu passado).
- Ajudar os outros (parece piegas, mas sinto que quando estou ajudando os outros eu é que sou o mais ajudado, pois esse compromisso, sem querer me ajuda a me manter “limpo” e a ter

compaixão pela situação das outras pessoas, assim como a compreender cada vez mais a natureza humana. Por isso obrigado a todos, de coração!).

Para finalizar, um resumo dos prejuízos e benefícios que eu constatei durante o processo:

Antes do Reboot:

- Mal humor e irritação comigo mesmo e com as outras pessoas.
- Falta de foco, procrastinação e perda de tempo.
- Muito sono e preguiça.
- Muita vergonha e culpa.
- Fraqueza física (pernas bambas, voz fraca, pele suja e desleixo pela aparência).

Depois do Reboot:

- Maior socialização.
- Muito mais tempo livre (impressionante!)
- Interesse pela natureza e coisas simples da vida.
- Amor pelos meus semelhantes e disposição em ajudar.
- Foco e concentração, assim como melhorias na aparência e melhor desempenho no trabalho e tarefas do dia-dia.
- Melhor relacionamento com o sexo oposto.
- Muito mais assediado pelo sexo oposto (sério!)
- Às vezes, até excesso de energia e um gozo espontâneo pela vida, sem precisar fazer nada para sentir isso.

Fim

...

6 D6: postagem de M. Mystère em 29/12/2014 às 14h06m

Olá, caros companheiros de batalha.

Conheci esse sítio e o e-book aqui disponível em setembro deste ano de 2014, quando pensava que não havia mais condições de que retomasse o controle da minha vida. Eu já havia desistido do abandono do vício, sendo levado a crer que só me restava me entregar à compulsão. Tenho 28 anos de idade, e sempre tive contato com a pornografia. No entanto, a partir de 2005, com a aquisição de um Modem ADSL, a coisa se complicou de vez. O que era rotineiro, tornou-se uma obsessão. A princípio, trancava-me no quarto e tirava inúmeras fotos com meu celular, para que pudesse me masturbar logo em seguida. Isso ocorria várias vezes por semana, o mesmo ritual, ano após ano. Nos anos posteriores, com a explosão dos sítios de vídeos pornográficos, passei a baixar cada vez mais material, a ponto de abarrotar uma pasta

— oculta, claro — em meu notebook. Nessa última fase, nos últimos três, quatro anos, não mais baixava conteúdos, mas utilizava um tablet para satisfazer o terrível e voraz dragão que habitava em mim. E assim, passaram-se 10, 12 anos de minha vida, escoados pelo ralo.

Concomitante ao fortalecimento do vício, em 2005, comecei a estudar para concursos públicos, o que me levou, pelo contato inicial com as matérias jurídicas, a cursar Direito. Nessa época, várias vezes cheguei a furar meu programa de estudos ou deixar de estudar para provas a fim de ver conteúdo pornográfico e me masturbar. Contudo, ainda não percebia a gama de efeitos nocivos que sofreria em razão do vício.

Em 2008, graças a Deus e após muito esforço, fui aprovado num concurso público, e comecei a trabalhar em 2010. À essa altura, já eram nítidos os efeitos que a pornografia e o hercúleo esforço para omitir isso das pessoas ao meu redor desencadearam em mim. Comecei a notar a queda de rendimento no trabalho, a dificuldade de concentração nos estudos e nas demais atividades, a tendência ao isolamento, a ansiedade, a queda drástica da libido, entre outras mazelas que me acometeram.

Em abril de 2012, comecei a namorar a garota de que hoje sou noivo. Para mim, era impensável compartilhar com ela o meu segredo, que guardava a sete chaves. Não poucas vezes, deixei de vê-la justamente para ficar vidrado à tela de um computador ou coisa que o valha. O namoro, contudo, não fez com que o vício minguasse, como inocentemente pensei que fosse ocorrer. O maldito hábito era crescente e chegava às raias da loucura. Quantas vezes não assisti a vídeos pornográficos no trabalho ou mesmo cheguei a dirigir assistindo a um vídeo pornográfico pelo meu celular!

Passaram-se um, dois anos de namoro, e só recentemente, há 20 dias, de súbito e sem racionalizar, pois se o fizesse seria demovido da ideia, desabafei e contei-lhe tudo, os mínimos detalhes. Óbvio que isso a deixou chocada. Ela jamais esperava isso de mim — não que ela esperasse isso de alguma maneira, mas é que se trata de algo que não passa pela cabeça de muitas pessoas, não compõe o mundo delas, como infelizmente passou a compor o meu e de todos quantos leem esse texto. Para a minha alegria, todavia, após o baque inicial, minha noiva absorveu o problema e passou a me oferecer apoio incondicional, o que me fortaleceu a seguir em frente.

Hoje, entretanto, após praticamente ter me abandonado nos braços do mundo pornográfico, meu contador indica 92 dias sem PMO. Já não imaginava que isso fosse possível. Tentei parar por centenas de vezes. Era um gigante invencível que crescia mais e mais, cuja altura já chegava ao céu. Foi quando decidi pesquisar sobre os danos que a pornografia poderia causar e “tropecei” nesse sítio — digo tropeçar, entretanto não creio em acaso, e sim que tudo tem

seu tempo e propósito. Devorei o e-book e comecei o reboot. O medo de recaídas era constante, como se eu caminhasse pisoteando ovos. Claro que cheguei à beira da queda algumas vezes, mas, logo que me vinha aquela vontade louca de ver pornografia e me masturbar, rapidamente entrava no fórum do sítio e lia relatos de pessoas que tiveram êxito nessa empreitada. Esse recurso sempre funcionou como uma injeção de motivação para avançar.

Ainda há muito chão a ser percorrido, sem dúvidas. Não senti até então os tais “superpoderes”, até porque estou com distímia, um tipo de depressão leve, a qual certamente foi suscitada pela pornografia e masturbação. Tenho feito uso de medicamentos há menos de um mês e vislumbro dias melhores, com a graça de Deus. Apesar disso, é incomensurável a sensação de retomada do controle da minha vida após um hiato de 10, 12 anos. É como se eu houvesse acordado de um estado de coma e ganhasse uma nova chance, uma folha em branco para reescrever a minha história.

Tudo isso seria um enorme surto de egoísmo se eu não destinasse essas últimas linhas a agradecer imensamente ao Projeto por todo o trabalho que tem desenvolvido. Não encontro palavras para expressar minha gratidão, não só a ele mas também a todos os que mutuamente se ajudaram no fórum, ao trocar experiências, oferecer apoio, relatar testemunhos de sucesso. Sou enormemente grato a cada um de vocês, conquanto não nos conheçamos e nunca saberemos quem está do outro lado do monitor.

Avante, guerreiros!

7 D7: postagem de Salomao retirada do fórum em 14/10/2014 às 22h58m

Tenho 32 anos sou casado e tenho problemas com pornografia pelo menos a 12 anos. Iniciei o Reboot à apenas 2 dias. Meu vício começou com masturbação, depois fui para vídeos pornográficos na internet até que chegou nas prostitutas (o espiral da degradação vocês já conhecem) Trabalho viajando e passo uma média de 20 dias por mês fora de casa, creio que o meu vício começou por conta disso, tenho vários sintomas descritos no livro (ansiedade, depressão, masturbação compulsiva, falta de concentração, lapsos de memória e etc) e agora estou começando a ter problemas de ereção. Sempre escondi esse problema da minha esposa, por achar que ela não saberia lidar com a situação. O pior é que já estou em um estado bem avançado, as imaginações já saíram do campo da fantasia e estão invadindo a vida real. Estou ficando viciado em sexo extraconjugal, já transei com várias prostitutas, e quando chego em casa não consigo manter uma ereção satisfatória com a minha esposa. O peso na consciência é grande, estou em um ciclo de mentiras constante para manter a minha vida secreta. Preciso de

conselhos. Devo ou não devo contar pra minha esposa ? É possível ficar limpo sem precisa contar pra ela ? Aceito também conselhos de esposas noivas e namoradas de pessoas que estão fazendo o reboot. Fico feliz por ter encontrado essa comunidade. Através do livro consegui realmente entender o que acontece comigo. Preciso realmente de ajuda. Um forte abraço.

8 D8: postagem de matheus750 em 23/02/2015 às 22h53m

Boa noite meu caros,

A longo tempo venho criando teorias sobre esse assunto e gostaria de compartilhar, ver o que vocês acham, se concordam ou não.

Com o passar do tempo em que eu estava preso a esse vício da P, eu percebia o quanto eu conseguia olhar para uma mulher na rua a ponto de desejá-la e me imaginar tendo relações sexuais com ela. Acontecia de repente, quando eu percebi, eu já estava vidrado olhando para aquela mulher e imaginando coisas, principalmente com aquelas que tinham uma saias bem curtinhas, já imaginava levantando aquilo e, não preciso dar detalhes, não me orgulho disso, e acho que deu para entender...

A algum tempo, eu vi na televisão a reportagem de um homem que tinha uma vida boa, aparentava ser uma pessoa muito boa, todos gostavam dele no trabalho e era dito como um exemplo de pessoa, mas que depois de um tempo, descobriram que ele era um estuprador em série, que ao sair do trabalho ele pegava o carro dele e saia atrás de mulheres.

Logo em seguida, o repórter foi entrevistar ele. Ele contou que era viciado em pornografia das mais pesadas e que um dia caiu na besteira de sair de casa para pegar uma mulher, quando ele cometeu o primeiro estupro, voltou para casa, dormiu e no dia seguinte se arrependeu. Passaram-se alguns dias, e "como aquele caminho já havia sido aberto na mente" ele teve vontade novamente, e cometeu o segundo estupro, e voltou para casa e no outro dia se arrependeu. E assim foi por várias vezes. Ele relatava também, que não parecia ser ele, parecia ser outra pessoa, que ele sabia o que estava fazendo, mas não tinha controle dele mesmo.

Em certo momento, o repórter perguntou: "Já imaginou se fosse suas filhas?", e o cara respondeu: "E é isso que mais me dói, é o que mais me deixava arrependido". O repórter: "Mas então porque você fez isso? E continuou fazendo?". O cara repetiu: "Não era eu lá, eu era outra pessoa"....

Queridos, antes de mais nada, quero que fique claro que eu não estarei defendendo a causa desse estuprador. Ele deve ser punido sim, por mais que o problema dele tenha sido

psicológico, ele cometeu um crime muito gravíssimo e precisa ser punido. Mas o que estou a dizer agora é para que abramos nossos olhos...

Logo ao terminar a reportagem, eu me senti completamente mal. Ao assistir e ouvir o relato daquele homem, não consegui ver muita diferença entre mim e ele. Aquele homem estava afundado na pornografia, estava indo a níveis mais baixos à procura de maior satisfação. Ele sentia-se arrependido após o que acontecia, mas não conseguia controlar quando vinha o vício para cima dele. Era como se fosse outra pessoa, sabia o que estava acontecendo, mas não conseguia parar e se controlar.

Agora amigos, leiam novamente o parágrafo que está em negrito, porém agora esqueçam tudo o que eu escrevi anteriormente. Quantos de nós não nos identificamos com esse relato? E agora ao pensar que esse relato é o relato de um estuprador dá até um calafrio na espinha.

É claro que o nível que ele chegou, foi além de qualquer e todo nível moral. Mas fiz esse relato, para pensarmos no GRANDE PERIGO que corremos. Não estou dizendo que nós poderemos nos tornar estupradores ou algo do tipo se não pararmos, claro que não! Mas digo isso, pelo fato que a P muda a cabeça das pessoas, umas para lados mais sombrios, outras nem tanto. É brincar com fogo.

E acredito que quanto mais respostas para a pergunta "por que parar?" nós reunirmos, mais fortes poderemos ser.

Já li também sobre um pesquisa, agora não me lembro onde, que dizia ter sido entrevistados vários homens, e perguntado a eles: "Se você pudesse praticar relações sexuais com uma mulher, de modo a forçá-la, tendo a certeza de que ninguém nunca descobriria, você o faria?". E sei que mais da metade dos homens confessaram que fariam sim, e isso é assustador. Só de pensar na minha garota, nas mulheres da minha família, já me dá um medo e ódio ao mesmo tempo.

A nossa sociedade precisa acordar, tirar essa venda da libertinagem, onde tudo é bom, tudo é liberado, tudo deve ser feito conforme mandar a sua vontade. E começar a conscientizar as pessoas que não se deve fazer tudo o que sua alma pede (a pornografia desperta os níveis mais baixo do ser humano).

Eu posso dizer que estou melhor com relação a isso, já consigo andar na rua sem ficar secando as mulheres e imaginar coisas. E estou muito mais forte. Hoje por exemplo, estava ao meu lado do onibus uma mulher de uns 30 e poucos anos, com seios bem avantajados por assim dizer, rs. E não tive como não notar de primeira, mas a primeira olhada é de boa, sem maldade, apenas percebe, mas aí veio a segunda olhadinha, é onde veio o problema... Já percebi que ela estava com aquele blusa fina e sem sutiã, aquilo me despertou um coisa... é

aquela coisa.. rs. Mas logo me toquei e parei de olhar, tentei limpar minha mente, mudar meu pensamento e consegui me tranquilizar e esquecer, e o pior que logo depois ela chegou para mais perto de mim, foi então que eu cheguei a colocar a mão nos olhos, disfarçadamente, como se eu estivesse me apoiando, para não acontecer de sem querer olhar de novo e despertar aquele sentimento. Foi uma luta vencida, posso assim dizer.

A questão que quero deixar aqui é, ao meu ver, a P está diretamente ligada a maioria dos casos de violência e estupro de mulheres. É notável como a P pode mudar a cabeça de um homem como mudou a minha, imagina só em alguém com distúrbios mentais ou problemas pessoais onde a pessoa acredita não ter nada a perder.

É ALGO GRAVÍSSIMO!

Bem, a questão está lançada. O que você acham sobre isso?

Obs: Desculpem pelo longo post, mas quis explicar da melhor forma possível.

Obs2: Foi bom escrever bastante e escrever sobre isso agora, que era algo que eu pensava a bastante tempo, pois agora pouco eu quase vi P, quase! Ufa! Foi quando eu decido vir aqui, ler, ganhar força. Escrever me ajudou a passar a vontade.

9 D_{9c}: postagem de marcolopes em 07/03/2015 às 13h14m

Boas amigos, hoje escrevo falando acerca do meu caso. Já me tinha apresentado antes, num post sobre a escalção para porno shemale. Desde há quase 2 semanas não vejo pornografia. Me mastubei e ejaculei durante esta semana, mas sem ver nada. Me arrependo de o ter feito, pois pode me ter "atrasado" no meu reboot.

Fazendo uma explicação breve do meu caso para quem ainda não viu meus posts. Sou um rapaz de 18 anos, sou virgem ainda. Sempre gostei de mulheres, pelo menos desde a minha puberdade. Comecei a ver pornografia com 12 anos por volta disso. Eu só via lesbicas e hetero. Mas com o passar dos anos, depois de ver muita pornografia comecei a procurar novos estímulos, alguns nojentos, como pornografia scat, outros que vão contra minha sexualidade, como shemales. E a minha dúvida é a seguinte, será que alguma vez me vou deixar de interessar por isso? Ou vou ter de viver com desejos perturbadores na minha cabeça de travestis? Ou será que eu alguma vez me vou fartar de mulheres e procurar travestis? Se alguém esteve como eu e deixou de gostar de shemales por favor me diga, eu não tenho ninguém com quem falar senão vocês.

Até agora ainda não sinto grandes diferenças durante o meu reboot. Eu nunca fui muito viciado em pornografia, logo não tem sido muito difícil evitá-la. Mesmo assim vi o suficiente para escalar meus gostos para generos pornograficos fora do comum.

Mentalmente tem sido uma autêntica montanha russa cheia de altos e baixos. Tem horas que me sinto bem comigo mesmo, e outras em que fico pensando para mim "e se eu ficar gostando para sempre de shemales?". Isso me incomoda bastante, já tenho saudade de estar bem comigo mesmo a 100%. Essa questão fica mesmo no meu subconsciente, tanto que às vezes fico pensando se gostaria que minhas amigas tivessem um pênis, e se acho a ideia sexy. Acho que ainda não consegui afastar a minha atração por shemales, infelizmente.

Tem alguém aí que passou por isto também? Acham que eu vou mesmo deixar de gostar desta m***? Tem sido difícil lidar com isto, sem poder falar para ninguém. Só aqui na internet é que eu posso desabafar, pois tenho vergonha de falar isso para meus amigos e família. Tenho de fingir que estou bem para eles, mesmo nos momentos em que me estou sentindo mal, e isso custa muito.

10 D₁₀: postagem de Over em 05/02/2015 às 16h26m

Saudações irmãos.

Sou novo no fórum e estou muito feliz por ter um lugar como esse para que possamos compartilhar experiências / informações.

Comecei com a pornografia aos 14 anos e ao decorrer do tempo algumas categorias de p não me satisfazia mais. Por este motivo acabava migrando para categorias mais pesadas, até o ponto que comecei a ter desejo por uma categoria sexual que não corresponde a minha orientação sexual: shemale (travesti).

Sou hetero, casado e nunca tive relação sexual com nenhuma shemale.

Gostava de assistir apenas pornografia de shemale, mas não gays. Quanto mais feminina a shemale, melhor; não sentia atração com as que não era dessa maneira, bem como não sinto atração alguma por homens. Sinceramente não sei o que acontece comigo, nem lembro como isso começou. Porém, a cada fim de bronha a sensação de culpa era 100x pior do que antes dessa fantasia, me sinto menos que nada, um depravado, um lixo.

Já encontrei, na internet, pessoas na mesma situação que a minha. Mas isso não me diz nada, quero acabar com isso, meu consciente clama por isso, mas sou viciado né...

Abrir esse tópico pra saber se tem mais alguém que passa por isso, e se por acaso tiver, saiba que você não está só nessa Razz

No mais, estou a 26 dias limpo e já sinto os benefícios do reboot. Consigo controlar mais os desejos, sofria com ejaculação precoce e agora estou quase 100%, e não sei se é por isso mas estou dormindo muito melhor, acordo mais desposto.

Desejo que a luz da sabedoria e da força de vontade ilumine seus caminhos...

Forte abraço irmãos!

11 D_{10.1}: postagem de Balian de Ibelin em 05/02/2015 às 22h43m

Sou novo aqui também mas já frequentava o fórum como visitante alguns meses. Minha situação é parecida com a sua, assistia muita pornografia e sempre estava atrás de novidades, mais dopamina. Sou Hétero gosto de mulher, mas ver pornografia normal(hétero) não era suficiente eu sempre estava atrás de alguma coisa diferente. Então passei a assistir shemales, ficava destruído e arrasado depois de cada vídeo que via.

Estou a 37 dias de Restauração, não sinto vontade de ver porn.. de shemale. Já percebi algumas mudança, me sinto outro homem.

Força e Honra!

12 D₁₁: postagem de Nerd em 28/02/2015 às 11h43m

Pessoal estou lembrando que quando eu era viciado em pornografia já estava com uns fetiches muito bizarros , um exemplo disso é de um que tinha que consiste em o cara ficar deitado no chão de bruços e a mulher vir por trás dele e pisar em suas bolas literalmente , eles chama misso de CBT . E isso me excitava muito e andei pensando o quanto eu estava maluco em ficar excitado com uma coisa doente dessas , algum de vcs já passou por isso ou esta passando ? Conte- nos suas experiencia , abraço e boa recuperação para todos

13 D_{12a}: postagem de Magrao em 16/02/2015 às 20h18m

Amigos, estive pensando algumas coisas. Percebo que as fantasias retornam quando alguma expectativa minha é frustrada. É como se as fantasias (masturbação e pornografia) fossem a minha cocaína, a minha fuga da realidade (e suas eventuais frustrações). Não posso viver a vida real só quando ela é bela, tenho de vivê-la também quando ela é amarga, difícil e dura, vivê-la por inteiro. Porque o vício não é vida real, é fuga da realidade. E também porque senão na primeira frustração mais forte eu posso retornar ao vício, que é o que já me aconteceu.

14 D₁₃: postagem de Zé em 24/11/2015 às 12h09m

Uso pornografia a 15 anos e esse uso constante me tirou algo muito importante que foram as experiências de vida. Experiencias que todo mundo precisa ter para ganhar traquejo social, para aprender a lidar com o sexo real, com o sexo oposto, enfim, a ter a experiencia básica e comum que se espera que um cara tenha desenvolvido.

A pornografia me jogou desde a adolescência num ciclo que é o seguinte: não busco experiências reais porque não tenho vontade e motivação e, além disso, tenho DE => Como tenho DE e não sinto vontade de ter experiências reais como uma mulher, fico na mesma, onde estou, com o xvideos.

Quando nesse ano eu tentei enfim parar com o vício, me vi numa situação muito incomoda que é a seguinte:

Ok, agora estou a 3 meses sem me masturbar, com uma grande vontade de transar com uma mulher, mas não tenho traquejo social nenhum. 15 anos de ansiedade social e ausência quase total de experiências reais, me transformaram num zero em termos de carisma, de conquista.

Essa constatação joga por terra todo meu esforço, e eu volto para a pornografia e a masturbação obsessiva. Sinto que com a pornografia eu tenho algo que me dá satisfação e prazer. Sem ela eu me anulo, porque não consigo convencer uma louca a transar comigo! Não tenho traquejo social nenhum.

Alguem já se viu nessa situação de merda?

15 D₁₄: postagem de Skid Row em 27/11/2014 às 07h55m

Olá amigos, primeiramente gostaria de agradecer aos criadores deste fórum e do site "Vício em Pornografia", descobri esse fórum faz uma semana (antes eu usava o your brain rebalanced e your brain on porn) e é muito bom poder trocar experiências com pessoas que falam nosso próprio idioma.

Agora vamos ao que interessa. Tenho 29 anos e desde a infância eu tinha atração por mulheres fumantes e por pés femininos (esse fetiche por pés até que é bem comum no Brasil). Desde que comecei a me masturbar (aos 13) a maioria das vezes me masturbava com coisas relacionadas aos fetiches e isso piorou quando surgiu a internet banda larga, foi aí que realmente me vicei nesses fetiches. Eu conseguia levar uma vida sexual "normal", transei com algumas mulheres e depois namorei uma garota que satisfazia meus fetiches e quando terminamos foi aí que eu realmente me afundei na pornografia (relacionada aos fetiches). Continuei saindo com mulheres na vida real até que notei que eu "não funcionava mais" e foi aí que me desesperei.

Para encurtar a história (quem quiser saber mais detalhes pode perguntar) eu consegui ficar 8 meses sem PMO e mais de 1 ano e meio sem alimentar os meus fetiches. Eu achava que eles nunca iriam embora e que eram parte de mim, hoje eu sei que é possível se libertar de qualquer fetiche que você tenha e das vezes que eu recaí graças a Deus foram com fotos de

instagram e videos softcore de garotas peladas. Atualmente estou 18 dias sem o PMO e meu objetivo é parar completamente até com essas coisas "softcore".

Agradeço desde já a quem for ler o relato. Obrigado.

16 D_{14.1}: postagem de Projeto renascimento em 04/01/2015 às 16h48m

Eu sei como é ter fetiches. eu tenho muitos, desde os simples até os bizarros.

Exemplos: grávidas, travestis, urina, corno, zoofilia, pedofilia. e varias outras coisas...

Eu fui desenvolvendo esses fetiches conforme me viciava mais em porno, porque antigamente eu nem imaginava que um dia iria sentir prazer vendo vídeos de travecos.

até videos gays eu já vi, tudo pra conseguir mais variedade e mais prazer na pmo.

Desde que comecei o reboot esses fetiches foram enfraquecendo aos poucos, porque antigamente eu chegava fantasiar a noite e sonhar com essas coisas. é claro q na vida real eu nao realizo essas coisas, mas na pmo eu queria um pouco de tudo, ou quase tudo...

Tive bastante recaídas ultimamente e acabei voltando para alguns fetiches, mas nao como antigamente.

Acredito que você vai conseguir se libertar skid row, questão de tempo e persistência...

Desejo-lhe uma boa recuperação!

17 D₁₅: postagem de Gabriel C em 30/08/2015 às 20h35m

Cada vez mais me convenço de que o vício em pornografia é pior que vício em drogas! Sim, é muito pior. Apesar de nunca ter consumido drogas, tenho essa convicção.

O viciado em drogas e em álcool não consegue esconder o seu vício por muito tempo, pois suas consequências ficam bem explícitas. Um alcoólatra, um viciado em cocaína, etc, têm seus problemas expostos primeiro para a família e até para a vizinhança. Assim, na maioria das vezes a família busca soluções, tratamentos e todo o tipo de ajuda para salvar seu familiar. Por isso vemos tantos centros de reabilitação de usuários de drogas, programas governamentais, e todo um aparato de apoio para recuperar o viciado.

Já nós que somos viciados em pornografia não vemos isso acontecer. É um vício oculto, onde parece que está tudo normal. A vergonha, a incompreensão e falta de informação adequada nos faz lutar quase que sozinhos, abandonados à nossa própria sorte.

Muitos que tentaram se abrir com algum familiar ou amigo foram vistos como tarados, sem vergonha, promíscuos, ou tiveram os mais variados conselhos equivocados, como simplesmente procurar uma namorada, entre outros conselhos.

Este fórum com certeza vai nos motivar, porque encontraremos aqui histórias, casos parecidos com os nossos, sintomas semelhantes e conselhos de quem conseguiu superar.

Sairemos dessa lama, a pornografia não é mais uma opção!!!!!!

Avante, guerreiros!

18 D_{15.1b}: postagem de Projeto em 31/08/2015 às 09h42m

Muito bem colocado Gabriel. É isso mesmo que acontece. Não sei se você chegou a ver os comentários de uma matéria no blog sobre um garoto que morreu depois de se masturbar 42 vezes seguidas. Se você entrar no G7 que é de onde foi tirada a notícia, 99% dos comentários das pessoas era tirando sarro do cara, como se ele simplesmente fosse um tarado necessitado. Até o comentário da mãe dele é meio irônico (o que até me deixou em dúvida se a notícia é real ou não). Mas mesmo na hipótese de isso não ter acontecido, os comentários das outras pessoas refletem exatamente o que pensa a sociedade à respeito do problema.

De um lado estamos nós, os machos, "vitimados" num certo sentido pela nossa própria evolução biológica que não teve tempo de se adaptar a tecnologia. Nosso sistema de recompensa inteiro foi programado para passar os nossos genes adiante pra o maior número possível de fêmeas em idade reprodutiva sempre que surgir a oportunidade, enquanto as mulheres procuram pelos melhores genes e aqueles que tem condições de prover os filhotes. De outros estão a sociedade, a mídia, a igreja, as feministas e até mesmo setores da ciência, querendo fazer as pessoas crerem de forma generalizante que isso tudo não passa de safadeza e mal caratismo dos homens ou então que é natural e recomendado, polarizando a questão de forma simplista num desses dois extremos.

Sim, nós não vivemos mais nos tempos das cavernas, mas acontece que o nosso cérebro ainda vive. Ele se adaptou e é premiado em termos químicos quando age de acordo com essa velha necessidade evolutiva. Nosso cérebro demorou alguns milhares de anos para se adaptar à essas condições do homem primitivo. Nossa sociedade mudou, evoluiu muito rápido, mas não deu o tempo suficiente para que ele se adaptasse às novas circunstâncias. Para termos uma ideia, a internet com essa quantidade infinita de "oportunidades de sexo" é coisa de 14 anos atrás. Ou seja, praticamente nada em termos evolutivos!

Enfim, a ideia aqui não é justificar o problema, muito menos incentivar esse comportamento, mas apenas localizá-lo adequadamente para ilustrar o quanto a nossa sociedade é ignorante a respeito disso e o quanto a questão é mais profunda do que parece. Graças a Deus, existe o método do reboot!

Bem vindo ao fórum! E sim, pornografia não é mais uma opção!

19 D₁₆: postagem de Azured em 07/04/2015 às 23h12m

Bom galera, sou novo aqui, vou contar a vocês minha história um pouco.

Desde inicio de 2014, eu tinha uma ótima libido, ereção, impulso sexual, etc. Comecei a namorar nessa época, com uma garota muito bonita, já éramos muito íntimos, eu tinha muito tesão por ela. Os meses se passaram e começamos a ser mais íntimos ainda, até que ela começou a fazer sexo oral em mim quando vinha para cá. Uma coisa estava estranha, e eu sabia que não era ela. Quando ela me masturbava ou fazia oral, eu não mantinha a ereção, eu tinha que usar minhas mãos para manter a ereção, e depois ela assumia o controle, e ficava assim, eu > ela > eu > ela, até que eu atingisse o orgasmo. Conheci a pornografia aos 11 anos, mas nunca suspeitei dela ser a causa. Bem, fim do ano tentamos sexo, porém minha ereção estava ruim, e minha libido não andava tão boa. Não conseguimos fazer nenhuma das 2 vezes que tentamos, por minha culpa. Sempre estranhava isso, fui a um urologista achando que tinha algum problema de hormônio/ circulação. Tudo certo nos exames.

Devido a algumas brigas, terminei com ela em dezembro de 2014, e 1 semana depois perdi a libido por completo, mas tinha certeza que essa não era a causa, pois já tinha passado por coisas semelhantes ou até piores, e minha libido continuou lá em cima. Vale ressaltar que eu assistia porno mesmo namorando com ela (ela não sabia), e sim, cada vez minha libido ficava mais "seletiva", em busca de categorias mais específicas de pornografia. Sem elas não tinha ereção. Em janeiro de 2015, comecei a ficar com uma garota, porém não tinha ereção nenhuma ao beijá-la. Também não sentia desejo sexual, vontade de me masturbar nem nada. Era como se não existisse libido. Passei 2 meses indo em urologista e psicólogo, até que buscando sobre meu problema, encontrei esse site. 95% dos sintomas bateram com o que sinto: falta de ereção, pênis sem sensibilidade, depressão, ansiedade, fraqueza, HOCD (pornos estranhos, que não batiam com meu interesse natural, mas por alguma razão eu estava sentindo tesão), concentração baixa, insegurança, etc.

As vezes eu só me masturbava só pela obrigação, e muitas vezes não conseguia. Dia sim, dia não. Tudo estava muito variável. Eu achava que minha testosterona subia num dia no outro baixava... Suspeitei de alimentação, excesso de academia, problemas de circulação, TUDO.

Então, achei o meu problema. Li o Ebook, e comecei o reboot há 3 dias atrás. Bom, nesses últimos 3 meses, eu me masturbava e assistia porno, mas a ejaculação e masturbação era muito sem prazer, mais por uma "obrigação" ou "ansiolítico", o porno era muito específico, pênis com sensibilidade baixíssima e libido muito baixa. As vezes nem conseguia. Estou na mesma, porém sem PMO há 3 dias.

Andei lendo e vi o que chamam de "flatline". Acontece que, eu estou experienciando todos os sintomas do flatline. Desinteresse por masturbação, porno, tudo. Nem faço questão nenhuma. Também venho sentindo ansiedade, mais sono e alguns momentos meio depressivos. Porém em algumas manhãs acordo com ereção, mas das beeeem fracas, e só algumas. Nesses últimos 3 dias venho indo para academia, aulas e fazendo aeróbicos, minha alimentação sempre foi muito boa, e isso é o que vem me ocupando. Enfim, é possível que por todos esses 3 meses eu estive em um flatline e quando me masturbava eu apenas resetava ele sem saber? Estou com todos os sintomas de um flatline... Bem, gostaria que me ajudassem nessa jornada silenciosa, e vou continuar relatando de dias em dias, ou sempre que tiver dúvidas!

Se possível, respondam a minha dúvida do flatline, e me contem se já passaram por algo do tipo. Grato!

20 D₁₇: postagem de Lion (Cassiano) em 18/02/2015 às 23h39m

Olá a todos.

Sou novo na comunidade e há 13 dias completos comecei a fazer o reboot.

Aos meus 18 anos, consumindo pornô desde os 13, me viciiei devido a minha condição naquele tempo. Era um tipo nerd extremamente inseguro, tinha problemas com a aparência e era rejeitado, tinha muitos problemas na família. As pessoas ao redor não querem te ajudar, mas ficam julgando e tiram sarro. Eu era um fodido e aqueles foram tempos muito difíceis. Passei a viver num ciclo de culpa e vergonha, tentando esconder de todos meu vício. Não tinha energia nem tesão pelas coisas da vida, nunca estava de boa mesmo, mesmo no mais incrível dos momentos. Minhas experiências sociais\amorosas foram sofríveis e traumatizantes. Não tinha amigos e os que eu considerava amigos eram caras que zombavam de mim pelas costas, tiravam vantagem ou que tinham pena.

O pornô era a solução mágica para escapar de um mundo de problemas infundáveis. Até que notei que o tempo que passava consumindo, o gênero e a qualidade das excitações não eram as mesmas. Lésbicas, fetiches de agressão\dominação, homossexualismo (não que eu tenha alguma coisa contra o homossexualismo, mas ele não está de acordo com minha orientação sexual)! As coisas absurdas que via não estavam de acordo com minhas preferências reais. Tinha pesquisado alguma coisa e tentado ficar limpo disso, mas acabei deixando pra lá. Perdi dia de treino pra ficar me masturbando. Eu estava frustrado, mas passei a estar confortável isolado. Deixei de fazer coisas incríveis. Durante a adolescência mais tardia, tive muitas chances de transar, muitas mesmo que perdi por conta do vício. Eu era frio e apático, e um dos meus maiores problemas é uma ansiedade social absurda.

Aos poucos eu fui passando dos vídeos para as fantasias mentais no meu novo mundo de masturbador compulsivo. Achei que o problema estaria resolvido se a masturbação fosse apenas para ideias na minha cabeça. Também comecei a me enganar com aquela história de se masturbar sem ejacular (a ejaculação está longe de ser o foco do problema) e fiz isso por muito tempo até voltar a ver pornô usualmente, já sem a mesma excitação de antes. Até que há 13 dias atrás, me senti muito mal. Foi a pior sensação que já tive na minha fodendo vida. Naquele momento eu sabia que queria mudar. Li o ebook em algumas horas e aceitei convictamente a missão de recuperar o controle sobre meus hábitos.

Espero ter sucesso nesta jornada. Quero que saibam que vocês estão sendo uma inspiração e uma fonte de informação pra mim. Agradeço muito aos que estão tornando isso possível

21 D₁₈: postagem de lucasfsdf em 27/01/2015 às 08h07m

Bom Dia,

Meu nome é Lucas,e estou aqui para tentar parar com a masturbação e a pornografia,Tenho 17 anos,me masturbo desde aos 11.e percebi que estou com DE,pois eu percebo que uma garota é atraente,e mesmo assim,nada de conseguir excitação,na minha cabeça sempre pensei que era por causa da masturbação excessiva,mas nunca conseguia parar,agora depois de ler o livro,e relatos,e perceber que essa realmente é a causa,E estou pedindo a ajuda de vocês! Estou a três dias pretendo atingir o máximo que eu conseguir! Pois estou muito pra baixo com isso.

Além de mais danos que a pornografia estava causando em mim.... Eu sempre fui uma pessoa muito tímida,com uma ansiedade social muito grande,eu ainda lembro que teve um tempo que não conseguia nem olhar diretamente para uma pessoa por muito tempo,sempre olhando pra baixo.

Já tive a oportunidade de namorar com muitas garotas,porém sempre rejeitei,pois pra mim o prazer que eu estava tendo com a pornografia e masturbação já bastava pra mim.

Minha ansiedade era tão grande para me masturbar que tudo que eu pegava com a mão eu ficava tremendo.

E a pornografia comum já não me satisfazia mais(Na verdade nenhuma me satisfazia mais,pois não estava conseguindo mais ficar excitado nem com ela),eu sempre estava à procura de lésbicas,incesto... E isso com certeza não era normal... Eu sabia que não era.

Mas como todo viciado,e não me importava se sentia prazer ou não,eu só queria continuar e continuar vivendo nesse mundo que eu criei....

Postarei posts a cada 1 semana,pois estou estudando pra concursos,e começo a faculdade.Aí fico um pouco apertado.Abraços!!

22 D_{19c}: postagem de marcolopes em 22/03/2015 às 08h09m

Bom dia amigos, venho aqui falar um pouco do meu reboot.

Comecei mal, a pensar que não conseguiria nunca deixar de sentir vontade de ver pornografia. No meu caso, e uma vez que sou virgem, o mal que a pornografia me trouxe foi mesmo a escalada dos meus gostos, sobretudo por ver pornografia travesti (apesar de ser apenas periodicamente), que me deixava com um sentimento de culpa e vergonha interior, pois até aí eu sempre me senti atraído exclusivamente por mulheres. Eu não sei o que é sofrer de DE ou de impotência, mas acreditem, duvido que isso seja tão mau como sentir atração por pornografia que não corresponde à nossa orientação, isso nos fere gravemente o orgulho, pelo menos a mim foi assim.

Este forum me ajudou a compreender o que estava acontecendo comigo, mas ainda assim quando iniciei o reboot pensava para mim : "Ok, eu acredito que sim, a pornografia me fez mudar meus gostos mas, para quê estou fazendo isso? Eu nunca vou deixar de me sentir atraído por travestis, vou ter de levar isso comigo o resto da minha vida.". De facto, comecei a cerca de 20 dias e não deixei ainda de ter pensamentos que não consigo controlar. Ao início isso me fazia sentir pior ainda, pois me sentia incapaz de mudar. Mas depois de continuar a ler testemunhos e ver videos (<https://www.youtube.com/watch?v=h61WZemN9o4> - sobretudo os deste cara, que são bem legais e motivadores) já vi que é perfeitamente normal. Mas eu sou um cara que se preocupa demasiado com os problemas, estou sempre pensando "será que já me sinto menos atraído? quanto tempo isto irá durar" e acabo por adormecer pensando nisso. Hoje infelizmente tive um sonho, onde estava vendo pornografia travesti e ejaculei. É ruim quando isto acontece, parece que seu cerebero te venceu quando não poderias fazer nada. Ele achou uma maneira de se satisfazer sem eu estar consciente. Eu sei que isso não iria acontecer provavelmente se não fosse tão ansioso, se não estivesse constantemente a pensar "será que vou conseguir deixar de sentir isto?" este sonho não existia.

Mas tenho de continuar lutando para no fim chegar ao objetivo que procuro. Tenho minha vida toda pela frente, não posso viver com esta angustia ate ao fim. Me sinto melhor, mas ainda me falta muito caminho.

Gostaria de ouvir vossos cometários, se passaram pelo mesmo, ou mesmo se já conseguiram acabar o reboot e como se sentem.

23 D_{20c}: postagem de marcolopes em 07/04/2015 às 07h22m

Peço desculpa pela demora, mas não sabia que meu post tinha vindo parar aqui.

Em primeiro lugar, e passados dias, eu já sinto mais vontade de ver mulheres do que propriamente transexuais. Aliás eu não fui um viciado que via exclusivamente pornografia travesti! Sinceramente era talvez 20% da pornografia que eu via, a maior parte era pornografia straight. Mas tinha tempos, em que via mais intensamente e como formar de renovar o estímulo acabava vendo shemale, ou outros generos mais nojentos. O meu problema não é eu ter deixado de gostar de mulheres, porque eu não deixei, o problema é eu passar a gostar de mulheres com pénis. É perturbador, para mim é, sei que há pessoas que não dão importância, mas eu dou. Eu sou heterossexual, na medida em que todos os desejos românticos eu idealizo com uma mulher normal. Porém este meu lado mais pervertido me envergonha. E a minha ansiedade aumenta pensando assim "cara, vejo isso talvez a uns 3/4 anos, será que acabei mudando minha orientação? E se eu no fim disso tudo continuar vendo pornografia travesti?". Mas reparem, eu no inicio nao me sentia interessado nessa pornografia, bem pelo contrário. Eu por exemplo também tinha altura em que via BBW, umas mulheres obesas tendo sexo, e nunca no início da minha viagem pelo porn eu me sentia atraído por isso. Mas durante o dia normal, se vir uma obesa na rua não terei qualquer interesse em transar com ela. Acho que acontece o mesmo com os travestis, eu na vida real não tenho interesse nenhum, ao contrário de muita gente que chega a contactar travestis, eu não seria capaz. O meu problema e sobretudo ansiedade, a vontade muito exagerada de chegar ao fim do reboot e conhecer os resultados.

Mas sinceramente, eu acredito que vou ultrapassar isso, poderá não ser em 90 dias, poderá ser em 180 ou mesmo em anos. Eu apesar de não ver muito intensamente essa pornografia eu assisti ela durante anos, e é normal que não seja fácil desfazer minhas ligações cerebrais. Mas eu não nasci assim, eu acredito na mudança!

Obrigado amigos pelas vossas palavras!

24 D₂₁: postagem de Luxord em 10/04/2015 às 13h28m

Olá amigos, novo soldado de apresentando!

Então meu caros,vou me identificar aqui como "Luxord"...tenho 22 anos,Cristão e Virgem rs' e também estou nessa luta contra esse vício maldito,e vou contar um pouco da minha história pra vocês.

Bom,se eu não me engano, a primeira vez que eu tive acesso a pornografia foi entre 2003 ou 2004...eu tinha 11 anos...e foi através de umas VHS velhas do meu pai...o engraçado dessa fase é que quando eu assistia essas VHS,nunca aconteceu a "PMO" pois eu não sabia o que era masturbação...eu ficava com tesão é claro mas assistia por pura curiosidade, vamos dizer

que eu ainda era "inocente"... não sabia das coisas...depois de assistir várias vezes, o vídeo Cassete na hora de rebobinar as fitas enroscava e amassava elas por dentro e estragou todas as fitas (hoje 10 anos depois dou graças a Deus por isso ter acontecido ainda cedo) como não dava mais pra assistir,deixei isso pra lá.

No começo de 2005 com 13 anos eu aprendi a me masturbar...nessa fase a M era apenas usando a imaginação e raramente quando aparecia alguma nudez ou cena de "softporn" aleatória na TV a Cabo como HBO, Max Prime e canais do tipo...até ai foi tudo bem, entrando na puberdade por volta de 2006, 2007 nas Lan Houses da vida eu descobri que existia revistas pornos de graça na internet (coisa que eu achava que não existia)...eu nunca tinha tentado procurar isso na Lan House pois tinha medo de ser pego rs' depois de algum tempo tomei coragem e comecei a pesquisar coisas leves como Playboy, Sexy só pra alimentar a imaginação pra M quando chegasse em casa...tempos depois também descobri que existia filmes pornos grátis na internet.

Em 2008 com 15 anos eu ganhei meu primeiro PC...aqui começa a pornografia em internet banda larga na minha vida...nos primeiros dois anos até 2010 foi "de boa", assistia pornos de forma "normal", PMO uma vez por dia, raramente 2 vezes por dia...então me formei no ensino médio no mesmo ano em 2010...e ai começava o esse pesadelo na minha vida...do final de 2010 pra cá (últimos 5 anos) as coisas pioraram e MUITO.

Eu me tornei menor aprendiz e comecei a trabalhar numa empresa grande, a mais importante no seu ramo eu diria...só que por alguns problemas lá, o trabalho começou a ser estressante, e como eu só trabalhava, chegava em casa e ficava no ócio, a PMO ficou mais frequente por causa do trabalho, era assim que eu aliviava a tensão...em 2012 a coisa já estava mais tensa...a PMO era bem frequente de 4 a 5 vezes por dia...no mesmo ano eu sai da empresa pois o contrato já tinha acabado, e ai a coisa desandou...até que no final de 2012 um conhecido dos tempos de escola foi preso porque encontraram pornografia de menores no PC dele...eu fiquei em choque, pois eu e os colegas de escola quando ficamos sabendo da prisão dele, sabíamos que esse conhecido era um "bronheiro" de mão cheia rs'...todos sabiam mas ninguém falava nada...e ai que eu quase entrei numa deprê pois eu tinha a consciência que ele era viciado em pornô desde os tempos de escola e tinha quase certeza que foi isso o que o levou a pornografia infantil...e eu ao mesmo tempo eu estava começando a me tornar um viciado em pornô então eu percebi que Pornô não era uma coisa boa e então dias depois do ocorrido eu tentei parar...então com um vazio existencial terrível e um princípio de depressão, eu redescobri a Deus, (eu nasci em família evangélica e tinha deixado de ir a igreja desde 2009) comecei a ir a igreja e consegui ficar 1 mês sem PMO, e também recebi a notícia que esse conhecido tinha

saído da prisão...ele ficou só 3 meses lá pois ele era uma boa pessoa só que a curiosidade o levou longe de mais...enfim estava confiante,só que infelizmente vacilei e acabei caindo na PMO.. eu não entendia muito bem o vício em pornô... e aquele culpa como se fosse um meteoro caia na minha cabeça...mesmo assim eu não desisti...ficava 1 semana sem PMO, ai caia de novo, depois mais uma semana sem PMO,caia de novo...chegou um momento que eu já estava de saco cheio pois não conseguia me livrar disso e acabei desistindo...e nesse meio tempo (2013) eu arrumei um novo emprego...e a frequência da PMO só aumentando...isso me atrapalhou de mais no trabalho...até que foi demitido em 2014 por falta de produtividade,pois não conseguia trabalhar direito, ficava com uma ansiedade monstra e também só ficava com sono pois meu horário estava começando a ficar descontrolado..enfim ai a situação estava chegando no limite, me sentia muito mal,me sentia um oceano de hipocrisia pois eu estava na igreja, fazendo papel de santo enquanto em casa eu era um masturbador compulsivo, então minha mente ficou cauterizada me tornei uma pessoa fria,chata, e extremamente crítica a tudo e eu sabia o tempo todo que eu ofendia a Deus como aquilo que eu fazia e aquela sensação de Deus estar me "filmando" toda vez que eu estava na PMO,e um vazio gigante dentro de min...comecei a ter medo da morrer.

De meados de 2014 até semana passada as coisas ficaram complicadas...pois eu só ficava em casa, acabei engordando (chegando aos 120Kg) por causa da vida sedentária que estava levando,já não ligava tanto pra higiene pessoal,as vezes ficava sem escovar os dentes por um ou dois dias...sono totalmente descontrolado...acordava as 11:00, 12:00 e dormia as 02:00,03:00 da madrugada depois de várias sessões de PMO,meu sonho de me formar na faculdade de RI e ir morar no exterior indo por pelo ralo,minha Fé não existia mais,só ia pra igreja por ir mesmo, e por causa de uma amiga que eu conheci na igreja, já não conseguia orar mais pois tinha vergonha de Deus...e isso já estava começando a gerar problemas de saúde...e eu cheguei a um ponto que eu nunca imaginei que chegaria...comecei a ficar com tesão vendo pornô de Shemale!, coisa que em 2010 eu achava nojento (com todo respeito aos homos) e quando eu via sem querer em algum xvideos da vida eu brochava na hora...poucas semanas atrás eu estava começando a gostar!... só que eu sabia que era hétero...eu nunca me interessei por homens, só por mulheres (só entendi essa questão quando li o livro que está indicado aqui no forum dias atrás) ai realmente cai na real e vi que tinha algo MUITO errado comigo eu precisava parar com a pornografia imediatamente se não isso iria acabar me matando...e pela graça de Deus,semana passada procurando formas de parar de consumir esse lixo eu achei na internet o "Your Brain on Porn" do Dr. Gary Wilson e foi a melhor coisa que eu aconteceu

esse ano...depois que li o livro percebi que havia esperança de largar esse lixo e então a 5 dias atrás eu encontrei uma "mina de ouro" chamada comoparar.forumeiros.com.

E cá estou eu, 5 dias sem PMO...até agora foi relativamente tranquilo, aquela vontade as vezes bate mas é algo suportável...e os depoimentos de vocês aqui tem me ajudado muito a ter motivação pra continuar...e nesses 5 dias que em comparação a maioria de vocês seja pouco, já fez uma diferença significativa na minha vida...sinto que aquela preguiça constante está indo embora e procrastinação também,minha motivação de estudar está começando a renascer,consegui concertar o meu horário de sono,a minha voz engrossou (foi a primeira coisa que eu notei rs'),estou fazendo dieta pra perder todo esse peso que eu ganhei, um velho sonho meu de aprender japonês está renascendo rs', (desde 2007 eu sonho em aprender japonês e estudar no Japão) a disposição pra começar a trabalhar está voltando, estou começando a ajudar mais minha mãe nos afazeres de casa...meus objetivos agora são de me livrar definitivamente desse mal,arrumar um emprego e arrumar uma namorada (de Deus rs')...sou eternamente grato ao Dr.Gary Wilson e a vocês do forum que conseguiram se livrar desse mal e estão dando forças aos irmãos de luta mais fracos...pretendo postar aqui o meu progresso nesses 90 dias de luta.

QUE DEUS ABENÇOE A TODOS E NOS DÊ FORÇAS PRA VENCER ESSA LUTA!

25 D₂₂: postagem de doidan em 05/04/2015 às 22h37m

Pessoal, boa noite...

Decidi iniciar meu reboot no dia 03/04/2015...isso porque, acredito que como muitas pessoas aqui, comecei a sentir fisicamente as consequências da P e da M. Sou viciado há aproximadamente 14 anos, tenho 27 de idade. Namoro uma mulher muito atraente, mas comecei a sofrer de disfunção erétil. Já havia ocorrido comigo, mas nunca associei à P. Já tentei muitas vezes parar, mas dessa vez conheci o ebook e sinto que vai ser diferente. Sou hétero, mas já busquei de tudo na internet...comecei por sexo convencional, orgias, depois parti pra P gay, canibalismo, teens... Não quero mais ser escravo... Já saí com mulheres e falhei na hora H, e hoje sei com 100% de certeza que foi por causa da maldita P. Espero compartilhar com vocês nos próximos dias, pela minha experiência, e pela primeira vez na minha vida, contar-lhes algo novo, sobre uma nova pessoa...eu...abraços

26 D₂₃: postagem de vencedoremcristo em 03/03/2015 às 09h23m

Bom dia guerreiros!!! Estou começando o Reboot hoje. Na verdade, já estou sem ver pornografia e me masturbar há 5 dias, mas quero começar do zero. Já vi alguns vídeos e li

vários relatos os quais me motivaram bastante. Já imprimi o ebook e vou começar a ler hoje. Pretendo postar minha luta diariamente, pois estou com tempo para isso. Já expus minha história em outro tópico, mas resumindo sou viciado em pornografia e masturbação há uns 15 anos, mas de forma violenta tem uns 10 anos. Meu objetivo é abandonar de uma vez esse vício, além de ter meus desejos restaurados. Obs: sinto desejos por homens de uma forma quase insaciável desde muito tempo. Já fiquei com mulheres e me apaixonei por várias, porém sou virgem e hoje não sinto nada por mulheres. Meu vício sempre foi pornô gay. Quero fazer esse reboot sem pornografia e masturbação para limpar a minha mente e me entender melhor. Não tenho nada contra gays, mas eu não sou feliz desse jeito e quero mudar, pois vi relatos de pessoas heterossexuais que acabaram sentido prazer por vídeos gays e com travestis devido ao vício. Sou Cristão e sei que sozinho não irei conseguir, mas sei que Jesus me dará a força necessária para suportar esses 90 dias. Já tentei parar várias vezes, porém sem sucesso. Consegui ficar uns 70 dias sem o vício, porém eu não entendia o porque de eu sentir tanta coisa na abstinência, mas vocês abriram meus olhos e agora posso entender que o que sinto é fruto da abstinência, tipo mal humor, sonhos eróticos, tratar mal as pessoas que mais amo, desânimo, vontade de me masturbar assim que acordo, dentre outras coisas. O que eu já senti e sinto durante todo esse tempo de vício, ou seja, algumas sequelas: depressão, pensamentos suicidas, sem vontade de tomar banho e escovar os dentes, dores nas articulações, dor quando tomo banho e sinto a água gelada, desânimo, falta de produção no trabalho e motivação, medo de assumir responsabilidades, complexo de inferioridade devido ao tamanho do meu pênis - em tono de 13 cm de comprimento e 12 de diâmetro, medo das mulheres, timidez, vontade de ficar em casa direto e deitado, solidão, vontade de ficar só no escuro, falta de concentração intensa, sem vontade nenhuma de estudar, sem sonhos e sem planos, falta de sensibilidade, humor alterado, compulsão por comidas - era jogador de futebol e hoje estou com mais de 120 kg, memória um pouco debilitada, achar que eu nunca vou ser feliz de verdade, medo de urinar em banheiros públicos por conta da vergonha, pensamentos repetitivos e de derrotas, enfim. Nesse momento, não estou trabalhando e fico direto em casa praticamente, mas me matriculei em alguns cursos para sair um pouco de casa. No mais, irei compartilhar meu dia a dia, postando sempre a noite para ter uma noção exata de como foi meu dia. Abraços e fiquem com Deus! Obs: Fiz o contador de dias na marra e acabei de ver que está com a data de dezembro, mas vou deixar assim mesmo, pois o que importa são os 90 dias, porém não sei se essa data errada vai atrapalhar. Se alguém poder me ajudar, agradeço.

Bom dia meus Amigos!

Como dito no título do tópico, estou me apresentando para guerra contra esse mal que tanto nos destrói e nos aflige, quero compartilhar com vocês tudo que aconteceu, acontece e acontecerá a partir de hoje, pois como todos que estão aqui, eu sou apenas mais um que não suporta mais tanto sofrimento. EU MEREÇO SER FELIZ.

Bom então vamos lá:

Meu nome é Caio, tenho 23 anos, e sou viciado em pornografia.

minha história começa aos 8 anos de idade, quando por acaso, descobro na estante da minha casa, um arsenal de VHS porno pertencentes ao meu pai, um também viciado em pornografia, e quando digo arsenal não é nenhum exagero da minha parte, pois ali continha todo tipo de pornografia "normal" e Hard existente e aceitável para a época. nessa época ainda como eu era criança eu achava completamente inaceitável e repulsivo alguns tipos de pornografia, então fiquei no básico até mais ou menos meus 12 anos.

A partir dos meus 12 anos a pornografia convencional já não me saciava mais, foi o período em que comecei a ejacular, então foi quando comecei a sair do porno "GOSTOSAS" para algo mais fantasioso como os de "HISTORIAS". Nessa vibe eu fui indo até achar um VHS realmente HARD para mim, e foi quando tive meu primeiro orgasmo realmente intenso, fiquei naquela fita durante dias, e nessa onda de porno de histórias que envolviam incesto e sexo público até meus 14.

Com 14 anos tive minha primeira namoradinha, o porno já estava instaurado na minha cabeça, já tínhamos um aparelho DVD em e um ARSENAL pornográfico completamente novo na estante, e foi quando aconteceu que, eu perdi minha virgindade, e foi nada mais nada menos que a mãe da minha namorada 30 anos mais velha que eu. foi aí que minha vida sexual deslanchou, tudo que aprendi dos meus 14 aos 16 com ela, foi algo realmente intenso e fantasioso.

Foi então que a partir daí começaram os fetiches pesados unidos a vida sexual ativa, ou seja, como eu era (sou, depende do ponto de vista kk) um cara muito bonito, conseguia a mulher que queria, ou seja, como eu já tinha contato com bebidas alcoólicas e maconha(Quando eu cito a droga e o álcool, é pelo motivo que ela aumenta seu libido ao extremo e nessas horas meu amigo, o que importa é se tem vagina ou não kk), e eu já tinha transado com todo tipo de mulher(bonita, feia, gorda, magra, velhas, brancas, negras),o sexo já não me interessava com a mesma intensidade, pois ainda tinha contato com pornografia e através dela tinha os melhores e mais intensos orgasmos, e foi a partir desse período que entrei na pornografia "ESCROTA", buscava algo mais sujo e repulsivo possível (estupro, revenge, bukake)

Aos meus 19/20 anos encontrei a mulher da minha vida, em todos os sentidos, amei da forma mais intensa e possível que um ser humano pode amar, nossa como eu a amava, o sexo com a pessoa que você ama realmente muda você, eu tinha esquecido de vez a pornografia, transávamos todos os dias de todas as formas em todos os lugares, ela sabia como fazer, mal eu sabia que estava cultivando o maldito fetiche em minha cabeça.

Com o passar do tempo o desgaste da relação foi inevitável, brigas, ciumes, foi quando lentamente comecei a voltar a pornografia, da mesma forma quando tinha 8, bem de leve, a relação começava a esfriar, comecei a me aprofundar na pornografia até o ponto em que a relação sexual com a minha mulher, a pessoa que mais amei em toda minha vida, esfriasse de vez, começava o tormento em minha vida. Entre idas e vindas sem fim, pornografia rolando a mil, ao ponto de eu desejar ver, minha namorada dando pra outro cara(Foi ai que comecei a notar que tinha algo de errado com o uso da pornografia), o medo, a angustia me corroendo, e eu sem saber o porque daquilo estar acontecendo. Foi então que tudo acabou, junto com a minha vida, ela conheceu outra pessoa e acabou engravidando, minha vida tinha acabado.

Após o acontecimento citado acima entrei de cabeça na pornografia, nada mais importava, comecei a ver pornografia das mais repugnantes que vocês possam imaginar, TODOS OS TIPOS, me masturbava o dia todo e chorava a noite toda, saia com amigos conhecia garotas, e toda vez que levava alguma garota pra casa eu brochava, inventava mil e uma desculpas para as garotas, para mim aquilo estava acontecendo porque eu ainda amava minha ex namorada e nunca conseguiria esquece-la , entrei em depressão profunda, foi então que meio q me veio um estalo, pois nessa época eu estava me masturbando demais vendo videos cuckold, que era uma coisa antes que eu nunca tinha me interessado.

Comecei a pesquisar sobre o vicio em pornografia, e achava apenas sites religiosos dizendo para buscar a igreja todo esse papo clichê onde tudo e qualquer coisa é pecado(Obs: Sou Cristão, acredito e oro todos os dias para me libertar), foi quando quase desistindo encontrei o blog, li a pagina inicial, e vi os comentários, entrei no forum e comecei a ver alguns relatos, e era como se eu estivesse contando minha historia em tópicos picados, meu coração se encheu de alegria em descobrir o que me destruía por dentro e ver que muitos estavam conseguindo se libertar e ter uma vida feliz. Li o e book inteirinho umas 3 vezes, gostava de ler a parte dos relatos onde pessoas superaram o vicio maldito de PM.

Bati de frente com o vicio e não esperava o que estava por vir, nao conseguia passar 2 dias sem me masturbar, ficava criando mentiras na minha cabeça do tipo "a só uma hoje e depois eu paro", "a eu bati ontem mesmo entao nao perdi nenhum dia, nao custa bater uma hoje, ai amanha eu paro" e isso durante um bom tempo.

Foi quando cansado de me martirizar e depois de perder uma garota incrível por conta de uma DE, acordei pra realidade. Vi que se eu não agisse logo acabaria com a minha vida, foi quando fiquei 8 dias sem me masturbar, isso entrando todos os dias aqui, reforçando meu objetivo e lendo os benefícios e os males que essa desgraça traz a nossas vida. Acabei recaindo, fiquei mal mais voltei com meu objetivo, e foi ontem depois de 7 dias sem PMO, acabei recaindo denovo, meu mundo desmoronou e aqui estou.

Então a partir de hoje serei membro ativo do Blog, pois preciso de ajuda, não aguento mais essa situação, sofro demais com isso e vejo que não estou sozinho nessa luta. Obrigado, vcs realmente estão fazendo a diferença em minha vida e espero que eu tbem possa faze na vida de vcs.

Espero que hoje seja o primeiro dia do resto de nossas vidas.

Quero deixar um agradecimento especial para o Projeto. Parabéns cara, vc é um exemplo para todos nós, me espelho demais em vc e sei que um dia alcançaremos a gloria assim como vc, ainda nos veremos na na área "Historias de sucessos" Laughing

Também quero deixar meu salve especial para os membros Theo becker, Nofapwinner, e the great spirit, que foram os que mais me identifiquei e tive o prazer de ler topicos deixados aqui, que realmente fizeram diferença em minha vida, obrigado meu amigos

Então é isso pessoal, amanha volto para dizer como anda o processo, e começarei a ser mais participativo nos fóruns, obg a todos desde já, fiquem com Deus, e até logo.

28 D₂₅: postagem de Paz em 06/01/2015 às 19h34m

Descobri a masturbação em 2005, esse diabólico vício na minha adolescência, através dos meus melhores amigos. Antes eu era um adolescente alegre, cheio de amizades, extrovertido e modéstia parte, eu sou um cara muito bonito, as minhas amigas e até desconhecidas nunca perdiam a oportunidade de me bajular quando eu passava ou chegava. E como todos aqui, que se interessam naturalmente por sacanagens com o sexo oposto, comecei a ver revistas e dvds pornográficos com meus amigos de rua, esse foi o começo da minha destruição. A pornografia é diretamente relacionada com a masturbação, como sabemos. Acontece que depois que comecei com isso, aquele jovem que eu era, foi se degradando ao longo dos anos, eu lembro que eu era muito extrovertido, cheio de vida, cheio de amigos e amigas, tanto na escola quanto na igreja, no bairro. A minha infancia foi daquelas que ninguem pode acreditar como eu me deixei levar por isso. Infancia em que meus passatempos eram jogar bola, bater tazo, sair com os amigos pro clube. Mas com a chegada de um PC na minha casa e a descoberta dessa combinação perversa, posso dizer que foi o inicio do meu fim. Eu era um

adolescente muito legal, não tinha vergonha de nada, eu era um jovem tão ativo socialmente, estudioso que vocês não podem imaginar. Quando descobri isso, posso dizer que comecei a desenvolver medos de adolescente e ao longo dos anos fui desenvolvendo certos temores que eu jamais imaginava ser fruto disso, passei a ter muita vergonha de estar exposto na sala de aula, tanto no ensino fundamental como no médio, relacionamento com garotas foi ficando cada vez mais escasso na minha vida, eu não sentia dignidade e intrepidez de me aproximar delas, tanto para ter amizade como para namorar, fui desenvolvendo uma repulsa inexplicável ao sexo feminino. Minha vida social foi se esvaindo ao longo dos anos ao ponto de que hoje, não tenho mais nada, nada mesmo, nem amigos. Meu único e melhor amigo que restou nesses últimos anos se afastou de mim por achar que eu sou um gay enrustido... Fui perdendo o interesse social ao longo dos anos, o interesse por estudar, trabalhar. Tive problemas para concluir o ensino médio por conta desse temor que eu sentia de me expor na sala de aula. Meu único interesse sempre foi estar em casa em frente ao meu laptop vegetando na internet. Hoje eu sou uma pessoa fria, não me sinto com dignidade para demonstrar sentimentos, evito qualquer contato tanto com homem quanto com mulher a todo custo. Virei um procrastinador voraz, eu não me respeito. Nos últimos três anos, posso dizer que o vício se intensificou de uma forma demoníaca, antes eu me satisfazia apenas vendo um vídeo sensual de um cara transando com uma garota, ejaculando e pronto. Eu sempre tive recaída por bunda como todo brasileiro, na época do colégio nunca perdia a oportunidade de falar da bunda das minhas amigas e elas gostavam. Mas nos últimos três anos posso dizer que essa "preferência" virou obsessão e eu passei a pesquisar incansavelmente os mais variados sites dessas produtoras pornográficas que tangem essa parte das mulheres, não passei a me satisfazer só com um vídeo, mas sim vários, antigamente eu apenas deixava o vídeo de um cara com uma mulher rolando e me masturbava tranquilamente até chegar ao clímax no final. Mas hoje não, sou impaciente e frenético eu só me satisfaço quando fico passando as melhores partes do vídeo, aquelas partes mais excitantes para mim, em que essa parte do corpo delas fica mais destacada no ato sexual. Tem vídeo que eu só quero ver a parte da ejaculação do cara na bunda da garota e já partir para o outro. Durmo e acordo pensando nisso, fantasio as minhas amigas do Facebook, as atrizes da televisão, as garotas do meu WhatsApp. Tem dias que eu me masturbo até 3 vezes, sempre aquela masturbação curta e insatisfeita com único objetivo de sentir a sensação do clímax o que me torna uma espécie de "bola insaciável de luxúria" o dia inteiro. E no meu caso é mais complicado porque bunda a gente vê a todo momento tanto na rua, na TV, nas redes sociais, as mulheres e garotas estão cada vez mais ousadas nesse aspecto, vocês sabem. É muito tenso e as consequências foram devastadoras na minha vida. Até, claro, encontrar esse

site com esse fórum que me deu um ar de luz no fim do túnel. Sei que posso parar, o meu problema é o tédio e a falta de ocupação. Sempre que estou só sem ter o que fazer meu refúgio é o computador e a masturbação. Nunca procuro atividade diferente e passo o resto do dia frustrado e impaciente e mal-humorado com minha família. Quando não faço, fico mais produtivo, social, fico com vontade de sair de casa. Eu percebo isso no meu dia-a-dia mas como um vício de longo prazo, é complicado. Hoje foi meu primeiro dia off, e com todas as informações que li até agora, quero ver qual será meu desempenho, espero relatar cada vez mais melhoras e benefícios.

abraços amigos !

29 D₂₆: postagem de sufista em 18/11/2015 às 19h14m

Boa noite.

Tenho 24 anos e sou viciado em PMO a 11 anos mais ou menos. Comecei quando achei vídeos pornô no computador que era compartilhado pela família, provavelmente percentiam ao meu irmão mais velho. Isso foi um choque pra mim e imediatamente eu gostei e despertou um interesse enorme por isso. A partir daí eu descobri o P. Com o passar do tempo fui entrando no assunto de M e O e passei a praticar e fui viciando aos poucos. Na época já tinha internet banda larga e já tinha achado fontes do material.

Hoje eu estou em uma situação que me envergonha muito. Me sinto sujo e completamente arrependido por todo esse tempo perdido que pratiquei PMO. O pior de tudo, é que eu estou praticando PMO com cocaína. Isso me faz ter dois problemas que quero me livrar, mas eu sei que o problema mais grave é o PMO, isso que me leva a querer usar cocaína. Encontrei esse site, li todo o material e não achei nenhum caso igual ao meu e eu estou precisando muito da ajuda de vcs. Meu principal objetivo agora é acabar com o vício em PMO, assim eu tenho certeza que vou acabar com o meu segundo vício. Estou aqui pra buscar ajuda apenas para PMO que é o meu maior problema.

O meu motivo pra querer parar com esse vício, é que está me atrapalhando na vida profissional. Eu me sinto completamente paranóico quando estou na presença de líderes, e fico achando que eles sabem do meu problema, que eles sabem que eu pratico PMO e que uso cocaína. O problema é que eu fico vermelho, não sei o que falar nem como agir. Hoje fui convidado a tomar café com muitos líderes me observando, e eu comecei a ficar completamente vermelho e com medo de pegar a xícara de café pq estava tremendo muito. Apesar de eles estarem sentados em outra mesa e eu em outra com outro líder, eu fiquei totalmente preocupado se eles estavam percebendo ou não o meu comportamento. Isso me fez

ficar muito envergonhado e com vontade de buscar outro emprego, pq acho que eles sempre que me virem vão ficar lembrando de toda essa cena que está na minha cabeça.

Às vezes eu pratico PMO sem o uso de drogas. Ontem por exemplo eu pratiquei PMO e a última vez que eu usei drogas foi a uma semana. Eu não consigo ficar um dia sem PMO. Às vezes eu penso comigo mesmo que isso não é necessário, mas algo no meu cérebro me fala pra eu ir praticar pq vai me aliviar e eu vou ficar mais tranquilo, mas não é isso que acontece, sempre que termina eu fico com sentimento de arrependimento e depressão. O que eu mais quero é conseguir me relacionar com as pessoas sem a paranóia de achar que eles sabem do meu problema. Eu não consigo manter um relacionamento profissional e estou perdendo cada vez mais a habilidade de aprender, de evoluir. Não sou mais ambicioso como antes e larguei um monte de atividade que a tempos não faço mais. Sempre gostei de tocar baixo em bandas, andar de skate e parece que essas coisas não tem mais graça, pra mim PMO é a única coisa que está me satisfazendo, mas isso tudo é mentida, ilusão da minha cabeça, eu sei que é bom no momento, mas depois eu me sinto um lixo, mas mesmo assim eu volto a fazer de novo e não sei o pq. Eu quero resetar a minha dopamina, quero sentir vontade novamente de aprender novas músicas e praticar algum esporte. Até quando eu to jogando e a minha performance é baixa, eu sinto vontade de ir praticar PMO, quando alguém do trabalho faz alguma coisa que eu não estou de acordo ou algo que eu fiquei irritado, eu sinto vontade de praticar PMO. Quero sair dessa. Não quero mais ficar vermelho quando estou falando com alguém. Não quero mais ter paranóia de achar que estão pensando mal de mim. Quero ter uma vida normal. Eu quero nunca mais praticar PMO na minha vida.

Já tentei seguir os passos de ficar os 90 dias sem praticar PMO, mas eu não consigo passar de 3 dias. Ou eu durmo com tremedeira, ou no meio da noite eu acordo com tremedeira e surge uma vontade muito forte. Queria orientações para que não acontecesse recaídas neste caso.

Eu namoro a 5 anos e amo minha namorada, ela é linda e transo com ela todos os finais de semana, mas parece que isso não me satisfaz. Ultimamente eu diminui bastante a frequência de PMO, eu to numa fase de um dia sim, um dia não, às vezes fico quarta, quinta e sexta-feira sem PMO e meu desempenho com a minha namorada é muito grande e ela fica feliz quando eu ejaculo bastante, dá pra perceber; eu tbm fico mais satisfeito. Pensar dessa maneira, que eu tenho que agradar ela, me faz sentir mais vontade de parar.

Espero que compreendam a minha situação. Cada um tem sua história, essa é a minha. Quero me tornar uma pessoa melhor comigo mesmo.

Olá amigos, sou novo aqui. Tenho lido os relatos aqui no fórum e tomei coragem de dividir minha história.

Tenho 40 anos de idade e agora vejo com clareza que passei muitos anos da minha vida, algo como 10 ou 12 anos, absolutamente mergulhado num mundo fechado, dentro de mim. E só agora entendo a causa principal desse problema.

Lembro-me bem agora, quando iniciei meu processo de enclausuramento havia apenas uma coisa que me dava prazer: a pornografia na internet.

Naquela época a internet ainda era discada, fazia aquele barulho irritante antes de se conectar de fato à internet, e era muito lenta, mas já existiam muitos sites ofertando pornografia gratuitamente. De início, apenas me interessava por pornografia leve, mas com o tempo isso já não bastava, e fui aos poucos mergulhando mais e mais fundo nesse mundo tão excitante e solitário ao mesmo tempo.

Ainda nessa época, eu iniciava a minha vida profissional, e havia acabado de terminar meu curso na universidade. E também vivenciava as minhas primeiras experiências afetivas, com namoradas e ficantes. No entanto, o que realmente me excitava eram as imagens e vídeos pronográficos que a internet me apresentava, gratuitamente, no momento em que eu quisesse, a apenas alguns cliques de distância.

É claro que, como ainda era algo muito incipiente, tanto a internet quanto o meu vício – que só agora sou capaz de compreender – não havia qualquer sinal claro de adicção. E mesmo quando me parecia que havia algo de errado no fato de acessar a internet apenas para ver imagens e vídeos pronográficos, eu imediatamente pensava que, ora, não havia problema algum, pois me masturbar é algo natural e aquelas imagens eram apenas os estimulantes, nada de mais, nada grave.

Namorei algumas meninas nessa época, com meus vinte e poucos anos de idade, talvez 2 ou 3 meninas por um período mais ou menos longo, e me recordo que com todas elas havia a repetição de um comportamento sexual errático de minha parte, eu simplesmente não conseguia gozar, ejacular. Às vezes até broxava. Realmente não entedia o porque, já que nada disso ocorria quando eu estava à frente da tela do computador. Como eu poderia ter orgasmos tão delirantes assistindo pornografia na internet e quando havia uma menina real eu não chegava lá?

Aos poucos, conforme os anos se passavam, esse sintoma aparecia com mais frequência e eu simplesmente fingia ter orgasmos, era como se eu quisesse me livrar o mais rápido possível daquela situação real para entrar rapidamente no mundo virtual da pornografia. E quando a

menina ia embora da minha casa, lá estava eu novamente na frente da tela do computador, e só então conseguia gozar.

Em alguns momentos durante estes 10 anos de vício em pronografia na internet (que volto a repetir, só agora eu o reconheço), eu tomava a decisão de que teria que parar com aquilo e então apagava todos os milhares de arquivos de imagem e vídeo que tinha. Mas isso durava pouco, e logo eu voltava ao ciclo viciante.

Percebo agora que esse vício carrega consigo um elemento diferente de qualquer outro: ele não é socialmente reprovável, principalmente entre os homens. Pelo contrário, muitas vezes em conversas com amigos, quando o assunto era pronografia na internet, a sensação era de que isso não representava qualquer problema, e até certo ponto era um comportamento estimulado nessas rodas de conversa.

Quem poderia ser contra a busca pelo prazer sexual?

No entanto, depois de muito sofrer, principalmente pelas inúmeras perdas de oportunidade de manter relações afetivas com meninas incríveis e lindas, notei que esse comportamento era a principal causa destes afastamentos por parte delas. Não estou dizendo que era o único motivo, até porque elas também devem ter suas questões, mas certamente, de minha parte, era o principal motivo. É claro, elas percebiam que havia algo de errado, eu estava distante, eu não estava lá quando estávamos transando, minha mente estava totalmente conectada às imagens que meu cérebro estava acostumado a ver no computador.

E notei isso quando uma menina, ao terminar comigo, me escreveu que nós manifestávamos nossos desejos sexuais de maneira muito diferente. Pronto! Por mais que ela não soubesse dessa minha história, ela foi capaz de perceber, pelas poucas vezes que fizemos sexo, que havia algo fora do lugar.

E foi aí, somente nesse momento, que me dei conta do quanto todos esses anos de pronografia me transformaram num viciado, incapaz de obter prazer e sentir tesão com uma mulher real.

Certamente muitos outros aspectos da minha vida foram afetados por esse vício. Mas sem dúvida alguma, o aspecto mais afetado foi a minha vida afetiva... Não só com as namoradas, mas também com amigos e família. Me mantinha distante dos amigos e da família, só queria estar em casa pra assistir pornografia na internet.

Passei então a pesquisar o assunto na internet e encontrei inúmeros, centenas, de depoimentos de pessoas (em sua grande e esmagadora maioria homens) no mundo todo que estão na mesma situação. Muitos conseguiram sair deste processo auto-destrutivo. Percebi, nesses depoimentos, que muitos dos sintomas que eles relataram são idênticos aos meus.

Encontrei na internet um neurocientista americano que é um dos pouquíssimos profissionais de saúde que tem se debruçado sobre este assunto, que eu julgo ser uma epidemia masculina da era da internet rápida. Gary Wilson, por ser neurocientista e fisiologista, demonstra cientificamente como os mecanismos da fisiologia e química cerebral se transformam e se adaptam quando alguém está viciado em pornografia na internet. E também aponta as soluções para aqueles que querem se livrar desse vício.

E foi então que resolvi parar, de uma vez por todas, com a pornografia na internet. Eu realmente quero ser feliz. Completei 1 semana sem pornô e masturbação.

31 D₂₈: postagem de tiago_fernando em 22/01/2015 às 06h49m

Sou novo aqui, vou postar o relato do meu reboot, que começa hoje, pois ontem foi a gota que faltava pro copo transbordar na minha vida, e percebi que estava MESMO no fundo no poço em relação ao vício em PMO.

Ontem aconteceram "3 sinais" que eu estava indo longe demais e resolvi dar um basta. Que eu tinha um sério problema já sabia de longa data, tenho 36 anos, casado a pouco tempo, comecei ver pornografia na era pré-internet, material "analógico" e escasso, famosas revistinhas com páginas grudadas, enfim... Devo ressaltar que na minha casa meio que tinha bastante material a disposição, nada muito pesado, mas meu pai colecionava aqueles posters/calendários de borracharia (famosas "folhinhas") e pra mim era até normal ver foto de mulher com seio a mostra (mas nunca a parte de baixo) desde criança, e comecei a me masturbar com uns 12 anos, vendo especies de cards/mini-calendários de propaganda que davam de brinde por ai, alguns eram fotos de gatinhos ou paisagens e outros de mulheres nuas (acho que não existe mais isso), essas sim mostravam a mulheres totalmente nuas, foi meu primeiro PMO, fiquei todo contente, pois os amiguinhos mais velhos diziam que aquilo era ótimo e "pra ser homem" você tinha que fazer.

Bom, material era escasso, mas talvez uma benção, até catalogo de lingerie excitava, se tivesse acesso a uma simples playboy da época então, era material para PMO por semanas, e assim foi, depois as "revistinhas suecas" como diziam e assim foi toda uma adolescencia, por ser tímido, nerd e sem jeito com garotas, fui perder a virgindade com 19 anos, e a primeira vez foi uma transa "meia bomba" como era de se esperar (mas eu não sabia na época), depois as próximas ficaram melhores em relação a ereção, mas desde sempre tive ER, a ponto da menina achar que não estava gostando e até reclamar da "demora". Lembro que mesmo sem ter muita noção eu já desconfiava que o excesso de PMO fosse o motivo da ER e umas 3 ou 4 vezes cheguei a juntar todo meu material (chegava a encher um saco de lixo) e descartar por

ai. Mas como eu já ganhava meu dinheiro, acabava adquirindo material novo em pouco tempo.

Nessa mesma época veio a internet discada, fiquei viciado em chats sobre sexo, eu chegava do trabalho as 18 e ficava conectado até as 22 direto, pagava uma baba de conta de telefone e ouvia minha mãe reclamar que aquilo era um vício. Varias vezes fui "flagrado" durante o ato, tentava disfarçar mas era óbvio o que estava fazendo, toda noite, durante horas a fio.

Arrumei outra namoradina, novinha e bonita, a primeira vez com ela também foi "meia bomba" mas creio que pelo nervosismo, depois foi normal e com ER como sempre, até que após uns anos a relação começou esfriar, ela já não gostava mais de transar a todo instante como todo adolescente, eu também não me importava, já que a PMO me dava mais prazer do que o sexo real, chegava ao cúmulo de ir com ela pro motel e ficar mais excitado com a idéia de ter a disposição o canal pornô na tv do que na transa com ela, varias vezes acontecia de dar uma meia boca com ela, e quando ela pegava no sono, eu colocava no canal porno e me masturbava, ai sim ficava satisfeito. Outras vezes quando dormia na casa dela de fim de semana, as vezes ficava agoniado, esperava ela dormir e mandava um PMO usando o pc dela mesmo (hoje escrevendo isso percebo como soa até ridículo), mas após tantos anos de namoro ela meio que passou a refutar o sexo, e eu usava isso como desculpa para o meu exagero de PMO. Ahh foi ai que também comecei a frequentar "inferninhos" para uma rápida aliviada, o pior de tudo era que com "elas" eu não tinha ER, pelo contrario, acabava que eu sempre ia quando o tesão estava a mil, e como eu ia nos baratinhos onde não rola nem preliminares, eu encarava aquilo uma PMO, onde o P. seria "ao vivo", nossa, cada baranga e atingia o orgasmo em poucos minutos, não dava pra entender

Quando terminei o namoro e comecei sair com meninas de sites de encontro da net, e voltava ao problema da primeira vez ser "meia bomba" pelo nervosismo, então pra garantir passei a consumir sildenafil (generico do viagra quando ficou barato) e isso só piorou a coisa, pois também "viciou" psicologicamente, ou seja, sempre tomava um antes do encontro "pra garantir"

Quando conheci minha atual esposa, as primeiras vezes também foi na base do azulzinho, mas com o tempo consegui me "desintoxicar" e ter ereção normalmente, mas desde a época do namoro, morar junto e casamento, devo contar nos dedos as vezes que consegui atingir o orgasmo apenas com penetração. O pior, ela é louca para engravidar, mas desse modo fica difícil, ela nunca comentou, já vi no historico do navegador dela buscas no google questionando se é possivel engravidar sem ejaculação, e já tentamos um tratamento com inseminação (ela percebeu que por meios "naturais" não iria rolar), mas não deu certo

também, quando o médico pedia pra fazer espermograma e tinha que abster de sexo/maturbação por 3 a 5 dias era minha maior agonia, acaba apelando pra tecnica do Edging para conseguir.

Já havia visto o video do Gary Wilson, faz pouco mais de um ano inclusive, por indicação de um forum nerd onde as pessoas discutiam dicas para melhor aproveitamento de estudos/carreira, uma das dicas de ouro foi parar de ver pornografia e se masturbar no pc, dai postaram link do video e do topico NOFAP do reddit, eu lembro que assisti esse video já de madrugada e fiquei até sem dormir de tantos pensamentos, parece que acendeu uma luz no fim do tunel, mas não lembro se o tópico do tal forum descambou pra zueira e foi deletado e acabei largando isso pra lá

Meu vicio em PMO era tanto que eu trabalhava a manhã toda ao mesmo tempo que ficava vendo P. no trabalho, as vezes gravava videos no celular e ir pro banheiro "me aliviar", mas o pior era que como morava perto e almoçava em casa, então todo dia eu praticamente engolia a comida o mais rápido possível e ia pro pc visitar os sites usuais e mandar um PMO, as vezes não conseguia atingir o orgasmo e voltava com raiva para o trabalho

Voltando aos "3 sinais" que comentei no inicio, atualmente estou desempregado e de férias da faculdade onde faço uma segunda graduação (e não consigo foco nos estudos pela PMO), então acabo ficando o dia todo em casa, sozinho, no ócio (até deveria aproveitar pra estudar ou resolver outros assuntos pendentes), mas fico o dia todo na frente do pc vendo P. e me masturbando, se pra um adolescente já não é normal, imagina um homem com família, minha esposa chega em casa a noite, fico um pouco com ela e logo volto pro pc e fico até de madrugada vendo P. e consersando com mulheres (eu não traio, apenas falando obscenidades e recebendo fotos para me masturbar, já que até P. comum perdeu a graça e preciso de coisa mais real)

1º Sinal - Acabei baixando de bobeira um documentario chamado "[GNT] Porn.on.the.Brain.2013.docsPT" (alias é o nome do arquivo para quem quiser procurar por ai), ontem resolvi assisti-lo e foi outra explosão no cérebro igual do video do Gary Wilson, recomendo a todos aqui que assistam (posso tentar compartilhar se quiserem, esta legendado), a coisa foi tão impactante que parei o documentario na metade e fui pro pc fazer uma busca por ajuda, o que me leva ao segundo sinal

2º Sinal - Quando assisti o video do Gary Wilson ano passado e ver na discussão lá do forum que tinha mais pessoas na mesma situação, pensei em criar um forum especifico pra isso, na época não havia encontrado nenhum em português, mas acabei deixando de lado, e ontem

rapidamente encontrei esse aqui e fiquei maravilhado, li os relatos, resolvi me cadastrar e aqui estou

3º Sinal - Logo após me cadastrar iria escrever meu relato, já deletei algumas contas que possuía em sites de P. (inclusive pagos), mas já estava tarde e queria fazer com calma, minha esposa já dormia, mas eu estava sem sono, então peguei meu iPad e por acaso abri o historico, e vi uma busca que ela fez, questionando o desinteresse do marido, e algo como "meu marido fica o tempo todo no computador" e os sites que ela andou lendo, com MUITAS mulheres relatando o mesmo, ai sim ISSO pra mim foi a gota, ou seja, não era apenas eu que estava me sentindo mal por perder tanto tempo com PMO, estava afetando a vida de outra pessoa, talvez no longo prazo (ou mesmo curto) levaria ao divorcio ou traição

Bom, é meu primeiro dia, estou bastante motivado, mas ao mesmo tempo tentado a ver P. ou conversar com as mulheres que tenho contato, mas eu PRECISO mudar, vou passar a deixar o pc desligado, dar um tempo até de facebook pessoal, pois sempre tem imagens que disparam o gatilho (hj mesmo foi uma amiga de bikini), não ter outro jeito, vou ter que instalar um bloqueador aqui pra não me sabotar

Só estou morrendo de medo da tal Flatline, dia desses já tive um começo de DE ao tentar fazer sexo com a esposa, na verdade perdi a ereção no meio da relação, e que isso possa piorar ainda mais minha relação com ela que pelo visto não anda nada boa

32 D₂₉: postagem de Fabsjoia em 07/04/2015 às 23h02m

Minha história não é diferente da de muitos, mas quis fazer esse tópico para fazer um relato acompanhado. A história é um pouco longa e recordo toda minha vida sexual e minha relação com PMO, tudo isso pra entender o buraco que me enfiei e me levou à DE. Se tiver paciência, leiam.

Eu tenho 35 anos e a pornografia e a fantasia sempre acompanharam minha vida sexual. Aos 12 anos fui apresentado à pornografia por um amigo antes mesmo de eu descobrir a masturbação. Adiquiri um hábito deste amigo: olhar e fantasiar para todas as mulheres. E assim começou minha adolescência.

Dos 12 aos 18 anos eu tive uma vida afetiva e sexual frustrante. Não ficava com as meninas, não namorei. Perdi a virgindade com uma prostituta aos 15 anos e, talvez intimidado, tive dificuldade de ereção. Mas me masturbava MUITO, geralmente fantasiando no banheiro ou assistindo TV. Lembro que atrizes e Vjs da MTV me excitavam e eu me masturbava. Era todo dia! Aos sábados eu fazia plantão para assistir o Cine Privê. Me masturbava vendo os filmes,

mas tentava segurar o orgasmo para o fim do filme. Até o fim eu me masturbava, sem orgasmo, vendo todas as atrizes.

E, por ter uma criação e uma vida religiosa (católica), me sentia muito mal com a masturbação, vista como pecado.

Aos 19 anos tive minha primeira namorada. Era só beijar pro pau ficar duro como pedra. Depois, aos 21 anos, fui namorar outra garota: muita excitação, ereção direto. Na sequência namorei outra. Mesma coisa: excitação direto, só de elas me tocarem o rosto. Mas forma namoros rápidos com pouco sexo, mas com MUITA ereção kkk

Aos 22 tive minha primeira grande paixão. Tive uma relação de 3 meses. mas era uma loucura. Me excitava só com o beijo, em sentir a presença dela. Ereção direto e nos fim de semana sexo 3 a 4 vezes por dia. A relação terminou e as outras (e poucas) meninas que fiquei até o namoro seguinte, me excitavam muito só de beijar e o sexo rolava uma maravilha. Muita ereção.

Apesar da vida sexual, sempre corria riscos para ver pornô na internet ou entrar em chats: entrava no trabalho, na faculdade, com minha família circulando em casa...ou seja, era meio descontrolado, apesar de ser menos frequente por falta de acesso, Mas sempre que tinha acesso, lá estava eu vendo porno ou fantasiando via chat.

Enfim, aos 23 anos namorei outra garota, apesar de ter tido um sexo meio bomba da primeira vez com ela, o resto foi excitação pura. Depois aos 24 anos namorei outra, que me negava sexo. Fiquei com ela 5 anos! E, nessa época, via Internet, me afundei na pornografia, o que foi motivo de muitas brigas.

Depois do término fiquei um ano sozinho e fiz sexo com 3 mulheres. Duas delas foram sexo meia bomba, a terceira foi legal.

Como dá pra perceber, quanto mais aumentava a pornografia na minha vida, mais dificuldade eu tinha em ter relações sexuais sem DE. entrei em um grupo de viciados em sexo (alguns eram em pronografia, outros eram viciados em sexo real), me ajudou, mas não conseguia me controlar e, me parece, o terapeuta desconhecia a natureza do vício em PMO e sua gravidade.

Em 2010, aos 30 anos, aconteceu um relacionamento em que a pornografia seria um grande problema. A garota, muito ciumenta, descobriu meu gosto pela pornografia e começou a me infernizar. Por mais que eu tentasse me controlar, não conseguia. Só que tinha uma coisa: com ela, durante 3 anos, não tive DE uma só vez! e era muito sexo.

MAs era muita briga, pois ela entrava no meu histórico de internet e, mesmo se eu apagasse, ela tinha macetes (ela era gênio em computador) pra ver as páginas que eu tinha visitado. O fato é que ela me achava um perverso e eu me sentia mal por isso. Muito mal. emagreci,

ganhei gastrite e algumas brigas com ela - literalmente - quase me mataram. Ela bebia e pirava. Ai começamos a ver pornô juntos e a coisa ficou mais doentia. Enfim, ela jogava na minha cara que eu era perverso, psicótico e eu abraçava isso no meu íntimo. Enfim, terminamos. Ela queria voltar e sempre que me ligava, me provocava e eu ficava com ereção forte. Tivemos um revival e só o beijo dela fazia subir o pau.

Enfim, como ela me fazia mal a isolei e nunca mais vi. Saí traumatizado com tudo isso. Tive fobia, pânico, depressão. Emagreci, fiquei detonado...

Dois meses depois conheci uma garota que considerava das mais lindas que já tinha visto. O sexo, nas primeiras vezes, foi meia bomba e nem havia reação lá embaixo quando ela me beijava. Estava sem pornografia desde o fim do relacionamento anterior. Libido zero. Não tinha muita sensibilidade na penetração. Durante duas ou três semanas fiquei assim. Na quarta tive uma DE barra pesada e nada fazia o camarada subir. No dia seguinte a mesma coisa. parecia um pesadelo. ai tomei viagra. Com viagra conseguia ereção sempre, mas demorava a gozar. Pouca sensibilidade. Em um ano de namoro comecei a ter mais tesão por ela, mas em muitas poucas vezes, ereção espontânea e quando rolava era meia bomba. Rolou sexo algumas vezes sem viagra, mas com ereção mais forte umas pouquíssimas vezes. Eu, durante um ano desse namoro, rolava com alguma frequência PMO, mas só me tomava MUITO TEMPO, nas épocas de pior angústia. Achava que era baixa auto-estima e ansiedade que geravam a DE, não a pornografia. Meu psicólogo dizia que era a ansiedade, meu psiquiatra tb. enfim, o sexo era bom, mas tinha medo de abrir mão total do viagra. O relacionamento acabou com uma traição dela, o que levou mais pra baixo ainda minha auto-estima. Durante 3 meses encontrei umas 6 mulheres (RJ é foda) e fazia sexo com viagra. Até que conheci minha namorada atual com quem estou há 3 meses. E há três meses também conheci este fórum. Desde então, junto com o namoro, comecei o reboot. No início, ereção zero. A primeira vez foi uma lástima. Ai voltei ao viagra. Com o tempo a coisa foi melhorando e comecei a fazer sexo sem viagra, mesmo com ereção mais fraca. Muitas vezes pra gozar tinha que imaginar pornografia, senão, não gozava. Às vezes a ereção rola legal, mas eu preciso estar me manipulando. É como se a mão dela não conseguisse me excitar e como se nossos amassos e beijos surtisses pouco efeito. Hoje, não preciso mais imaginar P pra gozar, mas no início com ela, precisava pensar em P.

Numa época, parecia que eu tinha voltado quase ao normal, mas semana passada tive umas baixas e às vezes transo tenso, com medo de falhar. Depois desses três meses de namoro (90 dias) e sem PMO (apesar de ter fantasiado P. algumas vezes pra conseguir gozar), eu me sinto melhor. A presença de mulheres me gera curiosidade, atenção, fico meio assanhado...mas as

ereções continuam meio difíceis, apesar de rolarem. De vez em quando ainda tomo viagra, quando tenho medo de falhar. No fim de semana ela pareceu meio aborrecida com o tipo de sexo que vínhamos tendo (sempre na mesma posição, pois se quiser variar muito, tenho medo de falhar), e fizemos outras coisas. Foi bem legal e sem viagra.

eu já melhorei muito, mas meu sonho é voltar totalmente ao normal. Hoje, me sinto curado da PMO, mesmo! Mas quero me curar totalmente da DE. Acordo excitadaço, ou seja: não é problema orgânico.

Quero um dia vir aqui e relatar que estou curado da DE. Confesso que isso tem me preocupado. MAs tenho Fé porque, em dois anos, pela primeira vez me sinto não totalmente dependente do viagra.

Mas eu identifico algumas cousas da DE. Talvez seja uma soma de causas:

1.PMO

2.Baixa auto-estima

3.ansiedade de desempenho

4.medo de falhar

5.trauma, já que ela apareceu depois do fim traumático com aquela ex que tornou minha vida um inferno com ciúmes da PMO.

Mas no fim das contas sei que a PMO atravessou tudo isso. Foi um anestésico à auto-estima baixa desde o início da adolescência (poderia fantasiar com a PMO coisas que não vivia na realidade. dificuldade com mulheres e tal...), meus medos de falhar e não ser bom o bastante e etc. A PMO virou válvula de escape para qualquer frustração. Por fim, ela virou motivo de tormento na pior fase da minha vida, dado que minh ex usava a minha PMO como justificativa pra dizer que eu era o maior lixo humano da TERRA.

Hoje, sem PMO, me sinto mais focado, mais livre, menos angustiado, menos ansioso e mais esperançoso! MAs quero ficar totalmente curado da DE e, se possível, gostaria de ouvir relatos sobre curas de DE.

Farei disso um diário e sempre relatarei aqui meus avãos.

Abraços

FABSJOIA

33 D₃₀: postagem de Alexandre em 18/02/2015 às 14h17m

Olá pessoal.

Tenho 37 anos. Casado com uma mulher incrível e pai de dois filhos maravilhosos.

Descobri este Fórum hoje curiosamente umas duas horas após ter me masturbado no banheiro do meu escritório assistindo videos pornográficos.

Faço uso da pornografia desde a adolescência e agora finalmente entendi que foi o meu vício em pornografia que me fez tanto mal por mais de 25 anos.

Sem dúvidas acredito que atualmente estou no fundo do poço.

Não tenho motivação para o trabalho e nem para as relações interpessoais, apesar de ainda ter um trabalho acredito que se eu não parar com a pornografia, as coisas não vão durar de pé por muito tempo.

A procrastinação faz parte da minha vida em tudo, sinto aquela preguiça desgraçada e uma falta de vontade de fazer as coisas.

Só quero saber de ficar sozinho, e quando isso acontece, lá estou eu vendo pornografia no meu celular.

Tenho vergonha de tanta coisa degradante que já fiz para assistir pornografia e me masturbar. Até assisti videos e me masturbei perto da minha filha que dormia ali no sofá. É vergonhoso.

Meu vício começou na década de 90, quando por acaso eu encontrei algumas revistas pornográficas rasgadas jogadas na rua. E por incrível que pareça, vira e mexe eu sempre encontrava alguma imagem de sacanagem jogada na rua. Isso foi despertando a minha vontade de me masturbar e com certeza foi o inicio do meu vício em pornografia e masturbação.

Para se ter uma ideia de como a pornografia foi ruim para mim, é que até os 25 anos eu ainda era virgem. Ou seja, era tímido e não gostava de me socializar, preferia ficar sozinho no meu canto vendo pornografia e me masturbando. Isso com certeza foi o motivo que me levou a ficar tanto tempo virgem.

Aos 25 anos, recém formado mudei de cidade e de estado, sai da casa dos meus pais para enfrentar um desafio novo na vida profissional, mais a pornografia sempre me acompanhou.

Com 25 anos e morando sozinho, finalmente transei, foi com uma garota que conheci em um ônibus de transporte publico. Este relacionamento não durou muito tempo, pois eu tinha e tenho sérios problemas de relacionamento, tenho um temperamento muito difícil.

Conheci outras mulheres e digamos que "proveitei" muito bem a vida até conhecer minha mulher atual, 3 anos depois. Namorávamos quando ela ficou grávida da minha filha e ai nos casamos. E mesmo tendo casado e com filha, ainda assim eu continuava vendo pornografia e me masturbando, mesmo tendo uma mulher tão linda na minha cama. Minha vida de recém casado não foi nada fácil. Muitas brigas, acredito que sempre por minha falta de paciência e

compreensão. Pois acredito que a pornografia me fez ver minha mulher como um simples objeto.

Passaram se 7 anos e agora nasceu meu segundo filho, um meninão lindo. E mesmo com todas estas coisas boas acontecendo eu ainda continuo viciado em pornografia e masturbação. Já perdi o controle, não consigo parar, já tentei algumas vezes, geralmente quando estou trabalhando muito, até consigo ficar alguns dias sem, mais são no máximo uns 3 dias.

Agora realmente vejo que estou me afundando. Não cuido de mim direito, não trato bem meus familiares, estou muito explosivo e sem paciência, não consigo me concentrar direito, não tenho motivação para nada e a procrastinação toma conta do meu ser.

Já está difícil sentir tesão, de tanta pornografia que eu já vi em toda a minha vida, atualmente passo muito tempo até encontrar uma imagem ou vídeo que me atraia. Cheguei ao ponto de me excitar agora somente com videos de troca de casais.

É humilhante mais atualmente o que mais me excita é ver videos de CUCKOLD, ou seja, aqueles videos onde o marido filma sua mulher transando com outro ou outros caras.

Preciso mudar. Preciso sair dessa.

Nunca contei estas coisas para ninguém antes, e estou encarando esta postagem aqui neste Fórum como uma "terapia" que espero, vá me ajudar a parar com o vício em pornografia e masturbação.

Amo minha esposa, meus filhos e minha família. Eles merecem que eu seja uma pessoa melhor.

Preciso parar, vou conseguir.

Obrigado a todos.

34 D_{30.1}: postagem de The Great Spirit em 18/02/2015 às 16h14m

É incrível como à PMO tem sido um vicio silencioso que têm destruído tantas pessoas (eu inclusive) ao longos destas últimas décadas!

Ela vem e pega pessoas de todos os tipos e idades! Preto, branco; alto, baixo; rico ou pobre, feio ou bonito; homem ou mulher, hétero ou homo; ateu ou religioso... enfim, ela pega qualquer um que não estiver atento às suas garras mefistofélicas!

E o pior é que ela vem como algo inocente! "Ah! Que mal tem ver só uma mulher nua? Não vai me fazer mal... e vai ser apenas por hoje também..." E quando vemos este "hoje" se transforma em dias, meses, anos e depois incríveis décadas! E a "inocente mulher nua" depois se desenvolve para os mais terríveis conflitos internos, externos, pessoais, inter-pessoais, familiares e/ou profissionais! Sem contar que à mulher nua depois fica muito insossa e

procuramos os mais variados gêneros de pornografia; muitos chegando até à Zoofilia e outras formas às mais bizarras de buscarmos o prazer! Pois o cérebro fica cada vez mais exigente nos seus processos de busca de Dopamina!

É incrível o seu relato e nos faz pensar o quanto este vício é miserável e degradante!

Quando eu cheguei neste Fórum, em minha mente eu era o único com o problema do vício em pornografia, masturbação e orgasmo! Ah, ledor engano!

Hoje acredito que deve passar do Bilhão o número de pessoas envolvidas nos processos viciantes da pornografia em toda à Terra! Por se tratar de um vício que age silenciosamente, muitos nem sabem que estão viciados!!

Seja bem-vindo à este Fórum! Veja todos nós aqui como Irmãos de Caminhada e Entre-Ajuda! Pois todos aqui têm ou já tiveram este problema! Só não caminhe sozinho neste vale de sofrimento do vício da PMO! Juntos somos mais fortes e capazes!

Verá que seu caso, por mais surpreendente que pareça, muitas vezes não será nada perto de outros ainda mais incríveis, doloridos e tristes!

Hoje ainda vejo meu caso grave, mas não foi quase nada perto de casos mais extremos de outras pessoas que até apelaram para à tentativa de suicídio!

Por isso leia o E-Book deste Fórum! Instale o Contador para um auxílio moral e instale os Bloqueadores para um auxílio técnico e psicológico! Absorva todo o conteúdo que puder deste Fórum, pois isso irá te fortalecer muito como tem fortalecido cada vez mais à todos nós aqui desta Família!

Conte com todos nós para ganhar força e superar este vício!

Os benefícios sem á PMO virão e são incríveis!

À Cura é possível!!

Sem o lixo da PMO na sua Vida e na sua mente, você voltará à desejar sua mulher como nunca antes. À fará mais feliz! Você também será mais feliz e leve por estar limpo deste vício miserável e será mais amoroso, terno, perspicaz! Seus filhos se sentirão melhor quando sentirem às suas renovadas energias e você poderá amá-los ainda mais com um coração limpo, mais sábio e com uma mente brilhante!

Tudo em sua Vida começará à melhorar!

No trabalho maior disposição e alegria!

Com as pessoas ao seu redor maior bom-humor, paciência, tolerância, compreensão e respeito!

Dê uma chance ao Reboot, pois só vejo Luz neste Caminho!

Bom, por enquanto eu fico por aqui!

Lhe desejo Força e Fé na Caminhada e estamos todos juntos!

Avante Guerreiro!

Um abraço!

Paz e Luz!

Namastê!